

Trilogia A Última Reunião – I

*Alessandro T. M. Gagliardi*

*A UNIÃO  
DOS SETE*

PARTE UM

# CAPÍTULO UM

## Orfanato

Foi numa manhã de segunda-feira cinzenta e chuvosa de junho, onde o vento gélido cortava o ar e ninguém andava nas ruas, e onde a água invadia bueiros e ruas inteiras, que nossa história começou.

Saído de uma nuvem, fugindo da tempestade que se aproximava, um pombo migrava lentamente por cima dos edifícios da cidade de São Paulo. Ele sentia o vento passar ligeiro por baixo de suas asas, e a chuva começar a castigar seu corpo, mas não se importava muito. Enquanto viajava por uma região mais distante e vazia da cidade, o pombo desceu em direção a uma árvore, seu ninho. Não era a única árvore da rua em que encontrava; muito pelo contrário. Aquela rua era lar de inúmeras árvores, uma verdadeira alameda. Se o tempo estivesse bom, se o sol raiasse e se o céu estivesse azul, aquela rua pareceria deslocada de todo o resto da cidade barulhenta e movimentada na qual estava. Agora, porém, estava cinza e úmida como todo o resto. Era cedo, e as janelas das casas estavam fechadas. O pombo se abrigou no ninho e cobriu os filhotes, sua cabeça virada para a única luz elétrica visível – uma lâmpada fraca, dentro de um edifício com a placa borrada pela chuva: Orfanato São Caetano.

A luz iluminava uma série de papéis sobre uma escrivaninha. Nos papéis, pequenas fotos de várias pessoas, todas sérias, ao lado de seus perfis. Quase todas as folhas estavam pouco preenchidas ou mesmo vazias, mas havia uma cujas linhas estavam totalmente preenchidas e à qual algumas folhas estavam grampeadas com informações complementares.

A foto mostrava uma mulher, talvez entre seus 50 ou 60 anos, de cabelos tão pretos e espessos que se tornava óbvio que haviam sido tingidos logo antes de a fotografia ser tirada. Tinha em seu rosto sério inúmeras rugas, olhos cansados e uma boca firmemente fechada. Seu nome era Cristina Pensi. Sua descrição, longa e completa, indicava que sua contratação para supervisora do Orfanato fora realizada um mês antes, logo após a morte do antigo supervisor. Havia um pequeno resumo de como a instituição se dividira por toda a cidade, em sedes pequenas, tendo cada uma um único supervisor, tanto para as meninas quanto para os meninos. A Sra. Pensi (ou, como as crianças preferiam chamá-la, dona Cristina), portanto, estava encarregada de cuidar de todas as crianças daquele orfanato inteiro.

No momento, porém, dona Cristina não estava cuidando de crianças. Era cedo, e seus assistentes se encarregavam de acordá-las e tomar conta delas. Dona Cristina estava sentada em seu escritório. Com exceção de um simples abajur de mesa, todas as luzes estavam apagadas, o que poderia passar a impressão de que ela queria passar um tempo sozinha; mas a porta do cômodo estava totalmente aberta. Além disso, apesar de a mulher permanecer parada, com a cabeça apoiada em uma mão, seus olhos se mantinham em constante movimento, parando muitas vezes em direção à porta escancarada.

A campainha tocou.

Como se emergindo das profundezas do mar, dona Cristina levantou de súbito. O toque da campainha não era exatamente incomum no Orfanato, pois muitas vezes chegavam pessoas que haviam achado órfãos; mas, dessa vez, dona Cristina parecia fazer questão que ninguém chegasse à porta antes dela. Quase derrubando a cadeira em que estava no chão, ela correu pelos corredores escuros do Orfanato, seus passos ecoando juntamente às vozes das crianças que já haviam despertado, e seus olhos doeram quando sentiram a luz de fora no momento em que ela abriu a porta.

Parado à sua frente, molhado de chuva da cabeça aos pés, havia um homem. Negro, alto, sua careca parecia pouca comparada aos grandes óculos escuros que ele usava. Sua camisa xadrez estava ensopada, assim como as calças, mas dona Cristina não notou nada disso; seus olhos somente viam o pequeno amontoado de panos azuis-claros, secos, nos braços do homem.

- Carlos – ela disse ao homem. Sua voz era rouca, típica de sua idade. Seu sorriso, porém, mesmo sendo alterado pelo modo que ela ofegava, era de uma juventude raramente vista – Então, você veio mesmo.

- É bom te ver de novo, Cristina – Carlos respondeu com sua voz grave e reconfortante. Também sorriu, mas seu sorriso era cansado, e seus dentes rangiam, de tão enregelado que ele estava. Os panos em seu braço se mexeram quando ele tremeu os braços, revelando um bebê adormecido.

- Entre, entre – dona Cristina ofereceu, ao ver o estado do homem. Seus olhos, porém, continuavam no bebê. – É... é ele, não é?

- Sim – o homem respondeu – E obrigado pelo convite, Cristina, mas não posso me demorar muito. Aqui – ele levantou os braços, levando o bebê a dona Cristina. -, pegue-o.

Cautelosamente, ela se adiantou para receber o bebê. Seu coração batia tento que ela achava que poderia acabar desmaiando. Uma vez que a criança estava segura em seus braços, porém, ela relaxou.

- E sua viagem, Carlos... Foi boa?

- Fiz como você havia dito – ele respondeu, se segurando quando um vento frio veio em direção ao Orfanato. Dona Cristina cobriu o bebê mais ainda. – Olhei todos os portais no caminho, todos. E era como esperávamos, estavam fechados...

Ela assentiu tristemente.

- Então, ele já começou a fechar os portais. Não há mais nada a ser feito. Cuidarei dele – afirmou, colocando o bebê numa posição mais conveniente em seus braços. – até ele crescer e, talvez, estar preparado. E quanto à menina, Carlos?

- Minha mulher a trará, provavelmente ainda hoje – disse ele, se virando novamente para a rua. – Boa sorte, Cristina. Espero te ver em breve.

- Para você também, Carlos – ela desejou, e teria acenado com a mão se o bebê não precisasse de apoio. – Para você também.

Carlos assentiu. Devagar, desceu os degraus molhados da entrada do Orfanato, pisando firme no chão duro de pedras molhadas à sua frente. Cristina viu-o afastar-se até ele desaparecer na rua nublada.

Quando ela finalmente fechou a porta, o pombo, que estivera dormindo na árvore à frente, voltou a levantar vôo. Um sol fraco começara a aparecer no horizonte, e pela primeira vez em dias, ele sentiu calor. Do mesmo modo, dona Cristina sentia um sentimento morno nascer dentro dela. Enquanto olhava com bondade para o bebê adormecido, ela pensava em tudo que já acontecera, e em tudo que poderia acontecer. Somente quando ele se revirou em seus braços é que ela pareceu voltar à realidade, e o levou até a seção das crianças pequenas.

Dentro de seu coração, talvez ela suspeitasse que aquela criança seria uma das responsáveis por decidir o destino do mundo.

Aproximadamente doze anos haviam se passado desde aquela manhã fria e nublada, a manhã em que o bebê fora entregue a dona Cristina.

Um relógio na cozinha do Orfanato São Caetano indicava: eram onze e meia. Todos dormiam. Embora fosse inverno, a noite estava quente, fenômeno não muito incomum na cidade de São Paulo. O Orfanato inteiro estava escuro e silencioso, mas havia um único corredor – o corredor da cozinha - em que se conseguiria distinguir um som. Um leve ruído de passos.

Passos de um garoto. Passando rapidamente pelas janelas que recebiam a luz fantasmagórica da lua, um jovem, que não devia ter mais de 13 anos, se apoiou no batente de uma janela fechada. Seus olhos castanho-claros, no momento, estavam abertos, indo de um lado ao outro, e seu cabelo, cuja cor era a mesma dos olhos, estava embaraçado. Mais magro do que seria o normal, e alto, o garoto tinha uma expressão séria, quase feroz, no rosto, que se alterava com uma de fome e cansaço, demonstrada pelo modo como se apoiava fraco na parede e pelas olheiras escuras. Parecia faminto.

E de fato estava. Não havia comido nada desde o café da manhã. Na realidade, nunca comia muito (o que explicava seu corpo franzino), e não era por não querer, mas sim por “aquela maldita dona Cristina” (como costumava se referir à ela) jamais deixá-lo comer o quanto quisesse. Para ele, parecia que a sombra dela estaria sempre em seu encalço, julgando tudo o que fazia.

Mas agora, enquanto ele voltava a andar, sentia-se finalmente livre. Gostava daquela sensação de estar sozinho, sem ter ninguém olhando para ele de cara feia, sem ter de se refugiar em algum canto. Estava seguro, principalmente de dona Cristina, se não fizesse ruídos. Respirou fundo, tentando controlar a fome. A cozinha estava perto, só precisava andar mais um pouco. Confiante, ele deu um passo.

Só então percebeu que o sono e a fome estavam atacando-o ao mesmo tempo. A sua energia, que há menos de um segundo parecia estar controlada, agora parecia estar se desprendendo do seu corpo. Com um suspiro, a última coisa que o garoto viu, antes de desmaiar, foram as flores no quintal iluminado de prata.

- Tony... Tony...

Muito, muito longe. Uma voz o chamava, ele tinha certeza. Mas de muito longe.

- Tony, lembra...

Ele reconhecia a voz. Estava muito mais próxima dessa vez. “Estou tentando!”, pensou, como se a pessoa que o estava chamando pudesse ouvir. “Me ajude a levantar!”.

Para sua surpresa, nessa hora um braço fino de fato o ajudou a se erguer e sentar. Ele abriu os olhos.

Assim que conseguiu fazer a imagem entrar em foco, viu que, à sua frente, estava uma garota. Os seus cabelos compridos, da mesma cor dos de Tony, refletiam fortemente a luz do luar, e seus olhos estavam fechados complementando um sorriso bonito, mas se estivessem abertos seria possível perceber que sua cor também era a mesma dos de Tony. Era alta, e embora também fosse magra, era de modo mais saudável. As diferenças mais marcantes em seu rosto em relação ao de Tony eram os cílios longos e o pescoço, mais comprido e fino.

Ana, a única amiga de Tony no Orfanato inteiro. A única pessoa lá de dentro em quem ele podia confiar, e ela diria o mesmo para Tony. Os dois sempre haviam estado juntos, desde a infância. E, por isso, sua amizade sempre fora fortíssima, mas, também, nada mais do que isso – amizade. De fato, eles nunca haviam tido nenhum sentimento amoroso quanto ao outro; eram mais irmãos do que qualquer outra coisa.

E isso era um mistério para eles, na verdade. Embora não tivessem idéia, os arquivos do Orfanato indicavam que os dois tinham mesma data de nascimento, e que haviam chegado à instituição no mesmo dia. Isso se refletia na vida dos dois; suas idéias eram parecidas, mas eles atribuíam a isso o fato de serem tratados do mesmo jeito por dona Cristina.

Esse tratamento que fazia suas vidas no Orfanato serem diferentes de as dos outros órfãos. Desde que eles podiam se lembrar, dona Cristina os maltratara. Aplicava-lhes castigos mesmo que sem razão, que eles tinham dificuldade de desobedecer, fosse pela voz fria da supervisora ou por sua aparência intimidadora, com os cabelos presos num coque apertado e firme, as rugas se destacando por trás do óculos que ela às vezes usava, ou talvez pelos dois. A questão é que isso os afastara dos demais. Todos amavam dona Cristina, e eram tratados por ela com carinho; mas Tony e Ana, a seus olhos, eram os únicos que não gostavam dela, e portanto não eram dignos de atenção. Além disso, ninguém no Orfanato já vira Tony e Ana serem maltratados; dona Cristina fazia isso somente quando estavam a sós.

Assim, sua felicidade no Orfanato só poderia ocorrer durante alguns poucos períodos, como o horário de aulas; mas mesmo assim nunca era completa, pois em grande parte desses períodos Tony e Ana estavam separados. Fora por causa desse tratamento, por exemplo, que Tony ficara sem almoço. Enquanto voltava com sua bandeja de comida em direção à mesa, dona Cristina passara rapidamente à sua frente, fazendo-o derrubar tudo – fenômeno ao qual ela atribuiu a “falta de atenção e desleixo” de Tony, castigando-o.

Agora, sentado no chão, com Ana à sua frente, Tony viu que a amiga não estava sozinha. A seu lado, uma grande bandeja, coberta de pães, estava pousada no chão frio. A visão da comida fez o estômago de Tony roncar. Nos momentos em que despertava e tentava identificar quem é que o acordava, quase havia esquecido a fome.

Ele se debruçou ao lado de Ana, pegou um pão e o colocou na boca. A primeira mordida foi quase milagrosa, ou pelo menos lhe pareceu, fazendo os ossos de sua mandíbula doerem um pouco, sensação que passou nas próximas mordidas. Por fim, em questão de alguns minutos, havia devorado a bandeja inteira.

- Obrigado – agradeceu, após engolir o último pedaço. Um dúvida então lhe ocorreu – como, de todas as pessoas do Orfanato, fora justamente Ana quem lhe encontrara e trouxera a comida? Ele perguntou a ela, os dois ainda sentados no mesmo corredor, a luz da lua mais fraca do lado de fora.

- Bem... – ela corou. Por alguma razão, era muito fácil ver qualquer tipo de emoção no rosto dela. – Eu acordei, precisava ir ao banheiro, mas lembra que o do meu dormitório está quebrado? Fui então no banheiro comum do orfanato, mesmo, e passei na cozinha para beber um copo d’água. Aí te vi, e não podia deixar você aí no chão, lógico, então lembrei que a dona Cristina tinha tirado seu almoço...

- Entendi. – ele sorriu. Virou-se para a janela, e pôs-se a observar o jardim. A luz que o banhava dava-lhe um ar mais sutil, brando, e agradou a Tony. Ter comido e falado com Ana o acalmara muito. Ela o imitou, também observado o lado de fora da janela. Ficaram mais ou menos um minuto assim, até que o sono veio a ambos. Então, levantaram-se do chão gelado e se viraram um para o outro.

- Mais uma vez, obrigado, Ana.

- Que é isso, Tony. Bem, boa noite.

- Noite.

Tony ainda fitou Ana até ela desaparecer no corredor escuro. Suspirou, feliz. A fome já passara completamente. Espreguiçou-se até que suas pernas enrijecidas estalassem e que seus músculos se alongassem, e caminhou de volta a seu dormitório. Abriu a porta, passando o mais silenciosamente possível, e a fechou com cuidado. Caminhou nas pontas dos pés até sua cama no fim da sala e se deitou. Em questão de minutos, adormeceu.

Após passar anos no Orfanato, tanto Tony quanto Ana haviam aprendido alguns macetes para conseguirem evitar ao máximo dona Cristina e seus castigos. Entre eles, havia um de que nunca deviam comentar nada que fizessem que fosse contra as regras – e isso incluía o incidente da noite passada. Pois, sempre que eles comentavam, fosse o que fosse, dona Cristina ficava sabendo no final.

Desse modo, quando Tony acordou na manhã seguinte – e relativamente cedo para alguém que ficara acordado na noite anterior até a alta madrugada – ele já sabia que o assunto estava morto entre ele e Ana. Ele arrumou rapidamente sua cama enquanto os colegas ainda dormiam, e apressou-se a sair. Provavelmente, a essa hora, dona Cristina estaria ajudando os empregados em arrumar as coisas para o café da manhã. Fosse outro dia, Tony teria usado sua estratégia normal para evitar a supervisora – sairia junto com os outros garotos, de modo que dona Cristina não poderia abordá-lo.

Agora, porém, ele queria falar um pouco a sós com Ana, sem colegas por perto. Sempre após algum evento inoportuno, ele conversava com ela em seu ponto de encontro havia vários anos: a porta do Refeitório.

Este era uma sala ampla, bem-iluminada, com várias mesas espalhadas e um balcão onde os órfãos pegavam comida. Logicamente, lotava durante o café, almoço e janta, mas no resto do tempo era muito diverso (Tony se lamentava que, após o jantar, toda a comida fosse levada de volta para a cozinha, caso o contrário teria ido diretamente ao Refeitório na noite anterior). Como o café era no máximo dali a 15 minutos, Tony rumou ao Refeitório, e lá estava Ana.

- Bom dia, Tony! – cumprimentou ela, sorrindo para ele.

- Oi, Ana – respondeu ele, se aproximando. Aproveitou para olhar o Refeitório, e confirmou: só havia uma meia dúzia de crianças lá.

Ana chegou mais perto da orelha dele, e sussurrou:

- Então, dormiu bem?

- Pode crer – ele também sussurrou. – Aqueles pães salvaram minha vida, Ana.

Ela riu.

Tony foi comentar mais com ela, mas assim que abriu a boca para falar, uma sombra recaiu sobre ele. Virando-se, ele se deparou com dona Cristina, que sorria – se é que podia-se chamar a expressão no rosto dela de sorriso –, olhando fundo em seus olhos.

- Ora, ora, bom dia, Tony!

- Hm – foi tudo que ele disse, de cara fechada, por ter perdido sua oportunidade de falar com Ana e por ter sido encurralado por dona Cristina em uma das situações favoritas dela – os três, a sós.

Ela continuou:

- Espero que esteja sem fome, graças ao seu lanchinho de ontem à noite!

Tony sentiu suas entranhas desaparecerem, e se tivesse virado para Ana, provavelmente teria visto que ela sentia o mesmo. Como, *como* ela podia ter descoberto? Ele se certificara – não havia ninguém olhando. Será que ela havia dado por falta dos pães? Não, eram pães

velhos, amanhecidos, que certamente seriam jogados fora. Ele olhou para Ana, procurando apoio – mas tudo que viu foi seu rosto, mais pálido que o usual.

- E então, não vai responder? – indagou dona Cristina, seus olhos parecendo perfurar o cerne de Tony.

- Eu não sei do que a senhora está falando.

Fora uma resposta idiota, ele sabia disso, mas nada além daquilo lhe ocorreria. Duvidava que servisse para alguma coisa, mas ao menos era uma defesa. De fato, dona Cristina fechou seu sorriso.

- Não sabe, não é? – ela olhou para ele, esperando alguma resposta, mas ele se manteve impassível. – Pois bem, é o que...

Ela calou-se. Do outro lado do corredor, um tumulto parecia ter acabado de começar – havia garotos gritando e discutindo. Dona Cristina parecia ter entrando num conflito interno: castigar Tony ou cumprir sua função de supervisora. Por fim, pareceu se decidir em seguir a segunda opção, embora aparentasse estar totalmente decepcionada por isso.

- Vá logo tomar seu café! Se bem que eu *duvide* – ela enfatizou a palavra, pronunciando-a sílaba por sílaba – que você esteja com tanta fome assim – e, para o imenso alívio de Tony, ela se afastou.

Ele suspirou longamente.

- Essa foi por pouco, não é? – perguntou Ana. – Vem, vamos tomar café.

Tony assentiu e a seguiu, mas sua cabeça continuava virada em direção a dona Cristina. Ele não conseguia tirar da cabeça o fato dela saber do que acontecera na noite passada. Era absurdo. Enquanto se servia de alguns bolos e um suco, Tony continuou pensativo. Ana até tentou falar com ele, puxar uma conversa, mas percebeu que não adiantava. Pelo visto, o dia não seria nenhuma grande coisa.

Essa era a vida dos dois no Orfanato. A desconfiança constante, a dúvida, às vezes o perigo... e acima de tudo, a infelicidade. Os dois não podiam esperar o dia que se tornariam maiores de idade e poderiam sair dali (ou mesmo o dia que ficassem mais altos que dona Cristina...). Não tinham amigos, os colegas os maltratavam. No Refeitório, o único lugar que podiam almoçar era uma mesa pequena, atrás de um pilar; nas outras mesas, seus colegas almoçavam, e caso eles se sentassem nelas, não eram expulsos – mas ninguém falava com eles e ficava recebendo olhares nada gentis a refeição inteira. Quando pensavam nisso, até parecia algo bobo, fácil de aturar; mas depois de doze, treze anos assim, era realmente um sofrimento. Qualquer vitória que alcançavam (como a da noite passada) era logo seguida de alguma derrota. Enquanto dona Cristina estivesse lá, não tinham chance de sair.

E também não cogitavam a possibilidade de serem adotados. Eles já estavam entre os mais velhos do Orfanato, o grupo que, infelizmente, sabia que tinha pouquíssima chance de ser adotado. As pessoas preferiam os pequenos. Para Tony e Ana, parecia uma pena a ser cumprida, o castigo por algum crime – um crime que nunca haviam cometido.

Por essa razão, eles não cogitavam, de modo algum, serem adotados em tempos próximos.

Muito próximos.

E tampouco cogitavam a possibilidade de serem escolhidos para salvar o mundo.



# CAPÍTULO DOIS

## A Adoção

A quinta-feira chegou de maneira normal no Orfanato. Como sempre, dona Cristina conversava com casais que planejavam adotar filhos, assinando a papelada e dizendo-lhes “Até logo”. Sempre fora assim.

Tony acordou e desejou imediatamente poder dormir novamente. O dia estava frio, apesar de muito ensolarado, e parecia ser muito cedo, apesar de já ser mais de oito horas da manhã. Ele estava morrendo de sono. Mas algo lhe impulsionava a se levantar, como se uma força falasse que ele tinha de fazer isso, que algo estava prestes a acontecer.

Ele nunca acreditara naquele tipo de força, e Ana sempre estivera lá para concordar com ele. Pois ambos tinham uma mesma opinião – se uma força daquelas realmente existisse, eles não teriam que ser órfãos e dona Cristina nunca seria a supervisora. Mas as coisas eram daquele jeito, e por isso, jamais acreditaram numa força ou poder maior.

No entanto, naquele momento, Tony realmente se sentia empurrado. Ele, de repente, se sentiu completamente desperto, e pôde olhar em volta.

O dormitório estava completamente deserto, exceto por ele. Por alguma razão, todos os garotos estavam fora. “Isso parece coisa da Cristina” pensou. Mas, então, ele sentiu de novo a mão o empurrando e ele resolveu se deixar levar. Talvez fosse só um sonho. Era a única resposta lógica.

Alguma hora, porém, a mão sumiu, e ele quase caiu, pois estava simplesmente apoiado nela, de olhos fechados. Ele se recompôs do susto e olhou em volta, para ver em que parte do Orfanato estava, e tomou mais um susto.

Estava na frente do gabinete da dona Cristina. Era de uma área proibida do Orfanato, onde um órfão só deveria ir quando ele seria adotado.

Tony estava atordoado. Estava de pijamas, com o cabelo desarrumado, num corredor onde só os proprietários e administradores do Orfanato podiam andar. Então, de repente, ele ouviu um som vindo diretamente da sala da dona Cristina.

A porta, por uma extraordinária coincidência, estava entreaberta. Ele a afastou mais um pouco, rezando para que ela não rangesse, e arriscou uma espiada.

A sala era pequena e muito bonita, até mesmo para um lugar pertencente a dona Cristina. Ela estava sentada numa cadeira giratória em frente a uma grande mesa de madeira, que estava iluminada pelo sol matinal vindo da janela.

À sua frente estavam duas pessoas, do outro lado da mesa. Dona Cristina não notava Tony ali escondido por causa dessas pessoas, sendo que ela não tirava os olhos delas. Uma era uma mulher, de cabelos loiros quase grisalhos. Vestia uma elegante roupa vermelha, e usava sapatos de salto alto pretos. Ao seu lado estava um homem, provavelmente seu marido. Era

um homem grande e quase careca, que usava óculos em frente aos olhos. Seu terno era extremamente bonito e elegante, e parecia ter custado muito caro. Seus sapatos pretos eram extremamente lustrosos. Ambos pareciam estar na faixa dos 50 anos, e eram estranhamente familiares a Tony.

Com cuidado, ele tirou sua cabeça de lá e olhou em volta – não havia ninguém no corredor. Então ele se afastou, agachado, e sem produzir nenhum ruído saiu de perto da porta. Por que os dois lhe pareciam tão familiares? Então ele se lembrou: havia visto-os outro dia, procurando um filho para adotar! Foi então que ele percebeu que era lógico – para quê mais estariam ali senão adoção?

Então, ele se agachou e foi andando com cuidado para perto da porta de novo. Estava intensamente interessado naquela conversa, mesmo sem saber porquê, e continuou ouvindo.

- ...e se os senhores quiserem, podem observar a seção de pequenos de novo – ele entreouvei dona Cristina dizer. O tom de voz dela era estranho – era como se ela estivesse tentando convencer o casal a procurar outro ou filho ou filha.

Porém, aquilo foi tudo que ele ouviu, pois de repente sentiu uma cutucada nas costas que quase o fez ter um ataque do coração. Com um grito preso na garganta, ele se virou. Ana estava parada lá, sorrindo.

Ele abaixou a cabeça e suspirou o mais baixo que pôde. Ainda bem que era Ana. Por um mísero instante, ele achava que quem o havia tocado era algum dos administradores do Orfanato. Ana continuava a sorrir.

Ela fez um sinal para que ele fosse com ela até um outro canto do corredor e ele, devagar, assentiu. Com uma última olhada para dentro da sala de dona Cristina, ele seguiu Ana até perto de um armário, a uns dez metros do gabinete.

Ele se aproximou dela e, com rosto surpreso, exclamou baixinho:

- O que você está fazendo aqui?! – sussurrou.

- Provavelmente o mesmo que você – foi tudo o que ela disse.

Tony suspirou de novo. Ana às vezes podia ser bem estranha.

- Bom, então vamos dar o fora daqui – disse ele, de cara amarrada, e se virou para ir embora.

Ana arregalou os olhos.

- Não! – exclamou, segurando o braço de Tony para impedi-lo de ir. – Achei que você estava achando interessante a conversa deles.

Tony se desvencilhou.

- Para falar a verdade, não tive muita chance de ouvir – respondeu.

- Porque eu achei que poderia ser interessante – comentou Ana. – Sabe, é muita coincidência de eu e você termos nos encontrado justo nesse corredor sendo que ninguém pode entrar aqui, não acha?

- Bom... Pode ser – Tony estava receoso de contar para Ana que sentira aquela “mão invisível” o levando até lá. Talvez ela achasse muito estranho ou risse de Tony.

No entanto, quase que lendo os seus pensamentos, Ana comentou, em tom indiferente:

- Também senti algo te guiando para cá?

Ele levou um tremendo susto. Como ela sabia?

Ana deu uma risadinha.

- Pela sua cara, eu diria que sim – afirmou ela, respondendo à própria pergunta.

Ele deu um sorrisinho envergonhado.

- Na verdade, senti sim – disse, olhando para Ana – E parece que você também. Acho que era você que não acreditava nesse tipo de coisa? – disparou ele.

Ela pareceu não se abalar.

- É, é verdade – respondeu. – Mas era você quem a desacreditava completamente.

Ele abaixou a cabeça.

- É, pode ser...

Os dois se olharam ali por alguns segundos quando, de repente, ouviram dona Cristina exclamar de sua sala.

- Tony!

Tony gelou de susto. Será que, de algum modo, ela descobrira que eles estavam ali? Olhou para Ana – ela estava quieta, os ouvidos apurados. Caso ouvisse qualquer barulho de passos sairia dali correndo. Mas, pelo visto, dona Cristina ainda estava sentada.

Tony achou que não havia mais nada a fazer ali. Aquela conversa não era da sua conta e pouco lhe interessava. Mas, então, assim que ele se virou para sair, lembrou do modo como dona Cristina exclamara seu nome. Não era como se ela o tivesse visto – era um tom incrédulo. Desgostoso, voltou a aproximar-se da porta e voltou a ouvir a conversa.

- ...sim, Sra. Pensi – ele entreouveu uma voz feminina dizer. - Após a visita ao Orfanato, concluímos que Tony e Ana são os órfãos que pretendemos adotar.

- E nada nos fará mudar de idéia – completou uma voz masculina áspera e de aspecto severo.

Tony se atreveu a olhar um pouco. Quem falara fora o homem sentado à frente de dona Cristina. Essa parecia incrédula.

- Não creio que Tony e Ana sejam os melhores órfãos do Orfanato, Sr. Jacob – afirmou ela olhando para o homem. Parecia estar tentando de tudo para que Tony e Ana não fossem adotados. – Os dois têm um histórico de violência extremamente alto, e, além disso, maltratam as outras crianças.

“O *quê?!?*”, pensou Tony, furioso. “Maltratam as outras crianças?! Histórico de violência?! De onde é que ela tirou essas idéias?”

- Já ouvimos tudo isso, Sra. Pensi – comentou a mulher. – Ainda assim, Tony e Ana são os órfãos que pretendemos adotar.

- Na verdade – começou o homem. -, receio que a conversa não devia ter chegado a esse ponto. Sra. Pensi, a decisão é nossa. Obrigado pela sua atenção – Disse ele, se levantando. Sua mulher fez o mesmo. – Amanhã viremos conversar com os dois. Até logo.

Ao ouvirem o *Até logo*, Tony e Ana correram pelo corredor até chegarem a um outro, a uns oito metros dali. Assim que entraram nele, a porta da sala de dona Cristina se abriu, e os dois puderam ver o casal que havia conversado com dona Cristina de frente.

Os dois eram, como achara Tony, de meia idade para cima. O homem estava com uma gravata tão elegante quanto o terno, e tinha um rosto condizente com seu jeito de falar: sério. A mulher tinha um rosto sem expressão e que parecia coberto por uma máscara de maquiagens.

Tony não foi com a cara de nenhum dos dois e, pela aparência de Ana, ela também não. Os dois resolveram que era melhor sair dali antes de dona Cristina sair de sala. Iriam conversar, fosse o que fosse, longe dali.

Ao correr, Tony só pensava na fala da mulher que fora chamada de Sra. Jacob. Adoção... dele e de Ana... Aquilo sempre fora o que ele quisera. Jamais pudera acreditar que não só seria adotado como também iria com sua melhor amiga, Ana. Era bom demais para ser verdade. Não pôde deixar de sorrir.

Ao chegarem ao corredor do dormitório de Tony, ele e Ana trocaram um olhar e ambos correram a trocar de roupas, cada um no seu respectivo dormitório, pois seria estranho se saíssem andando pelo Orfanato de pijamas. Depois, se encontraram de volta na frente do Refeitório, seu ponto de encontro havia muito tempo.

Ana chegou alguns segundos depois de Tony, e ele viu como ela não estava conseguindo conter um sorriso.

- Vamos ser adotados! – exclamou ela, saltando. – Não acredito nisso!

- Nem eu – disse Tony, realmente tentado conter um sorriso. – É bom demais para ser verdade, não acha?

- Acho, claro que acho! – respondeu ela, a voz esganiçada. – Seremos adotados juntos!

- Mas eu não fui muito com a cara daqueles tais Jacob – comentou Tony, pensando na cara da Sra. Jacob e do Sr. Jacob ao saírem da sala de dona Cristina.

- Bom, nem eu – respondeu Ana, parando de pular, olhando para o chão. Mas então voltou a sorrir. – Pouco importa, ao menos iremos embora! Chega de dona Cristina, chega dessa vida!

- Bom, isso é – disse Tony, deixando-se sorrir. – Nossa vida só vai melhorar.

- Esse é o espírito! – exclamou Ana, sorrindo ainda mais.

Tony resolveu acompanhar o espírito de Ana.

- Sendo assim, vamos comemorar o nosso último dia no Orfanato! – exclamou ele.

Ana, se é que era possível, abriu um sorriso ainda maior.

- É isso aí!

Os dois aproveitaram ao máximo aquele último dia no Orfanato. Riram dos xingamentos dos colegas, que sem entenderem a razão de tamanha felicidade, saíram de perto deles. Tudo parecia muito mais bonito e melhor no Orfanato. Até dona Cristina, que nunca perdia a chance de fazer algo de ruim com eles, parecia ter esquecido de ser má. Andava sem rumo pelos corredores, atrasando-se para as tarefas e falando pouco e baixo. Tony quase não a viu durante todo o dia, e quando a via, não se parecia nenhum pouco com a mulher autoritária e mandona que ele conhecera. Parecia desolada e sem saber o que fazer da vida. Ele suspeitou que tivesse a ver com as tentativas frustradas dela de impedir à sua adoção e de Ana, mas gostava pouco demais dela para se importar. Além de que estava extremamente feliz para sequer pensar no assunto. Em algumas horas, ele e Ana, sua única e melhor amiga, estariam livres do lugar onde viveram por mais de doze anos. Estariam livres de colegas chatos, e, principalmente, de dona Cristina.

Nenhum deles dormiu muito rapidamente aquela noite. Os dois não conseguiam parar de pensar no que a vida lhes traria na manhã seguinte.

Tony estava até mesmo um pouco impressionado. Aquela “mão” realmente funcionara, e o levava de encontro com um futuro melhor. Ele mal podia parar de pensar naquilo. Talvez realmente existissem forças sobrenaturais. Em toda a sua vida ele jamais acreditara nelas, mas se elas o tinham ajudado a ter um último dia realmente bom, talvez ele passasse a acreditar nelas. Porque ele não devia ter visto àquela conversa. Fora graças à mão invisível. Ele mal podia acreditar que estava pensando aquilo.

Ele acordou muito devagar no dia seguinte, com a mente nublada. Levou alguns segundos para lembrar que aquele seria o dia em que ele e Ana sairiam do Orfanato. Sorriu por dentro. Levantou-se, sentindo-se extremamente acordado, e foi se arrumar.

Ao terminar de escovar os dentes e trocar de roupas, alguns outros garotos já haviam acordado. Geralmente, ele os ignoraria, mas naquele dia sentia-se bem demais para não falar nada.

- E aí, fala pessoal! – exclamou. Muitos garotos arregalaram os olhos e viraram-se para Tony, olhando desafiadoramente. Estavam cansados de sua alegria excessiva desde o dia anterior. Alguns suspiraram, e voltaram-se às suas tarefas.

Tony foi o primeiro a sair do seu dormitório, e não esperava encontrar Ana na porta do Refeitório, pois ela provavelmente ainda estaria dormindo. Mas, para sua surpresa, encontrou-a no lugar de sempre, esperando por ele encostada numa parede perto da porta.

- Aqui tão cedo, Ana? – perguntou ele, virando-se para ela e sorrindo.

- Na verdade, é meu hábito de chegar sempre antes de você – respondeu ela, também sorrindo. – Venha, vamos nos sentar.

Ele assentiu e entrou no Refeitório com ela. Havia pouquíssimas pessoas, a maioria consistida de funcionários que tomavam café da manhã.

Tony e Ana resolveram se sentar, daquela vez, numa mesa qualquer. Não tinham com o que se preocupar, pois saíam do Orfanato naquele dia, e nenhuma criança resmungona conseguiria retirar-lhes aqueles sorrisos dos lábios.

Eles terminaram o café e se dirigiram às salas de aula. Todos os órfão que moravam no Orfanato tinham aulas pela manhã, e Tony e Ana não eram exceções. Eles não se importavam. Aquele seria o último dia de aulas no Orfanato, de qualquer maneira.

Estavam na metade da terceira aula quando alguém bateu na porta. Curiosa, a professora abriu, e lá estava dona Cristina, com uma mescla de raiva e desespero no rosto. O sorriso de Tony se abriu, tal como o de Ana, do outro lado da classe.

Dona Cristina levantou o rosto e forçou um sorriso, deixando sua aparência pior do que já estava.

- Er... Oi, Joana – disse dona Cristina à professora. – Eu preciso levar os seus alunos Tony e Ana à Administração, por favor.

- Er... Sim, claro, dona Cristina – respondeu dona Joana, espantada com a aparência aterradora de dona Cristina. – Tony, Ana... Vão com dona Cristina, vão...

Os dois nem se deram ao trabalho de arrumar suas coisas. Sorrindo, se deslocaram até perto de dona Cristina, enquanto os colegas olhavam para eles intrigados.

- Até logo, Joana – disse dona Cristina, e fechou a porta.

Ela e os dois desceram pelos degraus de pedra e ficaram em silêncio, até dona Cristina falar.

- Vocês sabem por quem serão adotados, não sabem? – perguntou ela, a aparência mudando bruscamente. – Eu conversei com os Jacob e tenho minhas suspeitas... Prometam-me uma coisa: tomem cuidado.

Tony e Ana quase estacaram. Como dona Cristina sabia que eles tinham ouvido sua conversa com os Jacob? Pois se ela dissera “Vocês sabem por quem serão adotados, não sabem?” ela devia saber de sua espionagem. Quando Tony, no entanto, abriu a boca para tentar argumentar, ela o cortou.

- Não temos tempo para conversar – disse rapidamente, acelerando o passo. – Tentei enrolar a Marta e Marcos o mais que pude, mas eles exigiram vê-los já. Sim, eu sei sobre a espionagem – disparou, quando Tony abriu a boca novamente. Ele a fechou na hora. – e sobre todo o resto. Talvez eu saiba mais do que vocês sabem sobre si mesmos. Eu só lhes pergunto novamente: vocês prometem tomar muito cuidado?

O tom de voz dela não era o agudo autoritário que ela tanto usara com eles. Era um tom mais caloroso, como se ela fosse sua amiga, e parecia alarmada. Tony estava muito confuso, e ao olhar para Ana, viu que ela sentia a mesma coisa. O que estava acontecendo?

- Hã... Acho que sim – respondeu ele.

- Ótimo, ótimo – afirmou ela. Eles já entravam no corredor da Administração. – E você, Ana? Responda, rápido!

- Ah... Também acho! – respondeu ela apressadamente, sentindo-se pressionada por dona Cristina.

- Perfeito. Entrem aqui e finjam que essa conversa nunca aconteceu – disse ela, apontando para a porta de seu gabinete.

- Mas... – fez Tony.

- Nada de “mas”! Não há tempo! – repreendeu dona Cristina. – Só hajam com naturalidade. Andem, depressa! – E ela abriu a porta.

Os dois Jacob estavam novamente sentados nas cadeiras à frente da mesa de dona Cristina, mas estavam virados para a porta. Seus rostos estavam totalmente diferentes de quando Tony e Ana os viram, no dia anterior – estavam calorosos e amigáveis, sorrindo levemente.

Dona Cristina levou-os para dentro e puxou duas cadeiras que estavam na parede para eles. Nesse ato, ela pôde, pela última vez, olhar para os dois sem que os Jacob vissem. Parecia preocupada, mas olhava fundo para eles, para que não esquecessem de sua promessa.

Tony estava confuso. Por que justo dona Cristina, quem sempre o odiara, estava agindo de maneira a ajudá-lo, e à Ana também? Não era nem um pouco parecida com a dona Cristina com quem ele convivera a vida toda. Será que devia acreditar nela? Será que ela merecia isso? Ele estava indeciso. Enquanto seu instinto lhe dizia para não confiar nela, sua consciência afirmava que ele devia confiar em dona Cristina. Ele acabou por simplesmente fazer o que achava certo: ser ele mesmo e agir com naturalidade, o que era, coincidentemente, o que dona Cristina lhe pedira para ser.

Dona Cristina se sentou em sua cadeira giratória e agiu como se a conversa rápida que tivera com Tony e Ana jamais tivesse acontecido – ela seguia sua parte do trato, tivesse ele a importância que tivesse.

- Bom, Tony, Ana – disse ela, em voz alta. – Esses são Marcos e Marta Jacob. – Ela apontou para eles e eles sorriram. – Os dois querem muito adotá-los, pois gostaram muito de vocês. Vocês têm tempo para pensar no caso.

Tony estava em dúvida. Se a conversa com dona Cristina nunca tivesse acontecido, ele estaria sorrindo e teria exclamado “Sim!” na hora. Mas a conversa o deixara preocupado. Como assim, teria de ter cuidado? De fato, ele não ia muito com a cara dos Jacob, mas isso não significava que eles eram pessoas ruins. Ana, no entanto, parecia não ter prestado tanta atenção quanto ele à dona Cristina, e exclamou:

- Sim! Sim! Claro que sim!

Os Jacob sorriram.

Antes de responder, Tony arriscou olhar rapidamente para dona Cristina. Essa estava boquiaberta, fitando Ana, parecendo incrédula. Ao perceber que estava agindo de maneira suspeita, ela se obrigou a fechar a boca e voltar a sorrir.

Tony resolveu tentar esquecer a conversa. Como pudera ser tão tolo? Até o dia anterior, ele comemorava que estaria longe de dona Cristina para sempre. Agora, um pequeno canto de seu cérebro cogitava a possibilidade de recusar a oferta dos Jacob. Jamais! Ele engoliu em seco, pigarreou e afirmou para todos os presentes:

- Eu também aceito.

Dona Cristina resolveu sair da sala. Sob o pretexto de que precisava monitorar um pequeno passeio, ela caminhou até a porta, saiu e bateu-a fortemente.

Um silêncio pairava no ar da sala, até que Marcos Jacob comentou, em tom amigável:

- Vamos nos animar! Este era para ser um momento de grande alegria, não acham? Vocês dois poderão sair do Orfanato para vir morar conosco, isso merece até mesmo uma festa!

Tony e Ana sorriram. Talvez, se eles esquecessem por alguns instantes os conselhos de dona Cristina, pudessem ser mais felizes. “Cuidado”... por que deveriam temer aos Jacob? Pareciam tão bons! Tony disse:

- Nós dois queremos muito ir, senhor Jacob...

- Por favor, me chame de Marcos – interveio o Sr. Jacob. – “Senhor Jacob” é meio formal, não acham? Se seremos pais e filhos, nada disso de “senhor”!

- Sim, Marcos – respondeu Tony, tentando se familiarizar com os dois. – Mas, eu, pelo menos, gostaria de saber um pouco mais sobre você e a Marta – é Marta, não é? – perguntou à Sra. Jacob.

- Sim, Tony – respondeu ela, olhando carinhosamente para Tony e Ana.

Os dois Jacob, de fato, se apresentaram. Explicaram que eram velhos e que sempre quiseram ter filhos, mas nunca conseguiram. Então, somente àquela idade, podiam adotar um filho.

- ...e, então, vimos como vocês eram amigos e achamos como seria cruel deixar um aqui sem o outro – terminou o Sr. Jacob. - Por isso, resolvemos adotar os dois. Não acham que podemos nos dar bem?

Tony e Ana estavam boquiabertos. Claro, claro que sim!

Eles mal podiam falar. Somente assentiram.

- Então está combinado – disse a Sra. Jacob. – Seremos muito felizes. Sentem-se ali, por favor. Vamos assinar essa papelada.

Tony e Ana assentiram e se sentaram, quietos. Estavam felizes, mas por alguma razão, não sorriam. Ambos pensavam se haviam feito certo em não ouvir à dona Cristina. Bom, agora não adiantava mais pensar naquilo. Os Jacob já estavam assinando toda a papelada da adoção e não havia como impedi-los, além do que nenhum deles planejava continuar a viver no Orfanato.

Então dona Cristina voltou.

Seu rosto estava seco e parado, inexpressivo. Ela se forçou a sorrir e se sentou em sua cadeira.

- Parece que está assinando a papelada, Sr. Jacob – disse ela. – Sua decisão está tomada. Por favor, assine aqui – pediu ela, estendendo um papel ao Sr. Jacob que, sem nem ler o que está escrito, assinou e o devolveu a dona Cristina.

- Perfeito. Tony e Ana agora são responsabilidades de vocês. Vão indo. Só quero me despedir deles, vai demorar um minutinho.

Os dois Jacob concordaram e saíram pela porta, fechando-a de leve. Tony e Ana estavam apreensivos. Dona Cristina poderia tentar avisá-los de mais coisas.

De fato, assim que os Jacob fecharam a porta, ela pegou uma chave de ferro do bolso e abriu uma gaveta nos seus arquivos. De lá, ela simplesmente retirou um papel e mostrou-o a eles, apontando para um símbolo que se encontrava no centro da folha:



O símbolo parecia ter sido desenhado havia muito tempo, à nanquim, e era semelhante a um Y de cabeça para baixo com um ponto no meio. Parecia representar algo muito importante, e chocou Tony e Ana, pois ele era muito familiar a eles.

Dona Cristina sussurrou rapidamente:

- Esse símbolo é extremamente importante. Sempre que o virem, tentem conseguir o objeto em que ele está desenhado a qualquer custo.

- O que... – tentou perguntar Tony, mas foi novamente interrompido por dona Cristina.

- Não temos tempo, Tony – disse ela. – Prometam-me que vão tomar cuidado com os Jacob e que também vão valorizar este símbolo. Agora, vão.

Ela levou-os rapidamente até a porta e fez um aceno de cabeça, e um gesto para que fossem. Desconcertados, eles seguiram pelo corredor até onde os Jacob estavam.

- Vamos, então? – perguntou o Sr. Jacob carinhosamente.

Tony e Ana se forçaram a sorrir e assentiram. Ao saírem do Orfanato, no entanto, quase que a leve brisa que ia pelo ar retirou-lhes a preocupação. Porque, fora do Orfanato pela primeira vez, eles se sentiam livres. Por instantes, se deixaram admirar a rua à sua frente, com as folhas das árvores balançando ao vento e até mesmo aos carros, passando velozes. Eles seguiram Marcos até seu carro, e, por alguns segundos, resolveram esquecer o que dona Cristina dissera.



# CAPÍTULO TRÊS

## Vida com os Jacob

O carro do Sr. Jacob era um Fiat Marea prateado, aparentemente novo e bem-cuidado. Ele abriu a porta traseira para Tony e Ana, e eles se sentaram. O interior do carro cheirava a carro novo. Então, o Sr. Jacob fechou a porta deles, andou até a sua, abriu-a e se sentou no assento do motorista. A Sr.a Jacob sentou-se a seu lado.

- Bom, vamos para casa – disse ele, e deu partida no carro.

Tony e Ana adoraram andar de carro. Fazia muito tempo desde que não andavam – da última vez fora com outros órfãos para passar o Natal com uma família contratada pelo Orfanato. Mas agora era diferente. Não estavam indo para passar o Natal e depois voltar. Estavam indo para morar em algum lugar, melhor que o Orfanato. Estavam indo em direção à felicidade.

Chagaram à casa dos Jacob em cerca de doze minutos. Não havia muito trânsito, e a alameda onde ficava sua casa era linda. Havia verde por todo lado – árvores altas eram vistas em frente a todas as casas.

A casa dos Jacob era térrea, branca, e, tal como o carro, parecia ser nova. Havia várias janelas grandes e limpas, e um alto muro também branco.

O Sr. Jacob abriu o portão da garagem com um controle remoto e entrou com o carro. Ao desligar o carro, saiu e abriu a porta para as crianças e estas, de pernas bambas, saíram do carro.

O quintal cheirava a árvores e grama levemente molhados, e eles adoraram o cheiro. Seguiram Marcos e Marta para dentro da casa e viram como era.

O chão do hall era de mármore xadrez. À frente se via um corredor de madeira, com várias portas abertas. A Sra. Jacob disse ao marido:

- Por que você não mostra a casa a Tony e Ana enquanto eu preparo o almoço?

- Boa idéia, querida – respondeu o Sr. Jacob. Em seguida virou-se para Tony e Ana. – Vocês querem ver a casa?

- Claro! – respondeu Ana. – Você pode nos mostrar nosso quarto?

- Com certeza – respondeu ele. – Venham comigo.

Ele entrou pelo corredor e Tony e Ana o seguiram. O chão fazia um barulho oco quando eles pisavam, como se abaixo dele não houvesse terra e sim algo como uma câmara. Tony afastou esses pensamentos da cabeça. Estava pensando nas palavras de cuidado de dona Cristina. Estava sendo cauteloso demais. Se, por algum acaso, ele tivesse de ser cauteloso, aí sim, ficaria daquele jeito. Mas nada estava acontecendo, e ele resolveu relaxar.

O Sr. Jacob virou na primeira direita do corredor e explicou o que era:

- Este é o banheiro de visitas. Vocês não usam este banheiro. Seu quarto é uma suíte, e desse modo, vocês têm um lá mesmo.

Então ele saiu do banheiro de visitas e continuou explicando. À frente desse estava um pequeno escritório, onde havia um computador e alguns papéis. O Sr. Jacob explicou que ele trabalhava lá quando voltava do escritório e nos fins de semana. Depois, foi até mais para o fim do corredor, onde explicou que era sala de jantar. Na frente desta estava o quarto de Tony e Ana.

Era incrível. Grandes janelas mostravam a rua com todo o seu esplendor. Árvores grandes do jardim ficava a poucos centímetros do vidro aberto, deixando uma leve brisa entrar. Havia duas camas, uma em cada extremo do quarto, e uma pequena parede amarela-clara, tal como o resto do quarto, para dividir o espaço de Tony com o de Ana. Perto da janela, havia uma grande mesa circular. Um armário embutido ficava à esquerda, perto da porta de um pequeno banheiro.

- Que legal, Marcos! – exclamou Ana, entrando de vez no quarto e tocando em sua cama para ver como era. Em seguida, voltou para perto dele e Tony, sorrindo.

- Bom, acho que é isso – disse o Sr. Jacob. – Vamos à cozinha ver o que a Marta está cozinhando?

- Marcos – falou Tony, olhando para o padrasto. -, e o seu quarto?

- Hã? – questionou o Sr. Jacob, apesar de ter ouvido perfeitamente a pergunta. – Ah, sim... o meu quarto... bem, venham por aqui.

Intrigado pela reação do Sr. Jacob, Tony seguiu-o até seu quarto. Ana, ao ver que nem o irmão nem o padrasto estavam no quarto mais, também os seguiu até o quarto do Sr. Jacob.

Este ficava no fim do corredor, fechando-o. Era pintado do mesmo tom amarelo-claro do quarto de Tony e Ana, e tinha um grande armário embutido, do mesmo tipo do quarto deles, bem à frente da porta. Parecia um pouco mais velho. A cama era uma de casal.

- Bem, isso é tudo, Tony – respondeu o Sr. Jacob, mudando seu tom para um rude leve, mas ao mesmo tempo, perceptível. Tony se surpreendeu, mas achou melhor não dizer mais nada, pois não queria acabar brigando justo no primeiro dia.

- Vamos voltar à cozinha – disse o Sr. Jacob. – Venham.

Tony e Ana o seguiram até a cozinha e se admiraram ao ver como era. Pintada de laranja, era extremamente aconchegante. Tony quase se esqueceu da desconfiança que tomara conta dele ao ver o Sr. Jacob se comportar estranhamente no seu quarto.

- O almoço está pronto! – anunciou a Sra. Jacob.

Ela levou até a mesa uma panela preta cheia de macarrão borboleta que cheirava muito bem, e em seguida abriu o microondas e tirou de lá um vidro cheio de molho vermelho, coberto por um plástico. Levou-o até a mesa com uma concha grande e começou a servir macarrão e molho a todos.

- Aproveitem sua primeira refeição conosco! – disse ela a Tony e Ana.

Eles assentiram e, com água na boca, começaram a comer.

- Está delicioso! – exclamaram juntos.

- Achei que fossem gostar – respondeu ela, sorrindo. – Tive de esquentar o molho, mas acho que ficou bom. Querem um pouco de queijo?

Assim, a vida com os Jacob foi passando para Tony e Ana. Às vezes, por serem felizes com seus novos pais, Tony e Ana quase esqueciam a promessa feita a dona Cristina. Mas não viam razão em continuar a mantê-la. Os Jacob eram muito bons e excelentes pais, e a não ser pelo comportamento levemente estranho do Sr. Jacob no primeiro dia, não faziam nada que fosse suspeito. Tony e Ana começaram a frequentar uma escola no começo de agosto, e conseguiram amigos, coisa que nunca haviam tido no Orfanato. Agora, suas vidas se

concentravam em estudar para as provas e fazer a lição de casa para escola, e no resto do tempo, podiam ser felizes e desfrutar a vida. Ao terminar outubro, Tony e Ana já haviam esquecido completamente as promessas feitas a dona Cristina.

Mas, quando eles finalmente se lembraram de segui-la, já era tarde demais...

# CAPÍTULO QUATRO

## O Acampamento

Aproximadamente sete meses haviam se passado desde o dia em que Tony e Ana foram adotados. Era Natal. O calor do verão pairava por toda a São Paulo. Na casa dos Jacob, todas as luzes estavam acesas e lâmpadas decorativas estavam penduradas nas árvores à sua frente, bem como por toda a rua, dando a essa um visual muito bonito. Na mesa da sala de jantar, Tony, Ana e os Jacob comiam um peru assado deliciosamente pela Sra. Jacob.

O semestre fora maravilhoso. Tony e Ana se divertiram somente como pais e filhos poderiam se divertir. Havia ganhado presentes, ido a uma escola real, enfim, haviam feito inúmeras coisas que outrora acharam que seriam impossíveis. Ana, mais extrovertida, conseguira até chamar eles de pais com naturalidade, algo que Tony ainda hesitava em fazer.

Havia, pela primeira vez na vida, feito amigos. “Era muito estranho”, Tony às vezes pensava, “andar pela escola sem ser com Ana”. Já entrara para uma turma, consistida por ele e mais três garotos de sua classe. Por azar, Ana era de outra classe, sendo difícil para Tony falar muito com ela na escola. Com o tempo, os dois foram se distanciando de leve um do outro, como se, de fato, fossem irmãos de verdade.

Agora, no Natal, os dois comemoravam o primeiro Natal com uma família, não-contratada, em suas vidas. Estavam felizes. Ganharam presentes, tais como um videogame para Tony e um tocador de MP3 para Ana, objetos que os dois já haviam ouvido falar quando estavam no Orfanato, mas que nunca haviam podido sequer ver. Aquela vida era perfeita, e eles não precisavam de mais nada.

Ao engolir uma fatia do seu peru, o Sr. Jacob olhou para Tony e Ana e comentou em voz alta:

– Sabem, Tony e Ana, eu e sua mãe estávamos pensando em fazermos um passeio, por um dia ou dois, para um lugar divertido. O que vocês acham?

O que eles achavam? Era uma idéia brilhante! Tony assentiu e Ana exclamou:

– Com certeza! Para onde vamos?

A Sra. Jacob deu uma risadinha.

– Nós já pensamos nisso, crianças. O que vocês acham de irmos acampar?

Tony abriu um sorriso.

– Grande idéia! – Ele sempre ouvira falar de acampamentos, mas nunca pudera ir a um. Não só iria, agora, como também iria com Ana e seus pais!

– Você gostou, não é, Tony? – perguntou a Sra. Jacob. – Eu achei mesmo que era um programa que você gostaria. E quanto a você, Ana?

Ana estava deslumbrando seu prato, sorrindo radiantemente.

– Claro, claro que sim! – exclamou.

– Então está combinado – afirmou o Sr. Jacob. – Partiremos sábado bem de manhã, e iremos a um acampamento o fim de semana inteiro. Certo?

– Certo! – exclamaram Tony e Ana. Pouco depois, a família inteira já estava quieta de novo, comendo seu peru, todos sorrindo.

Tony e Ana foram dormir ansiosos naquela noite. Em poucos dias, iriam acampar com seus novos pais. Eles já haviam se tornado uma família – mesmo que Tony, algumas vezes, acordasse e se perguntasse, por alguns instantes, onde estava.

– Boa noite, Tony – disse Ana, terminando de se aprontar e deitando-se. Seu lado do quarto havia mudado bastante de um semestre para lá. Agora, devido à influência de suas novas amigas da escola, ela colocara um grande pôster de uma banda popular perto de sua mesa de cabeceira, onde se encontrava seu tocador de MP3 novo. Ela mal podia esperar para usar o computador no dia seguinte, para baixar músicas.

Olhando para esta “nova Ana”, Tony se deu conta de quantas coisas haviam mudado. Eles tinham amigos além deles mesmos; tinham pais bons e tudo o que queriam. Não acordavam todo dia e iam ao Refeitório, e sim para a cozinha, pra tomarem um café da manhã feito pela Sra. Jacob. No geral, sua vida, apesar de muito diferente, estava perfeita.

– Boa noite – respondeu Tony, saindo de seus pensamentos. – E aí, Ana? Está ansiosa para acampar?

– Com certeza! – respondeu ela do outro lado do quarto, enquanto ajeitava um lençol torto sobre seu corpo – Parece que vai ser muito divertido. Nosso pai – ela se referia ao Sr. Jacob. – me disse agora pouco que lá têm piscinas, um monte de coisas. Acho que não dá para ser ruim.

– É verdade – respondeu Tony, pensando em tudo o que Ana dissera. – Bom, boa noite de novo, então.

Ela soltou um risinho. – Então tá. Até amanhã.

O sábado chegou abruptamente para Tony. O Sr. Jacob foi acordá-lo muito cedo, e muito rapidamente, pedindo-lhe que fosse rápido. Sonolento, Tony se arrumou e foi ao banheiro.

As malas haviam sido arrumadas na véspera, cuidadosamente, pela Sra. Jacob. O Sr. Jacob ficou dando a Tony e Ana pequenas “aulas” de acampamentos, para que eles soubessem tudo o que deveriam saber.

Tony foi tomar café um pouco menos sonolento, diferentemente de Ana, que estava com os olhos semicerrados. Os dois comeram três pedaços de um bolo simples de banana cada, por ordem da Sra. Jacob, que insistia que eles iam precisar ficar no carro por muito tempo e que não poderiam comer muito lá por poderem se enjoar, portanto deveriam comer bastante em casa mesmo.

Após o café, arrumaram-se rapidamente e colocaram todas as malas no porta-malas. Como sempre, Tony e Ana se sentaram nos bancos de trás, enquanto o Sr. Jacob dirigia e a Sra. Jacob ficava sentada a seu lado.

Não havia muito trânsito naquele sábado e havia pouca gente na cidade, por a maior parte das famílias ter ido viajar. Olhando pela janela, Tony lembrava-se das advertências de dona Cristina. Isso porque, àquela noite, havia tido um sonho muito estranho.

Estava no quarto do Sr. e da Sra. Jacob. Instintivamente, abriu uma das portas do armário embutido e, em vez de aparecerem camisas, cintos ou qualquer outro tipo de roupa, apareceu uma escada comprida, que ia por um longo corredor de pedra. Assim que Tony fora dar o primeiro passo para dentro dela, no entanto, ele acordou. Mas não pôde deixar de se

alarmar ao ver o símbolo que piscou nos seus olhos um milésimo de segundo antes de ele despertar, pois o símbolo era um Y de cabeça para baixo com um ponto entre as pernas.

A viagem correu bem. A estrada estava muito pouco movimentada e a temperatura dentro do carro estava amena, apesar de ser verão. Os olhos de Ana se desviavam o tempo todo para os pastos em volta, pois ela adorava ficar vendo os animais. Comentou a viagem toda coisas como: “Olha lá uma vaca!” ou então “Olhem quantos cavalos!”. A Sra. Jacob dormiu a viagem toda, praticamente, e o Sr. Jacob não falou muito, tal como Tony, que envolto de pensamentos, não tinha muitos motivos para conversar.

Chegaram ao acampamento em cerca de três horas de viagem. Havia uma grande placa de madeira acima do grande portão, também de madeira, onde estava escrito *Sunny Vacation Camp – Diversão em Família!* Próximo ao portão, havia uma cabine. O Sr. Jacob aproximou o carro dela e abriu sua janela para falar com o alto-falante ligado à parede. Imediatamente um cheiro de árvores e terra invadiu o carro, e foi o suficiente para relaxar todos das dores de ficar sentado por três horas. O alto-falante transmitiu a fala de um homem de uns 20 anos.

– Identifique-se, por favor.

– Eh.. Marcos e Marta Jacob, reservas para a Área de Acampamento Três.

Ouviu-se um barulho de dedos digitando pelo alto-falante, pois o jovem devia estar confirmando a reserva do Sr. Jacob em seus registros. Então ouviu-se um apito.

– Certo, Sr. Marcos – afirmou ele, e abriu o portão. – Divirta-se com seus filhos no Sunny Vacation!

O Sr. Jacob acelerou o carro e seguiu por uma estrada de pedrinhas acinzentadas, produzindo um barulho de material sendo esmagado. O carro foi por essa estrada por aproximadamente uns 200 metros, e chegou a uma grande casa de madeira. Uma placa mostrava uma pequena palavra escrita em tinta preta: *Sede*. Era a sede do acampamento. O Sr. Jacob parou o carro e finalmente o desligou, depois de tanto tempo. O motor roncou como que satisfeito. Em seguida, o Sr. Jacob apertou um botão na porta do carro e destrancou todas as portas. Com as pernas bambas, Tony abriu a porta e saiu ao ar livre.

Primeiro, estranhou o fato de suas pernas estarem extremamente fracas depois de tanto tempo sentado, e também a grande necessidade que ele sentia de se espreguiçar. Depois disso, passou a olhar em volta.

O lugar inteiro era cercado de árvores até onde a vista podia alcançar. O som de cantos de pássaros enchia o ar morno e úmido. Do segundo andar da sede, onde provavelmente havia quartos, um barulho de conversas saía das janelas abertas por inteiro.

– Que lugar lindo – comentou o Sr. Jacob, olhando em volta e espreguiçando. – Não acharam?

– Eu achei – respondeu Ana, fechando sua porta. – É incrível.

– Exatamente como eu esperava que fosse – comentou a Sra. Jacob. – Vamos à sede. Podemos pegar algum chulé.

Tony, ainda calado, seguiu a todos até a sede, pisando firmemente no chão de pedras soltas. Estalando os joelhos ao subir a pequena escada que separava o chão da sede, ele chegou lá dentro.

De fato, havia tábuas de madeira em todas as paredes, e uma cabeça de leão aparentemente falsa se encontrava mais ao fundo. Um grande tapete imitando couro de vaca se estendia por todo o chão. Um cheiro de madeira e verniz fluuava no ar, inclusive nas cadeiras de couro à direita. Num balcão, uma mulher lia uma revista de moda aparentemente sem notar os Jacob, Tony e Ana.

A Sra. Jacob tocou de leve num sininho que estavam apoiado no balcão e seu som fez a recepcionista tomar um grande susto e quase derrubar sua revista. Acalmando-se ao ver que eram só visitantes, pigarreou, ajustou os cabelos e, em tom profissional, saudou a todos.

– Olá, bem-vindos ao *Sunny Vacation Camp*. Eu sou Márcia e sou a recepcionista aqui. O senhor tem reserva? – ela perguntou ao Sr. Jacob.

– Sim – respondeu ele. – Marcos Jacob, reserva para a Área de Acampamento Três.

– Hm... – ela digitou o nome do Sr. Jacob tal como o moço do portão do acampamento. O computador carregou os dados por alguns instantes e depois Márcia assentiu. – Está certo. Reserva por cinco dias, certo?

– Certo – respondeu o Sr. Jacob. – Há chalés livres?

– Na A.A-3? – perguntou Márcia, com uma abreviatura, aparentemente usada por funcionários do acampamento, para se referir à Área de Acampamento Três. – Sim, o chalé 15 está sobrando. Ele fica mais para o fim da A.A-3, mas é só contar a 15ª casa que não há problema. Ah – ela pareceu se lembrar de algo. Se abaixou, abriu um armário e tirou de lá um papel enrolado por um elástico, e o entregou ao Sr. Jacob. – Esse é o mapa de todo o acampamento. Boa proveito. – E, desinteressada, voltou a ler sua revista.

– Obrigado – respondeu o Sr. Jacob e foi saindo da sede, seguido por todos. Ao chegarem no carro, ele pediu:

– Todos entrem de novo no carro. Pelo que mostra no mapa, nosso chalé é bem longe.

Todos assentiram e entraram no carro. O Sr. Jacob pediu a Tony e Ana que guardassem o mapa no banco do meio, e deu partida no carro.

O Marea seguiu pela estrada de pedras vagarosamente. Passou por duas Áreas de Acampamentos, cada um com grandes placas nas entradas. A Área Três estava a aproximadamente quinhentos metros da sede, mas a sua décima quinta casa estava a quase um quilômetro.

Era um pequeno chalé que, tal como o resto do acampamento, era feito de madeira. Tinha dois andares, sendo que a cozinha e o banheiro estavam no primeiro bem como um quarto com uma cama de casal, enquanto no segundo andar só havia um quarto com duas camas de solteiro. Logicamente, foi decidido que Tony e Ana dormiriam no andar de cima e que os Jacob dormiriam no de baixo.

Tony subiu as escadas e pegou para si uma cama, demonstrando isso colocando sua mala em cima do colchão. Em seguida, desceu para usar o banheiro, pois havia ficado muito tempo dentro do carro. Mas teve de esperar a Ana, que, esperta, havia entrado lá antes de tomar uma cama para si.

Os Jacob passaram quase uma hora arrumando os alimentos que haviam trazido, as camas e a organização das coisas. Em seguida, saíram do chalé para admirar por alguns instantes o sol que aquecia a todo o acampamento. Uma grande piscina, cheia de adultos e crianças, ficava a aproximadamente cem metros dali, de modo que o Sr. Jacob ofereceu a todos:

– E então? Que tal passar um tempo na piscina só para descansar?

Por que não? Tony e Ana estavam cansados da longa viagem e do calor, de modo que entraram de volta no chalé e se revezaram para se trocar no quarto. Depois, pegaram cada um uma toalha e uma embalagem de protetor solar e correram para a piscina, pisando descalços na grama que se estendia de um extremo da Área Três até o outro.

A princípio, Tony e Ana ficaram um pouco receosos com a idéia de entrar naquela piscina onde todos estavam se divertindo. Nunca haviam se dado bem com outras pessoas da sua idade até chegarem na sua escola, onde conseguiram se enturmar quase que facilmente.

Mas nunca foram muito sociáveis. Por isso, resolveram esquecer os tempos de orfanato e começar a ser um Tony e uma Ana novos.

Eles passaram o protetor solar rapidamente sobre o corpo e esperaram alguns minutos para que ele fosse totalmente fixado em sua pele. Então, deixaram suas toalhas sobre uma cadeira e pularam na água.

Os quatro dias seguintes correram muito bem para Tony e Ana. Eles haviam feito dois amigos – André e Marcelo – com quem andavam para todo o canto, desde a piscina até a quadra de tênis, boa para jogos rápidos.

Era a última noite de Tony, Ana e dos Jacob no acampamento. Havia sido tão bom quanto eles haviam esperado que fosse, senão melhor.

Ana já dormira fazia tempo. Era meia-noite em ponto. Tony, no entanto, estava totalmente desperto.

Estava preocupado. Apesar de ter conseguido esconder bem, havia se sentido um pouco mal todos aqueles dias por ter tido, todas as noites, o mesmo sonho que havia tido na sexta-feira à noite, o sonho em que o símbolo mostrado por dona Cristina aparecera. O que aquilo significava?

Intrigado e ao mesmo tempo aflito, Tony descobriu-se e levantou-se da cama. Estava com sede. Quem sabe fosse melhor ele beber uma água, para se acalmar, ainda porque a noite estava quente. Tomando cuidado para fazer o mínimo possível de barulho, para não acordar nem a Ana nem aos Jacob, ele foi rapidamente até a porta do quarto, a abriu e desceu as escadas.

Ao descer o primeiro degrau, no entanto, percebeu que algo estava errado. Havia uma luz amarela perto do quarto dos Jacob. Será que ainda estavam acordados? Eles haviam ido dormir até mais cedo que Tony e Ana... o que acontecera? Curioso, e ao mesmo tempo esquecendo sua sede, Tony se aproximou, na ponta dos pés, até a porta do quarto dos Jacob. De fato, a luz estava acesa, e era possível ouvir um ruído abafado que só podia indicar uma conversa. E ele sentiu um impulso incrível de ouvir a conversa. Não sabia porquê, mas sabia que aquela conversa era importante. Rezando para que seus pais adotivos estivessem concentrados demais em sua conversa para sequer olhar a porta, Tony girou a maçaneta devagar e posicionou sua orelha numa posição tal que ele pudesse ouvir o que estava sendo falado sem ser visto. Parecia, para ele, a vez em que entreouvira a conversa entre dona Cristina e os Jacob.

– ...não acho que isso vá dar certo – ele entreouve a Sra. Jacob dizer. Quase se espantou com o tom de voz dela – estava agudo e incrivelmente frio, não tinha nada a ver com o tom usual dela.

– Vai sim, espere para ver – retrucou o Sr. Jacob, num tom de voz quase tão diferente quanto o da mulher. – Eles estão completamente enganados, e essa viagem foi a última prova que eles precisavam para confiar inteiramente em nós! Marta, eles estão sob nosso controle – são como marionetes. O que nós pedirmos para eles fazerem será feito, e eles não desconfiam de nada!

– Você se lembra de que tem de estar cem por cento correto sobre isso? Uma única falha, e o plano do Mestre dará errado. Eles não têm seus Objetos materializados ainda, não é? Se eles não confiarem em nós a ponto de nos seguir até Setéri, estará tudo arruinado, Marcos!

– Mas eu tenho cem por cento de certeza, Marta – respondeu ele, em voz muito baixa. – Só é preciso que nós os persuadamos a entrar conosco na câmara e pegar os Objetos, que não haverá mais problemas. Eles estão completamente enganados. Tony e Ana são o que o



Mestre nos pediu que fossem – marionetes. Amanhã, quando voltarmos, faça com que eles se sintam muito bem e entre com eles na câmara.

A Sra. Jacob suspirou.

– Está certo, então. Já está tarde. Boa noite, Marcos.

Assim que a luz se apagou, enegrecendo todo o chalé, Tony retirou os ouvidos da porta e sentou-se no chão, os olhos vidrados. Então, ele e Ana haviam sido usados como marionetes? Eram somente parte do plano daquele tal Mestre, e não os filhos amados de Marcos e Marta Jacob? Aquilo não podia ser verdade. Simplesmente não fazia sentido.

Então uma voz foi ficando cada vez mais forte em sua mente. Era uma voz familiar, baixa e aguda, que dizia apenas uma palavra, repetidamente: “Cuidado”... Era a voz de dona Cristina. Ela estava certa. Tony e Ana confiaram demais nos Jacob, e esqueceram do aviso de dona Cristina.

Tony tentou se acalmar. Levantou-se, trêmulo, e foi pé ante pé até as escadas, por onde subiu silenciosamente. Ao chegar em seu quarto, fechou a porta e acendeu um abajur, que iluminou fracamente o quarto. Em seguida, caminhou até a cama de Ana, tentando acordá-la.

- Anda, Ana, acorda... – pediu a ela sussurrando, chacoalhando seus ombros.

Ana despertou devagar, sem ter idéia do que estava acontecendo. Abobada, tentando focalizar a mente e os olhos, perguntou:

– Hm... o que foi Tony..?

– Fala mais baixo! – sussurrou Tony, colocando um dedo entre os lábios. – Eu preciso que você se sente, Ana, e confie em mim completamente. – Ele estava meio entre lágrimas, que tentava desesperadamente conter. – Você confia em mim?

– Sim, confio – respondeu Ana, abrindo mais os olhos e percebendo que a situação era séria.

Então Tony começou a contar. Contou como os Jacob tinham enganado-os. Contou como o Sr. Jacob os chamara de “marionetes”. Contou como estavam sendo usados, e que tudo que haviam vivido não passara de uma mentira. Ao acabar de contar tudo, seu rosto estava vermelho.

Ana, no entanto, estava pálida. Em seu rosto, não havia o menor vestígio da expressão extrovertida e alegre que ela costumava ter. Ao contrário, estava se transformando numa expressão de ódio misturada com tristeza e desgosto. Os dentes estavam se pressionando um contra os opostos completamente. Ela engoliu em seco e olhou para Tony. Ela podia confiar em Tony cegamente. Podia confiar a sua vida ao seu amigo que era quase um irmão.

– Se o que você diz é realmente verdade – disse ela, com a voz embargada. – então esquecemos de seguir o conselho de dona Cristina. Os Jacob nos enganaram facilmente. Temos que fugir.

– Mas como? – perguntou Tony. – Não sabemos onde estamos, não temos como simplesmente fugir daqui. Temos que seguir com eles até São Paulo, e lá podemos pensar em algo.

– Ou seja, fingimos ser bons filhos até amanhã, e damos um jeito de fugir? – perguntou Ana.

Então um raio de compreensão atingiu Tony. Ele entendia o que tinham que fazer.

– Quase isso – respondeu, olhando para Ana, sem realmente olhar para nada por estar envolto de pensamentos. – Quando chegarmos na casa deles amanhã, temos que correr para o quarto deles.

– Por quê? – perguntou Ana, nervosa.

– Porque lá estão os Objetos de que eles falaram, não te contei sobre eles? Lá devem estar os dois que “ainda não se materializaram”. Marta entrará conosco nessa câmara de

manhã, enquanto Marcos estiver no trabalho, e ela não suspeita que nós saibamos sobre a câmara. Assim que ela entrar conosco lá, temos que nocauteá-la ou coisa assim, e então precisamos pegar esses Objetos. Em seguida, pegamos suprimentos e dinheiro e fugimos de lá.

– Como você conseguiu pensar nisso tão rápido? – perguntou Ana, espantada.

Tony desviou os olhos, e respirou fundo – estava quase sem ar.

– Não é bem assim – respondeu. – Há alguns dias tenho sonhado com uma porta no armário deles, seguida por aquele símbolo que dona Cristina nos mostrou. Se eu estiver certo, não só esse símbolo tem a ver com esses Objetos como também tem a ver conosco. Amanhã, Ana, nós teremos que não só conseguir esses Objetos, mas teremos que conseguir aceitar o fato de termos sido enganados. Tudo pelo que passamos foi uma mentira.

E ele se calou. A notícia pesava na sua cabeça, fazendo-a latejar. Ana também parecia estar pensativa. Por fim, ela suspirou, levantou os olhos e, num tom corajoso, afirmou:

– Nós vamos conseguir, Tony. Nós vamos conseguir.

# CAPÍTULO CINCO

## A Câmara

Nem Tony nem Ana puderam dormir direito àquela noite. Depois de horas deitados, calados, na escuridão de seu quarto, os dois refletiam sobre as grandes mentiras dos Jacob. Outrora achando que morar com eles significara felicidade e liberdade, os dois agora tinham vontade de chorar com as mentiras. Os melhores meses de suas vidas haviam sido falsos.

Depois de várias horas, os dois finalmente conseguiram dormir de novo, e aquilo fora a melhor coisa, pois se não tivessem dormido, não teriam um pingão de energia para atuar na manhã seguinte como filhos atentos e amáveis que precisavam ser para seu próprio plano dar certo. Os dois tinham vontade de machucar seriamente os Jacob, mas haviam percebido que não tinham como entrar na câmara sem que a Sra. Jacob os levasse. Podia ter perigos ou armadilhas pelas quais eles não saberiam passar, mas talvez, com uma certa ajuda dela, pudessem chegar na câmara e fazer como ela e o marido haviam feito com eles durante um semestre - mentir para conseguir o que queriam. Não que achassem que combater o inimigo com a mesma tática suja fosse certo, mas eles tinham uma vontade de vingança que, apesar de ser em parte incorreta, era incontrolável.

Apesar de não terem conseguido desfrutar aquele último dia no acampamento, conseguiram fingir muito bem para dois adolescentes sem nenhuma especialização teatral. Podiam ter conseguido atuar bem por causa da sua raiva - ou talvez por causa da sua extrema obstinação. De qualquer modo, parecia que os Jacob de nada desconfiavam, nem no acampamento, nem no carro a caminho de casa.

Tony e Ana estavam atentos a tudo. Qualquer ato que pudesse ser considerado suspeito por parte dos Jacob seria detectado e eles iriam conseguir escapar. No entanto, o plano tinha falhas - se eles reagissem demasiado cedo, a Sra. Jacob não os levaria até a câmara de maneira amigável e sim à força, para que eles não escapassem. Mas eles precisavam ter a confiança dela e do marido até conseguirem os Objetos, fossem estes o que fossem. Desse modo, fingiram não perceber as travas de segurança a mais nos portões da casa e nem a piscadela que o Sr. Jacob lançou à Sra. Jacob ao sair de casa com o carro, para ir ao trabalho.

Ao entrarem em casa, imediatamente se puseram em extremo alerta. Sentiam-se como dois coelhos no meio de uma alcatéia - com somente uma chance de saírem de lá vivos. Duas vezes, os dois se sentiram tentados a sair correndo da casa. Mas então lembraram-se das promessas feitas a dona Cristina. Não haviam cumprido uma delas, e haviam parado naquela situação desesperadora. Não podiam correr o risco de não cumprir a segunda promessa - prestar atenção sempre que o misterioso símbolo aparecesse. E, como o símbolo aparecera nos sonhos de Tony, eles deviam seguir o plano decidido na noite anterior. Não era somente por

serem obrigados a cumprir a promessa - eles sentiam que aquele símbolo tinha algo a ver com eles, com seus destinos.

Eles correram para o quarto, fingindo estar desarrumando as malas, mas na verdade colocando dinheiro, escovas de dente e outras coisas úteis em suas mochilas de escola. Se fossem fugir, não poderiam simplesmente se jogar na rua - tinham que estar preparados.

Ao terminarem de arrumar suas mochilas, tentaram fingir que estavam fazendo deveres de férias. Apesar disso, não conseguiam se concentrar nos exercícios. Suas mentes estavam pela casa toda, captando cada ruído e analisando cada um para ver se não tinha a ver com a Sra. Jacob tramando algo.

Ao meio dia, os dois já estavam meio aflitos. Nada acontecera. Por alguns instantes, quase cogitavam a possibilidade de os Jacob só estarem brincando quanto aos seus planos, e que Tony e Ana iam viver como haviam vivido naqueles meses pelo resto de suas vidas. Mas aquilo era delirar. Não dava mais para considerar o passado.

Finalmente, pareceu que a hora chegara. A Sra. Jacob, com voz doce, bateu de leve na porta do quarto deles e pediu:

- Tony, Ana, podem vir comigo um pouquinho?

Os dois trocaram um olhar imperceptível. Estava na hora. Lembrando-se de fingir não saber de nada, os dois assentiram e seguiram a Sra. Jacob.

Ela os levou até seu quarto. Não havia dúvida. Ela iria abrir a passagem no armário.

- Eu tenho uma surpresa para vocês - comentou, em tom maternal. - Mas primeiros vocês têm que fechar os olhos. - Estava claro e óbvio que ela pretendia fechar seus olhos para que eles não vissem a passagem no armário. Fingindo ser obedientes, os dois colocaram as mãos sobre os olhos com um espaço mínimo entre os dedos para poderem ver onde pisavam e o que aguardava à frente.

- Certo, fechem bem os olhos - pediu a Sra. Jacob.

Os dois colocaram as mãos à frente dos olhos e esperaram. Provavelmente a Sra. Jacob teria uma chave especial - mas aconteceu que ela simplesmente sacou uma simples chave do bolso e enfiou-a na fechadura da porta.

Um rangido indistinto e lento ecoou pelo quarto indicando que a porta estava se abrindo. Sem chamar a atenção da Sra. Jacob, Tony e Ana arriscaram dar uma olhada rápida para ver como ela era, e Tony, ao vê-la, arregalou os olhos - aquela porta era idêntica à porta vista em seu sonho. Ele estava certo. De relance, olhou para Ana e arriscou uma piscadela.

- Agora, venham comigo - pediu a Sra. Jacob, pondo as mãos nas costas deles e guiando-os através da escada que surgira por trás da porta do armário.

O corredor em que estava a escada era frio e muito úmido, com o ar parado. Parecia que não era arejado havia muito tempo, mas, apesar disso, velas novas iluminavam as paredes cinzentas.

Tony chegou o mais perto que pôde de Ana e a cutucou na perna, perto do joelho, pois assim seria muito mais difícil de a Sra. Jacob ver do que se ele cutucasse Ana em qualquer outro lugar. Ana arriscou olhar para ele e pôde somente ver um aceno muito leve de cabeça. Estava na hora. Aquele era o sinal para ela estar pronta para o que desse e viesse.

- Agora, Ana! - gritou Tony repentinamente, fazendo o som de sua voz ecoar por todo o corredor. Ele pulou e se virou para a Sra. Jacob, e se ele pudesse ter visto seu próprio olhar naquele momento, veria um rosto furioso, contraído de raiva e fúria. Era uma expressão selvagem, inumana, e talvez fosse graças a ela que a Sra. Jacob tivesse se surpreendido tanto e

tivesse soltado a Tony e Ana de susto. Tony se virou contra ela e saltou em sua direção, fazendo-a recuar e tropeçar num degrau, caindo; nesse exato momento, Ana pulou até ela e prendeu seus braços, imobilizando-a.

- O que vocês dois estão fazendo?! - berrou a Sra. Jacob, buscando desvencilhar-se de Ana. No entanto, Tony prendeu suas pernas, de modo que ela ficou completamente imobilizada. - Ficaram loucos?!

- Você que irá nos responder algumas perguntas, Marta Jacob - respondeu Tony, num tom assombrosamente calmo. Apesar disso, era possível perceber uma nota aguda em sua voz, indicando que estava tentando segurar sua raiva.

- Perguntas?! Que perguntas?! - gritou a Sra. Jacob, se contorcendo, tentando se desvencilhar.

- Quer saber? Pois bem, vamos à primeira: - Tony já parecia estar perdendo seu controle sobre a raiva. - O que são os Objetos?

Aquela pergunta a Sra. Jacob não parecia esperar. Engoliu em seco, os olhos arregalados, e gaguejou:

- Eu-eu não sei... - seu tom de voz não era nada convincente. Tony se irritou mais. Estava disposto a tudo para fazê-la confessar tudo.

- Aperte os pulsos dela com calma, Ana, mas vá apertando cada vez mais - não percebia como estava passando dos limites. Não podia torturar a Sra. Jacob se não quisesse se tornar tão vilanesco como ela. - Agora, Marta, não minta para nós. Eu ouvi tudo o que você falou com seu marido, e sabemos de todo o seu plano. Agora, a verdade.

O rosto de Tony estava contorcido de uma maneira pior do que antes, e seu tom de voz estava tão frio que seria melhor se ele tivesse gritado. Sua voz dava calafrios até mesmo em Ana, que engoliu em seco, começando a temer Tony. Ele nunca havia sido daquele jeito. O que havia acontecido?

- Eu me recuso a falar - foi tudo o que a Sra. Jacob respondeu.

Tony arreganhou os dentes.

- Então teremos que descobrir sozinhos. Vamos, Ana! - chamou ele à amiga, que na hora soltou a Sra. Jacob e apressou o passo para acompanhar Tony.

Ela estava preocupada. Tony nunca fora daquele jeito, feroz. Olhou para ele - seu olhar estava firme e determinado, como se chamasse bambolessem por dentro de suas íris.

Ambos seguiram escada abaixo por um minuto, até finalmente acharem um brilho forte à frente. Cautelosamente e um pouco mais calmo, Tony se adiantou para dentro da câmara.

Era um aposento pequeno, baixo e iluminado por tochas acesas. O chão parecia ser feito de madeira, mas há muito tempo, pelo fato de esta estar suja e rangente. Num outro extremo da sala, havia um pequeno oratório.

Ana seguiu Tony para dentro e o acompanhou quando ele se dirigiu ao oratório. Era feito de mogno - e, ao contrário do resto da câmara, parecia novo e bem cuidado. O acabamento era perfeito; as dobradiças, intactas. Uma pequena chave de bronze se encontrava caprichosamente encaixada na fechadura.

- Bom, vamos ver o que há aqui - disse Tony finalmente, girando a chave.

A porta se soltou do resto do oratório deixando cair um rastro de poeira. Parecia que não era aberta havia muito tempo. Curioso, Tony se afastou para perto de Ana, enquanto a porta se abria.

O que eles viram foi o interior do oratório, que não parecia fazer parte dele, por estar sujo e muito empoeirado. Apanhando uma das tochas da parede, Tony se aproximou novamente do móvel.

Dentro dele havia uma pequena caixa, tão baixa e larga que era quase impossível vê-la no meio de tanta poeira. Afastando a densa camada de poeira para o lado, Tony tomou a caixa nas mãos e abriu.

Lá dentro haviam dois objetos, de certo modo semelhantes a relógios, mas com diferenças aparentes. O primeiro tinha uma grande tela no meio e era muito grande. Ao redor da tela, havia símbolos estranhos, em botões. O relógio todo, com a exceção da tela e das tiras, era feito de ouro maciço.

Já o segundo objeto era completamente diferente. Não havia tela - e sim uma cúpula com dois pedaços de ímãs separados um do outro por um ou dois milímetros. Acima deles, passavam algumas cordas finas, como as de violão, que pareciam estar conectadas neles. Tal como o outro relógio, era feito de ouro maciço, exceto nas tiras e na cúpula, que parecia ser feita de um tipo de cristal.

Os olhos de Tony se arregalaram. Por alguma razão, ele não se sentia surpreso ou espantado pela aparência estranha dos objetos. Eram extraordinariamente familiares. Mas, como isso podia ser? Ele jamais vira objetos tão estranhos antes, mas parecia que... ele não sabia explicar. Só soube que, por algum instinto, ele levou o relógio com a cúpula e os ímãs às mãos de Ana, os olhos vidrados e o rosto sem expressão.

Ana pegou o relógio nas mãos e também pareceu não se surpreender. Sua cabeça parecia estar girando. Ela não tinha idéia do que iria acontecer em seguida.

Então, uma voz que nem parecia ser a dela, saiu de sua garganta:

- Esse é o Anskronogador.

Foi como sonhar acordada. O que a levava a dizer aquilo? E, acima de tudo: como ela sabia o nome daquilo?

- E isso é o Askronogador.

Dessa vez fora Tony quem falara, com uma voz grossa e inexpressiva que não lhe pertencia. Ele encarou Ana - os olhos dela estavam como os dele: arregalados, surpresos e intensamente amedrontados.

Ele pigarreou para ver se aquela voz sumia e perguntou a Ana:

- C-como você sabe o nome disso? - sua voz podia estar normal novamente, mas estava fraca e um pouco mais aguda.

- Eu... eu não sei - respondeu ela, baixando os olhos para o objeto em suas mãos, a voz rouca. - Parece que... eu sempre soube ou coisa assim... é muito estranho... - Ela olhou de volta para Tony afirmou: - Você também sente algo assim, não é?

- Sim - respondeu ele. - Então estes são os tais Objetos mencionados pelos Jacob.

- Os Kronogadores - disse Ana.

- O quê? - indagou Tony. - Kronogadores?

- Bom, eu presumi que, se eles são o Askronogador e o Anskronogador, são os Kronogadores - respondeu ela. - Não lhe parece lógico?

- Talvez... - ele já pensava em outra coisa. - Mas então, o que significam o "Ans" e o "Ask" antes de cada um deles?

- Talvez seja inglês - presumiu Ana, após pensar uns segundos. - A gente teve aulas de inglês no Orfanato, por isso sei inglês o bastante para presumir isso. O "Ask" de vê vir do próprio verbo "to ask", do inglês, "perguntar". O "Ans", então, deve ser parte do verbo "to answer", que significa "responder".

- Ou seja - disse Tony, analisando tudo o que Ana dissera. -, você acha que um deve ter algo a ver com perguntar e o outro com responder?

- Sim - respondeu ela. - Mas eu não posso afirmar nada, não é?

Os dois ficaram lá parados, observando os traços dos Kronogadores. O Askronogador de Tony parecia ser muito antigo, mas seu ouro refletia a luz das tochas acesas nas paredes com um brilho belo e místico. Cada um dos símbolos parecia ter sido desenhado a mão, e Tony se perguntava o que significava. Já o Anskronogador de Ana mostrava os ímãs através da cúpula como água cristalina mostraria pedras - mal parecia que havia uma cúpula ali para impedir que os ímãs caíssem. As tiras dos Kronogadores eram feitas de bom couro, pintado de um modo semelhante ao indígena.

Algo intrigava Tony - uma das falas dos Jacob. De que ele e Ana seriam os únicos a saber lidar com os Objetos, que eles agora sabiam ser os Kronogadores. Mas ele não sentia isso. O máximo que pudera sentir de místico fora o fato de ele e Ana saberem os seus nomes. Mas ele não sentira nada mais que aquilo; não sabia a utilidade dos Kronogadores, nem porque eram tão importantes. Não sabia se realmente havia sido certo se voltar contra seus pais só para tomarem posse daqueles objetos. E também não sabia se haviam feito certo em fazer exatamente o que os Jacob queriam que eles fizessem - pegar os Kronogadores.

Ele resolveu afastar aquelas dúvidas de sua mente. O que havia sido feito estava feito, e não podia ser mudado. E seu instinto lhe dizia que haviam feito certo, e era aquilo que importava, afinal.

- Vamos, Ana - disse ele, depois de um tempo. - Já passamos muito tempo aqui.

Ana meramente assentiu. Parecia pensativa, mais do que o próprio Tony.

Ambos colocaram seus Kronogadores nos respectivos pulsos e começaram a subir as escadas.

Ao chegarem perto do ponto onde haviam deixado a Sra. Jacob, perceberam que ela não estava lá. Foi então que perceberam que estavam tão tensos que haviam esquecido de deixá-la amarrada ou qualquer coisa semelhante.

Amaldiçoando-se, Tony voltou a subir, mas percebeu que a luz diurna, que devia estar entrando pela janela do quarto dos Jacob, e assim, iluminado um pouco a entrada da escadaria, não aparecia. Estranhou, mas continuou subindo.

Ao chegar ao topo, no entanto, ele se jogou no chão. À sua frente, estava a prova do pensamento que lhe ocorrera assim que havia notado a ausência da luz diurna - a porta do armário estava trancada. Não exatamente trancada, como ele notou depois - o problema era que a porta abria na direção do corredor, mas não havia fechadura e nem mesmo uma maçaneta - era uma superfície extremamente plana. Um método engenhoso e sutil de trancar quem estivesse lá dentro, sem usar qualquer tipo de tranca, podendo deixar a chave sem uso.

Tony começou a soluçar de desespero. Ao entender por completo o funcionamento da porta, se sentiu muito mais do que culpado por ter esquecido a Sra. Jacob. Se sentia derrotado e humilhado.

Ana aproximou-se e, ao vê-lo tão desesperado, abaixou-se perto dele e perguntou de leve:

- Tony... o que foi?

A resposta de Tony veio misturada a um soluço.

- Ela nos prendeu aqui... estamos trancados. Fomos enganados! Ela nos enganou como... como crianças. Não vê que não há nem uma fresta para que a gente possa abrir a porta? Não há nada! Ou morremos quando ela conseguir ajuda do Marcos, ou morremos asfixiados!

Ele estava à beira do desespero. Tinham de arranjar um jeito de sair dali, e logo. Ana tentou manter a calma. Se eles se desesperassem, não haveria esperança.

- Tony, acalme-se - ela aconselhou. Não perderia a calma, em hipótese alguma. - Se ficarmos desesperados, jamais sairemos daqui. Agora, pense: deve haver alguma falha nessa porta que possamos usar. Pense em tudo.

Seu olhar estava fixo e decidido. O olhar de Ana sempre fora algo incrível - podia expressar um sentimento tão grande, tão profundo, em intensidades tão distintas, que ela não pareceria a mesma sem seus olhos, daquela claridade que sempre o intrigara. Ele olhou para ela e assentiu. Ana estava certa. Não podiam se desesperar.

- Você quer que eu ache uma falha, certo? - ele perguntou. - Certo. Essa porta se abre por fora, mas em geral haveria alguma fenda entre a porta e a parede, para que ela não emperrasse ao ser fechada. No caso, se tivéssemos objetos afiados e duros como facas, seriam ideais para serem postos nessa fenda e fincados na porta, e assim a abríamos. Mas não temos nenhuma faca, e nenhum de nós tem as unhas longas e fortes o bastante para substituí-la.

- Certo - disse Ana, em tom sério. - Mas com certeza existe outro jeito, certo?

- Na verdade... - tentou dizer Tony, mas Ana o interrompeu.

- Nem adianta dizer que não, pois *sempre* há outro jeito. Agora, pense - quanto a o que está a nosso alcance, o que podemos fazer?

Tony parou para pensar. Iria mesmo dizer que não, mas então ele percebeu que afirmar que nada daria certo só pioraria a situação.

- Bom... - disse devagar, medindo cada palavra. -...se a porta só abre por fora, seria necessário que... Espere! - ele exclamou.

- O que foi? - indagou Ana.

- Eu... eu sei o que fazer! - gritou ele, os olhos brilhantes. - Só é necessário um impacto bem forte na porta deste lado!

- Como? - perguntou Ana, sem entender nada.

- Pense só, Ana: se atacarmos a porta com muita força daqui, ela vai bater do outro lado e vai voltar para cá. Não sei se é possível entender. Veja, vou fazer agora.

Ele acenou com a mão para que Ana saísse da frente, recuou dois passos, correu até a porta e chutou-a com toda a sua força.

A porta avançou imediatamente para frente com a força decorrente do chute de Tony, mas então ouviu-se um barulho de batida e ela voltou alguns centímetros para dentro do túnel.

- Funcionou! - exclamou ele. - Agora há espaço o suficiente para conseguirmos pôr as mãos lá dentro e puxar essa porta!

Foi exatamente isso que ele fez. Com cuidado para não empurrar de volta a porta nem um milímetro, ele colocou sua mão lá dentro e puxou a porta.

Havia dado certo. Eles haviam conseguido escapar.

E, vagorosamente, eles foram podendo ver o brilho claro do quarto dos Jacob.

Tiveram de fechar os olhos - estavam tão acostumados com o escuro que machucaram os olhos na claridade. Aos poucos, foram se acostumando com o novo ambiente. Então lembraram que tinham de fugir dali, agora que a Sra. Jacob sabia sobre o conhecimento deles sobre os Kronogadores.

Eles correram até o seu quarto e pegaram suas respectivas mochilas; em seguida, correram em direção à porta de casa. A Sra. Jacob parecia ter sumido.

A chave não estava lá.

Aflitos, se puseram a procurar em volta pelas chaves, até ouvirem um som familiar de metal batendo em metal às suas costas, e quando se viraram, puderam ver o molho de chaves deitado nas mãos frias de Marta Jacob.

- Procurando por algo, garotos? - perguntou ela com voz fria, um horrível sorriso de desprezo estampado no rosto.



Tony e Ana nem pararam para pensar duas vezes. Pularam em direção dela, tomados de raiva; e pegaram as chaves de suas mãos trêmulas.

- Para a porta, Ana! Rápido! – berrou Tony, segurando a Sra. Jacob no chão.

Ana correu até a porta e conseguiu girar a chave rapidamente, apesar de estar nervosa. Num puxão, ela abriu a porta e gritou para Tony:

- Pronto, Tony!

Tony soltou a Sra. Jacob e disparou em direção da porta escancarada, passando rapidamente para o lado de fora. A Sra. Jacob estava se levantando. Nervosa, Ana também foi para fora e começou a trancar a porta, na mesma hora em que a Sra. Jacob se jogou contra ela. Ela bateu na porta e caiu no chão, berrando de dor. Ana terminou de trancar a porta e correu com Tony em direção ao portão. Abrindo-o rapidamente, os dois passaram e o fecharam. Estavam livres.

- Conseguimos – foi tudo o que Ana disse.

E jogou o molho de chaves num bueiro próximo.

# CAPÍTULO SEIS

Com Davi e Tina

Tony e Ana seguiram pela rua, aflitos. Apesar de terem, tecnicamente, ganhado, se sentiam muito mal. Havia perdido tudo, em alguns segundos. Começaram a sentir saudades daquele tempo que haviam vivido em companhia dos Jacob, o único tempo em que haviam sido felizes. Agora, estavam sozinhos no mundo novamente; mas não como eram no Orfanato, era pior – não tinham um teto, comida nem água, ou quaisquer outros suprimentos necessários para sua sobrevivência. Não sobreviveriam mais do que alguns dias na rua.

Pensando nisso, Tony analisou suas chances. A única esperança era a de que eles pudessem passar a noite ou até mesmo alguns dias na casa de alguém. Mas... quem era esse alguém? Quem eles conheciam que fosse um grande amigo, confiável e sincero? Ninguém do Orfanato por certo... mas então quem?

Ana parecia estar completamente despreocupada, ou ocultava sua preocupação, porque sorria como sempre. Olhava seu Anskronogador com admiração e um pouco de receio.

– Eles são legais, não são? – perguntou a Tony, mostrando o Objeto, que refletiu o sol num brilho dourado.

– Parecem servir para algo estranho – comentou ele. – Será que são elétricos? Ou funcionam com alguma outra coisa?

– Boa pergunta – disse Ana, olhando o dorso do Anskronogador. – Eu não veja nenhuma tampa para pilhas nem nenhum parafuso. Mas... não sei se posso dizer que sejam mágicos, ou coisa assim.

– Não enquanto não descobirmos como mexemos neles – acrescentou Tony, e comentou uma dúvida que há muito o intrigava. – Se nós somos os únicos a conseguir usar seu poder, como os Jacob falaram, por que não sabemos nada sobre eles?

Ana olhou para ele, o rosto inclinado numa expressão de dúvida.

– Sabe que é uma boa pergunta... Eu não faço idéia de como usá-los, e você?

– Não – respondeu Tony, levantando o pulso e fitando seu Askronogador. O ouro era tão brilhante e liso que o impressionava. Cada um daqueles símbolos era bonito e bem feito, um preto forte no meio de um ouro quase branco de tão brilhante.

Ana se calou e voltou a andar concentrada novamente. Tony, então, fez a pergunta que o intrigara pouco antes:

– Onde vamos passar a noite?

A frase atingiu Ana com um impacto inesperado, e qualquer vestígio de tranquilidade em seu rosto sumiu. Ela fechou a boca, dentes fortemente fincados com seus opostos, e ela respondeu com voz fraca:

– Não sei... Achei que eu poderia tentar contatar algumas amigas da escola, mas não tenho o endereço de nenhuma delas...

– Um colega de escola? – perguntou-se Tony, pensando na resposta de Ana. Ele havia conseguido, no decorrer do semestre, o telefone de uns poucos amigos, mas sua agenda estava no seu quarto, na casa que ele acabara de deixar para trás...

Mas... havia um furo naquela história. Ele já havia ido à casa de um amigo uma vez! Se chamava Davi e era um bom amigo dele da escola. Ele nunca soubera que poderia se dar tão bem com outros garotos, mas Davi era diferente. Muito extrovertido, nunca parava de brincar. Era ingênuo para alguém de sua idade, mas era um bom amigo de Tony, praticamente o melhor., com a única exceção possível de Ana.

A casa de Davi era muito próxima dali, Tony se lembrava. Menos de cinco quarteirões. Se ele conseguisse persuadir um pouco Davi, ele poderia ficar em sua casa com Ana por tempo o suficiente para pensar no que fazer a seguir.

Ele contou tudo à Ana sobre seu plano, e ela pareceu concordar. Não tinham muitas alternativas. Ou persuadiam o amigo, ou dormiam na rua e morriam em pouco tempo.

Chegaram à casa de Davi depois do tempo esperado, sendo que Tony não tinha certeza absoluta de onde ficava sua casa e eles haviam rodado alguns quarteirões a mais por causa daquilo. Mas ele teve certeza da aparência da casa de Davi quando a viu, e lembrou de tudo o que pôde de sua curta visita no outro dia. Davi tinha uma mãe, um pai e uma irmã, de quem ele não conseguia lembrar o nome. A mãe era alta e gorda, e o pai era aficionado por camisas xadrez. Mas eram boas e decentes pessoas.

A casa era grande, de madeira avermelhada. Ao redor das grandes janelas, bordas douradas. Parecia ter custado caro e era muito bonita. No jardim, grandes árvores se erguiam majestosamente.

– A casa do Davi é aqui? – perguntou Ana, que nunca estiver lá.

– Sim – responde Tony, sério.

Ana olhou de volta para a majestosa construção à sua frente.

– Qual é o plano, afinal? – perguntou.

Tony demorou a responder. Havia estado pensando num bom plano por todo o caminho até lá, e ainda não havia se decidido.

– Temos que convencê-lo a nos deixar ficar aqui por algum tempo – foi o que disse. – Para isso, precisamos ter uma história única e bem-bolada, para podermos mentir sem que um de nós fale algo que não coincida com a versão do outro.

- Tá certo. Mas, que história vai ser?

- Temos que pensar – respondeu ele. Uma história que fosse fácil de acreditar, uma história que pudesse indicar a razão de dois pré-adolescentes estarem procurando abrigo no meio das férias...

- Podemos dizer que nossos pais estão fora, ou algo parecido – sugeriu. – E que estamos procurando um lugar para ficar... não sei...

- Não parece muito real, não é? – questionou Ana, analisando a proposta de Tony. Ele assentiu vagarosamente. – Mas eu não consegui pensar muito nisso. Pensei que se talvez disséssemos que estávamos perdidos... mas vi que não daria certo. Poderiam achar nosso endereço, fosse onde fosse, rapidamente. Além disso, lembro de Davi já ter ido lá na... nossa casa – Ela dissera estas últimas duas palavras com uma frieza impressionante e repentina. Estava se referindo à casa dos Jacob, que, na época, podia ter sido considerada sua casa. Agora, não passava de uma má memória.

- É verdade – respondeu Tony. – Parece que devemos ficar com meu plano, então, concorda?

- Se é nossa única alternativa... – suspirou Ana, e se adiantou até o portão para tocar a campainha.

Antes que ela pudesse fazer isso, porém, eles ouviram um grito atrás deles, e surpresos, se viraram para ver quem era.

O que viram foi um menino negro, pouco mais baixo que Tony, com o cabelo raspado horizontalmente, olhos grandes e escuros. Um sorriso grande e branco contrastava com sua pele bem escura.

Era Davi.

Tony se surpreendeu ao vê-lo. Não achou que ele iria estar na rua àquela hora. Provavelmente estaria almoçando, ou coisa parecida. Em sua mão direita, havia uma coleira que se prendia a um cão *terrier* branco.

– Tony! – exclamou o menino.

Sentindo que era hora de improvisar, Tony sorriu de volta para Davi e se aproximou:

– E aí, Davi? Beleza, cara?

– Beleza – respondeu Davi, cumprimentando Tony com uma batida de mãos e um pequeno soco na mão dele.

– Oi, Ana! – Davi gritou a Ana, ao ver que ela estava lá. Ana meramente acenou, sorrindo sem mostrar os dentes.

– E então, o que fazem por aqui? – perguntou Davi, olhando intrigado para Tony.

– Bom... – apesar de já saber que devia inventar uma história, Tony não se sentia bem contando uma mentira para um amigo tão bom quanto Davi. E, além disso, algo dentro dele dizia para ele que contasse toda a verdade... O que ele iria fazer?

Davi olhou para ele com um olhar intrigado, questionando-se por que Tony demorava tanto a responder. Nisso, Tony engoliu em seco, e sabendo o que fazer, se virou para Ana e disse em tom determinado:

– Vou contar a verdade a ele, Ana. É o único jeito.

Ana não respondeu. Sua única reação foi abrir a boca, e depois inspirar muito ar, para tomar fôlego. Em seguida, assentiu.

Tony então se virou para Davi.

– É uma longa história, Davi, mas eu acho que podemos confiar em você. Deve ser a nossa única esperança.

O rosto intrigado de Davi agora estava mais claro. Não sabia o que estava acontecendo, e estava preocupado. “Última esperança” e “único jeito” não eram expressões usadas numa conversa normal, cotidiana. Algo muito estranho estava prestes a acontecer.

E Tony contou. A cada palavra que saía de sua boca, parecia que uma parte do segredo (se é que era mesmo um segredo) dos Kronogadores era entregue a Davi. Cada ato da traição dos Jacob era dividido com ele, ficando mais fácil aceitar aquele fato obscuro. E, quando finalmente acabou de contar tudo, o rosto de Davi estava muito mais claro, mais ainda do que estava quando Tony havia começado a contar a história. Seus olhos estavam arregalados e trêmulos, e ele parecia estar se contendo para não acreditar em tudo aquilo.

– Isso... não pode ser verdade – foi tudo o que conseguiu dizer.

Tony encarou-o com um olhar feroz e gélido, que o atingiu com uma força surpreendente. Aquela era a resposta à afirmação de Davi. Ele achava que era mentira. Praticamente, dizia que toda a história, todo o ser que Tony era eram falsos.

Davi engoliu em seco e notou que sua boca estava seca. O cachorro jazia parado ao seu lado, como se também não pudesse acreditar no que fora dito.

Ana estava parada encostada no muro da casa de Davi, o olhar extremamente sério. Não havia dito nada por todo aquele tempo. Era incrível como sua expressão, geralmente amigável e sorridente, estava fria. Nem parecia ela mesma. Davi estava espantadíssimo com aquilo. Tony costumava ter os olhos bem abertos e a expressão pacífica, e Ana podia ser considerada adormecida de tão calma. Agora, enquanto ele olhava para os dois, era quase impossível notar qualquer vestígio dos Tony e Ana que ele conhecia.

– Se tudo o que você me disse é realmente verdadeiro, Tony – ele conseguiu dizer por fim. Sua voz estava rouca e fraca. –, então eu vou ajudar–lhes. Vou conseguir manter–lhes aqui por algum tempo, mas não posso garantir quanto. Espero que isso resolva parte dos seus problemas.

Ao ouvir a declaração de Davi, Ana se recuperou do estado frio para o seu estado alegre normal num piscar de olhos. Apesar disso, ainda era possível ver uma falta de brilho em seus olhos.

Tony não se recuperou tão rápido, mas sorriu. Não um sorriso grande ou extremamente contente – mas o sorriso mais sincero que já fora visto por Davi ou Ana. Era um sinal do enorme agradecimento de Tony.

– Obrigado, Davi – disse ele, olhando cara a cara para o amigo. A fisionomia de Davi parecia abalada – ele estava mole e parecia não ter se recuperado de todas as surpresas contadas por Tony.

– Bom, vamos ver o que eu posso fazer – disse ele, um sorriso voltando ao seu rosto. – Eu estava passeando com meu cachorro, o Salada, aqui – ele indicou o *terrier* –, então estou com a chave de casa.

– Perfeito – comentou Tony. – Assim podemos entrar e nos instalar sem que ninguém saiba.

– Mas, será que é bom que ninguém saiba onde vocês estão? – questionou Davi. – Digo, vocês terão que comer e dormir, e como vamos fazer isso sem que ninguém note? Não há lugar nem camas reservas em casa, e minha mãe iria achar muito estranho se eu levasse um pouco de comida e água para o quarto depois de todas as refeições, não acham?

O argumento pareceu abalar Tony.

– Hm, eu não havia pensado nisso – admitiu. Naquele caso, eles teriam que se instalar naquela casa como visitas... mas por quanto tempo? Um dia talvez fosse aceitável... Mas dormir e comer lá por uma semana ou mais seria suspeito demais. Se fosse para ser daquele jeito, eles teriam de arrumar um argumento muito bom para convencer os pais de Davi a deixarem ele e Ana ficarem lá por tanto tempo. – O que podemos dizer para convencer seus pais?

– Não sei... – respondeu Davi, e se pôs a pensar, a mão no queixo. Tony fechou os olhos e tentou achar idéias por entre seus pensamentos. Os pássaros cantavam por todo o céu, enchendo o ar de música e sons, mas nenhum deles ouvia, tão concentrados estavam.

Naquele momento um ruído mecânico interrompeu a música dos pássaros. Era muito próximo. Eles se viraram para ver de onde era e se surpreenderam ao ver que vinha da casa de Davi, da porta da frente. No momento seguinte, esta se abriu, revelando uma mulher negra gorda, aparentemente de meia idade, entre os 40 e os 50 anos. Alguns de seus cabelos eram grisalhos. Seu rosto parecia preocupado e aflito.

Ela trancou rapidamente a porta de casa e correu em direção ao portão. De repente, parou. Olhou assustada para Davi, e em seguida a expressão de seu rosto se tornou calma e despreocupada.

– Davi!

Davi deu um sorrisinho e um pequeno aceno de mão. Murmurou:

– Oi, mãe...

A mulher destrancou o portão correndo e correu desesperadamente até Davi, e em seguida envolveu-o entre seus braços murmurando:

– Eu estava tão preocupada... você estava demorando...

Ao olhar para Davi, tentando conter o riso, Tony viu que ele estava quase sufocando entre os braços da mãe.

Só então ela pareceu dar pela presença de Tony e Ana. Imediatamente, ao constatar que tudo estava bem com Davi, ela se levantou, ajustou a roupa e os cabelos e sorriu para os dois.

– São amigos seus, filho? – perguntou para Davi sem olhar para ele.

– Sim – respondeu ele extremamente encabulado elas ações da mãe. – Tony e Ana, da escola.

– Ah, sim, eu me lembro do garoto; não veio aqui faz algum tempo? – continuou ela, vermelha, tentando mudar de assunto. – Como estão, Tony, Ana?

– Bem – respondeu Tony, conseguindo afinal conter o riso.

– Tudo bem – disse Ana, sem nenhum sinal de vestígio de riso no rosto.

– Hm, que bom – comentou ela, de cabeça baixa. Depois virou-se para Davi. – Venha, filho, vamos para casa. Vocês dois gostariam de um café? – ela perguntou a Tony e Ana.

Ela fez menção de voltar para dentro da casa, mas Davi continuou parado.

– Na verdade, mãe – ele disse. – tenho que falar com você.

– Sobre o quê? – perguntou ela, estranhando. Davi levou-a até um canto e contou. Tony e Ana se entreolharam – eles iriam conseguir ficar lá.

Tiveram certeza total de que Davi havia pedido a ela que os deixasse ficar lá quando ouviram um “O QUÊ?!” estrondoso. Era a voz da mãe dele. Ela parecia estar totalmente incrédula com o pedido dele, e Tony e Ana esperaram que a história tão rapidamente improvisada por Davi fosse boa o bastante para convencê-la.

A conversa durou alguns minutos a mais, até que Davi e mãe se aproximaram vagarosamente de Tony e Ana – a mãe com um rosto avermelhado e Davi com um rosto claro, como se toda a cor do seu rosto tivesse sido transferida para a sua mãe.

– Davi acaba de me dizer que sua mãe teve de sair para uma viagem de negócios correndo e que ele concordou que vocês poderiam ficar aqui enquanto ela está fora. Estou certa? – seu olhar era inquisitivo e ela parecia rezar para que aquela afirmação fosse falsa.

Tony e Ana se entreolharam mais uma vez. Davi inventara rapidamente uma boa história para contar à sua mãe. Naquele contexto, ela não teria escolha a não ser deixá-los ficar lá por tempo indeterminado.

– Sim, é verdade – foi tudo o que Tony respondeu. Se incrementasse a história para ela ter mais detalhes, podia acabar contrariando a versão de Davi – ele não sabia com certeza tudo o que ele dissera a sua mãe. Ana assentiu.

A mãe de Davi suspirou baixa e lentamente, por um longo tempo. Depois, levantou a cabeça e disse a eles:

– Está certo, então. Temos uns sacos de dormir para vocês, e ao que parece, vocês trouxeram suas coisas. Meu nome é Silvia Samie – apresentou-se, pois não havia se apresentado na visita de Tony. – Entrem.

Ela abriu o portão e Davi, Ana e Tony seguiram-na para dentro da casa. Havia conseguido. Estavam abrigados, alimentados e protegidos por tempo indeterminado.

Quando a Sra. Samie abriu a porta da casa, o queixo de Ana caiu (o mesmo acontecera com Tony da primeira vez que ele fora lá). Era um lugar incrível: uma grande sala de estar que servia de *hall* entrada, com o pé direito muito alto. As paredes eram marrom-avermelhadas e o piso, de tábuas de madeira. À esquerda, havia uma cozinha, e à direita havia o que parecia ser uma sala de jantar. Uma escada curta se localizava à frente, levando até um corredor que poderia ser considerado o segundo andar.

A casa era linda. A luz que vinha das janelas contrastava com a luz dourada acesa num lustre alto na sala de estar, que se espalhava pela casa toda, dando às paredes um tom dourado.

– Bela casa, Davi – foi tudo o que Ana conseguiu dizer, de tão abismada que estava.

A cor voltou ao rosto de Davi.

– Valeu...

– Davi, mostre a casa a eles, por favor – pediu sua mãe. – Vou pegar uns sacos de dormir.

Ela saiu por uma portinha que ficava ao lado da cozinha e desapareceu. Davi se virou para Tony e Ana.

– Bom, tá certo. Ali é a cozinha – apontou ele, se aproximando da cozinha. Esta era muito diferente do resto da casa, como eles puderam perceber – as paredes eram feitas de azulejos brancos, e o chão também. Se não houvesse uma toalha muito colorida em cima da mesa para contrastar com o resto, Tony e Ana seriam capazes de acreditar que estavam no meio do nada.

Depois, Davi se aproximou da sala de jantar. Essa era muito parecida com a sala de estar, por ser feita do mesmo jeito dela – paredes avermelhadas, piso de tábuas, e a mesma iluminação dourada.

Eles subiram as escadas e Davi lhes mostrou o quarto dos pais, o maior, que era uma suíte; o aposento seguinte era um banheiro, e depois havia um quarto.

A porta estava fechada. Davi explicou:

– Este é o quarto da minha irmã, a Tina. Ela fala pra caramba, mas é muito inteligente. Até demais, eu diria. Primeira da classe, queridinha da professora... É tão inteligente que ganhou uma bolsa em nossa escola e ainda por cima ganhou um laptop incrível dos meus pais no Natal.

– Nossa – exclamou Tony abismado. Não havia visto, ou não se lembrava, de ter visto Tina quando fora a casa de Davi na outra vez. – Quantos anos ela tem?! Dezesseis ou coisa assim?!

– Dez, na verdade – suspirou Davi. A boca de Ana se abriu num tranco. – É, incrível mesmo. Não sei nem o que uma menininha de dez anos poderia fazer com um laptop, mas fazer o quê? – Ele deu os ombros.

Naquele momento, a porta se abriu e Tina saiu do quarto.

Era menor do que Tony ou Ana esperavam. Parecia ter oito e não dez anos. A roupa tinha a estampa de um ursinho, e ela estava usando calças cor-de-rosa-choque. Seu cabelo era comprido e liso tal como o da Sra. Samie.

– Oi, Davi – cumprimentou ela. Sua voz era muito mais forte do que Tony e Ana esperavam ouvir. Ela parecia não ser uma garota de dez anos comum; parecia ter a mentalidade de uma garota da idade deles.

– Colegas de escola? – perguntou a ele, visualizando Tony e Ana.

– Sim... – respondeu Davi, medindo cada palavra. Mesmo que Tina fosse sua própria irmã, ele devia ter a máxima cautela. – Tony e Ana. Tony veio aqui he algum tempo, lembra-se?

– Ah, sim – disse ela, estendendo a mão para Ana, a quem não conhecia. – Bom, fiquem à vontade aqui em casa – disse-lhes ela. – Só não entrem no meu quarto, por favor. Eu vou descer. – No momento seguinte, ela se dirigiu à escada e foi para a sala.

Davi suspirou um pouco, como se estivesse um pouco envergonhado de sua irmã, e foi para o quarto ao lado.

– E este – apresentou a Tony e Ana, abrindo a porta do quarto. – é o meu quarto.

Tal como Tony lembrava, o quarto refletia completamente a personalidade de Davi. Tinha grandes pôsteres de jogadores de basquete pendurados nas paredes, alguns dividindo o espaço com outros pôsteres, mas de personagens de *videogames*. O chão era de carpete. Uma pequena televisão se encontrava no chão, acima de um pequeno móvel feito de madeira MDF, aparentemente feito em casa, que continha dentro dele um *Playstation Two*. A cama de Davi se encontrava mais à direita, desarrumada.

– Não é grande coisa – comentou ele, humilde. –, mas eu acho muito confortável.

– É... bem legal! – comentou Ana.

– Ah, valeu... – respondeu Davi. – Bom, mamãe já deve estar arranjando os sacos de dormir. Por que vocês não sentam aqui e relaxam um pouco? Pelo que me disseram, vocês devem estar nervosíssimos. Venham, vou ligar o *Playstation*. Que tal um jogo de luta?

A Sra. Samie chegou no quarto de Davi uns dez minutos depois, trazendo nas mãos dois sacos de dormir, um azul e o outro preto, ambos aparentando estar empoeirados e sem uso havia muito tempo. A Sra. Samie bateu os dois no chão para espantar a poeira e em seguida colocou-os em cima da cama de Davi. Depois, perguntou a Tony:

– Tony, você não se importa em dormir no mesmo quarto de Davi?

Tony, que estava concentradíssimo no jogo que jogava, juntamente com Davi (Ana havia perdido a fase, e portanto estava fora do jogo), ouviu vagamente a pergunta da Sra. Samie. Pausou o jogo e perguntou a ela:

– Desculpe, o que a senhora disse?

– Eu perguntei se você não se importa em dormir aqui – respondeu ela, não gostando de repetir a pergunta.

– Ah, não, não me importo, de jeito nenhum – respondeu ele, tentando ser educado para compensar a falta de respeito anterior. Depois, voltou ao jogo.

Então a Sra. Samie se virou para Ana, que estava sentada no chão ao lado de Tony, observando atentamente ao jogo.

– Ana, não sei se Davi lhe disse, mas tenho uma filha chamada Tina e –

– Davi nos apresentou a ela – interrompeu Ana. Já sabia o que a Sra. Samie lhe perguntaria.

– Bom, você não se importa em dormir no mesmo quarto que ela? Acho que é melhor separar as garotas dos garotos, não acha?

– Acho – respondeu Ana. –, e não me importo não, acho que até é bom. Tina me pareceu ser uma ótima garota – acrescentou, pois, se fizesse com que a Sra. Samie tivesse uma boa imagem dela e de Tony, ela seria mais tolerante com o tempo que eles pudessem passar ali. Um elogio a Tina seria perfeito.

– Sim, ela é – respondeu a Sra. Samie, sorrindo. – Então vou levar seu saco de dormir para o quarto dela. Qual você prefere? – Perguntou, estendendo-lhe o saco azul e o preto.

– Bom... o preto, acho – Ana indicou o saco de dormir preto com o dedo indicador.

– Certo – a Sra. Samie pegou o saco escolhido por Ana, saiu do quarto e fechou a porta sem muita força, que acabou por ficar entreaberta.



Ela se virou para Tony e Davi, que continuavam vidrados no jogo. Virou os olhos e então lhes falou:

– Sabem, acho ótimo que possamos descansar um pouco, mas nós devíamos nos concentrar mais nessa missão dos Kronogadores. Afinal, ainda nem sabemos para que servem.

Davi pausou o jogo, no meio de um ataque feroz de um ninja mascarado.

– Sabe, isso é verdade, Ana – comentou, olhando para o chão. – Se vocês pretendem vão ficar aqui sem que ninguém estranhe, precisam sair o mais breve possível.

Tony se virou para a amiga, os olhos baixos e pensativos, o rosto sério, completamente diferente do que estava há poucos instantes.

– Eu estive pensando – comentou. – que deve haver uma certa ligação entre os dois Kronogadores. Afinal, os dois têm a mesma terminação; além disso, os dois têm a forma de relógio; e, para terminar, os dois estavam juntos sob a posse dos Jacob – não acham que isso significa alguma conexão?

– Agora que você diz – respondeu Davi. –, isso me parece completamente lógico. Os dois têm uma ligação. Só temos que saber qual é esta ligação. Então....

Mas ele de repente interrompeu sua fala. Seu olhar estava fixo na porta. Davi e Tina olharam para lá também.

Um rostinho escuro estava visível através da fresta entre a porta e a parede. Ao notar que Tony o vira, o indivíduo que por lá olhava saiu correndo.

Davi levantou-se num salto e correu até a porta, abrindo-a num puxão.

– TINA!

Tony e Ana esperaram lá sentados, surpresos. Poucos segundos depois, Davi e Tina entraram no quarto: Davi, extremamente ofegante; e Tina, presa por ele entre os braços, para que não fugisse.

Davi bateu a porta e pôs Tina na sua cama rudemente. Depois trancou a porta.

– Muito bem, mana! – berrou para ela. – O que você estava fazendo aqui, espiando a gente?!

– Eu... não sei do que você está falando, Davi... – respondeu ela, em tom nada convincente. Davi, furioso, agarrou-a pelos ombros.

– Não minta pra mim, Tina.... – ordenou num tom baixo, quase paternal. – O que você fazia aqui?! – berrou novamente.

Tina se desvencilhou.

– Se você quer mesmo saber, eu estava curiosa para saber o que você estava fazendo com seus amigos, só isso. Mas, quando eu ouvi falar nesse negócio de... Kronogadores, me pareceu sério, e eu não consegui parar de ouvir.

Tony e Ana se entreolharam. Apesar de Tina ser inteligente, esperta, ainda tinha dez anos, e portanto, gostava de fofocas e de todo o resto que uma garota de dez anos pudesse gostar.

Davi se virou para os amigos, suspirando.

– E agora, o que fazemos? Ela sabe demais.

– Para falar a verdade – interrompeu Ana em tom alto. Acabara de ter uma idéia. – isso não é tão ruim. Tina é inteligente, e pode nos ajudar. Além disso, se escondêssemos o segredo dela por muito tempo, ela ia acabar descobrindo de qualquer jeito e podia acabar nos denunciando sem querer. E se ela se juntasse a nós? Quanto mais gente melhor, não acham?

– Pode até ser – retrucou Davi. – Mas ela não pode falar nada pra ninguém. Está me ouvindo, mana? – inquiriu, voltando-se para a irmã. – Nenhuma palavra, e você fica com a gente. Promete?

– Pro-prometo – respondeu ela, engolindo em seco.

Tony e Ana se levantaram. Tony pigarreou e disse a ela:  
– Certo, Tina, aqui vai.

# CAPÍTULO SETE

## O Rapto dos Samie

A semana passou de maneira calma na casa de Davi e Tina. Com o tempo, a Sra. Samie conseguiu ser mais amistosa com Tony e Ana, que acabaram por virar quase irmãos de Davi e Tina. Todos os quatro compartilhavam um mesmo segredo; uma mesma missão - era como se participassem de uma organização secreta.

Acabaram por descobrir que juntar Tina ao grupo fora a melhor idéia que Ana já tivera. A garotinha era inteligentíssima, e manejava seu laptop como um flautista de orquestra manejaria sua flauta. Com ela, pesquisaram o passado dos Kronogadores, através de *sites* de museus e arquivos de jornais antigos. Mas, apesar de ainda não terem descoberto nada de importante, Tina fazia mais do que pesquisar. Ela era mais uma a ajudar a suportar o pesado fardo de Tony e Ana, e, além disso, os ajudou muito ao descobrir como os Kronogadores funcionavam.

Haviam descoberto que a ligação entre ambos não só existia, como era extremamente forte. Junto a Tina, haviam feito uma descoberta fantástica: de acordo com o que Tony digitava em seu Askronogador, algo como uma resposta era emitido pelo Anskronogador, através de suas cordas – uma espécie de sucessão de notas. Era exatamente como Ana havia dito a Tony na ocasião em que haviam se apoderado dos objetos. *Como se um perguntasse e outro respondesse...* ou então até mesmo a afirmação que ele fizer e que, na hora, soara estranho. *“Ask” é o próprio verbo que, em inglês, significa perguntar. Já “Ans” era o prefixo do verbo “to answer”, que significa responder...*

Mas algo intrigava a todos. Como identificar a pergunta do Askronogador, ou então a resposta do Anskronogador? Era um mistério para todos. Tony vivia a se perguntar se, quando os Jacob haviam dito que ele e Ana seriam as únicas pessoas a saber lidar com os Kronogadores, eles queriam dizer que os dois... deveriam fazer um estudo ou coisa assim. Porque ele não sabia absolutamente nada sobre o Askronogador, e tudo o que supostamente sabia era constituído de teorias.

Mas, naquele momento, ele não pensava naquilo. Estava vestido o melhor que suas roupas e algumas peças emprestadas de Davi lhe permitiam. Era o aniversário do pai de Davi, Carlos, que fazia 48 anos. Um grande barulho de vozes e o títular de copos na sala de jantar indicava que grande parte dos convidados do Sr. Samie já havia chegado.

Tony e Ana haviam conhecido-no havia pouco tempo. Era um homem negro, careca e alto, com uma certa queda por camisas xadrez.

Tony e Davi se encontravam no quarto de Davi. A Sra. Samie os obrigara a passar um perfume para ficarem “decentes” (como ela mesma dissera) para a festa. Mas não havia implicado com eles em relação às roupas, desde que estas não fossem nem muito feias nem

muito extravagantes. Como Tony estava com um estoque muito pequeno de roupas, pois havia pegado as mais práticas da casa dos Jacob, Davi lhe emprestara uma camisa.

Davi olhou para ele e riu. O fato de estarem ambos no meio de uma missão secreta, mas ao mesmo tempo indo à festa do pai de Davi, era intrigante. Tony retribuiu o riso e terminou de calçar os tênis, e ambos saíram do quarto.

Ana e Tina saíram pouco depois, mas muito diferentes dos garotos, que haviam se vestido como se estivessem indo a um jantar com amigos. Tina estava com maquiagem por todo o rosto, o cabelo preso num coque elegante e vestia um vestido de sua cor favorita - rosa. Ana pegara um vestido dourado emprestado da Sra. Samie quando esta era mais jovem e magra. Estava muito bonita. Havia passado algo nos cabelos para deixá-los mais brilhantes, e os prendera no mesmo tipo de coque que Tina. Nas orelhas, usava brincos compridos dum dourado um pouco mais claro que o do vestido, para contrastar melhor. Não havia passado nada nos lábios, mas aplicara em si mesma um pouco de maquiagem.

Enquanto olhavam boquiabertos para as duas, Tony e Davi pensavam furiosamente quanto tempo elas deviam ter passado em frente ao espelho se arrumando.

Ana sorriu ao ver suas caras abismadas, e disse em tom doce:

- Vamos descer? Parece que bastante gente já chegou.

Sem fechar as bocas, Tony e Davi assentiram e as seguiram até a sala de jantar.

Esta estava de fato muito cheia. Homens alegres discutiam em voz alta, com copos de vinho tinto nas mãos. O pai de Davi se encontrava mais para o fim da sala, conversando com um homem. Tony e Ana olharam atentos para o Sr. Samie, que parecia estar rindo de uma piada do homem à sua frente.

Ao olharem para ele, no entanto, tudo mudou.

Era o Sr. Jacob.

O tempo pareceu parar, e todas as vozes sumiram. Tony, Ana e Marcos Jacob se encararam por um segundo que pareceu conter o infinito. Ele havia os descoberto. Não estavam seguros, em lugar nenhum.

Assim que Marcos desviou o olhar de volta, tudo pareceu voltar ao normal. As vozes voltaram; mas não o espírito de Tony e Ana. Toda a sua energia, toda a sua esperança, ficara naquele segundo fatídico.

Usando o que lhes restara de energia, os dois caminharam até os amigos. Precisavam lhes contar que Marcos Jacob estava lá. Precisavam de ajuda.

Mas seria mais difícil do que eles esperavam. Vários amigos de Davi e Tina da escola haviam sido convidados, pois a festa havia sido marcada e as pessoas convidadas antes da chegada dos dois; se Davi e Tina tivessem sabido que os dois estariam ali, não teriam convidado os amigos.

Mas era tarde, e olhando todos os seus ex-colegas de escola, Tony quase se esqueceu que Davi tinha outros amigos. Tony havia se acostumado tanto com o mundo fechado da casa dos Samie que se esquecera que as pessoas tinham uma vida a viver. Apesar de Davi e Tina estarem preocupados com Tony e Ana, ainda assim não podiam se trancar e viver sob a sombra do mistério dos Kronogadores.

- E aí, Tony? - cumprimentou um velho colega de Tony, João. Ele parecia achar que Tony era mais um convidado da festa.

Tony automaticamente começou a atuar.

- Ah, fala João! Tudo bem com você?

- Tudo - respondeu João, e voltou-se para conversar com um amigo.

Demorou um pouco para que Tony conseguisse chegar até Davi, mas finalmente conseguiu chamar sua atenção e foi falar com ele num canto.

- Qual é o problema, Tony? - perguntou ele, surpreso, enquanto os outros garotos da festa continuavam a conversar.

- Bom... - Tony não sabia por onde começar. Finalmente, conseguiu contar tudo, ofegante.

- Não é possível! - exclamou Davi, olhando para o Sra. Jacob e não acreditando no que ouvira. - Aquele é Mário César, amigo do meu pai!

A afirmação abalou Tony.

- Não é nada! - exclamou, em voz um tanto alta demais. Algumas pessoas até se viraram para ver quem gritara. Encabulado, Tony deu um sorrisinho e virou-se para Davi.

- Ele não é - disse, em voz bem mais baixa. - Eu morei com ele por mais de seis meses, sei do que estou falando! De algum modo, ele nos achou aqui, e agora estamos condenados!

Davi estava tentando acalmar Tony, que parecia extremamente abalado. Disse em tom baixo:

- Calma, acalme-se. Venha comigo até o quarto e conte tudo.

- Tá... tá certo...

Ele respirou fundo e foi chamar Ana para que ela viesse com ele, mas nem foi preciso. Ela já ia indo com Tina escadas acima.

De volta ao quarto de Davi, Ana e Tony contaram tudo. Ambos estavam preocupadíssimos. Por uma semana, se sentiram seguros e protegidos. Mas Jacob os achara. Não estavam mais seguros, e não podiam arriscar seus amigos. Tinham que sair dali e se esconder. Mas onde?

- Ei, fiquem calmos os dois - ordenou Tina. Seu rosto estava sério e ela parecia estar tentando encarar a situação sem perder o controle. Entendera que, depois de tudo pelo que Tony e Ana haviam passado, era mais fácil se descontrolar. Mas, se eles quisessem sobreviver, tinham que se acalmar.

- Eu acredito em vocês - afirmou para os dois. - De verdade. Mas, então, temos que pensar em alguma coisa.

- Não é preciso pensar - exclamou Ana. - Eu e Tony só precisamos sair daqui, para não envolver vocês e...

- Nem pense nisso, Ana! - exclamou Davi. - Estamos todos juntos nisso. Não vamos nos separar, e sim pensar em algo que possamos fazer.

Tony engoliu em seco, suspirou, muito longamente.

- Está certo - falou, pigarreando para umedecer a garganta. - Então, o que faremos?

- O primeiro passo é nos proteger - respondeu Tina. - Temos que ficar o mais protegidos possível. Para isso, acho que devemos dormir todos num mesmo quarto, trancado.

- E os nossos pais? - perguntou Davi.

- Se os Jacob querem alguém, esses são Tony e Ana. Por isso, a prioridade é a proteção deles. Se ficarmos todos aqui, a chance de nos protegermos é maior.

- Não seria se ficássemos todos espalhados? Assim, eles poderiam achar um sem achar os outros.

- Eu pensei nisso - admitiu Tina. -, mas depois eu percebi que deveríamos manter os dois Kronogadores num mesmo lugar, estejam eles nas mãos dos Jacob ou nas nossas.

- Mas se os Jacob tiverem os dois Kronogadores, eles não terão cumprido o que deveriam fazer?

- Sim, mas é por isso que nós vamos manter eles juntos. *Conosco*, entendeu?

- Mas nós não sabemos como usá-los, de qualquer modo!

- Parem de discutir, os dois - mandou Tony encarando Tina e Davi. Ele se acalmara completamente e já estava com a cabeça fria e funcionando furiosamente. - Apesar de a idéia

de Davi parecer ser a mais segura, os Jacob poderiam derrotar fisicamente qualquer um de nós se ele ou ela estivesse sozinho. Mas, se todos ficarmos juntos, seremos quatro contra dois. E nossa vantagem será ainda maior num quarto bem trancado.

- Mas, e se eles tiverem armas? - perguntou Davi, os olhos arregalados.

- Será um risco que teremos de correr - finalizou Tony. - Agora, vamos nos preocupar com nossa proteção. Tina, temos cadeados?

- Bom, não sei se mamãe iria gostar de nos ver trancados nesse quarto - comentou ela. -, mas eu acho que sei onde ela guarda alguns cadeados. Ah - Ela se lembrou. - Trago meu laptop também?

- Acho que ele pode nos ser útil - respondeu Ana.

Tina assentiu e saiu correndo do quarto.

- É é isso? Vamos trancar a porta só com *um* cadeado? - perguntou Davi.

- Bom... - Tony parou para pensar. - Acho que talvez fosse bom se puséssemos algo em frente à porta. Mas o quê?

- Que tal sua cama, Davi? - perguntou Ana. - Ela é bem grande, e eu aposto que se colocarmos ela bem em frente à porta podemos fazer com que ela bata na parede oposta, bloqueando completamente a entrada!

- Boa idéia - afirmou Davi, sorrindo. - Vamos deixar tudo pronto. Tony, já arrumou seu saco de dormir?

Tony estava tentando arranjar um lugar adequado para estender seu saco de dormir. Quando Davi perguntou, já havia deixado-o mais para a esquerda do quarto, a poucos centímetros da televisão.

- Cheguei - anunciou Tina repentinamente, entrando no quarto com um saquinho de cadeados e seu laptop. - Vou trazer meu colchão agora. - E ela saiu novamente do quarto.

- Certo - disse Tony e pegou o saquinho de cadeados. Havia cadeados de vários tipos, grandes e pequenos, mas ele não sabia nada sobre qualidade de cadeados. - Qual deles vocês acham que devemos usar?

Davi pegou o pacote das mãos de Tony e tirou alguns cadeados.

- Não faço idéia, mas eu acho que um grande deve ser mais difícil de quebrar, não é?

- Pode ser... - comentou Tony, tomando o saquinho de volta e sacando o maior cadeado que havia lá. - Vai ser esse.

- Alguém... pode me ajudar aqui? - ouvis-se a voz de Tina vinda da porta, e todos se viraram. Lá estava ela, abraçando um enorme colchão, cambaleante. Tony riu de boca fechada e Davi se adiantou até a irmã, e tomou o colchão dos seus braços.

- Ah, valeu Davi - agradeceu ela. - Põe ele ali para mim? - Ela indicou um canto próximo ao saco de dormir de Tony.

Quando todos haviam terminado de arrumar suas coisas, eles desceram de volta para a festa. Ninguém havia notado - ou, pelo menos, era o que parecia.

- Sejam naturais - murmurou Ana para os amigos, voltando a sorrir e tentando se enturmar.

Eles tinham de fingir que nada havia acontecido, para que ninguém levantasse suspeitas. Todos se puseram a conversar com os colegas de escola, sem nenhum vestígio no rosto de nenhum deles de que estavam tramando um plano de proteção.

A festa correu bem até o final, à meia-noite. Apesar de estarem fingindo muito bem, Tony e Ana já estavam um pouco cansados. Mas a festa havia os ajudado de certo modo - puderam se acalmar e conversar com amigos da escola, por alguns instantes esquecendo da situação em que estavam.

Quando o último dos convidados foi embora, Tony e Ana agradeceram aos Samie (a

Sra. Samie, cansadíssima e o Sr. Samie bêbado) pela festa e subiram, para se arrumarem. Tony e Davi escovaram os dentes antes das garotas - que acabaram por passar mais de meia hora lá para se livrarem de toda a maquiagem. Finalmente, todos disseram boa-noite aos pais de Davi e Tina da maneira mais amável possível, para que estes não desconfiassem de nada, e subiram para o quarto de Davi.

Tony foi o último a entrar. Pegou o cadeado escolhido de seu bolso e encaixou-o na trava da porta de Davi. Em seguida, trancou a porta e a pequena janela e disse aos outros:

- Coloquem a cama.

Juntos, os quatro empurraram a pesada cama de Davi até a porta e, infelizmente, descobriram que Ana estava errada - a cama não ia de um lado a outro do quarto. Um espaço que media aproximadamente 50 centímetros ficava entre a cama e a parede. Enquanto todos pensavam num jeito de cobrir aquele espaço, Tony propôs:

- Vamos pôr o móvel que sustenta a televisão lá.

Ele acertou em cheio. O móvel media 50 centímetros exatos.

Ana suspirou longamente e revirou os olhos pelo quarto todo, admirando a obra que haviam feito.

- Conseguimos - disse, ofegante.

Todos se reuniram numa roda no lado esquerdo do quarto (sendo que o lado direito estava sendo ocupado pela cama e pelo móvel de sustentação) e se sentaram.

- Bom, conseguimos - anunciou Tina. - Estamos completamente lacrados aqui. Agora temos, mais do que nunca, que desvendar o funcionamento dos Kronogadores. Tony, Ana, coloquem os dois aqui no meio.

Tony e Ana se levantaram e apanharam suas mochilas. Nunca andavam com os Kronogadores pela casa, por serem muito grandes e brilhantes, desse modo, muito chamativos. Por isso, haviam colocado-os em suas mochilas, onde ninguém na casa (tal como os pais de Davi e Tina) ousariam mexer. No momento seguinte, havia se sentado novamente e colocado os dois relógios dourados no centro da roda.

- Certo, vamos reunir o que já sabemos - continuou Tina.

- Sabemos que os Kronogadores têm uma ligação entre si - disse Davi.

- E que é uma relação de pergunta e resposta - acrescentou Ana.

- Certo - disse Tina novamente. - Mas ainda não sabemos como entender nem os símbolos do Askronogador nem os sons do Anskronogador.

- Deve haver um padrão - sugeriu Tony. - Talvez, certo botão seja responsável por certo som. O que acham?

- Eu discordo, Tony - respondeu Tina. - Se realmente é uma relação pergunta-resposta, então significa que, com o passar do tempo, a resposta possa variar. Por exemplo, vamos dizer que um botão A é o responsável, sozinho, a perguntar quantos anos Ana tem. Num ano a resposta será uma, mas no ano que vem a resposta será outra. Entendeu?

- Mas, e se for uma pergunta como *Quanto é um mais um?* - perguntou Davi.

- Nesse caso a resposta é definitiva, Davi - retrucou Tina. - Mas nós não podemos simplesmente afirmar que um botão determina tal som, a não ser que o Askronogador seja um instrumento musical. Para conseguirmos descobrir o segredo, temos que pensar que todas as respostas são não-exatas.

- OK... - murmurou Davi, incomodado por ter sido contradito por sua própria irmãzinha.

- Tina - disse Ana. Tina se virou para a amiga. - Se o que você disse é verdade, então não existe um padrão, não é? Se todas as respostas são mutáveis...

- Mas talvez não os botões! - retrucou Tina, indignada. - Pode ser que um botão queira

dizer “quantos”, o outro queira dizer “como”, e assim por diante!

- Isso é impossível, Tina - falou Tony. - Existem milhões de palavras ao redor do mundo, mas o Askronogador só tem 32 botões.

Tina calou-se e se pôs a olhar para a parede, parecendo extremamente indignada. Davi suspirou:

- Não se preocupem, é isso o que acontece quando conseguem negar uma teoria dela. Não é nada que nunca ocorra.

Tony olhou pra Tina, que parecia estar com os olhos um pouco mais brilhantes que o normal. Era uma menina muito inteligente, mas que só tinha 10 anos. Ana pôs a mão no ombro de Tina e disse em tom suave:

- Vamos lá, Tina, acalme-se. Você teve idéias brilhantes. Só estávamos querendo achar a verdade. Desculpe se a gente te irritou.

Tina virou-se de volta para todos, olhando para Ana. Sorriu.

- Tá bom - disse.

Davi então tomou a palavra e a conversa voltou ao ponto em que parara.

- Mas, se não existe um padrão, então é impossível de descobrir as mensagens dos Kronogadores.

Ana então pareceu despertar de um sonho, pois estremeceu e seus olhos brilharam.

- Então é por isso que os Jacob precisavam de nós! Não porque sabíamos como lidar com os Kronogadores, mas porque nós seríamos os únicos a conseguir desvendar seu código!

- Não acho que seja isso, Ana - comentou Davi. - Existem profissionais em desvendar código, pessoas treinadas para isso. Se vocês são escolhidos, então deve haver um tipo de... de...

- “De” quê, Davi? - perguntou Tony.

-...de...De mágica - Davi terminou em voz baixa. - Desculpem por gaguejar, mas eu nunca acreditei em mágica, entendem?

- Eu acredito em mágica - comentou Tina. - E, se algo é especial nesses objetos, então deve ser mágica. Afinal, eles não parecem necessitar de energia para funcionarem, e não têm fios ou circuitos eletrônicos aparentes.

- Não vamos fugir do assunto - pediu Tony. - Nós estávamos tentando arranjar um jeito de desvendar as mensagens, lembram?

Todos pararam de conversar e se viraram para Tony.

- Mas não há jeito, Tony! - exclamou Ana.

- Sempre há outro jeito - afirmou Tony. - Você mesma me disse, Ana. Lembra? Quando estávamos na casa dos Jacob, presos atrás daquela porta que só tinha saída por fora... arranjamos outro jeito. Só tivemos que pensar. Agora, encarem a situação sem a mente, mas sim com seus instintos - existe um jeito e vocês sabem disso, só temos que descobrir qual é.

- Mas... - Ana tentou dizer.

- Sem “mas”, Ana. Foi “mas” que eu tentei dizer daquela vez, só que você me impediu. Vamos nos concentrar. Deve haver um jeito.

- Posso me sentar em minha cama enquanto isso? - perguntou Davi. - Esse chão já está me incomodando.

- Hm, tá certo - concordou Tony. - Talvez devêssemos nos sentar todos em nossos sacos de dormir - ou nos seus colchões - Disse para Davi e Tina. - Caso alguém tenha alguma idéia, avise aos outros.

Antes, ele e Ana guardaram os Kronogadores em suas mochilas. E assim eles se puseram a pensar. Tony ficava imaginando jeitos de entender os botões, mas depois de um tempo se viu com a mente divagante e desconcentrada.



- Acho melhor a gente dormir - propôs ele. - Foi um dia estressante, e todos precisamos descansar. Além disso, já é quase uma hora da manhã.

- Boa idéia, Tony - concordou Davi, dando um grande bocejo em seguida. - Mas não temos de pôr alguém de vigia?

Tony de repente percebeu o quanto estava cansado. Com um grande esforço, respondeu a pergunta de Davi, sem pensar muito:

- Não, acho que não... Estamos bem seguros e todos precisamos dormir.

Ninguém fez objeção àquela fala. Tina se levantou, apagou a luz e voltou ao seu colchão.

- Boa noite - desejou a todos.

E então todos dormiram.

O dia seguinte amanheceu claro e ensolarado, com pequenas faixas da luz do sol entrando pela persiana fechada do quarto de Davi. O canto dos pássaros, que cantavam alegremente do lado de fora, acordava a todos pela rua.

Esse mesmo canto despertou a Tony, que acordou muito devagar, as pálpebras pesadas. Por alguns segundos, se perguntou onde estava, até que seus olhos se acostumaram à claridade e ele pôde ver Ana ao seu lado. As lembranças começaram a voltar para sua mente devagar, mas ele não se importou com nenhuma delas até que a lembrança do plano de proteção dele entrou na sua mente.

Ele se levantou de um salto. O que ocorrera durante a noite? Estavam todos bem? O plano dera certo?

Ele olhou em volta. Ana dormia calma, as mãos ajeitadas em formato de concha abaixo de sua cabeça. Davi estava completamente espalhado por sua cama, parecendo uma estrela. Tina dormia de bruços em cima de seu colchão.

Ele suspirou vagarosamente tentando reunir todas as informações. Não havia sinal de que ninguém estava ferido, e todos respiravam normalmente. Ele conferiu sua mochila - o Askronogador se encontrava intocado lá dentro. Então ele conferiu a mochila de Ana, e se assegurou de que o Anskronogador estava lá também. Estava tudo bem. Eles haviam conseguido passar a noite bem. Se a proteção havia servido à sua utilidade ele não sabia, mas, tivesse ela feito o que tivesse, ele estava satisfeito.

Então, já que todos estavam dormindo, pôs uma roupa que não estivesse amassada e olhou o relógio da mesa-de-cabeceira de Davi: eram 10:33 da manhã. Havia dormido mais de oito horas, mas não se sentia desperto por causa disso - e sim porque o plano havia dado certo. Não havia nenhum dano feito nem a eles nem aos Kronogadores. Estavam todos bem.

Com cuidado, ele chacoalhou Davi para acordá-lo.

- Hm... Que é? Não quero nada... - murmurou o garoto, semi-desperto.

- Davi, lembra... - pediu Tony. Estava sorrindo radiantemente.

Davi finalmente despertou.

- Hã...? Tony...? O que foi?

- Já é de manhã, cara! - exclamou Tony. - A noite passou bem, estamos seguros!

Davi então abriu os olhos, completamente desperto.

- Estamos bem? - quis garantir. - Os Kronogadores estão em ordem?

- Estão perfeitos! - exclamou Tony. - Anda, me ajuda a acordar as meninas.

Tony foi acordar a Ana, que dormia profundamente. Ela não entendeu a princípio o que estava acontecendo, mas ao entender que estava tudo bem e os Kronogadores estavam em perfeito estado ela abriu os olhos e começou a dançar, feliz. Tina também acordou alegre.

- Acende a luz, Davi - pediu ela ao irmão.

Na luz, Tony pôde conferir melhor o estado do Askronogador. Estava de fato tudo bem. A porta não tinha sinais de que fora maltratada, batida ou forçada. Parecia que os Jacob não haviam chegado nem perto do quarto.

Ana, ao notar tudo isso, comentou:

- Então significa que fizemos toda esta proteção por nada? - parecia decepcionada.

- Não foi por nada não! - exclamou Tina. - Imagina se por acaso eles tivessem tentando entrar aqui e a gente não tivesse proteção - a gente estaria acabado. A proteção era só, de fato, uma garantia - a gente usa para o que der e vier, e é melhor se ela nem for usada.

- OK então - murmurou Ana. - Vamos tomar café da manhã, então!

Todos assentiram felizes. Estavam todos bem. Fosse o que fosse que os Jacob haviam feito, se é que haviam feito algo, não funcionara.

Eles retiraram o móvel de trás da cama e, todos juntos, empurraram a cama de volta a seu lugar original. Então, Davi abriu a porta e eles saíram.

As grandes janelas da sala de estar da casa dos Samie permitiam que toda a luz do dia entrasse, dispensando a luz artificial. Eles olharam para o quarto dos pais de Davi e Tina e viram que a porta estava fechada - depois da grande festa na noite anterior, provavelmente o Sr. Samie estava de ressaca e a Sra. Samie devia estar muito cansada.

Eles desceram até a cozinha e cada um pegou para si mesmo um leite gelado e alguns biscoitos, que eram o que havia para se comer no café. Comeram em silêncio, todos pensativos. Era difícil de acreditar que mesmo que o Sr. Jacob os vira e não fizera nada a respeito.

Resolveram descansar naquela manhã. O dia estava bonito e tudo estava em ordem, além do que era domingo. Tony e Davi jogaram *videogame* umas duas horas, enquanto Ana e Tina, cansadas de esperarem suas vezes no jogo, decidiram dar uma volta com o Salada e talvez ir até algum parque.

Por volta do meio-dia, quando Tina e Ana já estavam de volta, Davi e a irmã estranharam o fato de seus pais ainda não terem acordado. Apesar de às vezes estar cansada, sua mãe sempre gostara de acordar cedo, e nunca dormira além das 11 horas.

Por isso, os dois subiram as escadas e bateram de leve no quarto dos pais. Esperaram um pouco, para ver se recebiam alguma resposta, mas ninguém atendeu. Surpreso, Davi girou a maçaneta e abriu a porta do quarto, para ver se os pais estavam lá dentro.

Assim que o personagem de Tony no jogo aplicou um terrível chute na perna extensível do personagem de Ana, os dois ouviram um grito agudo, horrível e desesperado vindo de algum lugar da casa.

- O que foi isso?! - perguntou Ana, o coração disparado.

Então Tony percebeu que aquele tipo de grito, agudo, era feminino.

- Tina!

Os dois correram desenfreadamente até o quarto dos pais de Davi e Tina. O que poderia ter ocorrido?

Ao chegarem lá, se depararam com uma cena horripilante.

As paredes do quarto estavam destruídas. Alguns vestígios de fios e canos saíam da parede, e água escorria do teto. Alguns tijolos haviam se amontoado sobre a cama vazia. Davi e Tina estavam no chão - Davi, com o punho direito fortemente amassado contra o piso, indicando que ele havia aplicado-lhe um grande soco. Tinha na mão esquerda um pedaço de papel amassado. Tina estava agachada, abraçado em suas pernas, os olhos marejados.

- O que aconteceu aqui? - indagou Tony para o nada, abismado com a cena que via. Então Davi, que estivera completamente imóvel, se mexeu. Com um esforço que continha toda a sua fúria, entregou o pedaço de papel para Tony.

Era um bilhete. Ana foi ao lado de Tony para ler, e a cada frase sua fúria era maior.

*Ora, ora, ora.*

*Tony, Ana, prazer em vê-los meus queridos filhos. Como estão? Tenho sabido de coisas estranhas, como por exemplo que descobriram sobre seus Objetos, os Kronogadores. Por isso, os parabênizo. Mas eu nunca perco. Rapsei os dois Samie e, quando vocês terminarem de ler este bilhete, já estarei com eles e minha mulher em algum lugar afastado no mundo. Se quiserem vê-los novamente, dêem-nos os Kronogadores. Vocês têm exatamente uma semana para entregá-los a nós, caso o contrário os pais dos pivetes morrem. Vocês que sabem. A polícia não poderá ajudá-los. Só podem contar com os Kronogadores.*

*Seu velho amigo, Marcos Jacob*

# CAPÍTULO OITO

## O Livro

Tony estava pasmo. Os pais de Davi é que haviam sido raptados, não eles. Os dois, que tanto haviam os ajudado, agora estavam em algum lugar do mundo nas garras dos Jacob.

Uma sensação de frustração o invadiu. Ele e os amigos haviam pensado tanto em sua proteção, que haviam esquecido dos pais Samie. Agora que ele via, era claro que se os Jacob não podiam chegar até eles, podiam obrigá-los a chegar até eles mesmos. Era óbvio. E, por causa daquele erro, ele, Ana, Davi e Tina haviam sido postos em xeque-mate.

Ele olhou para Ana, que se mantinha impassível. Apesar disso, suas mãos se haviam se fechado em punhos em seus braços vibravam de raiva.

Ele abaixou a cabeça e esfregou a mão direita na testa. Ele *precisava* manter a calma. Se ele perdesse o controle como na casa dos Jacob, sem uma Ana calma para ajudá-lo, estaria tudo perdido. Respirou fundo, três vezes. Se quisessem resgatar os pais de Davi, antes de qualquer outra coisa, tinham todos que se acalmar. Ele caminhou, então, até Davi, as pernas pesadas como granito.

- Davi, tente ficar calmo... – tentou dizer.

Mas não adiantou; Davi, que estivera paralisado, de repente se rebelou com tanta raiva que derrubou a Tony no chão.

- Me acalmar? *Me acalmar?! -* berrou com toda a sua fúria, segurando Tony pelo colarinho. - Meus pais foram raptados e podem estar em qualquer lugar e você quer que eu *me acalme?!* Está tudo acabado, Tony! Nós perdemos, e não há nada que possamos fazer!

O garoto estava desesperado. Seus olhos haviam se tornado grandes, mas haviam perdido todo o brilho, a esperança.

Tony socou-o. Um soco forte, preciso e direcionado, bem na bochecha esquerda de Davi. Ele se sentia horrível com aquilo, mas era a única solução. Davi precisava se manter lúcido, mas para aquilo acontecer ele antes precisava parar.

Davi, caído no chão, olhou para Tony, um fiapo de sangue saindo da boca. Havia recuperado o brilho dos olhos, e sua expressão era de fúria misturada com incredibilidade.

- Por que você fez isso? – inquiriu em voz bem baixa, como se estivesse se controlando para não atacar Tony.

Este tentava permanecer impassível. Repetiu a sua ordem passada, em voz grave e num tom imperativo.

- Davi, acalme-se.

Os olhos de Davi se arregalaram.

- Nada poderá ser feito se não nos acalmarmos – continuou ele. - Uma vez, me desesperei, e sei que se Ana não estivesse lá para me acalmar eu não teria conseguido superar a

situação. Respire fundo. O primeiro passo para acharmos seus pais é você esfriar a cabeça.

Davi continuou a encarar Tony por alguns segundos, mas depois obedeceu. Fechou os olhos e respirou fundo.

- Melhor agora – afirmou Tony. – Tente ajudar Tina. Vou ajudar Ana.

- Não preciso, Tony – duas vezes disseram.

Tony e Davi se viraram para ver quem falara e se depararam com Ana e Tina, ambas de pé, os punhos fechados e olhares determinados.

- Conseguimos ouvir o que você disse – comentou Ana. – Estamos calmas. Agora, o que faremos?

Tony sorriu. O grupo todo estava calmo. Ele conseguira.

- Agora, vamos sair daqui. Vamos para a sala.

Ninguém fez objeção. Todos seguiram Tony escadas abaixo, e pela primeira vez ele se sentiu o líder do grupo.

Na sala de estar, cada um se sentou em uma poltrona, fazendo uma roda.

- Vamos encarar a situação assim – disse ele. – Os pais de Davi e Tina foram raptados, e nós não temos nenhum indício de onde possam estar. Mas sabemos uma coisa: os Kronogadores podem nos ajudar a achar.

- Então essa é uma resposta que o Anskronogador pode responder, certo? – perguntou Tina. Seu rosto tinha uma pequena crosta, criada pelas lágrimas que ela chorara. Mas agora estava seco. Em seus olhos, os pequenos brilhos balançavam de um lado para outro.

- Sim – respondeu Tony, assentindo.

Ana tomou a palavra.

- Então isso significa que tudo o que precisamos fazer é descobrir como eles funcionam! – exclamou.

- De certo modo sim, Ana, mas você esqueceu que não temos como descobrir isso – retrucou Tina.

Ana baixou a cabeça. Tinha se esquecido de que não sabiam identificar as mensagens do Anskronogador nem os símbolos do Askronogador. De repente, todo o ânimo do grupo desabou. Se não conseguissem desvendar o mistério dos Kronogadores logo, podiam perder os pais de Davi e Tina para sempre.

Mas então, algo aconteceu.

Aquela força mágica, que guiara Tony e Ana à sala de dona Cristina, surgira de novo. Tony podia senti-la como sentia sua própria roupa; ele olhou para Ana e viu que ela estava pálida e com os olhos arregalados, também sentindo a força

Ele se pôs a pensar. Da última vez que aquela força aparecera, ela o levara até a sala de dona Cristina. Mas... agora que ele pensava, por que ela fizera aquilo? Ele nunca parara para pensar... Analisando bem a situação, ela o preparara para aceitar o fato de que ele seria adotado. Mas fora só aquilo? Não. De certo modo, ela o levara até o mistério daquele símbolo e de dona Cristina, pois ele pudera ver o estranho comportamento dela.

Mas, aquilo fora bom? Aquilo o ajudara, ou o atrapalhara? Ele realmente não sabia. E a força estava lá, tentando levá-lo a fazer alguma coisa. Ele iria aceitar. Era o único jeito de saber se as intenções dela eram boas ou más.

E ela começou a agir.

Como um cego guiado por um cão, Tony se deixou levar. De relance, ele olhou para Ana, que também seguia os movimentos da força.

Ele sentiu que essa o dominava, e a Ana também. Ela os fez ficar de pé, com as mãos estendidas para frente, como se eles estivessem prestes a receber alguma coisa. Davi e Tina observavam a estranha situação, sem ter a menor idéia do que estava acontecendo.

E o ritual começou.

Como se atraídos por um ímã gigante, os Kronogadores voaram escada abaixo, cortando o ar em seu caminho. O coração de Tony foi acelerando à medida que seu Askronogador se aproximava. Aquilo era inacreditável.

Os dois Objetos pousaram nas mãos de Ana e de Tony suavemente, quase sem tocá-las. Tony engoliu em seco. Ele olhou para Ana, que tentava controlar a histeria.

Então uma luz fortíssima brilhou pela sala toda. Era uma luz linda, esverdeada, que penetrava nos cantos mais escuros de toda a casa.

E o símbolo surgiu.

Caindo do infinito, o místico símbolo mostrado por dona Cristina atingiu o piso, criando um estrondo tão alto que com certeza chamaria a atenção dos vizinhos. O Askronogador começou a tremer e emitir ruídos, parecendo perturbado; e nisso, tudo ficou escuro.

No instante seguinte, Tony se viu num lugar misterioso. Não estava mais na casa de Davi e Tina; não estava mais em qualquer lugar que já tivesse ido. Estava num grande salão. Não havia teto, e o lugar parecia estar em ruínas. Tudo estava cinza e preto, e os sons que ouvia eram altos, mas ao mesmo tempo pareciam vir de muito longe – não só na distância, mas também no tempo.

Os seus braços estavam relaxados novamente e a força mágica parecia ter sumido. Ele procurou em volta pelo Askronogador. Este estava seguro em seu pulso, parecendo adormecido.

Seu coração começou a bater loucamente. Onde ele estava, e como havia parado lá? Nenhuma resposta. Sua cabeça começou a doer, mas era impossível manter a calma; ele já estava ficando aflito.

Antes que ele caísse no chão, toda a energia e a esperança subitamente voltaram a ele. Um brilho dourado encheu todo o salão, e um grasnar altíssimo chamou sua atenção.

Um pássaro gigantesco, com talvez 20 metros de comprimento, passou voando magnificamente alguns metros acima de sua cabeça. Era lindo. Sua plumagem era dourada, mas certas listras de suas asas eram vermelhas, um vermelho forte e brilhante como o sangue.

O pássaro seguiu seu caminho, sem parecer notar Tony lá embaixo. Labaredas saíram de seu bico; labaredas que deviam medir mais de 50 metros. Então o pássaro estacou, e se virou para trás. Intrigado com o que o pássaro vira, Tony se virou também.

Um grupo de pessoas, aparentemente jovens, entre os dezoito e os 25 anos, corriam na mesma direção da ave, mas vindo na direção de Tony.

Mas sem aparentemente vê-lo.

O estranho é que todas as pessoas do grupo, exceto um homem e uma mulher, estavam cinzas como o resto da paisagem. Essas duas exceções estavam douradas, um dourado tão brilhante e resplandecente quanto o do Askronogador.

Nisso, um integrante do grupo, o único homem que não estava acinzentado, apontou para frente furiosamente, com o braço esquerdo.

E Tony pôde ver algo que jamais sonhara em ver.

O homem tinha o Askronogador em seu pulso.

Ofegante, Tony olhou para seu próprio pulso. O homem não tinha como ter pego o Askronogador dele. E, de fato, o Objeto continuava lá, intacto. Mas também estava no pulso daquele homem. Então Tony entendeu – aquilo era um tempo alternativo, talvez o futuro, talvez o passado.

E toda a informação entrou na sua cabeça. Como uma onda que acumulara força durante centenas de quilômetros, toda a informação invadiu sua mente. Ele sabia toda a história do Askronogador, todo o seu poder, toda a sua capacidade. Era como uma enorme lista que ele conseguia decorar sem problemas.

E, de repente, ele voltou à sala de Davi.

No exato momento em que ele fortemente caiu no chão da sala de estar dos Samie, o Askronogador se ergueu no ar novamente. Ele brilhava com toda a força e esplendor que uma vez tivera. Raios de luz dourada escapavam pelos símbolos entalhados e por qualquer fresta ou linha desenhada. O Objeto parecia uma grande lâmpada envolvida por uma estrutura plástica furada. Mas não era.

Foi então que Tony notou que não era só o Askronogador que estava flutuando e emitindo luz. O Anskronogador brilhava tão fortemente quanto ele, seus dois ímãs afastados e emitindo tanta luz quanto o resto.

E a última coisa que Tony viu antes de desmaiar foi Ana, sorrindo para ele, compartilhando seus pensamentos.

Tony e Ana acordaram em seus sacos de dormir. Tony por alguns instantes se perguntou se tudo o que vivera naquela visão fora um sonho, mas então se lembrou do que aprendera lá. Não fora um sonho. Fora tão real quanto qualquer coisa que já vivera. Levantou seu pulso. Lá estava o Askronogador. Mas ele não o via mais como um Objeto estranho. O Askronogador era seu amigo, seu companheiro. Era inseparável. Só agora ele percebia a importância dele.

Virou a cabeça e olhou para Ana, que estava desperta como ele, olhando para o Anskronogador em seu pulso.

- Oi, mana – disse.

Só aquela frase já mostrava uma parte do que aprendera na visão. Ele descobrira porque duas pessoas estavam douradas e o resto estava escuro. Se ele tivesse olhado direito, teria notado que a mulher tinha, em seu pulso, o Anskronogador.

Ela era sua mãe.

E, aquele homem que ele vira, era seu pai.

E ele sabia que aquelas duas pessoas haviam tido dois filhos. Filhos que teriam os Kronogadores.

E, desse modo, Ana era sua irmã.

E não só isso – gêmea.

De certo modo, eles sempre foram irmãos. Melhores amigos no Orfanato, semelhanças físicas e mentais... mas eles sempre consideraram uma grande amizade, nada mais do que aquilo. Mas era mais do que um grande amizade – era uma irmandade.

- Oi, mano – respondeu Ana, sorrindo.

Tony sentou em seu saco de dormir. Olhou para a janela, e viu que uma luz meio alaranjada entrava pela janela. Já era quase de noite. Eles haviam dormido mais de seis horas.

- Davi e Tina devem ter nos colocado aqui, não é? – perguntou Tony.

- Aham – concordou Ana. Ela jamaisalaria sobre sua visão com ninguém, nem mesmo com Tony; especialmente com Tony, aliás. Afinal, eles não precisavam das palavras para se comunicar, do mesmo modo que o Askronogador e o Anskronogador; e, além disso, eles haviam tido a mesma visão e sabiam disso. Por alguma razão, suas visões eram extremamente pessoais – eram como segredos.

Tony e Ana desceram as escadas alguns minutos depois. Estavam calmos, em equilíbrio perfeito com os Kronogadores.

Esperavam encontrar Davi e Tina na sala, mas eles não estavam lá. Tony e Ana ficaram curiosos, e não sabiam onde procurar.

Foi então que Tony lembrou que aprendera a usar totalmente o Askronogador durante sua visão.

- Pronto, Ana? – perguntou à irmã, levantando o pulso e apontando o Askronogador.

- Pela primeira vez – foi tudo o que Ana respondeu, e assentiu para que Tony começasse.

Ele fechou os olhos. Tentou sentir toda a energia à sua volta, cada mínimo movimento do ar. Tinha que se concentrar totalmente, caso contrário, não funcionaria.

Ficou dez segundos nessa posição, e então abriu os olhos novamente. Não havia nada à sua volta além dele e do Askronogador. Formulou em sua cabeça a pergunta, clara como cristal, e não pensou em mais nada a não ser ela. Então, suavemente, posicionou sua mão direita sobre o Askronogador e pressionou alguns botões, a pergunta em mente: *Onde estão Davi e Tina?*

Ele sentia que apertara os botões por acaso, usando o instinto. Mas não fora. A escolha, que ele achara ser aleatória, fora extremamente deduzida. Essa era sua habilidade. Ele sabia quais eram os botões necessários para formular a pergunta.

Assim que seus dedos se soltaram do Askronogador, tudo voltou ao normal. Ele viu a si mesmo na sala de estar dos Samie. À sua frente, Ana estendia o braço esquerdo, deixando o Anskronogador mais à frente. Seus olhos estavam fechados e ela estava tão parada que seria quase possível jurar que não estava respirando. Mas ela estava respirando perfeitamente. Sua concentração era muito intensa, e seus ouvidos haviam se tornado tão apurados que, num estado de concentração total, ela conseguia ouvir uma mosca que estivesse a mais de dez metros dela.

E o som saiu do Anskronogador. Mas estava completamente diferente. Era a diferença entre cordas de violino tocadas ao acaso e a melodia de um violinista profissional. O som do Anskronogador costumava ser informe e agudo, mas agora era uma bela melodia.

O Objeto continuou a tocar por mais quatro segundos, até finalmente silenciar. No exato momento em que ele parou de produzir o menor ruído, Ana abriu os olhos.

- Eles estão no quarto dos pais, desmaiados – disse ela, em voz grossa.

Então pareceu sair de um transe. Os olhos reganharam o brilho, e a expressão voltou ao seu rosto.

- Vamos – disse a Tony.

Ele assentiu e os dois correram escada acima, até o quarto dos pais de Davi. O Anskronogador estava certo, é claro. No chão, estendidos, estavam Davi e Tina. Os dois pareciam estar completamente desacordados. Tony correu até Davi, se abaixou e virou o rosto do amigo para cima. Ele estava pálido, mas parecia estar respirando bem e seu pulso estava firme e estável.

- Como está Tina? – perguntou Tony à irmã, que estava verificando o estado de Tina.

- Ela parece estar bem – respondeu Ana. – Pelo menos, está respirando. Vamos, me ajude a levá-los até o quarto do Davi.

- Certo – Tony levantou Davi e colocou o braço dele em volta de seu pescoço. Então, apesar do peso do amigo, levou-o até seu quarto, onde o colocou em sua própria cama. Ana fez o mesmo com Tina, e em menos de cinco minutos, os dois irmãos desmaiados já estavam deitados no quarto de Davi.



Foi somente então que Tony notou um bracelete no braço de Davi.

Era um bracelete pequeno, de ouro puro, e extremamente brilhante. Estranhando, Tony levantou o braço do amigo para ver o objeto melhor.

Os traços eram extremamente finos e bem-feitos, como se houvessem sido feitos a partir de um diamante muito afiado. Não havia nenhuma abertura horizontal no bracelete. De fato, as mãos de Davi eram grandes demais para poderem ter passado pelo pequeno espaço nas extremidades do bracelete.

Mas então Tony viu o símbolo.

Era o símbolo místico, mágico, que o acompanhava desde aquele dia fatídico no Orfanato.

- O símbolo dos Kronogadores!

Ana tomou um susto e se virou bruscamente para Tony. Ele estava pálido, os olhos pequenos e as pupilas contraídas.

- O q-que você disse, Tony?

- Este bracelete... tem aquele símbolo.... – Tony não encontrava palavras para expressar seu espanto.

Ana arregalou os olhos do mesmo modo que o irmão, olhando fixamente para o pulso de Davi.

- O... símbolo? Não, não pode ser...

- É sim! – exclamou Tony. – Mas o que isso significa?

E, como se respondendo sua pergunta, uma luz fortíssima tomou conta do aposento.

A luz parecia sair de algum lugar, mas era impossível distinguir de onde sendo que não havia variação de incidência de luz – tudo estava do mesmo jeito, brilhando como o sol.

Tony e Ana fecharam bruscamente os olhos, tentando evitar aquela luz, que parecia poder queimar seus olhos caso abrissem-nos.

Mas, de uma hora para outra, tudo passou. O aposento voltou a ter a claridade; ou escuridão, que tivera há apenas alguns segundos.

Temerosos, Tony e Ana abriram os olhos novamente. Tudo estava embaçado e confuso, e manchas roxas viajavam entre suas íris. Quando finalmente conseguiram visualizar o quarto de maneira compreensível, voltaram a arregalar os olhos.

Havia um livro no chão.

Era um livro fino, de capa feita de um couro dourado muito esquisito. Parecia ser extremamente velho. Apesar disso, não havia nenhum vestígio de poeira sobre ele. Na capa, apenas três palavras, escritas em dourado, eram legíveis: *Os Oito Objetos*.

Temerosa, Ana, que era a mais próxima do livro, pegou-o nas mãos e abriu-o. Tony se aproximou da irmã, tentando visualizar as páginas daquele estranho objeto. A encadernação era perfeita, e ele ficava aberto em qualquer página. As letras eram escuras e estranhas, mas estranhamente familiares a Tony.

Então ele percebeu que aquelas letras eram os mesmos símbolos que havia no Askronogador.

Ele estremeceu de choque. Aquele livro, se usava as mesmas letras que o Askronogador, com certeza tinha alguma ligação com ele. E, logicamente, se tinha ligação com o Askronogador, também tinha ligação com o Anskronogador. Tudo estava girando na cabeça de Tony. Mas... também havia ligação com o objeto no pulso de Davi! Afinal, ele e os Kronogadores compartilhavam um mesmo símbolo.

Os Oito Objetos...

Naquele exato momento, Davi acordou. Mas não acordou como alguém acordaria de um sono normal – acordou num piscar de olhos, parecendo totalmente desperto e ativo.

- Tony! Ana! – berrou.

Assustado, Tony acabou por deixar cair o livro. Então, ele e Ana se viraram para Davi.

- Vocês... vocês estão aí – suspirou ele, relaxando. – Eu tive um sonho estranho... que pareceu tão real...

Então Ana falou:

- Algo como... um grande salão destruído?

Davi arregalou os olhos e olhou fixamente para Ana.

- Como você sabia? – perguntou com voz fraca.

Tony achou que eles deveriam contar tudo. Pigarreou e fitou o espantado Davi.

- Eu e Ana tivemos a mesma visão, Davi. E foi nela que aprendemos a usar os Kronogadores.

- Vocês... aprenderam?! – repetiu ele, um sorriso se estampando em seu rosto.

- Sim – respondeu Ana. – Mas também ficamos intrigados com esse bracelete no seu pulso.

- Você diz... o Invilimer?

Foi como se uma enorme rocha tivesse caído no quarto naquele instante. Tony empalideceu e olhou para o amigo mais profundamente ainda. Ana parecia ter sido atingida por um raio, tão chocada que estava.

- O... o que foi que eu disse? – perguntou Davi em voz alta, para si mesmo. – Como eu sabia este nome?

- Porque o Invilimer é um Objeto como os Kronogadores, Davi – respondeu uma voz aguda.

Tina estava sentada no seu colchão, com um olhar sério.

- Do mesmo modo – continuou ela. -, isto – E pôs sua mão no pescoço – também é um Objeto. – E ela tirou uma coisa de lá.

Pendurada em seu pescoço havia uma pequena luneta, cujo tamanho devia ser o mesmo da metade de um binóculo de plástico, mas era de ouro e, pelo que parecia, traços de lápis-lazúli. Nessa luneta, do mesmo modo que o Objeto de Davi, havia o símbolo.

- Chama-se Ocuslater – explicou ela.

Dessa vez, o impacto sobre Tony e Ana foi menor do que quando Davi mencionou o nome de seu Objeto, mas apesar disso ainda foi grande.

- Eu também tive uma visão – continuou ela. – e, nela, soube que minha mãe já foi a Arcon do Ocuslater.

- Arcon? – perguntaram os outros três.

- Pelo que parece, cada um de nós viu partes diferentes de uma mesma visão – contestou ela. – Na minha, minha mãe falava de Arcons, os possuidores dos Objetos.

- E, nas mãos, carregava um livro? – perguntou Ana cuidadosamente. Tony e Davi se viraram para ela, intrigados com o fato de ela saber isso.

- Sim – respondeu Tina. – Ela segurava *este* livro – E ela apontou para o livro no chão.

Tony apanhou o livro e disse a todos:

- As letras que estão nesse livro são as mesmas que estão no Askronogador.

Tina deu um sorriso maroto.

- Vêem como tudo está se interligando? A cada coisa que um fala, o outro tem algo a acrescentar. Se as letras que estão no livro são as mesmas que estão no Askronogador, significa que somente Tony consegue ler o livro.

- Isso me parece certo – assentiu Davi. – Mas, o que um livro faz aqui?

- Na minha visão – respondeu Tina. – a nossa mãe carregava esse livro, mas entregou-o a um homem que carregava o Askronogador uma certa hora.

- Mas, se sua mãe era a responsável pelo Ocuslater, e agora é você, Tina – disparou Ana. -, significa que a posse dos Objetos é... hereditária?

- Acertou em cheio, Ana – respondeu Tina. – Se eu estiver certa, então, o homem que segurava o Askronogador era o pai de Tony.

- E a mulher que segurava o Anskronogador era minha mãe! – acrescentou Ana.

- E é por isso que Ana é minha irmã! – comentou Tony. – Pois eu vi duas pessoas, um homem com o Askronogador e uma mulher com o Anskronogador!

- Certo – respondeu Ana. – Eu acordei sabendo que Tony era meu irmão, mas não sabia o porquê. Agora, tudo está claro.

- Mas, então, qual a razão de este livro estar aqui? – indagou Tony.

O que aconteceu em seguida foi surpreendente. Como se novamente guiados pela força invisível, apesar de não sentirem-na, os dedos de Tony começaram a se mexer involuntariamente em volta do Askronogador, apertando alguns botões.

- O que está fazendo, Tony? – perguntou Davi.

- Eu... eu não sei! – gritou Tony. – Meus dedos estão apertando o Askronogador sem eu fazer nada!

Tina então bateu na própria testa.

- É claro! – exclamou para si mesma. – Quando Tony fez a pergunta, seu instinto automaticamente começou a fazer a pergunta para o Askronogador!

- Automaticamente? – repetiu Tony.

- Sim! – garantiu Tina. – Não tente parar seu instinto, Tony. Deixe a força fluir livremente, e você terá a resposta.

De fato, a pergunta parecia trancar cada vez que Tony tentava impedi-la. Agora, com ele relaxado, ela conseguia fluir muito mais facilmente. Em menos de cinco segundos, sua mão já estava calma, parada ao seu lado.

E a resposta saiu do Anskronogador.

Do mesmo modo que na resposta realizada por ele quando Tony e Ana estavam na sala, a melodia era encantadora. Cada nota que era produzida por uma pequena e minúscula vibração das cordas saía afinada e coordenada, e Ana parecia fluir com as notas.

Quando o som parou por completo, ela falou a todos:

- É uma longa resposta.

Todos olharam fixamente para ela, esperando pela resposta.

- E esta está no próprio livro – concluiu ela.

Então, ela tomou o livro do chão e abriu numa página que, para os outros, pareceu ter sido escolhida ao acaso.

- Tenho que contar sobre a história dos Arcons.

Ela pigarreou e, como se soubesse ler aquelas letras estranhas tão bem quanto Tony, começou:

*Setéri. Um nome que pouquíssimas pessoas em toda a Terra já ouviram. Pela simples razão de que Setéri não é na Terra.*

*Setéri é um outro mundo, um mundo pequeno localizado a milhões e milhões de quilômetros da Terra. A distância, apesar de tudo, nunca foi um limite para quem realmente quis transitar entre os dois mundos. Há cerca de 30.000 anos Seterianos, quando Setéri não passava de uma imensa esfera desabitada, antigas forças criaram um portal. Pode se dizer que foi por acaso. Ou talvez não. E o portal continuou lá, sem que ninguém soubesse, por milhares de anos. Até que, há cerca de 10.000 anos, o primeiro homem passou pelo portal. E começou a criar sua vida lá, mas mantendo o lugar em segredo. Somente sete dos seus amigos mais íntimos, entre*

os quais estava sua esposa, sabiam da existência de Setéri. E todos foram viver lá, onde não havia corrupção ou escravidão, e onde a comida era abundante e a vida era boa. Em cerca de alguns anos, aldeias já povoavam grande parte do pequeno globo.

Durante centenas de anos, a secreta vida em Setéri se manteve estável e próspera. Descobertas incríveis, como a da Cidade do Céu (ver Cidade do Céu, página 10) e a da Cidade das Trevas (ver Cidade das Trevas, página 11) foram feitas.

Descobriu-se, por exemplo, que a distancia entre a Terra e Setéri varia de acordo com suas órbitas em relação à suas estrelas. Quando atingem pontos mais próximos, sabe-se que um humano que vá a Setéri pode viver até 10 vezes mais do que o normal; e, quando estão mais afastados, o tempo volta a ser o mesmo.

Essa descoberta foi revolucionária. A perspectiva de vida aumentada em 10 vezes foi uma notícia que se espalhou por Setéri num piscar de olhos, e o povo, que nunca vira a Terra, quis saber como andavam as coisas nela, e acima de tudo, como ela era. Com isso, houve um fluxo extremamente alto de pessoas indo e vindo de Setéri, e, por um tempo, tudo pareceu correr bem, mesmo com o segredo do outro mundo tendo sido quebrado.

Nesse ponto, a história foi esquecida e começou um período de lendas.

Diz-se que um homem, denominado Sinder Lacs, nascido e criado em Setéri, resolveu que se conseguisse controlar o tráfego entre os dois mundos, seria o comandante de ambos. Ele apelou para o deus das trevas, Naguer, que hoje não passa de um mito, que criasse objetos que pudessem lhe conceder o poder total. E, em troca, ele lhe daria sua alma. Desse modo, assim que os Oito Objetos Negros foram criados, todo pensamento bom que houvesse na cabeça de Sinder desapareceu, e só lhe restou o ódio. Sua vontade de dominar aos dois mundos cresceu e se tornou mais maléfica que antes. Mudou seu nome para Sífitar, “O Rei Duplo”, na língua arcaica falada em Setéri.

Ele começou a espalhar o caos e a dor por Setéri e na Terra, criando um período de sofrimento na Terra que hoje é responsabilizado pela peste negra, e em Setéri uma era chamada Era Lacsosônica.

Sacrimerge, o grande pássaro de fogo e deus Seteriano, resolveu que o único jeito de deter Sífitar seria criar uma armada que pudesse detê-lo. E, com isso, criou os Oito Objetos: o Askronogador, o responsável por tudo poder perguntar; o Anskronogador, irmão do Askronogador, o único capaz de responder suas perguntas; o Invilimer, bracelete da invisibilidade; o Ocuslater, que tudo vê; o Esrichilander, canivete místico que pode criar qualquer arma; o Felogor, pingente que sempre mostra o caminho a seguir; o Alorredor, chave que pode abrir qualquer porta; e a imbatível Coroa de Kanaiser, que pode controlar o tempo num raio de 200 metros. Diz-se que cada Objeto têm mais habilidades, muito mais poderosas, mas isso ainda é um mistério.

Os Objetos têm, como marca de poder e força, um símbolo que é conhecido em Setéri como “Horinus”, o Símbolo da Humanidade. O Horinus não pode ser usado, por leis Seterianas, em nenhum outro objeto ou lugar, por ser uma marca exclusiva dos Oito Objetos.

Sacrimerge, após desenvolver completamente os Objetos, entregou-os aos descendentes dos Oito primeiros habitantes de Setéri. Denominou-os Arcons (“Guerreiros de Arquen”), em homenagem ao primeiro reino Seteriano, Arquen, e ensinou-os tudo o que podia sobre o poder dos Objetos.

E a batalha começou. Ela é conhecida como a Batalha dos Dezesesseis, e durou cerca de 3 anos inteiros. Ao término do último dia do terceiro ano, Sífitar cedeu e os Oito Objetos Negros foram destruídos. A paz retornou a Setéri em alguns anos, e com o tempo, os poucos sobreviventes na Terra que sabiam da existência de Setéri esqueceram-na.

Tudo parecia bem.

Mas ninguém sabia que Sífitar havia deixado um herdeiro.

Muitos anos se passaram, e o conhecimento de Setéri pelos terráqueos somente se concentrava nos descendentes dos primeiros Arcons. O único Arcon que não tinha herdeiro era o Arcon da Coroa de Kanaiser, cujo um dos herdeiros havia morrido sem deixar descendentes. Desse modo, a Coroa foi enviada a um terráqueo que pudesse controlá-la razoavelmente, a cerca de 300 anos.

E este era um dos descendentes de Sífitar.

Sua habilidade com a Coroa era altíssima, tão alta quanto a habilidade de um herdeiro digno dela. E,

*apesar de ser herdeiro de Sífitar, este homem, denominado Xavier Lacs, nunca soube que fora descendente dele, e cuidou da Coroa sem saber do passado de sua família.*

*Tudo correu bem até 30 anos terrestres atrás, quando o último descendente de Sífitar, o americano Robert Lacs Crozonen, Arcon da Coroa de Kanaiser, e também o Arcon da América do Norte, se virou contra seus companheiros, os outros sete Arcons. Não se sabe como ou por que ele fez isso, mas ele começou, definitivamente, a seguir os passos de Sífitar. Mudou seu nome para Crozodon, que apesar de ser parte de seu sobrenome, significa em Setéri “Sombra da Alma”. Seu desejo, pelo que se descobriu, era se vingar dos humanos, o que logicamente parece não ter uma razão.*

*Enquanto ele dominava Setéri, seu ponto de partida, por ser um mundo muito menor e menos desenvolvido, os outros Arcons o atacaram. A batalha, desta vez, foi diferente da última guerra: nela, houve um confronto terrível, conhecido como “A Guerra dos Mortos”. Esta assim se chama por ter sido guerreada pelos mortos habitantes da Cidade do Céu contra os da Cidade das Trevas. Também houve a “Guerra das Bestas”, em que animais de toda a Setéri se juntavam para guerrear.*

*Nunca houve um vencedor. Mas pode se dizer que houve perdedores. Isso porque a guerra entre os Arcons e Crozodon terminou em empate. O poder de Crozodon aumentara a tal grau que se igualara ao poder de todos os outros Objetos juntos. Mas ele saiu pouco ferido. Já os outros sete Arcons saíram machucados e feridos – mais mentalmente do que fisicamente.*

*Porque os Objetos haviam parado de funcionar. Não reagiam nem emitiam mais sons. Derrotados e sem poder fazer nada, os Arcons voltaram à Terra, onde se puseram a esperar, enquanto Setéri era dominada por Crozodon.*

*Há cerca de 16 anos, algo começou a acontecer. Uma dor tão forte quanto um raio invadiu cada um dos Arcons, exceto Crozodon. Era um veneno. Um veneno que fora lançado dos próprios Objetos, quando estes pararam de funcionar. Desesperados, sabendo que iam morrer em pouco tempo, eles deixaram herdeiros. Se não deixassem, os Objetos estariam perdidos para sempre, do mesmo modo que Setéri, e isso não podia acontecer.*

*Os Samie, Arcons do Invilimer e do Ocuslater, foram a incrível exceção. Nenhum deles morreu, diferentemente dos outros. Pode ter sido porque eram mais jovens, na época da batalha; ou pode ser por muitas outras razões. Mas eles sobreviveram, e tiveram tempo de ter outra cria.*

*Agora, a missão dos Arcons é derrotar Crozodon e restabelecer a ordem. Não só em Setéri, mas na Terra também. Isso porque o domínio de Crozodon já está quase entrando na Terra, e também porque a instabilidade que há entre os Objetos hoje está começando a causar distúrbios que podem se tornar fatais.*

*A instabilidade entre os Objetos ocorre por dois motivos: o primeiro é a magia negra que domina a Coroa de Kanaiser. Essa magia cada vez mais separá-lo dos outros Objetos, e enegrece seu poder. O outro motivo é que alguns Objetos ainda não retomaram o seu poder, por seus Arcons ainda não terem conhecimento de seu poder e herança.*

*Arcons, vocês devem lutar. Devem viajar através do mundo, encontrando os outros Arcons e despertando seus poderes. Cada um deles estará em um continente. Vocês podem esquecer a América e a África, por serem, respectivamente, os continentes de Tony e Ana, e de Davi e Tina. E também a inabitada Antártida. Achem os Arcons. Juntos, vocês poderão ir à Setéri e podem derrotar Crozodon, para restabelecer a ordem que outrora houve. As letras desse livro se converterão à língua de quem ler a partir do momento que esse texto for lido.*

*E, por último, vocês têm uma missão em Setéri. Antes de enfrentarem Crozodon, vocês devem ir à Cidade do Céu.*

Ana parou de ler e deixou o livro suavemente cair das suas mãos, colidindo com o tapete no chão e criando um ruído macio. Ela estava pálida. Naquelas poucas páginas estava a explicação de tudo o que eles haviam lutado para descobrir naquele tempo todo. Todas as dúvidas, todas as teorias, podiam ser descartadas somente pela leitura daquele livro.

Ela olhou para o irmão e os amigos. Tony estava pálido, sentado sobre uma poltrona de tal jeito que parecia estar dormido de olhos abertos, escorregado para a frente. Davi estava sentado no chão, com a expressão facial semelhante à de Tony – abismada, pálida e incrédula. Tina estava de olhos fechados, parecendo estar atenta, a única que não estava pálida ou demonstrava surpresa. Um silêncio parecia contaminar o ambiente, deixando no ar um clima estranho.

- Bom – disse Tina, com a voz muito rouca, mostrando que mesmo que sua aparência em nada fora alterada, seu interior estava tão abalado quanto o dos outros. Ao quebrar o silêncio, todo aquele clima estranho sumira, e todos pareceram acordar de um sono profundo. -, esse livro era exatamente o que estávamos precisando.

Todos olharam para ela, sem falar absolutamente nada. Ana sentia como se seus lábios estivessem presos um ao outro magneticamente.

Tina continuou:

- Se tudo o que estiver escrito neste livro for verdade, nós temos a solução para nossos problemas.

Tony, então, soltou o verbo:

- *Solução?! Tina, este livro está dizendo que nós somos os responsáveis por salvar dois mundos inteiros. Você ouviu direito?!*

Tina balançou a cabeça.

- Eu estou falando do rapto dos meus pais, Tony. Se *você* – ela forçou a voz nessa última palavra. – ouviu direito, ouviu que o Invilimer pode deixar as pessoas invisíveis, e por acaso, o Davi, aqui, é o Arcon do Invilimer.

Tony obrigou-se a se calar. Se Tina estava mesmo falando somente do resgate, então, de fato, o Invilimer era a resposta para todos os seus problemas. Afinal, os Kronogadores podiam dizer onde os Jacob e os pais dela e de Davi estavam, e o Invilimer deixaria que eles entrassem no lugar que fosse sem serem vistos.

- Mas, e quanto ao fato de sermos os responsáveis por salvar... Setéri? – perguntou Davi à irmã, demorando a conseguir lembrar o estranho nome do planeta.

Tina respondeu prontamente:

- Não acho que seja difícil. Se todos os Objetos foram como os Kronogadores ou o Invilimer, será fácil. Podemos saber tudo, ou ficar invisíveis!

- Tina, pense bem – insistiu Davi, fitando-a. – Você acha que temos capacidade para salvar um planeta inteiro? Ainda por cima, com um bracelete, uma luneta e dois relógios? Se fôssemos o exército, ou estivéssemos armados de... sei lá, bombas atômicas... a coisa até que seria diferente, mas...

A garota olhou para baixo, parecendo estar tentando encontrar um argumento para bater o do irmão. Após alguns segundos, disse somente:

- Ana, por que você não lê as partes da Cidade das Trevas e da Cidade do Céu, como estava escrito no texto?

- Ah, é mesmo! – respondeu Ana. Então, conforme escrito no texto, ela abriu na página dez para ler sobre a Cidade do Céu.

Ela, então, pigarreou, e começou:

*A Cidade do Céu. Um lugar místico e incrível que se esconde entre as nuvens de Setéri.*

*Pode se dizer que a Cidade do Céu é uma parte do mundo dos mortos. Nela, todas as almas boas, tanto da Terra quanto de Setéri, podem descansar.*

*O conceito de “alma boa” pode ser difícil de descrever. Afinal, todas as pessoas, sem exceção, já*

*cometeram um alto maldoso, mesmo que mínimo: como contar uma mentira ou surrupiar algo de alguém. Mas uma alma boa é a alma que viveu em paz, como praticamente todas as pessoas.*

*Tem-se certeza de que a Cidade se localiza em Setéri, mas ninguém tem idéia em que parte do planeta ela está. Boatos dizem que ela se localiza sobre os oceanos, e está sempre se locomovendo; outros, dizem que ela encobre toda a Setéri como uma capa protetora.*

*Apesar de haver essa discordância de opiniões, um fato intriga a todos: qual o tamanho da Cidade do Céu? Afinal, existem humanos há muitos milhares de anos, e quase todos eram bons. Isso significa que a Cidade do Céu deve ser gigantesca. Deve conter muitos trilhões, ou até mais pessoas.*

*Arcons, não posso contar-lhes a localização da Cidade do Céu, pois há milênios sua localização vêm sendo mantida em segredo, e temo que, por mais cuidado que vocês tomem, este livro caia em mãos erradas. Mas, também, não há necessidade minha de contar-lhes a localização desse paraíso – afinal, vocês têm os Kronogadores.*

*Como dito anteriormente, vocês devem, a todo custo, chegar à Cidade do Céu. Vocês têm de, novamente, recrutar o exército de mortos, pois somente eles podem deter a força dos mortos da Cidade das Trevas.*

Ana parou de ler novamente e tentou organizar tudo em sua cabeça. Por que era tão crucial chegar à Cidade do Céu? Quem era o estranho escritor que tanto sabia sobre os Arcons e Setéri?

- Isso está ficando cada vez mais interessante.

Tina quebrou o silêncio novamente. Encarava todos, um sorriso travesso estampado em seu rosto.

- Cada vez mais sabemos sobre Setéri, pessoal. Pode até ser que seja difícil para nós essa missão de Arcons, mas se esse livro continuar a nos dar informações tão precisas, logo não haverá tantos problemas.

*Eu realmente queria pensar assim, pensou Ana. Tina estava tentando fazer pouco da situação. Nem com toda a ajuda do mundo a batalha para salvar um mundo seria fácil. Somente aquelas três palavras, salvar o mundo, já a deixavam arrepiada. Salvar o mundo era coisa de filmes e desenhos animados, com heróis fortes que sempre arranjavam uma solução e sabiam o que fazer. Eles eram crianças, pré-adolescentes, o que não fazia tanta diferença naquele momento.*

- Leia agora a parte da Cidade das Trevas, Ana – pediu Tina.

Com a voz rouca de tanto ler em voz alta, Ana assentiu e pigarreou umas duas vezes. Então, virou a página, e encarou o curto texto a alguns centímetros da sua face excepcionalmente pálida.

*Tal como a Cidade do Céu, a Cidade das Trevas também é uma parte do mundo dos mortos. Uma parte consideravelmente menor do que a Cidade do Céu, de fato, por terem existido muito menos pessoas más do que pessoas boas em toda a história. A Cidade das Trevas é domínio de Crozodon, e todas as almas que lá habitam o tratam como rei. Essa cidade se localiza no subsolo de Setéri, algo cientificamente impossível, pois apesar de terem havido menos pessoas más em toda a história, seu número ainda é grande, e a extensão dessa cidade deveria ultrapassar os limites da crosta Seteriana. Mas, tal como a Cidade do Céu, é um lugar mágico e místico.*

Aquele texto causou menos impacto em todos do que os dois últimos. Se a Cidade do Céu era

uma parte do mundo dos mortos, então era razoavelmente lógico pensar que a Cidade das Trevas era a outra parte.

- Tem algo mais a ser lido aí? – perguntou Tony, a cor voltando à sua face.

Ana folheou o livro.

- Sim, tem sim! – exclamou. – Aqui tem páginas com dados sobre todos os Objetos!

- Todos? – perguntou Tina.

- Inclusive os nossos! Acho que nós podemos ler para sabermos ainda mais do que já sabemos.

- Deixa que eu leio agora, mana – disse Tony. – Você já leu bastante.

- Obrigada Tony – respondeu Ana, estendendo o livro ao irmão.

E Tony começou a ler.

### O Askronogador e o Anskronogador

*É impossível falar do Askronogador sem também mencionar o Anskronogador, e vice-versa. Os dois têm uma ligação tão forte, tão precisa, que falar de um automaticamente diz respeito ao outro, e desse modo, falaremos dos dois juntos.*

*O Askronogador é um relógio grande, com proteção de ouro. Seu principal objetivo é o de perguntar o que seu Arcon deseja ao Anskronogador. Isso pode fazê-lo parecer menos importante, ou até pior – afinal, se ele somente pergunta, serve somente de intérprete. Mas isso está errado. Nunca subestime o Askronogador, porque ele pode acabar se tornando uma arma poderosíssima se bem usado.*

*A pergunta formulada no Askronogador é muito complexa. Pode se dizer que os símbolos a sua volta são semelhantes aos símbolos kanji, as letras originárias da cultura chinesa. Cada kanji representa algo, não como uma letra, que somente formula a palavra – o kanji pode ser considerado, às vezes, a própria palavra. E é de modo parecido que os sinais ao redor do Askronogador funcionam. Às vezes podem significar uma coisa – às vezes, outra; e às vezes podem simplesmente significar letras. Por esta razão, somente o Arcon capacitado do Askronogador têm a habilidade de interpretar seus símbolos corretamente e redigir a pergunta de maneira completa.*

*A pergunta, então, é passada ao Anskronogador através de uma corrente invisível que une os dois Kronogadores. Essa corrente é a ligação mística entre ambos, por isso, caso a corrente seja interrompida ou quebrada, a mensagem não poderá ser passada.*

*Ao chegar no interior do Anskronogador, a pergunta se espalha entre os dois ímãs localizados próximos ao centro do Objeto. As partes “positivas” da pergunta entram no ímã “A”, enquanto as partes “negativas” entram no ímã “B”. Não existe, de fato, essa denominação. É somente um jeito de tentar explicá-las como cada micro-mensagem é dividida no Anskronogador.*

*Mas isso não significa que a pergunta é “destruída”. Ela continua tão inteira quanto antes, apenas se dividiu de uma maneira compreensível ao Anskronogador.*

*Quando os dois pólos já estão completos, começa a haver uma atração e uma retração entre os dois ímãs, que ocorre devido a um magnetismo especial existente entre as partes “negativas” e “positivas” da pergunta. Esse movimento transmite pequenas vibrações entre as cordas acima dos ímãs, o que cria um som semelhante àquele que sai de um violino.*

*Acaba que o conjunto de sons cria uma espécie de canção. E essa canção contém a resposta da pergunta feita. As respostas podem variar de acordo com o tempo, e isso significa que o lado “positivo” e “negativo” da pergunta vão ser diferentes do que da última vez. Somente o Arcon do Anskronogador tem como entender a música direito.*



Tony terminou de ler com um suspiro. O texto não explicava sobre como usar os Kronogadores – e sim sobre como eles funcionavam. Ele já suspeitara daquilo. Afinal, os Arcons eram os Arcons, e já sabiam usar seus Objetos – aquele livro simplesmente explicava mais cientificamente sobre como os Objetos faziam o que faziam.

Ninguém dizia nada. Não era exatamente lógico aquilo tudo que fora lido, mas de certo modo fazia sentido.

- Leia o texto do Invilimer, Tony, por favor – pediu Tina, e a sua foi a única voz que se ouviu entre o término do texto dos Kronogadores e o início do texto do Invilimer.

### *O Invilimer*

*Um dos Objetos mais misteriosos e poderosos entre os Oito Objetos, o Invilimer, como seu nome sugere, possui o poder da invisibilidade. É um bracelete de ouro que só cabe no punho de seu Arcon e de mais ninguém.*

*Ao se integrar com seu dono, se torna o equivalente a uma parte do corpo dele. O Invilimer é abastecido de oxigênio como qualquer tecido do corpo, e se alimenta do mesmo modo que qualquer célula. Mas não pode ser considerado um parasita.*

*A razão de o Invilimer precisar ser tão integrado a seu Arcon é o fato de que a invisibilidade deve ser adquirida por todas as células dele sem exceção. Por isso, não pode ser um acessório à parte. Se o corpo não reconhecer a integração do Invilimer a ele de maneira pacífica, o Arcon jamais ficará invisível.*

*O Invilimer não ensina ao Arcon como ficar invisível. Esse conhecimento místico está oculto nas partes mais profundas de cada célula do corpo. É um conhecimento que pode ser considerado esquecido. O que o Invilimer faz é despertar esse conhecimento. E, uma vez que ele for liberado, cada vez será mais fácil ao Arcon se tornar invisível.*

*Mas o Invilimer também pode fazer outras pessoas se tornarem invisíveis. Mas não como se fossem seu Arcon – o Arcon do Invilimer que pode ajudar outras pessoas a adquirirem a invisibilidade. Isso é estranho, pois o Invilimer jamais se conectou a elas, e, portanto, deveria ser reconhecido como um vírus ou bactéria malfeitora pelo corpo do indivíduo. A única teoria plausível é a de que o corpo do Arcon do Invilimer reconhece tais pessoas como amigos, e pode dividir sua habilidade com elas.*

Aquele texto enojou a Tina e Ana de certo modo, mas não alterou em nada o estado de Davi. Aparentemente, sendo ele o Arcon do Invilimer, tudo aquilo já era sabido por ele, mas Ana e Tina pareceram não gostar da “integração” do Objeto ao seu Arcon.

- Ele vira uma parte do corpo? – exclamou Ana, olhando para Davi.

- Eu nunca tinha notado isso antes, mas agora vejo que sim, de certo modo – respondeu ele.

- E... e isso não machuca, ou incomoda de algum jeito? – perguntou Tina, o rosto retorcido.

- De jeito nenhum. Incomoda tanto quanto nossa pele, ou nosso nariz.

- Ah... – disseram as duas juntas, se entreolhando, e concluindo suas perguntas.

Então Tony se virou para o amigo e, curioso, perguntou a ele:

- Davi, como se ativa a invisibilidade?

Davi sorriu. Parecia já estar esperando aquela pergunta.

- Para eu me tornar invisível, basta eu encostar uma das minhas mãos no Invilimer. Mas, para deixar a outras pessoas invisíveis, todas têm que tocá-lo ao mesmo tempo.

- Só isso? – quis saber Tony, surpreso com a simplicidade. Até alguns segundos atrás, achara que era necessário algo como um código, para deixar mais difícil. Davi meramente

assentiu.

- E agora – disse Tina sorridente, em voz alta. – falta só o texto do meu Ocuslater!

Tony olhou para ela e assentiu brevemente. Então, abriu o livro na página que mostrava o nome do Objeto.

### *O Ocuslater*

*O Ocuslater é uma luneta pequena. Seu poder é o de permitir ver através de outros objetos, e também de ver lugares a distâncias ilimitadas.*

*Pode se dizer que sua habilidade seja a mais difícil de entender. Afinal, é muito difícil entender como ele pode ver qualquer lugar, ou através das coisas (para que ele possa fazer isso, uma de suas partes, a mais da frente, deve ser estendida ao máximo, praticamente dobrando o tamanho do Ocuslater). Pesquisas em Setéri sugerem que, ao ser usado, o Ocuslater libera uma espécie de onda magnética à uma velocidade muito superior à da luz, que diminui os espaços entre átomos por todo caminho a ser visto. Com isso, a visão aguçada das lentes do Ocuslater pode passar entre esses átomos afastados.*

Apesar de o texto do Ocuslater ser o menor texto tratando dos Objetos, foi um dos que mais causou impacto entre os quatro Arcons. Ele liberava uma onda mais rápida que a luz, que podia separar átomos! Isso era incrível. *Para uma intelectual como Tina, pensou Ana, deve ser uma mina de ouro científica.*

Mas Tina não falava nada sobre como era incrível o funcionamento de seu Objeto. Estava calma, parada e séria, e, nisso, Tony se lembrou do estado de Davi após ele ler sobre seu Objeto.

*Eles sempre ficam calmos...*, pensou. Era como se não gostassem de falar muito sobre seus Objetos, ou simplesmente não achassem necessário.

Sem terem mais nada de importante para lerem no livro, Tony o fechou e o colocou com cuidado sobre a mesa. Então, sentou-se mais confortavelmente e olhou para todos, que pareciam pensativos.

- Bom, agora temos mais do que o suficiente para resgatarmos seus pais – disse, animado, para Davi e Tina. – Com os Kronogadores podemos saber onde eles estão, podemos ver onde estão com o Ocuslater, podemos chegar lá invisíveis...

Os olhos de todos se arregalaram, e eles fitaram Tony parecendo surpresos.

- Que foi? – Tony perguntou, espantado.

- Você é um gênio! – exclamou Tina. – Tudo o que você disse é verdade! Com nossos Objetos, podemos resgatá-los facilmente!

- Ah, é... – murmurou Tony, encabulado.

- Podemos ver onde eles estão agora mesmo! – continuou Tina. – Usem os Kronogadores!

Sorrindo com a aceitação de sua idéia, Tony concentrou-se e rapidamente atingiu um estado de calma, ideal para o uso do Askronogador.

*Onde estão os pais de Davi?* era a pergunta que ia de um lado para outro na sua cabeça, enquanto seus dedos da mão direita ficavam acima do Askronogador, sentindo sua superfície fria e lisa.

Então, repentinamente, seus dedos começaram a se mexer sozinhos. Mas algo estava

diferente da última vez. A cada botão apertado, ele visualizava a pergunta em sua mente, cada letra sendo excluída. Era como se a cada letra que “entrava” no Askronogador, uma saía da sua cabeça.

Finalmente, a pergunta se concretizou. Num choque, ele saiu do estado de espírito, e viu Ana, à sua frente, com o Anskronogador alto. Seus olhos estavam fechados.

A melodia saiu de leve, vagorosamente, preenchendo todo o espaço com seu som. Os ouvidos de Ana estavam apurados, captando cada mínima vibração no ar.

Novamente, assim que o menor vestígio da música desapareceu, ela abriu os olhos. Ficou alguns segundos com a expressão séria e os olhos frios, até que, de repente, seus olhos se arregalaram, o rosto empalideceu, e a boca se abriu.

- O-O que foi, A-Ana? – perguntou Tina, assustada com o comportamento da amiga.

- Eu sei onde estão seus pais – Ana respondeu, depois de um tempo.

Davi e Tina se inclinaram para Ana.

- Onde estão? Onde eles estão?

Ana então respondeu.

- Eles estão em Setéri.

# CAPÍTULO NOVE

## A Jornada

A mensagem ficou no ar, pairando como uma nuvem de desesperança. Davi e Tina não haviam se mexido desde o momento em que haviam se inclinado para frente, fitando Ana. Sua expressão ainda não havia mudado. Os mesmos sorrisos ainda marcavam suas faces, mas a felicidade havia desaparecido. Seus olhos tremiam e oscilavam, como se seus donos não pudessem acreditar no que haviam acabado de ouvir.

Tony encarava a irmã. Era impossível que os Jacob tivessem chegado a Setéri. Impossível. Eles teriam que saber onde ficava o portal, mas como eles poderiam saber se nem os próprios Arcons, eles, sabiam?

A não ser que... eles conhecessem o Mestre das Trevas, Crozodon. Um ex-Arcon, que havia ido da Terra a Setéri... Ele com certeza sabia onde estava o portal. Mas... então os Jacob estavam trabalhando para ele? Não, aquilo seria impossível... ou não? Se Crozodon ansiava por mais poder, poderia facilmente enganar a duas pessoas normais para que conseguissem os Objetos para ele! Tudo fazia sentido! Além disso, Tony ouvira, naquela conversa secreta dos Jacob no acampamento, o nome *Mestre*... Ele podia muito bem ser Crozodon.

Quando Tony foi comunicar aquilo aos amigos, Tina se desmanchou em lágrimas. De uma só vez, sem mais nem menos, e, de relance, ele pôde ver, por baixo da inteligência e da maturidade, uma garotinha pequena, triste que não devia estar passando por tudo aquilo. Por alguns instantes gloriosos, Tina teve certeza que iria achar seus pais de volta, mas descobrir que eles estavam em Setéri foi, para ela, como se tivesse sabido que eles haviam morrido. Mas eles não haviam. Estavam cansados, maltratados, mas estavam vivos. E estariam do mesmo jeito por mais uma semana.

Ana se ajoelhou ao lado de Tina, o rosto fino e a boca pequena, parecendo não saber o que falar para a amiga.

- Tina... – foi tudo o que conseguiu dizer, botando a mão sobre o ombro dela.

Tina continuava a chorar. Parecia que nada no mundo conseguiria fazê-la parar. Tony pensava furiosamente em algo para dizer a ela, para acalma-la.

- Tina, eu sei como chegarmos a seus pais.

Vagarosamente, ela foi parando de chorar. Então, se levantou e Tony pôde ver o rosto dela de frente: estava avermelhado, molhado e os olhos estavam fechados. Soluçava.

- Você... você sabe?

- Nós temos os Kronogadores, não temos? Portanto, só precisamos perguntar a eles!

A esperança parece voltar ao corpo de Tina. Seus soluços cessaram – a camada molhada em volta de seu rosto endureceu. Um sorriso – apesar de mínimo – surgiu.

- É... é, verdade – murmurou ela, voltando a se sentar em sua poltrona.

- Bom, desse modo, não temos tempo a perder! – exclamou Ana. – Com um prazo de somente uma semana, cada segundo é crucial, não acham? Tony, digite a pergunta!

Concordando com a irmã quanto ao tempo, Tony rapidamente realizou o ritual de perguntar ao Askronogador como chegar aos pais de Davi.

A resposta foi totalmente diferente da pergunta em termos de tamanho. A pergunta havia sido pequena, simples. A resposta durou alguns minutos. Todos olhavam para Ana, pensando como ela lembraria de tudo o que estava sendo “dito” pelo Anskronogador.

Finalmente, ela respondeu.

- Nunca vi uma resposta assim difícil de entender. Pelo que eu entendi, só poderemos chegar à Setéri caso todos nós, os Sete Arcons restantes, estivermos juntos. Então...

- Juntos?! – interrompeu Davi. – Temos uma semana para achar os outros Arcons num mundo de mais de 6 bilhões de pessoas!

- Isso é verdade – concordou Ana. -, mas não temos algumas coisas com o que nos preocupar. A primeira é que sabemos, de acordo com o livro, que cada Arcon desses restantes está em um continente, que não é nem a América (pois eu e Tony somos os Arcons da América), nem a África (porque vocês dois são os Arcons de lá), e nem a Antártida. Portanto, só sobraram a Europa, a Ásia e a Oceania. O outro fator, logicamente, é que temos os Kronogadores do nosso lado.

- Bom, a soma de número de Arcons de cada continente, considerando que Crozodon é o Arcon da América do Norte dá oito, o que está certo – comentou Tina. -, portanto, o que você disse está certo Ana.

- Mas, como vamos viajar pelo mundo para achar esses Arcons?! – insistiu pessimistamente Davi. – Não temos dinheiro, nem somos maiores de idade, nem nada parecido! Os Objetos, que eu saiba, não podem nos fazer voar!

- Nada mais fácil, Davi – respondeu Ana, marota. – A resposta ao que você acabou de dizer foi a que mais levou tempo a ser respondida pelo Anskronogador. Só existe um jeito de conseguirmos viajar: como clandestinos. O Anskronogador sugeriu que usássemos – e essa parte foi interessante – seu Objeto, o Invilimer, para nos tornarmos invisíveis e entrar clandestinamente num avião.

- Para onde? – perguntou Tony.

- Para a França – respondeu Ana. – O Arcon europeu é francês. Seu nome é Jean Jacques, um garoto parisiense rico de 16 anos.

- Certo, então – Tony pôs a mão sobre o queixo e tentou recapitular tudo o que Ana dissera. – Mas, se nos escondermos num avião, com certeza acabaremos esbarrando e alguém, não acham? Aeromoças, passageiros... é sempre um tráfego alto de pessoas dentro de um avião.

- Bom, o Anskronogador não disse nada sobre isso – admitiu Ana. -, mas eu acho que sei onde podemos ficar.

- Onde? – perguntaram os outros três em uníssono.

- No compartimento de bagagens – respondeu Ana. – O lugar só é usado na entrada e saída de bagagens, e fica a viagem toda lacrado. Se coordenarmos bem o tempo, podemos entrar e sair sem que ninguém nos veja.

- Parece arriscado – comentou Davi.

- E é – concordou Ana. – Mas é o único jeito. E não podemos perder mais tempo. Concordamos todos em seguir esse plano? – ela estendeu a mão à frente.

- Eu concordo – afirmou Tony, botando sua mão sobre a dela.

- Conte comigo – respondeu Davi, botando sua mão acima da de Tony.

- Comigo também – finalizou Tina, completando a torre de mãos com a sua, menor.

- Bom, primeiro temos que saber o horário da viagem mais próxima de hoje para Paris – disse Tina, se sentando de volta em sua poltrona.

- Certo – respondeu Tony, estendendo o Askronogador e perguntando.

A resposta veio rapidamente do Anskronogador e terminou tão rápido quanto começou. Apesar disso, Ana custou a responder.

- O que foi, Ana? – perguntou Tony.

- É que o vôo mais próximo... é só amanhã! – exclamou ela.

- Amanhã?! – repetiu Davi. – Não podemos esperar tanto tempo! Temos que *já estar lá* amanhã!

- Eu sei disso... – murmurou Ana de volta. – Mas não sei o que fazer!

Todos se puseram a pensar.

- Ei... eu sei! – exclamou Tina repentinamente.

Todos os olhares se voltaram à ela.

- Você sabe?! – Davi indagou incrédulo. – Desembucha logo, mana!

- Bom – disse Tina. – Na escola, num trabalho que a gente teve de fazer, eu lembro de ter visto, num *site*, mas só de relance, uma informação sobre um trem europeu que vai de Londres a Paris, chamado... acho que era *Eurostar*.

- Entendi! – exclamou Ana. – Se houver um vôo hoje para Londres, pode ser que a gente consiga estar em Paris amanhã!

- Então, vejam logo se há um vôo para Londres! - exclamou Davi, a tensão se espalhando pelo seu rosto.

Tony assentiu e, sem dizer uma palavra sequer, perguntou ao Askronogador.

- Perfeito! – gritou Ana, quando a resposta saiu do Anskronogador. – Um vôo para Londres sai hoje do aeroporto de Guarulhos, daqui a três horas!

- Ótimo! – Tina exclamou, compartilhando a alegria de Ana. – É o tempo que precisamos para organizar algumas bagagens.

- Bagagens?- perguntou Davi.

- Claro! – respondeu Tina. – Precisamos ter algumas coisas como dinheiro, roupas, comida, para levarmos! Não podemos sair por aí sem nada.

- Então, cada um leva uma coisa diferente – disse Tony para os outros. – Tina, você leva a comida. Davi, você leva dinheiro e coisas como escovas de dente, etc. Ana, você leva livros, guias, esse tipo de coisa. Leve esse livro aqui também. Ele pode ser mais útil ainda, no futuro. Eu levo as roupas e os objetos de navegação, como bússolas.

- Eu posso levar uma agenda eletrônica para anotar o que acontecer conosco? – pediu Tina.

- Pode, claro que pode – respondeu Tony.

Naquele momento, ninguém estranhou a liderança de Tony, que crescia a cada situação difícil.

Eles ficaram meia hora arrumando as mochilas de acordo com as ordens de Tony. Cada um levaria somente uma mochila – eles tinham que carregar a menor quantidade possível de coisas, para facilitar seu caminho. Finalmente, eles se reuniram na sala de estar novamente.

- Estamos prontos – informou Tina. – Se partirmos para o aeroporto agora, podemos chegar lá enquanto as pessoas fazem o *check-in*, e aí podemos entrar no compartimento de bagagens seguindo as bagagens delas.

- Nossa, essa idéia é perfeita! – exclamou Davi, a boca aberta revelando seu espanto em relação à idéia da irmã.

- Valeu, Davi – agradeceu Tina. – Eu estou com a comida do Salada aqui, de modo que podemos deixar ele aqui sozinho por uns tempos. Agora, vamos abrir a porta.

Tony assentiu e se dirigiu à porta.

Ao chegar perto da maçaneta, algo de estranho aconteceu com ele. Um peso enorme começou a preencher sua cabeça, e ele parou de ouvir. Era o peso da responsabilidade. Era a consciência de que eles eram os Arcons, os *únicos* capazes de salvar Setéri de Crozodon; os únicos capazes de salvar os pais de Davi e Tina. Em uma semana, somente uma semana, eles teriam de percorrer o mundo todo encontrando pessoas, e para isso, teriam de se esconder em lugares como compartimentos de bagagens. O garoto normal que Tony uma vez, num tempo que lhe parecia ser muito distante, mas que, na verdade, fora há pouco tempo, desaparecera. Sua vida, daquele momento em diante, seria a mais anormal possível.

Então, o peso desapareceu. A cabeça de Tony voltou ao normal; e ele pôde voltar a ouvir as coisas. E, apesar de o peso ter ido embora, deixara seu rastro para trás – a consciência na cabeça de Tony.

Ele então remexeu a cabeça, tentando voltar ao normal. E girou a maçaneta da porta à sua frente.

- Está trancada! – exclamou.

Tina se adiantou até ele.

- É, é mesmo... bom, se a porta está fechada... a única saída são as janelas.

Ela fitou a grande janela a poucos metros dela.

- Uma boa pancada deve partir esta janela – continuou ela. – Mas, para isso, a gente precisa de algo pesado.

- Que tal o pote de chaves? – sugeriu Davi. – Ele é de pedra, e é pesado o bastante para fazer um buraco na janela.

- Boa idéia – concordou Tina, se abaixando e pegando no chão um pote de pedra. – Certo, saiam de trás... – ela andou para trás, o pote na mão direita preparada. – E... vai!

O pote voou num arco até atingir a janela. Por um instante mínimo, eles quase puderam ver a janela se amassando com o golpe, mas depois, num estrondo, ela se partiu, lançando pedaços de vidro para todos os lados, exceto na direção de que viera. Apesar disso, o instinto dos quatro Arcons os levou a proteger os olhos.

Finalmente, quando o títular dos cacos caindo no chão cessou, eles se atreveram olhar o que acontecera com a janela. De fato, ela havia se partido, revelando um buraco uniforme que servia de entrada para a luz solar.

- O buraco ainda não é grande o bastante – comentou Ana, imaginando a ela mesma passando por aquele buraco.

- Eu posso tentar quebrar a janela a partir daquele buraco – sugeriu Tony, correndo até o outro lado da sala e pegando uma bengala que pertencia ao Sr. Samie.

Ele ficou frente a frente com a janela, as mãos suando e apertando a bengala. Num grunhido de força, Tony saltou e golpeou a janela. Mas, assim que a ponta da bengala atingiu o vidro, ele se surpreendeu com a solidez dele. Não era tão fácil de quebrar como ele vira nos filmes no Orfanato.

Apesar disso, sua força fora suficiente para partir ainda mais o vidro. A bengala o destruiu pouco a pouco, até que um buraco maior, um pouco mais alongado verticalmente que o outro, surgiu.

- Só preciso de mais um golpe – disse Tony, mais a si mesmo do que aos outros.

E, dessa vez, golpeou o vidro na vertical, praticamente jogando a bengala nele. O

resultado foi que o vidro, já fraco depois de dois golpes fortes, cedeu, e se destruiu quase que por completo.

- Agora eu acho que está melhor – Tony olhou para a janela e contemplou o céu.

Então, ele voltou para perto dos outros e colocou sua mochila nas costas.

- Vamos pular.

Um a um, os quatro Arcons saíram da casa.

Todos estavam no quintal. A rua estava vazia, e não se ouvia praticamente som nenhum. As folhas das árvores seguiam a direção do vento, e algumas o acompanhavam em seu caminho. Olhando-as, Tony desejou ter alguém a seguir. Mas, infelizmente, ele deveria traçar seu próprio caminho, ao lado de seus amigos.

- Bom – anunciou. -, temos um longo caminho a seguir, certo? Bom, Tina, qual é nosso primeiro passo?

- A gente deve ir ao aeroporto – respondeu Tina. – Pra isso, precisamos pegar um táxi, ou coisa parecida. E também precisamos saber exatamente onde será o *check-in* do voo que a gente quer ir, senão podemos acabar indo pra qualquer outra parte do mundo.

- Os Kronogadores cuidam dessa questão – disse Ana. – mas, para o táxi, precisamos de dinheiro.

- Eu... tenho o dinheiro – Davi falou baixinho. Não era de seu gosto usar suas economias.

- E tem um ponto de táxi na outra esquina – Tina apontou para a direita.

- Bom, então vamos! – Ana exclamou, alegre.

E os Arcons se foram, para sempre, da casa dos Samie.



# CAPÍTULO DEZ

## Embarque

- Certo, fiquem quietos todos – pediu Tony.

- Onde mesmo que o Anskronogador falou para a gente ir? – sussurrou Davi à Ana.

- Pra lá, na frente do homem de verde – apontou ela.

Estavam os quatro no Aeroporto de Guarulhos. Escondiam-se num canto mais afastado da multidão, pela qual passavam pessoas de todos os jeitos e costumes.

Eles observavam a esteira por onde as malas eram levadas até o compartimento de bagagens do avião. Por um instante fugaz, Tina cogitou a possibilidade de o Anskronogador ter errado a resposta, e, desse modo, eles estariam indo cegos até alguma parte qualquer do mundo. E, inconscientemente, esse pensamento ocupava a cabeça dos quatro.

- Bom, então, temos que ficar invisíveis e correr lá para a esteira num intervalo entre um passageiro e outro... – murmurou Davi. – Vocês sabem que eu nunca fiquei invisível antes... Não sei se vai dar certo.

- Se não fosse dar certo – replicou Tony. – o Invilimer não estaria no seu pulso e sim no de outra pessoa. Mas, tudo bem. Tente a invisibilidade com você antes de tentar com todos nós.

Davi assentiu. Encarou o próprio pulso demoradamente, enquanto as luzes do teto se refletiam no bracelete dourado. Finalmente, Davi começou a entrar numa espécie de transe.

Tony reconheceu imediatamente aquele transe. Era o mesmo transe em que ele e Ana entraram na primeira vez que usaram os Kronogadores, e que com o tempo foi ficando cada vez menor.

Então Davi pôs a mão sobre o Invilimer. Fora um movimento ágil, preciso e estranhamente incomum. Surpreso, Tony se concentrou no pulso do garoto, esperando ver o que acontecera, mas antes mesmo que pudesse desviar seus olhos dos de Davi, esse já se tornara invisível.

- D-Davi? – Tina perguntou, inquieta, para o vazio à sua frente. – Você está aí?

- Estou! – uma voz ansiosa, contente e surpresa respondeu.

- Eu consegui! – exclamou ele. – Funcionou perfeitamente! Não há nenhum vestígio de nada meu aqui!

- Certo – disse Tony, tentando não se excitar com a descoberta como os outros. – Agora, Davi, veja se consegue sair da invisibilidade, e aí todos nós podemos ficar invisíveis.

- OK – foi tudo o que Davi respondeu, e eles deixaram de ouvi-lo. Nem sua respiração, em geral ruidosa, era perceptível. Era como se Davi tivesse sumido de lá.

Então, num baque bacio, ele reapareceu, com a mão sobre o Invilimer.

Tony sorriu, orgulhoso, para o amigo. Pôs a mão sobre seu ombro.

- Lega mesmo. No três, todo mundo bate a mão sobre o Invilimer. Prontos? – perguntou aos outros três.

- Prontos – eles responderam em uníssono.

- Então, um, dois e... três!

O movimento do ar sendo cortado indicou que todos haviam deixado suas mãos caírem sobre o pequeno objeto de ouro. Em menos de um segundo, nenhum integrante do grupo era mais visível.

Era extraordinário. Tony se sentia como se estivesse em outro mundo. Ele sentia um estranho, porém leve, formigamento, percorrer seu corpo. Sua visão havia mudado – tudo parecia diferente, e esta estava um pouco mais embaçada. Até a temperatura do ambiente era diferente. Tudo estava um pouco mais abafado, e os sons eram mais lentos. Apesar de tudo, ele se sentia bem.

Então, ele ouviu uma voz nas suas costas. Espantado, se virou, e, para seu assombro supremo, viu perfeitamente a Ana, Davi e Tina; diferentemente do resto, eles não estavam embaçados ou parecendo haver mudado.

- Eu... eu posso ver vocês! – exclamou.

- Então, mais uma característica boa do Invilimer – comentou Davi, fitando o Objeto com orgulho. – Invisíveis podem se ver.

- Vocês notaram que está tudo meio embaçado? – perguntou Ana.

- Sabe, da primeira vez que eu fiquei invisível, agora há pouco, eu notei isso – respondeu Davi. – Mas, agora, dá pra ver tudo perfeitamente. Um formigamento estranho também sumiu.

- Hm... – murmurou Tina. – Isso significa que tudo fica melhor na próxima vez?

- Pode ser – respondeu Ana. Então, seus olhos saltaram e ela pareceu lembrar de uma coisa. – Gente, temos que correr! Anda, vamos entrar logo no avião!

- Ah, é mesmo! – exclamou Tina. – Eu fiquei tão entusiasmada com a invisibilidade que quase esqueci... Bom, vamos!

Davi e Tony assentiram e correram até perto da fila do *check-in*. Era preciso tomar muito cuidado para não esbarrar em ninguém, pois a pessoa em questão não os veria para poder desviar.

Quando todos os quatro estavam juntos de novo, Tina lembrou:

- Não se esqueçam... no intervalo entre uma pessoa e outra.

E eles esperaram. Havia uma mulher terminando de fazer o seu *check-in*, colocando suas malas na esteira. Engolindo em seco, Tony seguiu com o olhar uma mala vermelha em particular, e, preocupado, pensou pelo que eles teriam de passar até chegar no avião.

- Agora! – sussurrou uma voz, fazendo-o escapar de seus pensamentos.

Ana e os outros estavam pulando para dentro na esteira. Então, ele pulou também, bem a tempo de escapar de uma mala que já estava sendo posta.

- Primeira parte concluída – sussurrou Tina.

Tony caminhou, agachado, até perto dos outros. Era muito estranho andar sobre uma esteira em movimento, e ele se viu perdendo o equilíbrio algumas vezes.

Então, ele pôde visualizar uma cortininha azul, poucos centímetros a sua frente. Ele jamais havia visto muito bem o interior do aeroporto, mas tinha uma noção básica de que, ao atravessar aquela cortininha, estaria em direção ao compartimento do avião e não havia volta. Ao passar aquela cortina, podia estar deixando o Brasil para sempre.

Teve de se espremer para conseguir passar pelo pequeno espaço preenchido pela cortina. E, assim que sua cabeça deixou o pedaço de pano cair suavemente atrás dele, ele soube

que não havia mais como ser impedido de viajar pelo mundo para salvar não só os pais de Davi e Tina, mas também Setéri.

- Bom, essa parte pode ser um pouco difícil – comentou Tina. Tony se aproximou ainda mais dos outros, o coração acelerado. – É um extenso conjunto de esteiras, portanto, segurem-se firme!

E, pela primeira vez depois de ter deixado a cortininha para trás, Tony olhou para o lugar em que estava.

Seu queixo caiu.

Era uma câmara enorme, com esteiras como a que ele, Ana, Davi e Tina estavam. Malas de todas as cores e tamanhos caíam por escorregadores, e tudo estava escurecido.

- Nossa – foi tudo o que conseguiu dizer.

Naquele momento, uma guinada para baixo obrigou-o a desviar seus olhos das esteiras ao seu redor. Ele mesmo estava descendo por um escorregador daqueles, e, por instinto, suas mãos agarraram as bordas da esteira.

Ninguém dizia nada. Era necessário prestar atenção a esteiras que passassem perto demais de suas cabeças, ou então de escorregadores e desvios. Porque, se se desviassem uns dos outros, a missão estaria arruinada. Não havia tempo para olhar nada que não fosse extremamente importante.

Finalmente, após alguns minutos, eles puderam ver outra cortininha. Ainda estava alguns metros à frente, mas era perceptível que ela era a sua saída daquela sala.

Numa escorregada rápida, o primeiro integrante do grupo, Davi, saltou para fora da esteira. Tina foi a próxima, seguida de Ana, e Tony finalmente pulou para fora.

E ele caiu numa grande caixa, cheia de malas. Aparentemente, as malas eram deixadas lá antes de serem enviadas ao avião. Ele olhou em volta. Estava numa grande área aberta, onde o céu revelava os mais claros tons da tarde. Aviões estavam estacionados por toda a sua volta. Seus amigos já estavam fora da caixa, olhando para ele, sorrindo levemente.

Ele, então, saltou para fora, bem a tempo de evitar uma mala que devia estar logo atrás dele. Olhou para os olhos de cada um dos outros, se sentindo bem. Um sorriso surgiu em seu rosto. Uma leve brisa passava por todos eles, e os quatro puderam sentir uma determinação crescer dentro deles. Sem perceber, Tony fechou os punhos, e olhou fixamente para o horizonte.

- A pior parte passou – suspirou Tina, e se deixou cair no chão, cansada. – Agora, só temos que sobreviver ao compartimento de carga.

- Não deve ser difícil – pensou Davi. -, mas antes temos que chegar nele. E como vamos fazer isso?

- Ah, não se preocupe – respondeu Tina, fechando os olhos e deitando-se no chão. – Carregadores levam as malas até o avião. Só temos que esperar eles aparecerem, e então seguimos eles até o avião.

- Uah! – Ana se espreguiçou. – Foi desagradável ter de ficar encolhida naquela esteira.

- É mesmo – respondeu Davi. – Mas a Tina disse que a pior parte já passou, então, sem problemas.

E então os homens que levariam as malas até o avião chegaram. Vinham com um grande caminhão branco. Sem ver os Arcons, abriram o compartimento do caminhão e começaram a colocar as malas lá dentro.

- Todos fiquem preparados – alertou Tony. – Assim que eles terminarem de colocar as malas lá, corram no mesmo caminho que eles até o avião.

- Certo – responderam os outros, atentos.

Depois de alguns minutos, todas as malas que estavam na caixa já haviam sido depositadas no caminhão. Os homens, então, voltaram para a cabine do caminhão.

- Agora! – exclamou Tony no exato momento em que o caminhão começou a se mexer.

Todos os quatro se puseram a correr, tentando acompanhar o ritmo do caminhão, que ia a uma velocidade superior a 20 quilômetros por hora. Desse modo, quando eles finalmente conseguiram chegar no avião, o caminhão já estava lá e os homens já depositavam as malas numa esteira, que subia até dentro do compartimento de carga.

Tony se agrupou com os outros e sussurrou:

- Vamos fazer do mesmo modo que fizemos para entrar na esteira do *check-in*. No intervalo entre uma mala e outra, nós pulamos. Vamos na mesma ordem em que fomos naquela esteira – Davi, Tina, Ana e eu.

Os outros concordaram em minúsculos movimentos de cabeça e fixaram seus olhares na esteira silenciosa.

Quando os homens pararam para descansar um ouço os braços, Davi pulou. Vendo que os homens ainda descansariam por mais alguns segundos, Tina aproveitou e pulou também. Seguindo os outros, Ana pulou, não sendo atingida por uma mala que um dos homens acabara de colocar na esteira por um fio.

Mas Tony ficara lá fora, e os homens pareciam que não iam descansar novamente até que tivessem terminado de colocar todas as malas dentro do compartimento. Ele não via deixa para que pudesse saltar para a esteira, e as malas já estavam quase no fim.

Quando a última mala foi posta, ele viu que aquela seria sua única chance. Antes que a esteira pudesse ser retirada de lá, Tony saltou nela e conseguiu entrar, ofegante, no compartimento de carga, poucos instantes antes de a porta se fechar atrás dele.

O lugar estava escuro como breu, e ele não conseguia ver nada. Então uma luz fortíssima atingiu seu rosto, tomando-o de susto. Quando conseguiu se desviar do feixe de luz, viu que este vinha de uma lanterna que estava na mão de Tina.

- Você conseguiu, Tony! – exclamou Ana, alegre, saltando da mala em que estava sentada e abraçando a Tony, que se viu incapaz de se mover. – A gente achou que talvez você não conseguisse pular para dentro com a gente, mas você conseguiu!

- Pois é... – murmurou Tony, fugindo do abraço de Ana e se sentando numa mala próxima a Davi e Tina. – E, por fim, só nos resta esperar. Daqui a algumas horas, estaremos em Londres, na Inglaterra.

E, dizendo isso, ele se deixou relaxar sobre a mala grande em que estava sentado. Havia conseguido. Apesar de todos os obstáculos, apesar de todos os desafios, eles haviam logrado chegar no compartimento de carga, sem serem notados por ninguém.

- Acho que podemos sair da invisibilidade agora – falou Davi. – Não acho que alguém venha nos incomodar tão cedo por aqui – Então, todos se reuniram em volta de Davi e, depois de uma contagem regressiva, voltaram a tocar o pulso do amigo. Todos voltaram a ser visíveis ao mundo.

- Cedo? É isso! – exclamou Ana, lembrando-se da fala de Davi. – Quase esqueci que temos que coordenar nosso tempo, para conseguirmos acordar amanhã na hora em que o compartimento de carga for descarregado!

- É verdade – concordou Tony. – Vamos ver com os Kronogadores.

E, nisso, ele meramente perguntou a hora em que deveriam acordar ao Askronogador.

A resposta veio rapidamente do Anskronogador, mas, ao ouvi-la, uma expressão duvidosa surgiu no rosto de Ana, e ela nada disse.

- O que foi, Ana? – perguntou Davi.

Ana murmurou:

- Ele respondeu... que não há necessidade de sabermos a hora.

- Não há necessidade? – repetiu Tina, incrédula. – Isso é muito estranho, mas eu acredito totalmente nos Kronogadores. Se o Anskronogador diz para a gente deixar pra lá, então eu deixo pra lá. – E ela se deitou na mala em que estava.

Ana e Tony, ainda intrigados com o comportamento de seus Objetos, se entreolharam por alguns instantes. Mas, depois, resolveram seguir o exemplo de Tina. Os Kronogadores eram confiáveis, e era isso que importava.

Davi, então, perguntou:

- Podemos comer alguma coisa? Não almoçamos, e eu estou com fome.

- Boa idéia, Davi – respondeu Tina. -, mas não podemos comer demais. Temos que ter suprimentos para a viagem.

- Então, passa um salgadinho para cada um, mana – sugeriu Davi. Tina assentiu e jogou, para cada um deles, um salgadinho de milho.

Eles comeram vagarosamente, tentando aproveitar o gosto dos salgadinhos e tentando ignorar a textura esponjosa e o cheiro artificial. Quando todos terminaram, jogaram as embalagens engorduradas num saco na mochila de Tina e beberam, cada um, dois goles de água. Para terminar, Tina os obrigou a escovar os dentes, usando o mínimo de água possível, e eles cuspiram a água utilizada num outro saco da mochila de Tina, que ela amarrou e colocou num bolso bem fundo.

Eles se deitaram e descansaram por mais ou menos uma hora, até que o avião começou a sem mover, e um barulho alto de movimento preencheu a câmara.

- O avião está se mexendo – comunicou Tina, tendo que gritar para que sua voz sobrepusesse o som do avião. – Provavelmente, ele está indo até a pista de lançamento. Em alguns minutos, estaremos a caminho da Inglaterra.

E, novamente, eles se puseram a esperar. Em alguns minutos, as turbinas do avião pararam de se mover e o silêncio voltou a reinar.

Até o momento em que um barulho de vozes, mas muito leve, chegou aos ouvidos deles.

- As pessoas estão entrando no avião – deduziu Tina. – Falta pouco, gente...

E, finalmente, o avião começou a se mexer novamente. O ruído das turbinas estava mais alto desta vez, e o movimento era em linha reta.

Quando uma guinada leve passou pelo corpo de todos, eles souberam que não estavam mais no chão. A partir daquele momento, eles estariam no ar, a caminho da Inglaterra. E felicidade tomou conta de todos. Era uma emoção descontrolada, contente, mas ao mesmo tempo, amedrontadora.

- Estamos indo! Estamos indo! – exclamou Ana, incapaz de conter sua emoção.

E, assim, começava a jornada dos Arcons ao redor do mundo.

# PARTE DOIS

# CAPÍTULO ONZE

## A Ruptura do Céu

*Dia 1 de 7*

O vôo seguia calmamente seu caminho pelo céu, na noite estrelada que cobria aquela parte do Atlântico. Estava frio, tanto dentro quanto fora da grande máquina voadora. Para os passageiros, a temperatura ou a escuridão não eram problema – havia lâmpadas e cobertores para eles – mas para os Arcons, escondidos no compartimento de carga do avião, esses dois fatores eram muito problemáticos. O chão, originalmente frio, chegava a ser gelado com a temperatura exterior; e o lugar era tão escuro que não era possível sequer ver as próprias mãos. Apesar de tudo isso, os quatro dormiam calmamente, os roncos de alguns deles impedido o silêncio de entrar na câmara.

Eram onze da noite.

Desse modo, ninguém, exceto os pilotos do avião, notou os estranhos feixes de luz azulada que saíam do céu.

Era como se fossem pequenas lâmpadas grudadas numa gigantesca linha de tecido negro. A luz variava de tonalidade e força, parecendo uma divisão instável da aurora boreal. Mas não era ela nem nada semelhante.

Um estrondo que poderia ter sido feito pelo toque de mil tambores percorreu o avião. O eco era brutal, e o ruído poderia levar qualquer ser vivo à loucura. E os Arcons não eram exceção.

- Que barulho é esse? – berrou Ana, acordando num salto e automaticamente colocando as mãos sobre as orelhas. Estava com a lanterna acesa na mão direita, de modo que teve de dar um jeito dela não cair. – O que está acontecendo?

- Eu não sei! – berrou Tony de volta, mal ouvindo as palavras que saíam da boca da irmã. – Espere, vou perguntar ao Askronogador!

Com cuidado, ele tirou as mãos dos ouvidos e, para sua surpresa, o som não se alterou – este era tão alto que duas mãos na frente não faziam diferença. Com esforço para se concentrar, finalmente conseguiu formular uma pergunta completa no Askronogador.

Nisso lembrou que o som estava tão alto que Ana com certeza não iria ouvir a melodia do Anskronogador. Com esforço, tentou chamar a atenção dela, e apontou para o Anskronogador. Ela acenou com a cabeça para ele e aproximou o pulso da orelha, para tentar ouvir a mensagem o mais alto possível.

Enquanto ela ouvia, Tony chamou a atenção de Davi e Tina. Se eles quisessem se ouvir, precisariam estar os mais próximos possíveis uns dos outros.

Ana conseguiu ouvir a mensagem com dificuldade, e então se aproximou dos três. Seu rosto estava contraído de dor por causa do som.

- Esse som – gritou ela. – é o resultado de uma coisa que está acontecendo no céu. Ele está se quebrando!

- Quebrando?! – repetiu Tina. – Como que algo sem limites como o céu pode quebrar?!

- Eu não sei! – Ana gritou de volta, os tímpanos parecendo estar explodindo. – Por que você não vê com o Ocuslater?

Tony e Davi concordaram com a cabeça para Tina, aprovando a idéia de Ana. Tina replicou:

- Mas eu nunca usei o Ocuslater antes! Não sei se vai funcionar!

- Eu também não sabia usar o Invilimer - retrucou Davi. -, mas você viu como funcionou! Confie em si mesma, mana!

A boca de Tina, semelhante a um til, demonstrava sua insegurança. Finalmente, ela tirou o Ocuslater do bolso. Todos notaram que ela havia prendido uma corrente a ele, para dar mais segurança.

- Estenda-o, como estava escrito no Livro! – exclamou Tony.

Tina, então, levantou sua cabeça em direção ao teto, agarrou firmemente a luneta e a ergueu diante de seus olhos. Ela estava suando. Então, segurou a parte da frente do Objeto e a estendeu, quase dobrando o seu tamanho.

E então seus olhos perderam o brilho, que vinha da lanterna. Suas pupilas desapareceram. Espantados, todos olharam mais firmemente para seus olhos, esperando ver o que iria acontecer. Então, depois de alguns instantes, ela pestanejou e, pegando-os de surpresa, suas pupilas voltaram ao lugar original, e o brilho voltou aos seus olhos.

E ela abaixou o Ocuslater.

- Você... já viu o que está acontecendo? – perguntou Ana. Quando suas pupilas haviam desaparecido, Tina meramente estendera o Ocuslater. E, quando elas finalmente voltaram ao normal, ela havia o baixara.

Tina, apesar disso, concordou. Saindo do transe hipnótico, ela fechou e coçou os olhos, e então se virou para os outros.

- Eu vi, sim – respondeu, mais baixo. O som estava diminuindo gradativamente desde o momento que ela estendera o Ocuslater. – O céu parece recortado, e a linha de corte vai aumentando cada vez mais. Sinto que, daqui a pouco, o céu vai se quebrar de vez.

E, como se seguindo a voz dela, o céu se abriu. Aquele seria um fenômeno que os cientistas lembrariam para sempre. Manchas enormes de céu sumiram, limitadas pelas linhas vistas por Tina, como se nunca estivessem realmente existido. Mas, apesar de aquilo ser tenebroso e sinistro, o que havia por trás das manchas era o mais magnífico.

Havia paisagens. Milhares e milhares de paisagens, vistas de cima, de um outro lugar em um outro tempo. Era dia nesses lugares – um dia cujo sol iluminava a noite pela qual o avião dos Arcons voava, e que, do outro lado do mundo, era noite, escurecendo os dias.

Mas, no exato momento em que o som cessou de vez, o céu voltou ao normal. As linhas de recorte sumiram, e não se pôde ver nada além do tecido negro que parecia jamais ter sido tocado.

Naquela noite, o mundo vibrou.

Notícias eram transmitidas de todos os modos que a mídia permitisse. O mundo inteiro observara o fenômeno que ficou conhecido como “A Ruptura do Céu”. Não havia nenhum lugar do mundo que não tivesse ouvido o estrondo ou então visto a quebra do céu,



que logo foram associados. Mas, como qualquer boa história, a ruptura tinha suas versões. Os mais religiosos podiam jurar ter visto a figura de Deus nas paisagens, acreditando ter sido um sinal de pecado; os mais céticos diziam que não passara de um eclipse estranho, e que jamais haviam visto paisagem nenhuma.

Do espaço, astronautas puderam ver um grande símbolo embrulhar a Terra, iluminando as noites e escurecendo os dias.

Um símbolo que, em Setéri, seria chamado de Horinus.

O avião estava caindo.

Enquanto as paisagens celestes e o ruído infernal ainda estavam em ação, os motores do grande objeto voador haviam parado de funcionar. O avião havia perdido completamente a energia, e os sons de vozes gritando desesperadas substituíam o alto barulho das turbinas. No céu, tudo se silenciou, enquanto a forma metálica ia descendo em direção ao oceano.

Davi, Tina, Tony e Ana começaram a perceber a queda quando o avião se jogou para baixo e os arremessou um metro no ar. Durante poucos instantes, eles sentiram que estavam flutuando no ar, até o momento em que colidiram fortemente com o chão. Demorou cerca de cinco segundos para que percebessem, de fato, o que estava acontecendo.

- O que vamos fazer?! – gritou Ana. – os Objetos não conseguem fazer um objeto voar!

- Eu não sei – Tony murmurou, olhando em volta como se estivesse procurando algo para se salvar.

- Eu não quero morrer! – Tina gritou, desesperada, se agarrando a uma mala, como se essa pudesse lhe salvar da queda. Não parecia não haver um método de se salvarem. Aflitos ao ponto de chorarem, os Arcons admitiram, para si próprios, que estavam à deriva, e só podiam esperar que, por um milagre, o avião parasse de cair.

Então, Tina, inesperadamente se pôs de pé, o melhor que podia, e apontou o Ocuslater em direção à parede do compartimento que era mais próxima do resto do avião.

- O que você está fazendo? – gritou Tony para ela, suando de tanta tensão. Seu rosto estava vermelho, a respiração ofegante.

Tina deixou a pergunta morrer. Ela já estava com o Ocuslater sobre o olho direito.

- Estamos a dez mil pés de altura, e perdendo dezenas a cada segundo – comunicou a todos. - Pode ser que, se o ângulo do avião for favorável, os pilotos possam fazer uma aterrissagem forçada. Ainda há esperança! – Mas nem ela acreditava muito nisso. Rezava para que houvesse algo a favor deles naquela hora.

Infelizmente, de fato, ela estava errada sobre o ângulo do avião. Ele estava menor do que devia indo fulminante em direção ao mar, a tinta exterior começando a descascar na ponta dele.

Todos se sentaram. Tony, menos ofegante que antes, encarava a todos: iam todos morrer. Haviam feito tudo aquilo por nada, se aventurado, pegado os Objetos... e não seriam os únicos a morrer – os pais de Davi morreriam em menos de seis dias; também havia o povo Seteriano, futuramente o terrestre, e ainda por cima os passageiros do avião.

- Adeus – foi a palavra que saiu da boca dele e pairou pesadamente no ar.

Naquele instante, algo aconteceu. Algo como o som de um martelo batendo num gongo, mas cem vezes mais alto, invadiu o compartimento de carga. Nisso, a ponta do avião de repente deu um guinada para cima, derrubando a todos os Arcons no chão bruscamente.

- O que é isso?! – gritou Davi. – Use o Ocuslater, Tina!

Tina conseguiu, apesar de seu nervosismo, olhar na direção da ponta do avião com o Ocuslater estendido. Os outros três se puseram a olhar para ela, atentos, suando frio. Seja lá o que tivesse acontecido, poderia criar uma mudança drástica em sua situação.

O barulho infernal cessou de vez, e foi substituído pelo som de um objeto de metal caindo no chão, indicando a queda do Ocuslater das mãos de Tina. Suas pupilas estavam retraídas, e o rosto mudara de avermelhado para esbranquiçado num piscar de olhos, literalmente.

- O que houve... Tina? – Tony perguntou cuidadosamente.

O silêncio era total. Tina se virou para eles, lentamente.

- Têm baleias coloridas de mais de 30 metros lá embaixo, usando rajadas d'água para parar o avião.

Se alguém tivesse dito aquilo a Tony numa outra hora, ele teria rido e dito: *Muito boa essa, conta outra*. Mas, naquele instante, ainda mais depois de ter visto o que os Objetos podiam fazer, ele simplesmente se surpreendeu e se descobriu acreditando no que Tina dissera.

Mas Davi parecia ter outra opinião:

- Baleias? Rajadas de água? – repetiu Davi, incrédulo. – Não, isso é impossível.

- Seja o impossível ou não, está aumentando as nossas chances de sobrevivência – retorquiu Tina. – Essas rajadas mudam o ângulo de queda do avião, e também diminuem um pouco a velocidade. Com a quantidade de baleias que se encontram lá embaixo, podemos conseguir sobreviver à queda.

E assim, durante incontáveis segundos, o avião recebeu os ataques das estranhas baleias. Os estrondos ficavam cada vez maiores e mais fortes, mas somente a consciência dos Arcons de que estas rajadas poderiam ajudar-lhes a agüentar a queda já tornava os barulhos mais suportáveis. Ainda assim, seus dentes estavam arreganhados e seu suor frio de medo.

E, no instante em que o avião entrou numa altitude criticamente baixa, ele ainda estava rápido demais. Apesar de tudo, ele iria bater. Era o fim. Tony deixou de ouvir, deixou de pensar. Estava pronto para o que acontecesse. Pensou ter ouvido Tina gritando, num último sussurro de desespero: “Está tudo acabado”.

E ouviu-se o estrondo do impacto.

Mas não se ouviu o barulho da água se mexendo com ele.

Os quatro Arcons permaneciam encolhidos, muito próximos, no pequeno compartimento escuro, somente esperando o que viria a acontecer. Todos estavam de olhos fechados, como se isso pudesse protegê-los de uma morte terrível.

Tony estava incapaz de se mover. Apesar disso, sua mente pensava depressa. Ele suave, pálido como giz. *Seja o que for que tenha acontecido, eu ainda estou vivo*. “Ainda estou vivo” eram as palavras que viajavam a cada milímetro de seu corpo, tentando fazê-los sair da imobilidade e reganhar coragem.

Então, com dificuldade, o garoto disse aos outros:

- Nós... nós estamos vivos.

Mas, teria ele certeza de que ainda estavam vivos? Seus olhos ainda estavam fechados, e se eles estivessem abertos, de qualquer modo, veriam a mesma coisa: a escuridão total e completa. Ninguém lá jamais havia morrido, lógico – portanto, não sabiam como era morrer. Podia ser indolor. E, se fosse, havia a possibilidade de ele ter acabado de morrer. Ele não sabia com certeza. Mas algo em sua cabeça insistia que ele não estava morto. E, naquele momento, era a única coisa que importava.

- É... estamos vivos – murmurou Ana. Tony mal reconheceu sua voz; estava rouca e baixa, como se tivesse sido desligada e agora estava sendo ligada lentamente. Mas, apesar de tudo, era a voz de Ana, sua irmã e melhor amiga – estivesse ele vivo ou morto, sabia que não estava só. Isso o consolou, mais do que ele imaginava que pudesse consolar; e foi naquele exato momento em que ele percebeu que a morte não era a pior coisa – esta era a solidão.

- De algum modo – Tina murmurou. Tony deduziu que ela estava se levantando. – conseguimos sobreviver à queda.

- Mas está tudo escuro – respondeu Davi baixinho, a voz ofegante. – Não podemos dizer nada.

- Tateiem em volta e tentem achar nossa lanterna – disse Tony. – Ela deve ter caído e apagado na queda.

E ele se pôs a procurar. Com o tempo, começou a ouvir melhor, e seus olhos pareceram se acostumar um pouco com o ambiente. Até seu tato melhorou. Parecia que seu corpo estava despertando de um sono profundo, conforme ele ganhava mais confiança.

Com tudo isso, ele pôde ouvir o barulho das ondas do lado de fora. Isso confirmava sua sobrevivência. Num suspiro, toda a sua aflição pareceu sumir instantaneamente.

- Achei! – gritou Tina, o volume sua voz aumentando dez vezes naquele ambiente fechado. Então, Tony ouviu um *clic!* E um feixe cônico de luz revelou o rosto de Tina.

- Assim está melhor – comentou ela, virando a lanterna por toda a sala. Seus cabelos estavam emaranhados por causa da longa queda, e ela os arrumou rapidamente.

- Mas o que vamos fazer agora? – perguntou Davi. – Podemos estar vivos e ter luz, mas ainda assim estamos em alguma parte do mar, perdidos e com um avião incapaz de se mover. Nossa comida não dará para muito tempo. Se não morrermos sufocados, morreremos de fome e de sede!

Todos se entreolharam; Davi tinha, na essência, a razão. A situação era preocupante. Mas, por alguma razão, nenhum dos outros três se sentia como ele. Tony, inconscientemente, achava que se eles haviam sobrevivido à queda, não *podia* ser mais difícil chegar até terra firme.

Por essa razão, ninguém respondeu ao apelo de Davi.

- Essa pergunta – falou Tony. – eu realmente não sei responder. Mas sei que os Kronogadores podem. Pronto, Ana? – perguntou ele à irmã, e antes que ela pudesse responder copiou a pergunta da boca de Davi e a digitou no Askronogador.

Não demoraram mais que quinze segundos. Então, Ana anunciou:

- O Anskronogador diz que temos que gritar o mais alto que pudermos a frase “Tramys, nos ajudem!”, o mais perto que pudermos dessa parede, enquanto você, Tina, olha para aquelas baleias pelo Ocuslater. *Muito* esquisito, não é?

- Sem dúvida – respondeu Tony, segurando o riso com a estranheza da resposta. -, mas os Kronogadores nunca falharam com a gente desde que os usamos pela primeira vez, e não acho que eles vão falhar agora. Então... comecem!

E todos começaram. Sincronizando suas vozes, logo a câmara inteira se encheu com o de Tony, Davi e Ana gritando aquela frase tão estranha com aquela palavra inexistente. Tina estava com o Ocuslater em frente aos olhos, vendo através da grossa parede metálica do avião as baleias lá fora, somente iluminadas pelas fracas luzes celestes.

- Ei... murmurou ela uma hora. – Algo está acontecendo com aquelas baleias...

- O quê? – perguntaram os outros.

- Elas estão se olhando... parecem estar conversando, mas parecem... intrigadas, é isso.

Mas, antes que qualquer um deles pudesse fazer um comentário adicional, o avião começou a se mexer novamente, como se a água abaixo dele estivesse agitada. E Tina gritou:

- Saiam daí agora!!

Tony não soube se fora pelo instinto, ou pelo medo, o fato é que, ao ouvir a ordem de Tina, ele correu para trás sem ao menos se perguntar o que aconteceria. E Ana e Davi fizeram o mesmo, pois recuaram na mesma hora que ele, com a mesma velocidade.

Foi bem a tempo. Um segundo depois da ordem de Tina, um enorme chifre, branco como pérola, atravessou ruidosamente a parede próxima a onde eles estavam, arrancando pedaços da armação do avião com um barulho semelhante ao de unhas raspando num quadro-negro.

E, quando a enorme arma voltou para trás, permitindo que uma brisa arejasse o compartimento, os Arcons puderam ver o rosto da criatura que furara a parede, livrando-os de sua prisão.

As “baleias” (pois não havia outra palavra humana para chamá-las) não eram como Tina havia as visto antes.

Eram não só gigantescas, mas suas cores também eram muito distintas: a barriga e as barbatanas eram verde-limão; e o resto do corpo era roxo-claro, cores nunca ou raramente vistas em animais comuns. E, claro, havia o grande e reluzente chifre branco. Mas, apesar de tudo, o que mais impressionou os Arcons foram seus grandes olhos.

Não eram olhos que pudessem ser vistos num cachorro, num gato ou em qualquer outro animal. Não era possível explicar. Mas Tony, Ana, Davi e Tina notaram, no instante em que viram aqueles olhos, que o animal a quem pertenciam era tão racional quanto eles.

- Vocês pediram ajuda? – uma bela voz feminina lhes perguntou.

E eles perceberam que a voz saía da boca daquele “ser” tão estranho – não havia uma palavra para descrever um ser como aquele, pois certamente ele (ou ela, devido à voz) não podia ser considerado um “animal”, mas muito menos um humano. Por alguns instantes, eles não puderam se mexer, inconscientemente tentando aceitar o fato de que uma baleia falara com eles.

- Sim... – Tina foi a primeira a conseguir dizer alguma coisa. – Fomos nós que pedimos ajuda.

As baleias se entreolharam.

- Eu sou Tramin – a baleia que antes falara estava falando de novo. – Nós todas somos Tramys.

- Então vocês são as Tramys? – perguntou Davi. – Quando o Anskronogador disse para chamarmos pelas Tramys eu não tinha entendido, mas agora eu -

- *Anskronogador?! –* repetiram todas as Tramys, se entreolhando novamente, com os olhos maiores do que o tórax de Davi se arregalando.

Tramin voltou a falar com eles, com voz fraca.

- Você quer dizer que vocês são... os Arcons?

- Somos – Tony tomou a palavra. No momento em que as Tramys repetiram a palavra *Anskronogador* entre elas ele notou que elas eram de Setéri. Algo afirmava que elas eram animais Seterianos. E, por esta razão, ele sentiu que devia falar. – Somos quatro dos Sete Arcons ao redor desse mundo, e estamos numa missão para encontrá-los e salvar Setéri.

E só depois de ter falado tudo é que ele notou que não sabia porque falara aquilo. Não era para parecer mais importante, ou mesmo melhor. Ele somente achou que deveria falar tudo o que pudesse, para, talvez, obter ajuda daqueles seres ao mesmo tempo extraordinariamente fortes e inteligentes.

- Vocês são os Arcons... – por alguns instantes percebeu que o rosto de Tramin empalidecera. E, nisso, ela começou a falar sozinha, bem baixinho.

Depois, todas as Tramys (e eram muitas, passando de setenta) se reuniram numa roda e se puseram a cochichar entre elas. Tony não se importou. Sabia que elas deviam estar falando sobre o fato de os Arcons estarem se reunindo, ou coisa assim.

Depois de cinco minutos, Tramin voltou para perto deles, enquanto as outras Tramys ficavam atrás, olhando para eles ocasionalmente, para verem o que aconteceria.

- Eu conversei com minhas companheiras – disse ela. -, e nós decidimos oferecer-lhes a maior ajuda que pudermos. Há trezentos anos Setéri espera o retorno dos Arcons, e finalmente vocês estão aqui. Bom, vou começar.

“Primeiro gostaria de explicar-lhes sobre as grandes faixas de luz que apareceram no céu agora há pouco. Para isso, preciso perguntar-lhes: - algum de vocês ativou o próprio Objeto pouco *antes* do ruído cessar? Alguém que *nunca* havia usado o próprio Objeto antes?”.

Os quatro se puseram a pensar. Davi gritara para Tina usar o Ocuslater enquanto ainda havia barulho... mas depois de ela tê-lo usado, o som sumira repentinamente!

- Sim, Tramin – respondeu Ana. – A Tina usou o Ocuslater alguns segundos antes do barulho passar, e foi a primeira vez dela.

- Isso confirma nossa teoria – murmurou Tramin com sua voz doce um pouco rouca.

- Que teoria? – perguntou Davi.

Tramin pigarreou.

- A teoria de que o barulho e as paisagens do céu têm tudo a ver com os Objetos... não, antes de responder preciso fazer outra pergunta: eu desconfio que vocês começaram a usar seus Objetos muito recentemente, estou correta?

Ninguém precisou pensar para responder àquilo.

- Sim – responderam em uníssono.

- Então agora posso lhes explicar.

“Imaginem uma grande balança. Os Objetos, no passado, sempre conseguiram deixar a balança em equilíbrio. Mas, quando Crozodon poluiu a Coroa de Kanaiser, esse equilíbrio sumiu, e com ele, desastres ocorreram nos dois mundos, há muito tempo. E, conforme o tempo foi passando, a própria natureza foi, pouco a pouco, restabelecendo o equilíbrio, mesmo como a Coroa poluída”.

“Mas, assim que vocês começaram a usar novamente seus Objetos, esse novo equilíbrio semi-restabelecido desapareceu, e as forças entraram em colapso. Foi este colapso que abriu, no céu, um enorme portal para Setéri”.

“Sim, é isso mesmo que vocês estão pensando. Ao abrir o portal, uma imensa carga de energia que mantinha os dois mundos separados foi liberada, dessa vez, em forma de ondas sonoras. Com isso vocês podem ver a intensidade usada de energia”.

“Mas a energia não foi só liberada. Para rasgar o tecido dos mundos, uma quantidade maior ou igual de energia foi necessária, e se estou certa, esse processo envolveu extrair energias de tudo que estivesse em volta dele. Assim, a energia usada nessa máquina voadora foi uma das milhões usadas para abrir o portal”.

- É por isso que o avião caiu... – murmurou Tina.

Tramin retomou a palavra.

- Mas, assim que você usou seu objeto pela primeira vez, um pouco mais de equilíbrio voltou à balança. Quatro Objetos são a metade dos Objetos, uma quantidade razoável de força para aumentar o equilíbrio. E, conforme o poder de mais um Objeto foi aumentando, pois tenho certeza de que vocês usaram esse mesmo Objeto mais algumas vezes – os quatro se lembraram que Tina tivera de usar o Ocuslater novamente algumas vezes, e então assentiram à afirmação de Tramin. -, o equilíbrio foi aumentando junto, até que chegou a um ponto que conseguiu equilibrar de vez a energia e fechou os portais do céu.

E, com isso, Tramin terminou a explicação sobre a ruptura do céu.

Os Arcons estavam perplexos de como a explicação de Tramin fora perfeita. Agora que ela falara, tudo se tornava compreensível. Os quatro estavam quietos, respirando pouco, ouvindo algo como um zumbido agudo nos ouvidos.

- Em Setéri, nós, as Tramys, somos muito caçadas – explicou Tramin. – Nossos chifres têm um poder incrível e são mais duros e resistentes que diamantes. Apesar disso, se cortados de maneira correta através da energia da Coroa de Kanaiser, podem se tornar armas poderosíssimas ao exército Crozodônico. Por esta razão, nós fugimos para cá, através de um portal submerso na Antártida desse mundo. Estamos honradas em poder prestar serviços aos Arcons, a quem esperamos há séculos.

- Obrigado, Tramin – respondeu Tony. – Nós estamos, todos, mais do que gratos por terem salvado nossas vidas. Duas vezes, aliás: primeiro nos salvaram da queda, e depois, do compartimento de carga.

- Mas tem uma coisa me intrigando – comentou Davi. – As paredes do avião são muito grossas e resistentes, e tenho certeza que o som de nossas vozes não poderia ter passado por elas. Então, como as Tramys nos ouviram?

- Eu acho que essa eu sei a resposta – respondeu Tina. – Lembra-se que, quando a gente estava na nossa casa, lendo sobre o Ocuslater, o texto dizia algo como: *o Ocuslater libera uma espécie de onda magnética que diminui os espaços entre átomos por todo caminho a ser visto?* Bom, o Anskronogador mandou eu usar o Ocuslater para ver as Tramys. Com certeza ele só serviu para que as suas vozes pudessem atravessar a parede.

- Dedução perfeita, Tina – Tramin sorriu. Tina, encabulada, agradeceu com um aceno de mão. – De fato, isso altera muito pouco a estrutura da parede, mas uma pequena parcela do som pôde passar.

- Então, precisamos decidir o que faremos a seguir – disse Tina.

Ela e os outros estavam reunidos, sentados na grande área de couro perto da cabeça de Tramin.

- Bom, devemos ir até a Inglaterra como havíamos decidido, certo? – quis saber Davi.

Um brilho percorreu os olhos de Tina e um enorme sorriso surgiu em seu rosto.

- Não, Davi! – ela disse em tom determinado. Os outros olharam para ela intrigados. - Agora que eu percebo que nós não precisamos ir até a Inglaterra!

- Por quê, Tina? – perguntou ele. – Nós temos que ir até lá, e depois tomar o trem até Paris...

- É justamente disso que estou falando! – exclamou ela. – Como nós estamos no mar, podemos ir direto até Paris! Eu lembro que trouxe um mapa comigo, olha – Ela remexeu a mochila e sacou um pequeno mapa, daqueles que se encontram nas páginas finais de uma agenda. Então, ela apontou para Paris. – Estão vendo aqui? Paris tem um rio que a corta, o rio Sena! Se formos transportados pelas Tramys até lá, não haverá problema!

A compreensão se espalhou pelo rosto dos outros. Mas, então, Tony disse:

- E quanto à temperatura? Que eu saiba, no Brasil pode ser verão em janeiro, mas no norte eles estão em pleno inverno. No mar, e ainda por cima no inverno, a temperatura deve ser baixíssima.

- Sendo franca, Tony – disse Tina com um levíssimo desdém. -, a França fica mais ao sul que a Inglaterra, portanto, é mais quente. Mas, sim, é verdade, a temperatura ainda é baixa. Portanto, só precisamos nos agasalhar e dar à Tramin as informações necessárias.

- Mesmo assim – argumentou Tony. – Como vamos indicar precisamente a ela onde que é o rio, ou onde devemos descer? Latitude? Longitude? Tenho certeza que ela não tem nenhum aparelho GPS.

- Caso você não lembre, cara – disse Davi. –, podemos usar nossos Objetos para indicar. Sei lá, podemos mostrar a Torre Eiffel, para mostrar onde parar...

- Existe uma solução ainda mais simples – disse Tina. – Se você olhar bem, verá que as Tramys tem uma estrutura corporal extremamente semelhante às das baleias; por exemplo, esse buraquinho aqui perto, que elas usam para respirar. Se a evolução delas não for tão avançada, como eu espero, significa que muito provavelmente elas também usam o sonar.

- Sonar? – perguntou Ana.

- A água é ótima condutora de som – explicou Tina. -, e, por isso, as baleias determinam a distância que elas estão de uma presa, por exemplo, através do sonar. Elas lançam uma poderosa onda sonora com um movimento da língua, que viaja através da água e, quando atinge algum objeto, volta em direção à baleia. Assim, ela sabe a distância de praticamente tudo à sua volta. Se, com a ajuda dos Kronogadores, conseguirmos indicar a Tramin o caminho a seguir e a distância que ela tem que estar de objetos determinados, podemos fazê-la chegar até Paris, provavelmente pela manhã de amanhã.

Assim, depois de dez minutos em que Tina explicou cuidadosamente à Tramin como chegar em Paris, eles estavam quase prontos.

Ainda faltava uma coisa: se eles ficassem onde estavam, na cabeça de Tramin, pela viagem inteira, corriam o risco de, mesmo agasalhados, congelarem, ou então caírem de couro liso.

Desse modo, a única solução seria que eles passassem o resto da viagem dentro da boca de Tramin. Não havia outra opção – ainda que eles se afogariam se Tramin precisasse mergulhar. Seria nojento, mas seria o único jeito de eles sobreviverem à viagem. Tramin, para ver se melhorava um pouco as coisas, fez um bochecho com água do mar, numa tentativa pouco útil de limpar sua boca.

Eles haviam combinado com as Tramys que elas deveriam levar o avião de maneira segura até a costa mais próxima. E, por ordens dos Kronogadores, todas as Tramys deveriam voltar à Setéri através do portal pelo qual haviam chegado à Terra após tudo acabar.

Assim, bem ocultos em seus sacos de dormir, os Arcons e Tramin seguiram pelo Oceano Atlântico, terminando de forma gloriosa seu primeiro dia da jornada pelo mundo.

# CAPÍTULO DOZE

## Paris

*Dia 2 de 7*

O dia já amanhecera quando uma poderosa rajada de ar frio entrou na boca de Tramin através de seu orifício de respiração, acordando, assim, a todos os Arcons de forma repentina.

Não haviam tido problemas durante a noite, e Tramin, com certa dificuldade, seguira todas as informações dadas. A última ordem fora a que ela deveria acordar aos seus quatro passageiros assim que avistasse a Torre Eiffel, símbolo da capital francesa Paris, que lhe fora mostrada por Tina, através do Ocuslater.

- O que está acontecendo? – exclamou Davi abobado, sonolento.

Um voz alta e forte indicou que Tramin estava falando.

- Acabo de avistar a torre que vocês me mostraram – ela disse, sua voz ecoando pela câmara gigante que era sua boca. – Ela está a... aproximadamente cem metros de nós. Há uma saída do rio daqui a alguns metros, por onde vocês devem conseguir sair perfeitamente. – E, então, acrescentou: - A temperatura aqui fora está baixa, portanto se agasalhem bem antes de saírem, certo?

- Sim, Tramin – Ana gritou, esperando que Tramin pudesse ouvir sua voz. – Obrigada por tudo, amiga. Não sei o que teríamos feito sem você.

- Eu que agradeço por poder ajudar aos Arcons – respondeu ela. – Só peço-lhes que consigam ajudar a Setéri. Nosso mundo está passando por uma situação mais do que caótica, e vocês são os únicos que podem nos ajudar.

- Nós conseguiremos – assegurou-lhe Tony. – Prometemos.

- Sendo assim, é aqui que os deixo – disse ela. – Abrirei minha boca em cerca de vinte segundos, portanto aprontem-se nesse meio-tempo e saiam o mais rápido que puderem.

- OK – Davi respondeu e se assegurou que estava bem agasalhado.

De fato, Tramin abriu a boca em vinte segundos. A luz branca e forte vindo do lado exterior chocou os Arcons, fazendo-os recuar um pouco. A temperatura também os pegou de surpresa, estando mais baixa do que eles esperavam, apesar de estarem bem agasalhados.

Mas, cerca de cinco segundos depois, os quatro já estavam em pé, no chão frio e duro de pedra a poucos metros da imponente Torre Eiffel.

Por alguns instantes, os quatro ficaram a observar o novo ambiente. Estavam na França, finalmente. Pequenos flocos de neve caíam suavemente no chão, manchando-o levemente.

- Adeus, meus amigos – Tramin disse a eles. Os quatro se viraram para ela, que afundava vagorosamente no rio. – Nunca vou esquecê-los.



- Nós também, Tramin – garantiu Tina. – Nós também.

E, assim, os quatro se despediram da misteriosa criatura que não só lhes salvara a vida, como também se tornara sua amiga.

Estavam sozinhos. No momento em que Tramin desaparecera de uma vez, eles perceberam o quanto estavam sós. Era uma terra desconhecida para eles, onde não falavam a língua usada diariamente. Se alguém, passando por lá, os visse de relance, somente se perguntaria o que quatro crianças tão pequenas faziam ali, naquele dia frio.

Mas, apesar de tudo, eles eram os Arcons. Mesmo que o fossem há pouco tempo, ou que fossem muito jovens, ainda eram os Arcons. E, por isso, não se deixaram abalar. Eles tinham quatro Objetos que praticamente poderiam assegurar-lhes sua sobrevivência.

O primeiro passo, como disse Tina, seria assegurar que pudessem continuar vivos, caso tudo desse errado. Eles observaram seus recursos – tinham comida suficiente por mais algumas poucas semanas, água potável suficiente por poucos dias – não sabiam se durava uma semana sequer. Não era muito animador. Por isso, tinham que achar o Arcons francês rápido.

E esse era o segundo passo. Para achá-lo, eles tinham os dois recursos mais óbvios: os Kronogadores e o Ocuslater. Seria aquilo tudo? Eles poderiam achar o Arcons, mas teriam como falar com ele? A única solução àquilo seria o uso dos Kronogadores, a cada fala que o garoto fizesse. Seria difícil e cansativo, mas era sua única solução.

E teriam como chegar até ele? Àquele dia, na casa de Davi e Tina, os Kronogadores haviam indicado que Jean Jacques, dezesseis anos, era um garoto rico. Por esta razão, podia ser que tivesse uma proteção muito boa. Poderiam falar com ele pelo telefone? Difícil. Apesar de conseguirem descobrir o telefone dele em poucos segundos com o uso dos Kronogadores, ele acreditaria neles? Os quatro se puseram a pensar. Se, antes de tudo aquilo começar, alguém tivesse ligado para eles e dito que era um escolhido para salvar um mundo inteiro com a ajuda de um objeto fantástico, eles simplesmente desligariam o telefone na cara de quem, com certeza, estava lhes passando um trote.

Desse modo, fizeram a única coisa que lhes pareceu lógica – iriam tentar falar com ele quando ele estivesse sozinho na rua - afinal, com dezesseis anos, com certeza ele já andava sozinho na rua fazia tempo. Caso contrário, seria muito difícil de chamar sua atenção sem que ninguém mais soubesse.

Assim, novamente com a ajuda dos Kronogadores, eles descobriram que Jean sairia, naquele mesmo dia (o que seria ótimo, porque se ele saísse somente num outro dia, o prazo para salvar os pais de Davi e Tina diminuiria sem que os Arcons pudessem ter feito alguma coisa, por um dia inteiro), às três da tarde, para se encontrar com alguns amigos. Ele sairia sozinho, à pé. Perfeito. Os Arcons marcaram o ponto do caminho em que ele estaria quando estivesse exatamente na metade, marcaram a hora em que ele passaria (primeiro, com a ajuda dos Kronogadores, ajustando o fuso horário e, segundo, digitando o horário marcado no alarme do relógio de Tina) e foram tomar café da manhã.

Assim que os quatro se sentaram, cada um sendo um vértice do pequeno quadrado que haviam feito, eles perceberam o quanto estavam com fome. Então que se lembraram que no dia anterior não haviam jantado. Por isso, comeram sem se preocupar muito se a comida acabaria, mas também sem comerem mais do que precisavam. Assim que se sentissem quase satisfeitos, essa seria a hora de parar.

Comeram sentados numa praça que haviam achado andando pela cidade, que no momento, se encontrava branca, com a camada espessa de neve que a cobria.

Depois do café, buscaram pelo lugar mais próximo que tivesse um banheiro, pois não haviam ido a um havia um tempo razoável, e acabaram por achar, naquela mesma praça, um banheiro público, que apesar de ser sujo, servia.

Ao meio-dia, estavam recuperados e despertos, sentindo-se prontos para continuarem sua viagem.

Aproximadamente meia hora antes de Jean chegar ao ponto dito pelos Kronogadores, os quatro já se encontravam a dez metros de lá, caminhando lentamente. Era a esquina entre duas ruas particularmente calmas na movimentada cidade. Aparentemente, baseados somente naquele fato em particular, puderam perceber que Jean sempre preferia pontos menos movimentados para caminhar.

Ocupando a esquina toda havia uma grande loja de sapatos, com a placa da frente sendo obstruída por uma outra placa, que mostrava o nome da rua. Os carros apareciam somente de vez em quando, e quase não havia barulho. Na frente da loja, havia um pequeno banco verde.

Tina observou tudo, planejando o melhor jeito de chamar a atenção de Jean. Tinham que parecer discretos, sem chamar demais a atenção de pedestres que passassem por lá. “O jeito mais fácil é nos sentarmos no banco e esperar por ele”, pensou ela. Não era uma má idéia – podiam fingir se entreter com alguma coisa e, quando ele passasse, podiam chamá-lo e tentar explicar tudo a ele.

Mas, ela notou, havia uma falha naquele plano: eles não sabiam como era o rosto de Jean. Como iriam chamá-lo, se não sabiam como ele era?

A única solução seria usar o poder de seu Ocuslater.

- Aqui estamos – Davi quebrou o silêncio, quando finalmente chegaram no ponto certo.

- Certo, eu estava pensando – comunicou Tina. -, e o único jeito de acharmos Jean é sabermos a cara dele.

- Mas nós sabemos exatamente quando ele vai passar – retrucou seu irmão. – Então, no minuto exato, nós o chamamos.

- Mas num minuto há sessenta segundos, Davi – falou Tony, pensando no que Tina dissera. -, e mesmo que usássemos os Kronogadores para saber os segundos exatos, ainda assim seria complicado. Eu concordo com a Tina. A essa hora, aliás, Jean já deve ter saído de casa. Você consegue olhar para ele, Tina, usando o Ocuslater?

- Acho que sim – respondeu ela. Além de precisarem saber como era Jean, ela também se sentia curiosa sobre sua aparência.

- Bom, então boa sorte – disse Ana, piscando para a amiga e sorrindo.

Tina assentiu, fechou os olhos e se concentrou. E se surpreendeu com a facilidade em que entrava no estado de espírito necessário. Então ela percebeu: era muito mais fácil usar o Ocuslater em vezes que não fossem as primeiras, ou então sem estar em uma situação de emergência.

*Eu quero ver Jean Jacques*, pensava ela repetidamente, concentrando-se o máximo que podia no pequeno objeto cilíndrico em suas mãos. *Eu quero ver...*

E ela viu. Foi rápido, tomando-a de susto. E então ela pôde ver um garoto alto, vestindo roupas de frio que aparentavam ser bem caras. Seus olhos eram de um azul extremamente claro, e os cabelos loiros, divididos em gumes, compartilhavam da mesma intensidade de claridade. A pele clara e branca era lisa, sem as espinhas usuais de garotos da idade dele.

Tina estava boquiaberta, quase apoiada no Ocuslater.

- Ele... – ela balbuciou. – Ele é... bonito...

Ana então correu para perto de Tina.

- Será que eu consigo ver também?

Tina saiu, relutante, de perto do Ocuslater, enquanto Ana via Jean por meio dele. Era curioso: Ana conseguia fazer uso do Ocuslater do mesmo modo que eles conseguiam ficar invisíveis. Uma anotação mental surgiu na cabeça de Tony: os Arcons são os responsáveis por ativarem seus respectivos Objetos, mas uma vez que ativados, podem ser usados por qualquer um.

- Uau! – Ana exclamou, um enorme sorriso aparecendo em seu rosto. – É verdade, Tina!

Davi e Tony meramente se entreolharam, as bocas retorcidas.

- Certo, agora temos a imagem de Jean – disse Davi.

Ele e Tony haviam tido que tirar suas respectivas irmãs de perto do Ocuslater, sendo que as duas já estavam quase brigando pela posse do Objeto. Agora, os quatro estava sentados mais calmos no banco, mas as duas garotas continuavam com olhares sonhadores e com as cabeças apoiadas nas mãos.

- Uma bela imagem... – suspirou Ana.

- Vocês duas querem dar um tempo?! – Tony estava sinceramente irritado. – Nós precisamos nos concentrar! Tina, eu achei que você quisesse resgatar seus pais! E Ana, eu sei que você é sinceramente feliz, mas nós precisamos nos manter concentrados!

Com aquilo, as duas voltaram ao mundo real, lançando olhares frios a Tony. Ele fingiu não ver e continuou:

- Como Davi ia dizendo, nós, ou melhor, vocês, sabem como Jean é. Desse modo, vocês são as responsáveis por chamar a atenção dele quando ele passar.

- Mas eu não sei como chamá-lo em francês! – exclamou Ana. Parecia estar ofendida e mal-humorada com o comportamento de Tony.

Tony suspirou.

- E é por isso que temos os Kronogadores. Anote num papel algumas expressões básicas que pudermos pegar com os Kronogadores. Vou começar com “você”.

Mas, no momento em que ele apertou o primeiro botão do Askronogador, sentiu que havia alguma coisa errada.

O Objeto não respondia. Tony não sentia a energia mística que sempre sentia quando usava seu Askronogador. Mas, agora... ele não passava de um simples objeto.

- Por que você não está fazendo nada, Tony? – perguntou Ana, o Askronogador estendido à sua frente, somente esperando pela pergunta do Askronogador.

Tony mal conseguia falar, tão espantado estava.

- O Askronogador... não responde...

O que ele faria agora? O Askronogador nunca falhara com ele antes. Para o que desse e viesse, uma vez ele pensara, o Askronogador estaria com ele.

Será que fora alguma coisa que ele fizera? Porque ele podia sentir que o Askronogador era quase vivo – e então, podia muito bem ter sentimentos. Mas, se fora isso, o que ele fizera? Talvez tivesse usado-o demais – não, não podia ser isso. Afinal, o Askronogador fora feito para servir a ele nas batalhas, onde com certeza era usado até em excesso. Devia haver alguma outra razão.

Mas... fosse qual fosse, de nada ia adiantar saber! Jean chegaria dali a alguns poucos minutos, e o máximo que eles conseguiriam fazer sem o Askronogador seria mímica!

Ele se encostou frustrado no banco, escorregando um pouco para frente ao fazer isso. Ana olhou para ele, esquecendo da briga.

- Nós vamos dar um jeito – assegurou-lhe.

E os quatro ficaram lá, sentados, vendo o tempo passar. As pessoas vinham de todos os lados, sem parecer notar o quarteto lá sentado, as caras inexpressivas, quase se contrastando com o céu cinzento e deprimente.

Tony se acalmou um pouco no decorrer dos minutos. Às vezes, olhava para cima. Sentia o sangue subir, enquanto seus olhos só visualizavam o cinza claro celeste, o que lhe fazia sentir numa espécie de transe.

E ele se pôs a esperar.

# CAPÍTULO TREZE

## Jean

Quando Tony viu Jean pela primeira vez, de cara não gostou dele. Não sabia se era por causa da sua aparência esnobe, do seu jeito de andar com o nariz levemente empinado, somente mexendo os olhos quando olhava para algo, ou então de seu visual demasiado elegante para um Arcon, de acordo com a opinião de Tony. Jean parecia nunca ter passado por dificuldades na vida, usando desde tênis de amortecedores a agasalhos de grifes famosas.

Seria inveja? Podia ser. Como Tony logo chegou a descobrir, havia muito a se invejar de Jean.

Fosse o que fosse, ele não gostou dele.

No momento em que, sentado naquele banco demasiado frio e apertado, Tony sentiu um puxão do seu lado direito, ele soube que chegara a hora. Jean Jacques estava passando lá naquele momento.

O único movimento que Tony fez foi o de mexer o pescoço para que sua cabeça ficasse horizontal e ele pudesse ver o garoto que tanto causara admiração nas meninas. E, depois de vê-lo, depois de notar que o garoto devia gastar uma boa quantia de dinheiro em gel capilar e em roupas caras, Tony deixou-se relaxar novamente. Que Ana e Tina chamassem sua atenção.

Ana correu até ele quando ele já havia passado do banco, sem aparentemente notá-los ali. Ana abria e fechava a boca, sem saber o que falar, até que, quando Jean já estava a mais de dez metros dela, ela gritou a única coisa que lhe parecia lógica:

- Jean Jacques!

Ele automaticamente se virou, os olhos arregalados de espanto. Olhou para esquerda, para a direita, sem ver ninguém, e quando finalmente se decidiu que devia ser sua imaginação, Tina tomou a palavra:

- Jean! Jean Jacques!

Dessa vez ele se virou completamente, para trás, e viu as duas garotas, acenando freneticamente para ele. Seu olhar se intrigou.

- *Oui?* – perguntou num tom afetado que Tony desgostou de cara.

O minúsculo conhecimento de francês de Ana (que somente sabia pronunciar *Eu te amo, sim e não*) lhe permitiu entender aquela simples frase. Mas ela não sabia responder. Por isso, tensa, começou a gesticular com as mãos.

- Eh... – ela apontou para si mesma. - ... Ana, hum... Brasil – ela apontou mais vezes para ela. – Ana – Brasil...? – ela olhou para ele, um sorriso forçado aparecendo no rosto.

Tony não sabia se ria ou não. Davi, do seu lado, estava com olhos fechados e a mão direita sobre a boca, enquanto a outra se apoiava no banco. Ele parecia estar contendo o riso a todo custo.

Jean, por sua vez, olhou de maneira tão perplexa para Ana que ela quase teve vontade de sair correndo dali, tão envergonhada estava. Mas, depois, uma onda de compreensão se espalhou pelo seu rosto.

- Brasil? – perguntou, sorrindo. – Você... é... brasileira?

Ele deixara o *r* gutural escapar na última palavra. Mas, apesar disso, ninguém nem ligou. Todos olhavam abismados para ele. Então, ele sabia falar português! Por alguns instantes, Tony quase o viu como alguém diferente, e nesses poucos instantes, o viu como alguém como ele.

Um sorriso ainda maior que o de costume apareceu no rosto de Ana.

- Sim! – exclamou. – Sou brasileira! Você fala português?

- Falo – respondeu Jean. Mas, antes de falar, foi possível perceber um esforço em sua voz, como se ele estivesse com problemas para achar as palavras certas. – Mas... quem são... vocês? Como sabem... meu nome?

- Temos muito a te explicar! – exclamou Tina. – Você pode se sentar aqui conosco um pouco?

- Acho... que sim – ele murmurou. – Mas... preciso falar para meus amigos...

E, com isso, ele sacou do bolso de sua calça *jeans* um telefone celular tão pequeno que não chegava ao comprimento dos dedos dele. Rapidamente, Jean discou um número e colocou o telefone sobre a orelha direita. O aparelho era tão mínimo que ficava invisível na posição em que estava.

Ele murmurou rapidamente algumas palavras confusas em francês e desligou o telefone, guardando-o de volta no bolso com um toque estridente.

- Bom – ele disse. – O que querem?

E Ana explicou. Explicou tudo, desde o dia em que ela e Tony haviam sido adotados até o aquele instante, mostrando como haviam passado por cada dificuldade, como eram seus Objetos, como era ser um Arcon.

- ...e, com a ajuda dos Kronogadores, descobrimos que você, Jean, é um Arcon como cada um de nós. – Ana finalizou, tomando ar depois.

Às vezes, enquanto Ana contava a história, Jean tivera problemas de compreensão em relação à língua e ao vocabulário. Mas ele achou que aquela última parte da frase de Ana fora a parte que ele menos entendera.

- Eu? – ele repetiu, abismado. – Não, eu não posso ser um Arcon – foi isso que você disse? – como vocês! Não sei de nenhum Objeto mágico, assim, na minha casa, nem nada parecido! Sou um garoto comum!

- Não, não é! – Ana retrucou. – Os Kronogadores *nunca* nos enganaram antes, e tenho certeza que dessa vez não é diferente! Se Tony me ajudar, podemos descobrir qual é seu Objeto e o que ele faz!

Mas Tony não estava ouvindo. Acabara de notar uma coisa.

Quando Ana afirmara com convicção que os Kronogadores nunca haviam falhado com eles antes, Tony sentiu uma espécie de energia ser liberada do Askronogador. E ele sentira que o Objeto “acordara”. E, com isso, notou um fato interessante.

Será que o Askronogador havia deixado de funcionar pela razão de que ele, naquele caso, não seria necessário? Porque Tony e Ana iriam pegar palavras em francês para usar para falar com Jean – mas, se ele falava português, as palavras em francês não teriam a *menor* utilidade para eles.

E, com essa dedução, Tony pôde, inconscientemente, chegar a uma conclusão: os Kronogadores não respondiam perguntas desnecessárias.

Sentindo novamente a vida do Askronogador, Tony rapidamente perguntou, com um sorriso de satisfação no rosto ao saber que seu Objeto estava ativo de novo: *Qual é o Objeto de Jean?*

E o Anskronogador respondeu prontamente: *O Esrichilander.*

Ao ouvir a resposta, apesar de no meio da sua conversa com Jean, Ana pegou o Livro dos Objetos na mochila e procurou por *Esrichilander* no índice.

- Aqui está! – exclamou, e começou a ler em voz alta.

### *O Esrichilander*

*O Esrichilander pode ser facilmente considerado um dos Objetos mais místicos. Um pequeno canivete, feito de ouro puro nas bordas e de liga de platina Seteriana no interior. Recebe essa característica pela razão que, por somente seu Arcons desejar, qualquer arma ou utensílio de batalha pode sair dele.*

*Isso significa que, de acordo com pesquisas Seterianas, as armas que saem do Esrichilander não são criadas por ele, mas sim transportadas através dele. Isso significa, de acordo com os pesquisadores, que deve haver uma dimensão paralela de onde vêm todas as armas.*

*Uma das características mais interessantes do Esrichilander é que as armas que saem dele podem ser usadas por qualquer pessoa. No entanto, quanto mais armas saírem, mais fracas elas ficarão. Por exemplo, se somente uma espada sair, seu poder será de 100%, mas caso duas espadas sejam liberadas, cada uma terá 50% de sua força total. Notem que isso significa que nunca as armas não terão força nenhuma, porque a divisão por dois é infinita. Além disso, pesquisas confirmam que o poder de uma arma comum, que não tenha sido criada pelo Esrichilander, tem força igual a 2% da força do Esrichilander.*

*Outro detalhe interessante é que o Esrichilander, apesar de toda a força que possa acumular, não consegue criar outros Objetos.*

Jean parecia intrigado.

- Não entendo muitas palavras desse texto. Essas são palavras comuns em português que eu não conheço? – Jean parecia extremamente confuso.

Mas, naquele momento, ninguém respondeu nada. Estavam todos abismados com o poder incrível do Esrichilander. Armas incrivelmente poderosas, que podiam ser adquiridas de uma hora para outra. Era um poder maravilhoso, indispensável – principalmente para salvar os pais de Davi e Tina. Todos os Objetos que tinham eram úteis – tais como o Invilimer e o Ocuslater, com poderes especiais para um ataque furtivo -, mas o poder de criar armas do Esrichilander fazia com que eles pudessem manejar, num ataque direto, espadas ou escudos, para batalhas pesadas.

Enquanto deixava Jean naquele estado de confusão, Tina pensou velozmente num plano para que Jean se tornasse mais um integrante do grupo dos Arcons. E foi a primeira a quebrar o silêncio pesado, que descia ao redor deles.

- Espere um pouco, Jean. Antes de continuar, preciso te perguntar uma coisa.

- Pergunte, então – Jean murmurou.

Tina pigarreou.

- Por acaso, em sua casa, você já viu um canivete, dourado, com um símbolo desenhado?

Tony, Davi e Ana olharam automaticamente para ela. Estava perguntando diretamente, sem rodeios, se Jean já havia visto o Esrichilander. Por alguns instantes, eles acharam que

deveriam dizer o porquê de aquilo ser errado, mas não achavam uma razão. Fora somente instinto. Conformados, se acalmaram e olharam atentos ao que se seguiria.

Jean pensou um pouco, estranhando a pergunta de Tina. Finalmente, respondeu:

- Por incrível que pareça, sim, eu já vi. Meu pai leva ele no pescoço como... como... – ele não conseguia achar uma palavra certa. Aparentemente, seu conhecimento de português, apesar de bom, era pouco.

- ...como um amuleto da sorte? – arriscou Tina.

Jean sorriu.

- Exatamente. Ele diz que era do meu pai, e que um dia irá me dar o canivete.

Essa simples frase fez o sangue de Tina gelar. “Se o pai de Jean usa o Esrichilander como amuleto e diz que um dia irá dá-lo a Jean”, pensou ela, “... significa que ele é o Arcon real do Esrichilander!”

Mas então ela raciocinou. O Livro dizia que todos os Arcons, com a exceção dos seus pais, haviam morrido pouco antes de ela, Davi, Tony e Ana nascerem. “Então o pai de Jean não pode ser Arcon...”

E um raio de compreensão a atingiu.

- Jean – ela estava sorrindo. -, você é adotado?

Os olhos de Jean se arregalaram, e a pouca cor que havia em seu rosto sumiu. Ele olhou perplexo para Tina.

- Sou. Você descobriu isso com os Kronogadores?

Tina sorriu, marota.

- Não. Eu deduzi isso. Ana não te disse que todos os Arcons antigos morreram, com a exceção dos meus pais? Isso significa que seu pai, ou melhor, seu padrasto, não é Arcon. Mas, se ele usa o Esrichilander do jeito que você falou, eu acho que ele sabe sobre os Arcons, Setéri e todo o resto. Você sabe se ele era amigo do seu pai real?

Jean pareceu se incomodar um pouco com aquela pergunta. Tina notou, então, que não era um assunto muito agradável para Jean. Infelizmente, era necessário. Aquele era o segundo dia do prazo de sete dias dos Jacob para salvar os pais dela. Tinham que ser rápidos.

- Sim – Jean respondeu finalmente, depois de pensar por um tempo. – Meu pai – ou melhor, padrasto; eu me acostumei a chamá-lo de pai - disse, uma vez, que eles haviam sido melhores amigos.

Tina, se é que era possível, sorriu de modo mais travesso ainda.

- Você pode me dar um segundo, Jean? Tenho que falar com meus amigos.

Jean assentiu e se encostou numa parede da loja de sapatos, aparentemente desconcertado. Havia sido contada a ele uma grande história naquele dia, e sua cabeça doía ligeiramente.

Quando Tina se aproximou dos amigos, ela notou o quanto eles estavam surpresos. Com perguntas diretas, simples, mas ao mesmo tempo bem boladas, ela havia conseguido extrair de Jean informações cruciais. Com suas perguntas, ela descobrira que o Esrichilander já estava materializado, e que o padrasto de Jean sabia de seus poderes.

- Se o padrasto de Jean de fato sabe sobre o poder do Esrichilander, será mais fácil convencê-lo a deixar Jean ir com a gente – ela disse aos amigos.

- Isso é bom para a questão do prazo, não é? – perguntou Davi.

- Com certeza – Ana respondeu por Tina. – OK, então sabemos que o Esrichilander não precisa ser materializado como o Invilimer ou o Ocuslater. Mas, então, como Jean irá, sabe, ter as visões que a gente teve, e aí aprender sobre as habilidades do Objeto?

Tony, que estava há um bom tempo sem falar, tomou a palavra com voz rouca:



- Talvez... – ele murmurou. Todos se viraram para ele. – Talvez seja o mesmo que aconteceu conosco, Ana. Nós tínhamos os Kronogadores, mas só aprendemos a usá-los quando lemos o texto sobre eles no Livro.

- Mas nós acabamos de ler o texto sobre o Esrichilander! – exclamou ela de volta. – E ele ainda está completamente normal!

Então Tony sorriu.

- Ele não entendeu o texto todo, lembra? Acho... acho que o texto só tem efeito quando se entende tudo.

- Me parece lógico – comentou Davi. – Falando em entender, alguém tem idéia do porquê de ele falar português? Vocês podem perguntar aos Kronogadores – sugeriu a Tony e Ana.

- Não vamos usar os Kronogadores para o que eles não precisam responder – Tony estava contente. E teve um sobressalto quando disse aquilo, pois o Askronogador meio que lhe deu um pequeno choque, como se concordasse com ele. Davi olhou intrigado para Tony, mas deu os ombros.

- Eu pergunto pra ele – Ana se selecionou, e caminhou até Jean, que continuava encostado na parede.

Ela voltou em menos de um minuto.

- Ele disse que o padrasto dele é brasileiro, e que o obrigou a tomar aulas de português brasileiro.

Tony olhou para Davi.

- Aí está sua resposta, Davi.

Tina se dirigiu a todos:

- Então, nosso próximo passo deve ser falar com o pai dele. Temos que fazer com que ele autorize a viagem de Jean conosco, e também que dê a ele o que é dele por direito, o Esrichilander.

- Temos que pedir a Jean que ele nos leve até sua casa, é isso? – Ana parecia não concordar muito com a idéia. – Basicamente, estamos nos convidando para ir lá, certo?

Tony suspirou. O “respeito” – se é que podia ser chamado assim – de Ana por Jean já estava lhe cansando.

- Sim, Ana, é isso aí – disse ele com voz fria. – A não ser que você prefira ser educada e deixar que o povo de Setéri inteiro morra.

Os olhos de Ana se arregalaram. Ela pareceu ter esquecido o objetivo deles, tão fascinada estava com Jean, mas olhou espantada para Tony, encarando aquela sua repentina frieza quase preocupada. Mas deu os ombros, e disse...

- Ah, é... – em tom de desculpas, somente para Tony ficar satisfeito.

Nisso, Tony percebeu o quanto havia sido grosseiro e pediu desculpas à irmã.

Meia hora depois, Tony, Ana, Davi, Tina e Jean se encontravam na frente do portão da casa de Jean. Se é que aquilo podia ser chamado de casa. A área inteira ao alcance de seus olhos era ocupada pelo território daquela casa; à frente deles, um caminho de pedras percorria um longo jardim, indo dar numa construção que com certeza tinha mais que trezentos metros quadrados, suas paredes pintadas de um dourado leve que contrastava perfeitamente com o branco das janelas enormes e com a água que saía num arco perfeito da boca de um anjo de granito no meio do caminho de pedras. Somente o portão daquela mansão já era mais largo que os cinco juntos.

- N-Nossa... – foi tudo o que todos, com a exceção de Jean, puderam dizer.

- É bem bonita, não é? – Jean olhou para eles meio encabulado, como se não fosse educado mostrar às pessoas uma “casa” como aquela. – É o orgulho da família de meu padraсто há gerações.

Os outros mal podiam falar, tão maravilhados que estavam olhando aquele lar dos deuses. Só não pareciam ter congelado no lugar por suas cabeças se moverem, girando em todas as direções.

- Eu tenho a chave desse portão – Jean comunicou. – Quase que meu pai... quer dizer, padraсто...

Tina o interrompeu.

- Pode chamá-lo de pai, sei que deve ser muito mais fácil e natural para você.

Jean assentiu, sorrindo, e continuou:

- Então, meu pai quase que não deixa eu ficar com uma chave. Ele diz que tenho que andar com um guarda-costas. – Jean pôs a língua para fora da boca para expressar seu desgosto com aqueles mimos exagerados.

E, com isso, ele sacou um pequeno chaveiro do bolso e enfiou a maior, mais brilhante chave na fechadura reluzente e limpa do portão da sua casa.

A grande estrutura de metal rangeu como se tivesse sido desagradavelmente acordada de um sono profundo. Jean a empurrou até que ficasse completamente aberta, e então, cauteloso, se virou para ver se havia alguém passando do lado de fora. Nisso, fechou o portão.

Os outros já estavam andando na direção da fonte, maravilhados com o que viam.

Jean correu para alcançá-los.

- Sua casa é muito louca, Jean – elogiou Davi, se recuperando da perplexidade de ter visto tamanha construção. Jean sorriu de volta, e quando Davi já estava longe, ele sussurrou para si mesmo: *Louca?*

A verdadeira porta da casa de Jean ficava no fim do jardim. Conforme se aproximavam, Tony, Ana, Davi e Tina notaram que havia dois guardas lá, vestidos com ternos e fones de ouvido, além de óculos escuros. Os quatro ficaram temerosos. Jean era tão rico a ponto de ter *guardas* lá?

Mas Jean continuou andando, sem diminuir o ritmo como os outros. Quando chegou a mais ou menos dois metros dos dois guardas os cumprimentou:

- *Bom suar*, Anton, Édouard – ele se virou para cada um dos dois e acenou brevemente a cabeça. Os dois se viraram, passaram um cartão num leitor ao lado da porta da casa e, num *clac!*, a porta se abriu.

- Venham por aqui – Jean disse aos outros, que já estavam quase chegando.

Encabulados, os quatro passaram encolhidos pelos dois guardas inexpressivos, e entraram na casa de Jean.

A primeira coisa que Tony pensou ao entrar lá é que a casa de Davi simplesmente devia ter sido feita com restos. Isso porque o hall de entrada da casa de Jean era praticamente *equivalente* a metade da casa dos Samie. O chão de azulejos xadrezes mostrava claramente o reflexo deles, se estendendo por mais dez metros, até encostar numa parede curva que segurava não só uma enorme escada espiral, como também a iluminava com janelas do tamanho de uma pessoa adulta cada. Um enorme lustre de cristal iluminava misticamente todo o ambiente. À esquerda, havia uma enorme sala de jantar, com uma mesa que com certeza agüentaria as refeições de trinta pessoas sentadas ao mesmo tempo. Do outro lado do hall, havia a sala de estar mais chique que eles já haviam visto. Uma grande televisão, mais alta que Tina, estava presa na parede; um sofá percorria mais de dez metros numa grande curva; quadros de pintores famosos ficavam espalhados pela sala toda.

- Os quartos ficam lá em cima – Jean informou. – E aqui embaixo fica toda essa coisa chique. – Jean fez uma careta. – Vou ser bem franco, gosto de ser rico, mas eu acho essa casa exagerada. Além do que só eu e meu pai moramos aqui, além dos criados. Eu sempre quis morar num lugar menor, mas meu pai gosta desse luxo todo.

- O que seu pai faz para ganhar esse dinheiro todo? – Davi perguntou sem pensar, encarando o lustre de cristal acima dele com o queixo caído.

Jean deu os ombros.

- Para ser franco, eu realmente não sei. Ele faz dezenas de coisas. Acho que ele trabalha com imóveis, mas é só um palpite. – Então, ele foi até o pé da escada. – Venham, vamos para meu quarto.

Os outros o seguiram, os seus passos ecoando ao bater nas tábuas brilhantes de madeira da escada. Quando passava na frente de uma janela, Tony não deixava de poder olhar para fora, e ao ver que havia mais um jardim, na parte de trás da casa, ele quase teve vontade de chegar até Jean e dizer: “Dá um tempo, cara”.

Quando chegaram no corredor dos quartos, Tony notou que, apesar de ser mais simples que a parte de baixo da casa, o corredor não perdia o esplendor. Apesar disso, era muito parecido com qualquer corredor de uma casa razoavelmente rica.

Jean andou até o fim do corredor e parou.

- Aqui é meu quarto. Que eu saiba, existem dois quartos de visita nessa casa. Assim, Tony e Davi podem dormir em um, e Ana e Tina no outro. OK?

- Sim, mas... – Tony olhou para ele, conforme se aproximava. – Seu pai não está em casa?

- Ele costuma sair o dia todo, e volta lá pela meia-noite – Jean explicou. – Costumo vê-lo nos fins de semana.

Aquilo era ruim. Eles não podiam perder tempo. Se tivessem que esperar até a meia-noite para ver o pai de Davi, estariam desperdiçando um tempo precioso que podiam estar usando para ir a outros países e achando outros Arcons.

- O pai dele só volta à noite... – Tony murmurou com os outros. – O que faremos?

- Não temos como achá-lo? – perguntou Ana. Tony negou.

- Ele deve ter um celular – Tina afirmou. Ela se dirigiu a Jean. – Seu padrasto tem celular?

Jean assentiu. – Mas só para ligações de emergência, ou coisa assim.

- Você pode nos colocar em contato com ele? – Tina perguntou.

- É só para emergências! – Jean exclamou de volta.

Tina deu um sorriso sem felicidade.

- Isso é uma emergência.

Tina deu, com a ajuda dos outros, informações precisas a Jean. Ela havia decidido que não seria bom que eles falassem – Jean deveria falar com o padrasto. Assim, ela lhe disse exatamente o que ele deveria contar a ele.

Ele diria que os Arcons estavam de volta à ativa. Diria que Setéri precisava novamente da ajuda deles, e que o Esrichilander deveria ser dado a ele o mais rápido possível.

Jean seguiu o plano à risca. Acreditava na história dos Arcons de maneira estranha. Afinal, ele não tinha razão alguma para acreditar em quatro crianças estrangeiras que o encontraram no meio da rua. Mas ele acreditava. Algo dentro dele o obrigava a acreditar.

- Meu pai está vindo – Jean comunicou aos outros quando finalmente desligou o telefone. – Ele parecia... nervoso e... tenso. Dizia para eu ficar aqui, que ele chegaria e me explicaria tudo.

Com aquilo, Tina quase teve vontade de pular e gritar de alegria. Ela havia conseguido. Todas as suas teorias estavam certas, e se tudo continuasse correndo bem, Jean poderia partir com eles, talvez, naquela noite mesmo.

O Sr. Jacques chegou em meia hora exata, o rosto vermelho e suado.

Era bem diferente de Jean. Seus cabelos eram acinzentados, penteados para trás, desnudando a testa sem rugas. Abaixo do nariz tinha um grande bigode da cor do cabelo, que escondia suas narinas.

- Jean! – ele gritou. – Jean, cadê você?

O primeiro indício de que tudo iria mudar foi o fato de o Sr. Jacques ter chamado Jean em português, e não em francês, como era habitual dele. E o português era muito bom. Ainda assim, havia traços de sotaque francês em sua voz, provavelmente adquirido com o hábito de falar francês todos os dias.

Jean veio com os outros escada abaixo. Tony, Davi, Ana e Tina estavam tensos, mas não revelaram sua ansiedade.

- Sim, pai? – respondeu Jean, na mesma língua.

O homem sorriu.

- Então, esses são os seus amigos, não é? – ele perguntou. – Os Arcons.

Jean assentiu.

Então, sem mais nem menos, a cabeça do Sr. Jacques caiu para trás e ele suspirou. No meio do suspiro, no entanto, havia um riso, um riso de quem ri quase por desespero.

- Eu devia ter te contado isso há muito tempo, filho – ele disse. – Há muito tempo. Venham todos comigo, por favor, até a sala. Tenho muito a contar a todos.

E, terminando de falar com aquela frase misteriosa, o Sr. Jacques caminhou até a outra sala.

# CAPÍTULO CATORZE

## A História

O sofá da sala de estar nunca parecera mais convidativo. Tony notou, enquanto acompanhava aos outros e ao Sr. Jacques, que naquele lugar muitas coisas novas, e importantes, seriam ditas. Coisas que podiam mudar o rumo da jornada deles.

O Sr. Jacques se sentou bem no meio do sofá, de olhos fechados. Parecia um pouco menos nervoso do que há poucos segundos, como se, dentro de sua cabeça, estivesse fazendo força para se acalmar e conseguir reunir de maneira clara todos os dados do que iria contar.

No momento em que todos estavam sentados, ele começou, ainda sem abrir os olhos:

- Faz muitos anos, eu e meu irmão, François, vivíamos no Brasil. Nossos pais, avós, enfim, toda a nossa família sempre fora francesa, e desse modo, nossos nomes eram franceses, nós estudávamos na escola francesa, vocês entendem.

“Um dia, François conheceu Francine, uma jovem francesa que estava fazendo um intercâmbio no Brasil. Com o tempo, os dois se apaixonaram e se casaram, e tiveram um filho, e continuaram a morar no Brasil”.

“Nesse ponto, tudo começou a mudar”.

“Para eu explicar tudo, tenho que lhes dizer que François tinha vários amigos, todos espalhados ao redor do mundo, e todos eles sempre mantinham contato. E, acima de tudo, François tinha um amigo brasileiro, Rodrigo. Os dois eram quase tão irmãos quanto eu e François”.

“Mas, um dia, eu soube que algo de estranho havia acontecido com um amigo americano de François. Pelo que ele me disse na hora, o amigo estava muito doente, e François e Rodrigo, que também era amigo desse homem, foram para os Estados Unidos. O nome desse homem era Robert”.

Algo como um raio atingiu a Tony, Ana, Davi e Tina. Aquele nome era familiar. Familiar demais. Lembrando onde havia ouvido aquele nome recentemente, Tony tentou juntar o homem a quem pertencia o nome ao contexto onde ouvira o nome Robert. E empalideceu.

O Sr. Jacques continuou:

- Mas François não voltava nunca. Eu tentava achá-lo de todas as maneiras possíveis, mas eu sempre falhava.

“Porém, depois de um mês, ele voltou. E, para meu espanto, ele parecia ter envelhecido muito, parecia estar uns 5 anos mais velho”.

“E o engraçado nessa coisa é que Rodrigo, que tinha ido com ele, também parecia ter envelhecido”.

“E a nossa vida, se é que era possível, voltou ao normal”.

“Um dia, anos depois, François começou a se queixar de tremendas dores, dores insuportáveis, e ele me afirmou, com convicção, que tinha a ver com a viagem que ele havia feito, e que ele iria morrer. Desesperado, eu apelei a ele que me dissesse o que fizera durante aquele mês”.

“E ele me contou”.

“Me contou que o amigo deles não havia adoecido, e sim se transformado num ser maléfico, e que ele, François, havia combatido-o em outro mundo, junto com Rodrigo, a mulher de Rodrigo e seu grupo de amigos ao redor do mundo”.

“Logicamente, naquela hora, eu presumi que as dores estavam causando alucinações em meu irmão. Mas, ele não parecia confuso, ou mentalmente abalado. Ele parecia completamente lúcido. E foi isso que mais me espantou”.

“Ele me explicou toda a história dos Arcons, todos os poderes e responsabilidades, tudo pelo qual ele havia passado. Ele dizia que era imprescindível que ele tivesse um filho, alguém para herdar dele seu maior tesouro, o Esrichilander”.

“Desse modo, em nove meses, o filho dele e de Francine nasceu. E, apesar de tudo, ele morreu assim que viu a criança, e Francine morreu no próprio parto”.

O velho homem se virou para Jean.

- E o filho deles é você, Jean.

Jean não sabia o que falar. Ele havia entendido tudo o que o padrasto dissera, não importava as palavras. Ele entendera cada mínimo detalhe.

As lágrimas preenchiam os olhos fechados do Sr. Jacques.

- Pouco antes de morrer, meu irmão me concedeu a posse do Esrichilander. Ele me disse para guardar o canivete até que o filho dele estivesse pronto. Ele disse que, um dia, os Arcons voltariam, e que entre eles, estaria seu filho. Eu lhe prometi preparar o filho dele para tudo.

“Por esta razão, Jean, você estuda esgrima desde que pode se lembrar. Por esta razão, eu lhe eduquei, mesmo que de maneira severa, para conseguir ser forte mesmo nas situações mais críticas. Não sei se fiz certo. Mas sei que fiz o que meu irmão pediu. E, com isso, filho, eu lhe concedo o Esrichilander”.

Um silêncio mortal tomou conta do ambiente. Era como se, ao lado do Sr. Jacques, estivesse o verdadeiro pai de Jean, ambos lhe entregando o Objeto que mudara suas vidas. Ambos estavam lhe concedendo o Esrichilander, o maior tesouro de toda a história da família Jacques.

Num gesto lento, o Sr. Jacques tirou um colar do pescoço. E, como pingente, havia o Esrichilander.

E Tony, Ana, Davi e Tina puderam vê-lo pela primeira vez.

Era ainda menor do que eles esperavam, com talvez o tamanho de um dedo indicador comprido. Era de um dourado extremamente reluzente, mas o símbolo marcado em preto conseguia se destacar bem apesar de tudo.

O Sr. Jacques o segurou com as mãos em concha, como se tivesse medo de derrubá-lo e quebrá-lo. Cauteloso, estendeu-o para Jean, que o pegou e pôs-se a examiná-lo com cautela.

- Ele é... incrível – foi tudo que Jean disse.

E o padrasto – ou, tecnicamente, o tio - de Jean finalmente abriu os olhos.

- Vocês podem me dizer seus nomes? – ele perguntou a Tony, Ana, Davi e Tina. – Sei que meu filho terá de viajar com vocês, então eu primeiro gostaria de saber quem são.

- Sou Tony.

- Meu nome é Ana.

- Tina.

- Eu sou o Davi.

Ele assentiu. Havia, ao seu redor, um ar de compreensão e pacificidade que conseguia até acalmar o ambiente. - Sabem, eu conheci, antes de meu irmão morrer, todos os outros Arcons. Se vocês me disserem que Objetos usam...

- Eu uso o Askronogador – Tony ergueu o pulso.

- E eu o Anskronogador – Ana fez o mesmo que Tony.

O Sr. Jacques ergueu as sobrancelhas.

- Ora, isso é interessante – murmurou. – Se bem me lembro, o próprio Rodrigo usava o Askronogador, e a mulher dele, Mariana, que usava o Anskronogador.

Aquela informação foi um choque para Tony e Ana. O Sr. Jacques sabia o nome de seus pais. Não só isso: ele também os conhecera. Tony se lembrou da visão que tivera ao finalmente conseguir dominar o Askronogador – não só ele sabia como era seu pai, mas também sabia seu nome.

- E vocês? – o Sr. Jacques se virou para Davi e Tina.

- Somos os Arcons do Invilimer e do Ocuslater – Tina respondeu.

- Ah. Então seus pais são...

- Carlos e Silvia Samie, isso mesmo – Davi fez um sinal com a cabeça.

O Sr. Jacques assentiu.

- Vocês gostariam de saber os nomes dos outros antigos Arcons? Talvez seja útil em sua viagem.

Os quatro e entreolharam. Parecia bom. Concordaram.

- Pois bem. O Arcon da Ásia era um japonês, chamado Takao. Acho que o sobrenome era Sagara. E, quanto ao da Austrália, eu lembro que seu nome era Jim Pensi.

A menção daquele nome fez algo como um choque percorrer o corpo de Tony.

- Pensi? – ele repetiu a palavra quase num engasgo.

- Sim – respondeu o Sr. Jacques. – Casado com uma brasileira, chamada...

- Cristina?! – Ana cortou-o no meio da frase.

Os olhos dele se arregalaram.

- Sim, Cristina. Como vocês sabem disso?

Mas nenhum dos dois respondeu. Aquele nome ficava vagando em suas cabeças, deixando sua marca onde pudesse. Novamente, dona Cristina. A mulher que primeiro os avisara sobre os Objetos, e que agora voltava a aparecer. Era como se dona Cristina de fato estivesse ali, bem na frente deles, encarando-os com seus olhos negros.

- Ah, sim, agora me lembro! – o Sr. Jacques exclamou. – Eu soube que Cristina ficou encarregada de tomar conta dos filhos de Rodrigo e Mariana! Agora entendo seu espanto!

Tony e Ana olharam friamente para ele. Pelo jeito, ele presumia que dona Cristina havia sido uma “mãe substituta” para eles, ao invés de ter tornado sua vida um sufoco.

Mas ainda assim nenhum deles falou nada. Os dois forçaram um sorriso ao Sr. Jacques.

Porém, pouco depois dessa cena, eles ouviram um grito. Se viraram e lá estava Jean, desacordado, deitado de maneira rude no sofá, o Esrichilander ainda nas mãos.

- Jean! – o Sr. Jacques gritou, fazendo menção de ir tentar acordar Jean, mas Tony e Davi, que eram os mais próximos dele, o detiveram.

- Não se preocupe – disse Tony, fazendo força para que o homem não avançasse. – Nós sabemos o que é isso. Significa que Jean acaba de aprender a usar o Objeto dele. Portanto, não se desespere, senhor.

O Sr. Jacques ainda olhou assustado para eles por algum tempo, tentando captar toda a informação, mas depois assentiu e se sentou novamente.

- Vamos levar Jean até o quarto, Davi – Tony disse ao amigo. – Venha, me ajude aqui.

O céu já escurecia e as nuvens já adquiriam um tom alaranjado quando Jean finalmente despertou.

Ele sentia como se tivesse dormido dois dias seguidos, e não via porque aquilo não seria verdade. Afinal, o sonho que tiver fora tão complexo... que bem que podia ter durado dias. Mas algo dentro dele lhe dizia que não. E, quando foi coçar os olhos, notou que o Esrichilander ainda estava em sua mão.

Por poucos segundos, que pareceram uma eternidade, ele olhou para o pequeno canivete dourado, enquanto seus olhos se mexiam de um lado para outro, brilhando. E, de repente, num gesto profissional e rápido, ele pôs a mão sobre o Esrichilander e sacou de lá uma enorme espada de diamantes.

E sorriu.

- Finalmente você acordou!

Enquanto Jean dormia, os outros quatro Arcons haviam ficado na sala de estar, planejando as próximas etapas da sua viagem. Então, cansados, haviam ligado a televisão, sem conseguir prestar atenção ao programa, mas relaxando pela primeira vez desde que haviam deixado o Brasil.

Mas, quando Jean entrou na sala, com os olhos inchados, Ana se levantou num salto.

- E então? – ela perguntou para ele, um grande sorriso no rosto. – Você sabe usar o Esrichilander?

Jean, então, deu um sorriso travesso. E, como resposta, colocou o braço esquerdo à frente, com o Esrichilander nessa mão, e com a mão direita puxou do Objeto uma espada japonesa de tamanho absurdo, com mais de três metros de comprimento.

Todos que estavam na sala arregalaram os olhos.

- É isso aí, Jean! – exclamou Tony, surpreso. – Incrível!

Ana somente deu um abraço nele. Davi e Tony se entreolharam e suspiraram profundamente.

- Eu estou pronto para ir com vocês – anunciou ele, quando Ana finalmente o soltou. Então, colocou o Esrichilander na cintura, como uma bainha de espada, e enfiou a espada que havia criado por lá, num ruído metálico. Em poucos instantes, a espada já havia sumido.

E Tony se levantou.

E estendeu a mão para Jean.

- Jean Jacques – ele anunciou. -, hoje você se torna um de nós.

Jean sorriu, e apertou a mão de Tony, um feixe de confiança se indo de um para o outro. Naquele instante, Tony esqueceu tudo o que já sentira sobre Jean, e naquele momento se concretizou a existência de cinco dos Sete Arcons.

Três horas depois, no jato particular da família Jacques, após várias consultas aos Kronogadores, Tony, Ana, Davi, Tina, e agora Jean partiram em direção ao Oriente.



# CAPÍTULO QUINZE

## Tortura

*O próximo Arcon a ser encontrado é o Arcon japonês Setsu Sagara, 12 anos. Ainda não possui seu Objeto, o Felogor. Encontrem-no e ensinem-no a usar o Felogor.*

Fora isso que o Anskronogador dissera.

Já era madrugada. O avião particular da família Jacques seguia em piloto automático, passando milhares de pés acima da Ásia Central. A temperatura era muito baixa, mas não era notada pelos cinco Arcons completamente adormecidos, sentados imóveis em suas cadeiras.

O avião havia sido reconfortante. Nele, os Arcons puderam comer, descansar, e por alguns minutos, relaxar da difícil missão deles. A comida havia sido excepcionalmente boa, garantindo, assim, um bom sono a eles.

Por isso, nenhum deles sabia o que estava ocorrendo aos pais de Davi naquele exato momento.

Já era de manhã na precária aldeia Seteriana de Sefuigara. O sol brilhava intensamente, e todos os habitantes já cumpriam suas tarefas diárias.

O mesmo não acontecia numa pequena cabana a poucos metros da cidade.

Era uma cabana de madeira, aparentemente já bem velha, que devia ter menos de dez metros quadrados de área. Ficava numa área escura, coberta pelas sombras das árvores, de modo que um cidadão que passasse por lá depois de ter cultivado seus vegetais, desinteressado e cansado, não poderia vê-la facilmente.

Lá dentro, teias de aranha ocupavam cada canto das paredes, e a poeira acumulada podia praticamente afogar qualquer animal pequeno que por lá passasse.

Mas os Samie não eram animais pequenos.

E por essa razão, a poeira somente lhes irritava os olhos, quase privando-lhes da visão, e atrapalhava-lhes a respiração. E, mesmo que não houvesse poeira, o fato é que eles estavam tão cansados, tão esfomeados e tão preocupados que não gastavam muita energia em tentar ver, ou respirar de modo adequado.

Estavam amarrados naquelas cadeiras somente há dois dias, mas para eles pareciam anos. Era um tortura, que somente não era pior porque eles ainda tinham mais cinco dias de vida. Quando esse prazo acabasse, os Jacob simplesmente parariam de lhes dar água e comida ou então os jogariam, talvez ainda amarrados (o que não fazia muita diferença, de tão fracos que estavam), num rio próximo.

E sua única esperança eram seus filhos.

Quando, de madrugada, haviam sido tirados à força de sua cama e jogados, cada um, num enorme saco fedorento, sabiam que a missão dos Arcons começaria novamente. Sabiam que seus Objetos seriam usados novamente, e se perguntavam furiosamente porque não haviam jamais mencionado os Objetos a Davi e Tina.

E já era tarde demais.

Agora, amarrados e trancafiados do jeito que estavam, não sabiam se seus filhos seriam capazes de chegar até Setéri em apenas mais cinco dias, dominando inteiramente as habilidades de seus Objetos. Não. Era impossível. Qualquer um diria que estavam todos condenados.

Mas aí eles se lembraram de Tony e Ana.

Os nomes se chocaram em suas cabeças como dois carros de corrida em alta velocidade. Eram Tony e Ana, os dois filhos de Rodrigo e Mariana, os próximos Arcons dos Kronogadores. Como eles haviam sido tão tolos? Tony e Ana tinham relógios distintos quando haviam chegado na sua casa – como eles não haviam percebido aquilo?

Talvez porque estivessem fechados em relação aos Objetos há tanto tempo que simplesmente haviam obliterado aquela pequena informação de seus cérebros.

- Hora da comida!

Marta Jacob entrou rudemente naquela cabana tão apertada, segurando duas pequenas bandejas de pedra que eram os pratos usados em Setéri, jogando a porta contra a parede, fazendo, com isso, uma cachoeira acinzentada de poeira.

- Certo, vocês têm isso para comer, então aproveitem! – ela estendeu as bandejas para eles, que puderam ver, com enorme dificuldade, uma folha de alface e um bife quase cru em cada bandeja.

- Só mais cinco dias! – gritou Marta, já encostando a mão na porta de novo. Seu tom de voz era esganiçado e agudo, mostrando que ela achava graça de toda aquela situação. – Por que ainda tentam viver? Sabem que aqueles *idiotas* dos seus filhos e dos amigos *jamais* vão chegar aqui em cinco dias!

Ao ouvir seus filhos serem chamados de tal modo, o Sr. Samie disse, cada palavra saindo com mais dificuldade que a anterior:

- Você errou, Marta – ele tentava esboçar um sorriso sarcástico em seu rosto. – Davi e Tina não só vão conseguir... como vão derrotar vocês e seu mestre Crozodon também!

- É verdade! – exclamou a Sra. Samie, sorrindo do mesmo modo que o marido. – Nunca duvidem dos poderes dos Objetos!

A Sra. Jacob olhou para eles meio atordoada, encarando suas faces confiantes com receio. Mas seu sorriso voltou ao rosto e ela gritou:

- Digam o que quiserem, veremos os resultados em cinco dias! – E, com essa frase final, fechou a porta da cabana com uma batida tão forte que fez a pequena construção estremecer.

O silêncio voltou a reinar, e com ele, sua rainha, a escuridão. Mas, pela primeira vez, os Samie não se deixaram abalar por eles. Porque, substituindo seus temores, chegara a convicção e a confiança – Davi e Tina conseguiriam. Era certo. Com dificuldade, eles se fortaleceram com a pequena quantidade de comida, e retiraram toda a energia que havia sobrado em seus músculos e a transferiram para seus cérebros.

Era hora de bolar um jeito de fugir dali.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

## O Brilho

*Dia 3 de 7*

O avião da família Jacques pousou calmamente na pista de pouso que havia reservado, numa manhã fria na cidade de Tóquio. Eram dez horas.

Tony acordou bruscamente, sem saber onde estava ou o que estava fazendo. Levou alguns segundos para ele perceber que estava dentro de um avião, o avião da família de Jean, provavelmente no aeroporto.

Ele se espreguiçou.

- Acorda aí, gente! – ele exclamou. – Chegamos em Tóquio!

Para Davi, aquilo não havia sido necessário, sendo que, como Tony, ele também havia acordado no pouso. Quanto a Tina e Ana, as duas ainda levaram um certo tempo para acordarem. Jean despertou imediatamente.

Então, se levantou e abriu a porta da cabine de controle. Conversou com o piloto em francês, provavelmente para se certificar que tudo estava indo da maneira correta, e então voltou até onde estavam os outros quatro Arcons, sem parecer estar cansado ou sonolento.

- Todos peguem suas malas, e venham comigo.

As malas – ou melhor, mochilas – de cada um deles haviam ficado cada uma ao lado do próprio dono, pois, sendo que o avião era particular, o espaço que sobrava era muito e não houvera necessidade de colocar as malas no compartimento de carga. Além disso, também havia uma outra razão, uma quase bizarra, que fizera os Arcons não desejarem colocar as malas no compartimento: suas lembranças daquele lugar não eram muito boas.

Então, seguindo as ordens de Jean, eles puseram suas mochilas nas costas e se dirigiram à porta do avião. Ao passar pelo imenso corredor cilíndrico que era o avião, Tony se sentiu estranho. Talvez porque fosse a primeira vez que ele andava num avião sem ser clandestino, ou estar no compartimento de bagagens.

Ao sair, percebeu que estava num grande corredor, que era inclinado para frente criando uma rampa. Havia várias curvas, todas levando eles cada vez mais para baixo.

Quando Tony finalmente pôde sair do corredor e entrar no aeroporto, perguntou-se se realmente estava no Japão. E isso porque o aeroporto de Guarulhos, de Paris (onde haviam tomado o voo no jato da família Jacques) e de Tóquio eram basicamente iguais: eram extremamente grandes, espaçosos, com escadas rolantes e lojas por todos os lados, sem falar das placas de propaganda e de companhias aéreas. O único fator que o convenceu de que

estavam, de fato, no Japão, eram as letras japonesas, vistas ao acaso (havia tantas frases em inglês que a competição entre estas e as frases em japonês era acirrada).

Jean, que estava à frente, se virou para os outros e anunciou:

- Bom, gente, conseguimos. Estamos aqui. O que devemos fazer agora?

Ele olhava, principalmente, para Tony e Ana, que eram os únicos que, na sua opinião, poderiam responder àquela pergunta. Tina notou isso, e, indignada, crendo que Jean acreditava que ela e Davi eram idiotas, respondeu antes que Tony ou Ana pudessem sequer se mover.

- Temos que achar o próximo Arcons, certo? Setsu Sagara, doze anos.

- É, sim Tina – Tony concordou. – Vamos ver onde ele vive agora mesmo. Pronto, Ana?

- Sempre – ela respondeu, e ergueu o pulso.

Assim que ela e Tony terminaram de determinar o lar de Setsu, ela se lembrou de uma coisa.

- Será que, como Jean, ele fala português também? Seria muito mais fácil e prático para nós, não é?

- Olha, acho que pode ser – Davi entrou na conversa. – Se a mãe ou o pai desse cara souber dos Arcons, provavelmente pode ensinar português para ele.

- Não sei, Davi – Jean argumentou. – Meu padrasto me pôs para aprender português por ser brasileiro, não por ter conhecido meu verdadeiro pai. Além disso, acho que inglês devia ser a língua a ser aprendida, afinal, não é considerada pelas pessoas a língua universal?

- Na verdade, acho que é um tipo de língua asiática... – Tina se opôs.

- Certo, Tina – Jean suspirou. – Mas todos nós aprendemos inglês na escola, e não chinês ou coisa assim.

Tina balançou a cabeça, como se não tivesse escolha senão concordar com Jean.

- De qualquer modo, vamos ver se ele fala português – Davi pareceu ter notado um certo clima ruim entre Tina e Jean. – Certo, Ana, Tony?

- Aham – os dois disseram ao mesmo tempo, e fizeram o processo de pergunta-resposta dos Kronogadores.

- Não – Ana respondeu afinal. – Setsu não só não sabe nada sobre os Objetos, como a família dele também não, e ele mal sabe o que é o Brasil.

Tony estalou os dedos, suspirou e pôs a mão no rosto.

- Isso dificulta um pouco as coisas.

Os outros meramente assentiram.

Quase vinte minutos depois, os cinco se encontravam entalados num pequeno táxi. Havia decidido dar o endereço ao taxista para que ele os levasse até a casa de Setsu. O grande problema fora falar. Tendo que usar os Kronogadores para falar e para entender o que fora falado, a conversa de poucas palavras entre eles e o taxista fora demorada e cansativa.

Mas, apesar de estarem apertados, e da conversa ter sido difícil, eles estavam lá, a caminho da casa do sexto Arcon.

Quando Tony pensava que, dos sete Arcons que deveriam formar seu grupo, Setsu seria o sexto, ele já se sentia bem. Ainda faltavam quatro dias – se dessem sorte, poderiam recrutar Setsu naquele mesmo dia e – quem sabe? – de noite poderiam já estar a caminho da Austrália onde o sétimo – e último – Arcon estaria.

Enquanto ele pensava em tudo isso, Davi, que ficara sentado no banco direito do carro, olhava petrificado pela janela.

Seus pensamentos eram muito diferentes dos de Tony. Apesar de ele também pensar no tempo que faltava, ele lembrava que estava no Japão, a terra dos videogames que ele sempre tanto desejara. Era no Japão onde tudo aparecia primeiro – e o Brasil era o último ponto de parada dos eletrônicos. Tina também gostava dos eletrônicos, mas não de videogames – preferia programas para computadores.

Ana, apoiada na porta do carro, também olhava à vista, mas sem realmente vê-la – estava muitíssimo pensativa. Pensava num assunto que, apesar de não ser imprevisível, era completamente diferente dos de Tony, Davi, Tina ou Jean.

Seu pensamento era sobre esse último mencionado – Jean. Ela sabia que Tony achava ridículo o jeito de ela agir quando estava perto de Jean – e, quando ela parava para pensar, também achava um pouco ridículo. Afinal, há quanto tempo conhecia Jean? A resposta poderia ser motivo de risos: menos de um dia. Menos de um dia! Como ela podia gostar de alguém que conhecia há menos de 24 horas? Era absurdo. Falara pouco com Jean, e, de fato, o conhecia muito pouco.

“Pouco demais”, ela pensava, se virando para ele.

Ele estava de olhos fechados, os braços cruzados, e poderia ser considerado adormecido se suas sobrancelhas não se movessem como estavam. Jean estava tenso. No interior de seu cérebro, ele se perguntava se tudo não passava de um sonho. *Afinal*, uma vizinha lhe dizia, *isto é impossível. Você estava indo se encontrar com seus amigos e dormiu num banco no caminho*. É. Aquilo parecia muito mais lógico.

Não... ele sabia que estava mentindo para si mesmo. Tony, Ana, Davi, Tina, os Objetos, era tudo real. E, agora, não só ele estava envolvido naquilo tudo, como também tinha um papel importante a exercer.

A parada brusca do carro e um conjunto de palavras que nenhum dos Arcons entendeu foi o sinal de que eles haviam chegado na casa de Setsu Sagara.

Todos olharam em volta. Estavam estacionados do lado esquerdo da rua, bem próximos de uma árvore. Não havia neve naquele dia, mas ainda assim estava muito frio.

A casa mais próxima era pequena, branca, com um jardim que devia ter uns três metros dividindo, através de uma grade baixa, a casa da rua. Uma placa próxima ao portão mostrava algumas letras.

- Deve estar escrito *Sagara* – Tina comunicou aos outros. – Algumas vezes os japoneses põem o sobrenome da família que mora naquela casa na frente da casa. – Então, ela fez uma cara intrigada. – Certo, como vamos pagar o homem?

Todos eles, exceto Jean, empalideceram. Havia esquecido de cambiar seus reais por ienes, o dinheiro japonês. Mas, então, Jean tirou do bolso várias moedas e notas, com um sorriso maroto.

- Então que sorte que eu peguei alguns ienes com meu pai antes de nós sairmos.

Todos olharam para ele.

- Ufa, ainda bem, Jean! – Tina exclamou. – Que sorte!

Assim, com a ajuda de Tony e Ana, Jean pagou ao homem, que depois de receber, emburrado, seu dinheiro, murmurou um “dômo” para agradecer e saiu com o carro em disparada.

- Aqui estamos – Tina olhou para a construção à sua frente, ao mesmo tempo que uma brisa gelada passou por todos.

- Vistam os casacos, depressa! – Tony exclamou, soltando o braço esquerdo da mochila e rapidamente abrindo-a, para pegar sua malha. Quando todos terminaram de se vestir, ele continuou o que Tina estava falando:

- Agora, temos que conseguir chegar até Setsu – ele afirmou. – Sendo que ninguém nesta casa sabe português ou sobre os Objetos, a maneira mais fácil é dizermos que... que somos colegas dele, e que precisamos falar com ele sobre... sei lá, sobre lição de casa ou coisa assim.

-Hm... – Davi pensou. – Talvez seja melhor só um -

- Ou uma! – Tina interrompeu, já prevendo o que o irmão iria falar.

- Ou uma – Davi concordou. – de nós entrar. Quem entrar pode chamá-lo até aqui, e aí poderemos falar com ele sem sermos interrompidos pela sua mãe, sabem.

- Pode ser, Davi – Jean concordou. – Quem é que vai entrar e falar com ele?

Todos se entreolharam. Ninguém estava muito a fim de entrar sozinho numa casa estranha para falar com Setsu. Então se lembraram que precisavam pelo menos de Tony e Ana para traduzir tudo o que ele falasse.

- Então que sejam Tony e Ana – Tina não via outra opção.

Tony não parecia muito satisfeito.

- Será que não há nenhum outro jeito? Os Objetos são poderosos, deve haver outro jeito de traduzir sem nós termos que ficar perguntando “O que ele disse?” a cada frase! Para falar a verdade – ele estendeu o pulso. – eu vou ver isso agora mesmo. – E, com sete apertos firmes no Askronogador, ele definiu sua pergunta: *Existe um meio melhor de traduzir com os Objetos?*

O momento que se seguiu foi um dos mais estranhos na viagem deles ao redor do mundo.

O Anskronogador se soltou do pulso de Ana emitindo uma luz prateada, e começou a flutuar no ar, girando em alta velocidade. Todos olhavam maravilhados para ele, sem se importar se algum transeunte que estivesse por lá visse àquela cena.

Infelizmente, um viu.

Um homem conhecido como Paulo de César Jacob.

Jacob.

# CAPÍTULO DEZESSETE

## Separação

Num piscar de olhos, o Anskronogador parou de girar, e começou a cair. Instintivamente, Ana se jogou para frente para pegá-lo, caindo dolorosamente no chão ao fazer isso.

- O que foi... que aconteceu? – ela perguntou, enquanto se levantava do duro e frio chão de pedra. – Eu não entendo...

E antes que alguém pudesse responder, ela gritou.

Não um grito de terror ou de medo, mas um grito de alegria. Ela colocou o Anskronogador no pulso e exclamou:

- Eu sei o que é! É uma nova habilidade do Anskronogador!

Todos a encararam intrigados. Nova habilidade? Isso era muito estranho. Por que somente ela ganhara uma habilidade nova se ela tinha tanta habilidade com seu Objeto quanto os outros?

E a resposta lhes apareceu.

Ana acabara de ganhar uma nova habilidade de tradução.

- Tony, digite no Anskronogador a palavra “japonês” – ela disse ao irmão.

Tony, que estava muito curioso para saber o que iria acontecer, não se deu ao trabalho de responder; somente apertou os botões por Ana desejados e esperou.

E o Anskronogador respondeu.

Ele emitiu alguns bipes, não como geralmente fazia, que emitia música, e isso era ainda mais intrigante. Mas não para Ana.

- Se o que eu acho está certo – ela disse, mal conseguindo conter a excitação na voz. -, agora eu consigo falar e entender japonês!

Aquilo pegou a todos de surpresa. Como era possível? Somente ao fazer uma pergunta ao acaso – se é que aquilo fora uma pergunta -, o Anskronogador respondera daquela maneira e lhe ensinara a falar línguas estrangeiras? Era absurdo.

Mas, se não fosse aquilo, então por que o Anskronogador teria flutuado daquela maneira? Será que, de fato, Ana estava falando a verdade?

- Bom, só existe um jeito de descobrirmos se isso é verdade – Tony argumentou. – Ana, toque a campainha e fale com Setsu. Só assim vamos saber se, de fato, você consegue falar japonês.

Ana olhou para ele incrédula. Aparentemente, não queria sair usando sua suposta nova habilidade tão rapidamente assim.

- Já? – ela perguntou. – Isso... não, não, é muito cedo...

- Você mesma disse que sabia falar japonês! – Davi disparou. – Se é assim, você consegue *sim* falar com ele! E, se der errado, o máximo que ele vai fazer é uma cara estranha.

Mas Ana ainda não parecia muito convencida.

- Bom, se é assim...

E ela tocou a campainha.

No momento seguinte se ouviu o toque se espalhar por toda a casa à frente deles. Agora era tarde para voltar atrás. Ana se virou temerosa para o portão, engoliu sem seco e esperou, enquanto um vento frio castigava a todos.

Depois de mais ou menos um minuto, a porta da casa se abriu. Todos olharam atentos para ver uma mulher de uns quarenta anos, de pele branca e uniforme, com o rosto parecido com uma máscara, e de cabelos negros curtos sair de lá, vestindo um avental vermelho com a figura de um pinguim estampada abaixo de algumas escritas japonesas. Seu olhar era intrigado, curioso, e aumentou ainda mais quando ela viu as cinco crianças lá paradas, vestindo casacos coloridos e usando adereços dourados gigantescos.

- *Hai?* – ela perguntou, quando se aproximou do portão.

Ana pigarreou e chegou mais perto dela. Era agora ou nunca.

- *Dôzo yoroshiku, Ana dessu* – ela soltou de uma vez só. E, assim que terminou a frase, levou as mãos à boca. A frase que ela planejara falar “Muito prazer, sou Ana” saíra em japonês de maneira perfeita, sem falhas, e enquanto falava, apesar de não controlar o que era falado, ela sabia o que dizia. Era incrível.

Assim, ela conseguiu explicar, de maneira rápida, tudo o que precisava à Sra. Sagara. Não necessariamente a verdade; mas sim fatos que explicavam de forma razoável o porquê de ela e os amigos estarem ali e também de precisar falar com Setsu.

Após terminar de falar tudo, se virou para seus amigos, e notou que todos estavam completamente boquiabertos, olhando fixamente para ela. A Sra. Sagara também olhou para ela, parecendo surpresa de Ana – presumidamente – falar japonês tão bem, sendo que ela não tinha o menor indício de ser oriental, e fez um sinal para todos entrarem, enquanto abria o portão.

Cautelosos, quase a ponto de estarem temerosos, Tony, Davi, Tina e Jean seguiram Ana e a mulher para dentro da sua casa.

Esta era ainda menor do que eles esperavam. A entrada devia ter menos que um metro de comprimento, mas havia um degrau lá, e alguns sapatos estavam encostados no degrau. Achando estranho, Ana foi passando, mas foi pega pela camiseta por Tina, que lhe sussurrou:

- Tire os tênis e ande de meias! É assim que os japoneses fazem.

Com um olhar de desculpas, Ana voltou e tirou, sem usar as mãos, os tênis dos pés. Com isso, notou que estava muito mais aquecido dentro da casa do que lá fora, e se sentiu muito melhor. Então, deixou os tênis para trás de qualquer jeito e subiu no degrau, seus passos ecoando abaixo do piso de madeira.

Um por um, os Arcons também subiram no degrau, e Tina explicou que, basicamente, a casa começava após aquele degrau. Tony até que achou interessante, mas Jean olhou para ela parecendo achar as tradições japonesas um pouco bobas. Tina deu os ombros – ela também gostava das tradições – e sabia várias delas, por meio de pesquisas, e também por assistir muitos programas japoneses na televisão – mas não estava disposta a discutir com Jean, pelo menos não daquela vez.

Eles seguiram a Sra. Sagara através de corredores bem estreitos, mas cada um dando acesso a várias salas. Por fim, no fim do último corredor, viram uma porta com um pôster pendurado, onde era o quarto de Setsu.

E, quando a Sra. Sagara abriu a porta, eles puderam vê-lo. Era um rapaz da mesma altura de Tony, aproximadamente, com cabelos escuros espetados com gel, deitado na cama, lendo uma revista de histórias japonesas – conhecida como *mangá* -, nos quais se baseavam os desenhos que Tina tanto gostava de assistir. Usava uma camiseta simples e calças *jeans*, sem



cinto. Aparentava estar nem aí para nada, e os seus olhos não se desviaram do *mangá* quando os Arcons e a Sra. Sagara entraram no quarto.

Chamando a atenção dele chamando seu nome, a Sra. Sagara apresentou Tony, Ana, Davi, Tina e Jean a ele, que respondeu somente *Hajime mashite* em tom desinteressado, se jogou de volta na cama, apanhando o *mangá* e abrindo na página que havia marcado. Somente com uma bronca da Sra. Sagara ele se levantou novamente, e ela saiu para apanhar copos de refrigerantes para todos.

Assim que ela fechou a porta do quarto, um silêncio tomou conta deste. Enquanto Setsu encarava todos, estes mesmos puderam dar uma olhada melhor em seu quarto: era muito pequeno, com a parede pintada de branco rachada. Uma grande janela ficava ao lado da cama. Bem em frente à ela, havia uma grande televisão *Sony*, e abaixo dela, um console de videogame prateado. Davi já ia exclamar “PlayStation 3!”, mas Tina, conhecendo ele como somente uma irmã conheceria, colocou a mão na sua frente girou o seu dedo indicador de um lado para o outro.

O som de palavras saindo da boca de Setsu quebrou o silêncio. Seu tom era quase raivoso, afinal, ele havia sido bruscamente impedido de fazer o que queria fazer, ou seja, ler seu *mangá*, e agora estava com cinco estranhos à sua frente, ninguém dizendo nada.

Somente Ana parecia ter entendido o que ele dissera.

- *Íie, watashitati wa...* – ela já foi dizendo.

*Não há muito no que interferirmos*, Tony pensou, sentindo-se impotente. Afinal de contas, nenhum deles sabia alguma coisa de japonês, e, sem terem o que fazer, sua presença lá era praticamente desnecessária. Por isso, ele, Davi, Tina e Jean se sentaram na cama desocupada de Setsu e se puseram a observar aquela conversa tão estranha. Era esquisito ver como Ana falava japonês tão perfeitamente. Sendo franco para si mesmo, Tony observou como ela parecia outra pessoa. De vez em quando, ele podia entre ouvir palavras como “Arcon”, “Askronogador”, e outras palavras relativas à sua missão, além dos nomes dos integrantes do grupo. A única interrupção naquela conversa foi uma vinda da Sra. Sagara, carregando uma bandeja com copos cheios de *Coca-Cola*, que Tina, com o mínimo de japonês que sabia (quase a mesma coisa que Ana sabia de francês, ou seja, *sim* e *não*, além de nomes de comidas), e interpretando o movimento que a Sra. Sagara fazia com a bandeja, meramente murmurou: “*Hai, arigatô gozaimassu*” (estando a sentença correta ou não) e pegou um copo para cada um dos que estavam sentados na cama, e mais um que ela deixou na mesa de cabeceira de Setsu.

Aproximadamente dez minutos depois, a conversa entre Ana e Setsu acabou. O garoto, pasmo com o que ouvira, murmurava com si mesmo, mexendo a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando negar tudo o que fora falado.

Finalmente, ele falou\*:

- *Não, isso é totalmente impossível. Garota, o que você está falando não pode ser verdade. Sim, sou órfão de pai, mas tenho mãe e ela disse que ele costumava ser marinheiro, e não um... um guerreiro ou coisa assim.*

Ana olhou para ele incrédula. Fora tão fácil fazer Jean acreditar! Mas, pelo visto, seria muito mais difícil com Setsu – ele estava se desacreditando sua história com tudo que podia.

- *Não é mentira, por favor, acredite! Temos como provar tudo o que eu falei, eu só preciso de ajuda dos meus amigos! Davi pode ficar invisível, Jean pode sacar qualquer arma daquele canivete dele...*

- *Eu já vi mágicos antes. Que eu saiba, eles também podem ficar invisíveis ou tirar coisas de lugares estranhos. Isso está me parecendo um tanto estranho demais. Você trabalha para alguém que queira me raptar, é isso? O que é, afinal? Desembucha!*

---

\* A partir de agora, todas as conversas que ocorrem em outras línguas serão postas em itálico, em português

Ana já estava à beira do desespero. Não importava o que ela dizia, o garoto simplesmente não queria acreditar.

O que ela faria? Diria, com a ajuda de Tony, uma grande verdade sobre Setsu? Nisso, uma imagem lhe veio à cabeça, e ela viu ele gritando para ela: *Ótimo, vocês pesquisaram sobre a minha vida. Que prova.* Não. E se fizesse Davi deixá-lo invisível? Parecia bom. Mas, provavelmente, ele acharia que era tudo fumaça e espelhos. Quanto a Tina? Bom, ela podia mostrar para ele qualquer lugar do mundo com o Ocuslater... Não, ele com certeza acharia que aquele era o tocador portátil de vídeos mais estranho que já vira. E, como ele mesmo dissera, não adiantava em nada tirar armas do Estrichilander...

- *Me dá licença para falar com meus amigos um pouco? Obrigada* – ela disse antes que ele pudesse responder, e fez um sinal para que os outros a seguissem.

Instintivamente, Jean, Tony, Davi e Tina largaram os copos vazios de *Coca* e seguiram Ana para fora do quarto, Ela continuou andando até chegar ao jardim, onde se virou para eles com o rosto suado.

- Eu não consigo! – ela exclamou, o poder de falar japonês se escondendo dentro dela. – Não importava o que eu falava, ele dava um jeito de desacreditar tudo o que eu dizia! – Ela estava à beira das lágrimas.

- OK, fique calma, Ana, fique calma – Tony pôs a mão no seu ombro e falou com ela baixinho. – Agora, conte tudo o que aconteceu, com calma.

Ela soluçou.

- Eu contei, basicamente, tudo o que aconteceu com a gente desde que fomos adotados pelos Jacob – ela contou. – Também expliquei sobre os Objetos, o que cada um fazia, e sobre os Arcons. E... acho que é isso – ela terminou num soluço.

- Toma, beba um pouco de refrigerante – Tina estendeu um copo cheio de *Coca-Cola* para ela. Era o copo adicional que ela havia pegado, provavelmente para dar para Ana posteriormente. Ana aceitou agradecida, e bebeu o copo todo em menos de cinco segundos.

- Valeu, Tina.

- Certo, você disse que ele não acreditava em nada – continuou Tony, sentando-se em uma pedra plana que havia por perto. Os outros seguiram seu exemplo e se sentaram também. Ana assentiu. – Bom, deve haver algo que possamos mostrar a ele para que ele acredite.

- Querem a minha opinião? – Jean perguntou. Todos olharam para ele. – Eu acho que já perdemos bastante tempo aqui com ele. Pensem, temos que estar a caminho da Austrália hoje à noite, no mínimo.

- Tá, e aí? – Davi perguntou.

- Bom, se não tomarmos medidas rápidas, ele não vai vir! – Jean exclamou. – Por isso, a única solução é... obrigá-lo a vir, ou coisa assim – ele pareceu se livrar de um grande peso nos ombros ao dizer isso.

Os outros ficaram a olhá-lo por ainda um tempo, parecendo petrificados, até Tony se contorcer e cair na gargalhada.

- Certo, até parece Jean. À força? Acho que nem você acredita nisso!

Jean pareceu ficar bravo. Seu tom de voz aumentou.

- E nós temos outra opção? Pelo que a Ana disse, o cara acha que estamos brincando com ele! – ele parecia indignado. – Se o forcarmos a vir conosco, talvez - ou melhor, com certeza – ele vai acabar descobrindo que o que falamos é verdade! Não concordam? – Ele se virou para os outros três, que foram obrigados a assentir. Apesar de bruto, o plano de Jean poderia dar resultados.

Tony olhou para eles indignado.

- Mas nós somos os Arcons! Podemos fazer qualquer coisa! Se conseguirmos... ficar invisíveis, tirar armas de canivetes ou falar línguas estrangeiras, *com certeza* – ele deu grande ênfase a essas duas palavras. – podemos conseguir fazer um garoto acreditar em nós! Falem sério! – Ele se virou para os outros três, que também assentiram lentamente, porque o que Tony dissera tinha fundamento.

Jean respirou ruidosamente. Estava praticamente furioso.

- E então, o que fazemos? Fazemos do meu jeito, que apesar de desagradável, dá resultados, ou do seu jeito, Tony, em que nos atrasamos e perdemos tempo? Responde!

Tony tomou o mesmo tom de Jean.

- Se você quer resposta, Jean, então façamos o seguinte: quem acha que eu estou certo, venha comigo! E quem acha que você está certo – o que eu duvido que exista – ele acrescentou em tom desdenhoso – que vá com ele!

Mas Davi, Ana e Tina continuaram parados. Era simplesmente muito difícil decidir a qual amigo eles iriam se separar e a qual eles iriam se juntar. Davi e Tina se entreolharam. Tony estava com eles havia muito mais tempo que Jean, e sempre tivera idéias boas. Por via das dúvidas, ficavam com Tony. Assim, lentamente, se levantaram e foram em direção ao amigo, se postando ao seu lado.

Tony, com isso, sorriu de modo muito travesso – é claro que ele estava certo, e Davi e Tina irem ao seu lado era a prova disso. Mas ainda sobrara Ana.

Ela realmente nunca estivera tão em dúvida em sua vida. De fato, a lógica de Tony, além de mais pacífica, era a que ela achava certa. Aparentemente, Davi e Tina também achavam isso.

Mas...e quanto a Jean? Não só ela não podia deixá-lo sozinho, como também... Naquela hora, seu coração falava mais que sua lógica. E, num movimento rápido, com seus olhos fechados, como se tentassem ocultar dela a verdade, Ana foi para o lado de Jean.

De fato, seus olhos a ocultaram de parte da verdade, apesar de não a ocultarem de toda. Porque a visão de como Tony a encarar teria feito lágrimas saltarem de seus olhos.

De todas as pessoas do mundo, Tony tinha certeza que Ana, especialmente Ana, seria a primeira a ir para seu lado, para apoiá-lo. Mas ela não fora. Ele viu como ela ia para o lado de Jean, a cabeça baixa, os olhos fechados e as mãos juntas, como se ela estivesse se desculpando. Mas nem o melhor pedido de desculpas do mundo poderia acalmar Tony naquela hora. E, para piorar, foi aí que ele se lembrou da queda de Ana por Jean. Sem dizer mais nada, contendo dentro dele toda a fúria, ele pegou a mochila de Ana e tirou o Livro dos Objetos de lá, num piscar de olhos.

- Vocês não precisam do Livro, não vão conseguir mesmo – era impossível de ver seus olhos, mas sua voz era tão fria que chegava a ser quase maligna. – Agora, vão embora! Se pretendem chegar à Austrália hoje. A propósito – Ele pegou o Askronogador e digitou uma pergunta simples. – isso é uma pequena ajuda para vocês não desistirem tão cedo. A cidade onde mora o próximo Arcons é essa – Ele indicou o Anskronogador, sendo que o mesmo estava naquele exato momento emitindo sons.

- Sydney – disse Ana com voz fraca.

E, virando, quase arrependida, as costas para Tony, Tina e Davi, ela seguiu com Jean para fora da casa.

# CAPÍTULO DEZOITO

## Trama

O céu já escurecia sobre a pequena cabana de madeira quando um som alto e abafado, vindo lá de dentro, alarmou um bando de pássaros negros empoleirados numa árvore próxima, fazendo-os grasnar ruidosamente pelo povoado de Sefuigara.

Um homem estava deitado de costas no chão sujo da cabana, amarrado a uma cadeira. Carlos Samie, em sua tentativa de fuga, havia caído para trás. Ele tentou entender a situação: estava pouco atrás da outra cadeira, que, ainda de pé, sustentava sua esposa; sua a cabeça, apesar de não ter colidido com o chão na queda, doía muito.

Ele havia tentado arranjar um jeito de fugir dali. O tempo era curto e a situação, desesperadora: amarrados pelos pulsos, tornozelos e costas, ele e a mulher não tinham realmente como escapar.

A única ferramenta que podiam usar eram as bandejas de pedra que eram usadas como pratos, e elas não eram exatamente afiadas. Apesar de tudo, inclusive das pontas lapidadas de modo a ficar arredondadas, as bandejas eram duras o suficiente para dilacerarem as cordas que prendiam aos dois Samie.

Por isso, nas últimas duas horas, os dois haviam tentado, a todo custo, atingir as cordas. Havia sido difícil – não haviam podido mexer de forma livre os pulsos, e apesar de terem um dos braços livres, para comer, as costas ainda estavam amarradas e as pernas também, em lugares que eles não conseguiam alcançar, tanto de si próprios quanto do outro, de modo que era impossível se desamarrarem somente usando uma mão.

Por isso, eles haviam concluído que a única opção seria, cada um, cortar as cordas que prendiam o outro. Havia sido difícil – primeiro, porque, para maior força no movimento de corte, eles teriam que ficar um de frente para o outro, e somente essa etapa do plano já lhes custara mais de vinte minutos. Isso sem contar o fato de que não estavam, nem de longe, com tanta energia quanto era necessário – comendo o equivalente a somente um prato e meio de comida por dia, eles estavam à beira da exaustão.

Agora, nos últimos minutos de seu plano de fuga, a energia de Carlos Samie simplesmente se esgotara. Ele observou, através dos últimos resquícios de luz, que a corda que amarrava suas mãos estava amassada no ponto onde, por repetidas vezes, a Sra. Samie batera a bandeja de pedra, e alguns fios que constituíam a corda haviam arrebentado. Olhando mais adiante, viu que a corda que prendia as mãos da mulher estava em estado semelhante à sua, apesar de um pouco mais desgastada.

Ele não pôde deixar de se desapontar. Gastara até o último pingo de energia para destruir as cordas que os prendiam, e tudo o que havia conseguido foram alguns fios soltos. Suspirando, ele se lembrou que devia voltar sua cadeira à posição normal, para que os Jacob

não suspeitassem de nada. Com esforço sobrenatural, ele foi se balançando de um lado para o outro, até que a cadeira estivesse se apoiando em somente dois pés de cada vez. Tentando fazer o que ele fizera da primeira vez, o Sr. Samie foi jogando a esquerda do corpo para frente, de modo que a cadeira, durante o balanço, girasse para a direita, até atingir a posição original.

Foi aí que tudo deu errado. Cansado como estava, o Sr. Samie perdeu o equilíbrio quando já estava quase deixando a cadeira na posição certa e ela caiu para trás, levantando, se é que era possível, mais poeira para o ar. Num gemido constituído de uma mescla de dor e frustração, ele tentou, a todo custo, se erguer do chão, mas sem as mãos livres para poder ajudá-lo, e com os pés presos no fundo do assento, era simplesmente impossível ele sair dali.

- Querido, você está bem? – a Sra. Samie perguntou com voz fraca, virando a cabeça para ver como ele estava. Parecia tão ou mais cansada que ele.

- Não, não estou bem! – o Sr. Samie retrucou, mais para si mesmo que para ela, expressando, naquela frase, toda a raiva que sentia. – E não consigo subir. Muito bem, amanhã pela manhã os Jacob chegam, me vêem no chão e aí acabou, descubrem que estamos perto de fugir e aí simplesmente nos amarram mais ou nos jogam num rio!

- Fique calmo, fique calmo... – ela respondeu, a voz baixando. – Tenho certeza que eles só vão achar que você caiu enquanto dormia. Seja como for, se acalme.

O Sr. Samie suspirou. Sim, era melhor se acalmar. Ainda havia alguns dias, e, se caso Davi e Tina não chegassem a tempo (algo que ele não gostava de considerar, mas que era marcante na hora de se pensar em planos), eles teriam fugido. Ele refletiu. Em dois dias, provavelmente, as cordas das mãos dele e das de Silvia já estariam tão machucadas que seria fácil soltá-las, e então, eles estariam praticamente livres.

Foi aí que aconteceu.

Num ruído semelhante ao de uma pia engolindo água, mas muito mais alto e mais agudo, uma luz esverdeada entrou entre as mais mínimas frestas da madeira que constituía a cabana. Os dois Samie, espantadíssimos, tentaram ficar atentos ao que aconteceria a seguir. Sem poderem ver o exterior da cabana, o fenômeno era tenebroso.

Então, de um instante para o outro, o som parou, e a luz sumiu. Com os ouvidos apurados para ouvirem tudo o que pudessem, os Samie fecharam os olhos.

O ruído de passos rápidos sobre a terra cheia de gravetos do lado de fora indicou que alguém estava correndo. Assustados, os Samie continuaram a ouvir, e notaram que os passos iam da direita para a esquerda, em direção à Sefuigara.

E perceberam quem era que estava correndo.

- Pai! Mãe! – Paulo de César Jacob chamou pelos pais. – Vocês ainda estão aí?

- Claro que sim – respondeu o Sr. Jacob, a voz baixa e cansada. – Pare de gritar e entre logo.

O rapaz estava encostado numa porta de madeira que era a entrada dum quarto pequeno, localizado no segundo andar de um prédio. A hospedaria Dig-Zeg era a única hospedaria de toda a Sefuigara, e cada vez menos as pessoas iam até a aldeia, de modo que somente um hóspede ou dois eram vistos normalmente por lá.

Os Jacob tinham que se manter em Setéri se quisessem continuar com seu plano. Desse modo, a hospedaria seria o lugar mais prático para ficarem. O dinheiro Seteriano que tinham era pouco, mas sendo que a comida era por conta do hotel, eles ainda tinham dinheiro suficiente por mais alguns dias, que era o que precisavam.

Paulo Jacob colocou a mão sobre um apoio na porta. Era um estranho objeto de ferro, que servia como maçaneta e tinha funcionamento muito semelhante. Quando a pessoa fazia força para baixo, o objeto, somente apoiado numa mola, descia e abria a porta.

Uma vez dentro do quarto, ele visualizou as duas esteiras no chão, que serviam de camas. À esquerda, havia uma janela grande, com uma cortina esverdeada balançando à sua frente. À direita, havia somente um pequeno móvel de madeira, e acima dele, havia copos, dinheiro espalhado e restos de comida. Três lâmpadas ficavam em posições estratégicas nas paredes e no teto, de modo que a iluminação era máxima. Os dois Jacob estavam à sua frente, deitados nas esteiras. O Sr. Jacob lia um livro, enquanto sua mulher arrumava uma série de mapas estranhos.

- E então, quais são as notícias, filho?

Paulo olhou para o pai. Sim, ele era o digno filho de Marcos e Marta Jacob. Aos vinte e um anos, já sabia mais sobre Setéri do que todos os Arcons juntos.

Começara a empenhar um papel na história dos Arcons quando seus pais trouxeram os dois primeiros para sua casa. Ele havia sido retirado de lá, tendo que morar numa pensão por longos meses, somente esperando pelas instruções de seus pais.

Mas, quando recebeu a notícia que Tony e Ana haviam escapado, a frustração lhe subia à cabeça. O primeiro passo seria achar os dois, mas até lá, eles já teriam conseguido ajuda da polícia ou coisa assim.

Seu trabalho de espião começou naquele mesmo dia. Era um mestre nos cálculos, na estatística, e na investigação, e somente com um pouco de dedução pôde perceber que seria impossível que Tony e Ana tivessem ido muito longe da casa dos seus pais no dia de sua fuga. Pesquisando as anotações que seus pais haviam feito, ele notou um detalhe crucial: a casa de um dos melhores amigos de Tony ficava nas redondezas, e seria muito prático para ele e a irmã se refugiarem lá.

Durante vários dias, ele espreitou a casa, e viu que sua idéia estava correta – os dois se escondiam lá. Mas ele também viu que um simples detalhe atrapalharia qualquer plano que ele fizesse – a casa era o lar dos ex-Arcons do Invilimer e do Ocuslater, e os dois com certeza eram preparados para uma invasão. Somente pelas histórias da Guerra dos Mortos que ele ouvira em Setéri, já temia os dois; afinal, eram os únicos Arcons que haviam sobrevivido aos resíduos da grande batalha.

Por isso, ele precisava da ajuda dos seus pais.

Juntos, eles tramaram vários planos, no decorrer dos dias, sem que nenhum parecesse funcionar direito. Até que, numa tentativa desesperada, o Sr. Jacob foi trabalhar no mesmo escritório que o Sr. Samie, e tentou ao máximo persuadi-lo para conseguir sua amizade. Ele descobrira que o aniversário do homem era próximo, e se conseguisse ser convidado para a festa dele, poderia entrar facilmente na casa e executar o plano.

Então, com os Samie raptados, o plano podia entrar em vigor. Se os Arcons quisessem chegar aos Samie, precisariam recrutar todos os membros de sua equipe ao redor do mundo, e se conseguissem chegar em Setéri a tempo, todos os Sete Objetos estariam com eles. Sendo que estes teriam sido adquiridos pelos Arcons muito recentemente, seus poderes não teriam aumentado muito, e seria fácil capturá-los.

Marcos e Marta deixaram Paulo como espião dos Arcons, para monitorar sua viagem ao redor do mundo. Como primeiro passo, ele foi enviado para a França, com esperanças de ver os Arcons acharem o Arcon francês, sem saber que os garotos a quem ele procurava estavam a poucos metros dele no avião que ele tomou para a Inglaterra.

Mas houve uma falha no seu plano. Com a queda do avião, ele se atrasou demais em relação aos Arcons, e precisava tomar medidas drásticas. No momento em que ele se viu numa

praia fria no sul da Inglaterra, ao lado de um avião quebrado e muitos passageiros confusos, os Arcons já estavam em Paris, ao lado da Torre Eiffel.

Assim, ele partiu diretamente para o Japão, e se posicionou à frente da casa dos Sagara. Mais cedo ou mais tarde, os Arcons *teriam* que passar por lá, para recrutarem o Arcons japonês.

E ele estava certo.

Havia visto os cinco Arcons.

Então, com a ajuda do abridor de portal que o mestre de seus pais, Crozodon, lhe dera, ele viajou até Setéri.

- Eu vi todos os Arcons, pai – ele contou ao Sr. Jacob. – O grupo já se constitui de cinco deles, e o dia é o terceiro. Se eles recrutarem o sexto Arcon ainda hoje, amanhã de noite já podem estar com o grupo completo. Nesse momento, os cinco estão na casa do Arcon japonês.

- Eu não sabia que eles conseguiriam chegar até o sexto Arcon tão rápido – Marcos Jacob suspirou. – Se, de fato, o grupo já estiver completo amanhã, com certeza eles chegarão aqui antes do prazo.

- Mas isso é bom! – exclamou Marta. – Quero dizer, quanto antes eles chegarem, mais rapidamente poderemos dar os Objetos ao mestre Crozodon, e poderemos adquirir nossa recompensa. Além do que é impossível de se aprender as segundas habilidades em somente um dia. Duvido até que eles saibam como conseguí-las.

- Você pode estar certa, Marta – o Sr. Jacob assentiu. –, mas ainda assim a velocidade com que eles estão viajando me assusta. Pode ser que o desafio que propusemos os instigue demais, demais a ponto de eles aprenderem a controlar suas habilidades mais rapidamente do que pensamos.

- Disso eu duvido – Paulo respondeu. – Nós calculamos direito o quanto eles precisarão usar os Objetos na viagem toda, e na pior das hipóteses. *Não há* como eles nos vencerem ao chegarem aqui. Além disso, o Mestre enviará uma tropa de Kerkets, não é?

- Verdade, verdade – o Sr. Jacob concordou. – Acho que você está certo, filho, não há com o que nos preocuparmos. Agora, acho que vou terminar esse livro eu vou dormir.

Seu filho assentiu e se retirou do quarto, deixando a porta bater ao sair. Claro. O plano estava funcionando perfeitamente. Mais alguns dias e eles teriam a generosa recompensa prometida por Crozodon.

Com esse pensamento na cabeça, ele saiu da hospedaria e foi até o canto da cidade, onde abriu o portal de volta para a Terra. Ele estava cansado, e um quarto quente o esperava no seu hotel no Japão.

## CAPÍTULO DEZENOVE

### Jean e Ana

Jean e Ana se encontravam a aproximadamente dois quarteirões da casa de Setsu. Haviam se retirado rapidamente de lá, Jean à frente, as costas retas e parecendo orgulhoso e desafiador, como se nada no mundo pudesse pará-lo. Ana ia atrás, a cabeça baixa e o rosto meio triste, volta e meia olhando para trás e para Jean, parecendo ainda estar se decidindo se ia com o amigo ou com Tony e o resto do grupo.

Então, ela correu para a frente dele e, determinada, exclamou, num só fôlego:

- Olha, Jean, não podemos ficar andando por aí para sempre! Se quisermos mesmo ir para a Austrália, isso tem que ser logo! Então, ao invés de ficar aí sem fazer nada, só andando com raiva, comece a pensar!

Ela terminou de falar e ficou a encará-lo por alguns instantes, surpresa com as próprias palavras. Não costumava gritar daquele jeito, e se lembrava que da última vez que fizera aquilo tinha 8 anos, quando brigara com uma menina do seu dormitório pela posse de uma velha e esfarrapada boneca.

Mas parecia que as palavras haviam atingido Jean.

Ele olhou para ela, os olhos indo de um lado para o outro como se ele estivesse lendo, mas na verdade, estava refletindo. Era verdade. Se ele se separara de todo o seu grupo, então não podia simplesmente ficar lá sem fazer nada. Se era para seu plano dar certo, ele tinha que agir.

- Certo, Ana – ele murmurou para ela, erguendo a cabeça e olhando quase num pedido de desculpas. – O que faremos, então?

Para pensar melhor, Ana se sentou num degrau que dividia a entrada de uma loja da rua, e se encostou na parede. Pôs a mão no queixo, baixou a cabeça e pensou.

Logicamente, o primeiro passo seria arranjar um jeito de eles não só saírem de lá, como também, nesse processo, chegarem à Sydney em menos de um dia. *Parece um primeiro passo um tanto grande*, ela refletiu. *Deixe-me ver. Temos que conseguir viajar daqui até Sydney. O melhor jeito (e o mais rápido) de fazermos isso seria ir de avião. OK. Agora, temos que entrar no avião.*

Como fariam isso? Então ela se lembrou da viagem do Brasil à Inglaterra. Poderiam ir no compartimento de carga de qualquer avião! Mas havia uma falha naquilo tudo: sem o Invilimer, eles não poderiam entrar lá facilmente. *Pensando bem*, Ana suspirou, *sem o Invilimer não dá para fazer quase nada.*

E se voltassem e pedissem a Davi que os deixasse invisíveis? Não, ele estava com Tony, e quase com certeza não os deixaria invisíveis, ainda depois da cena que Jean fizera. Além disso, a separação do grupo em si já era perigosa, e eles não podiam arriscar deixá-la ainda mais. Não. Se quisessem chegar a Sydney, teriam que fazê-lo com as habilidades que tinham.



E quais eram estas? Podiam falar línguas estrangeiras e tomar posse de infinitas armas. E então? Estas duas habilidades, juntas, serviam somente para intimidar e ameaçar pessoas...

E então lhe ocorreu que, se isso era tudo o que eles podiam usar, então estavam *obrigados* a ameaçar alguém e ir, de maneira ilegal, para a Austrália.

Pensando nisso, Ana olhou para Jean, como se ele pudesse ter respostas a seu dilema. E de fato ele tinha. Havia pensado o mesmo que ela.

- Se usarmos o que temos – ele suspirou. -, então seremos obrigados a partir para a ignorância. O único jeito de sairmos daqui será obrigando alguém a nos... a nos dar passagens, ou coisa assim, para partirmos para a Austrália.

- Não! – Ana se levantou num salto e se pôs à frente de Jean. – Não podemos fazer isso! Não entende? Não seria somente errado, seria *ilegal!*

- Eu entendi muito bem – ele disse em voz baixa, parecendo estar, inconscientemente, achando suas próprias palavras absurdas. – E não temos outra opção. Ou ficamos aqui, trabalhando, para conseguirmos o dinheiro, ou roubamos alguém e vamos para lá do jeito... mais fácil.

À menção da palavra “roubar”, o tom de Jean diminuiu ainda mais. Somente expressando, do modo mais frio e real, o plano, ele pudera perceber o quão ridícula aquela idéia era. Além disso, o “jeito mais fácil”, como ele bem sabia, geralmente tinha a ver com quem estava disposto a fazer errado ao invés do certo.

- Sabe o que eu acho? – Ana estava brava. – Acho que devíamos voltar para junto dos outros. Com eles não estaríamos fazendo nada... – Ela ia dizer a palavra “errado”, mas, nisso, ela percebeu que, de um jeito ou de outro, estavam fazendo coisas ilegais – ou ameaçavam pessoas, ou entravam clandestinos num avião. Então, tentando arranjar um argumento para compensar a frase errada, ele deixou a outra morrer e falou, num tom mais alto: - Bom, pelo menos não precisamos ameaçar pessoas inocentes que não tem nada a ver com isso. Entrando invisíveis no avião, ninguém nem ao menos sabe que estamos lá, e não nos tornamos... criminosos.

Jean olhou para ela.

- Isso tudo é uma grande desculpa que você está me dando, Ana, para que o jeito deles pareça melhor. Mas, se você parar de falar e pensar bem, você vai ver que é tudo a mesma coisa. De qualquer jeito, infringimos a lei. Acredite em mim – ele olhou mais profundamente para ela. -, eu também detesto esse negócio de ter que ir ilegalmente, mas é o único jeito.

Ana ainda ficou a olhar para ele, os olhos arregalados e a boca semi-aberta, até que, depois de um tempo, ela parou, abaixou a cabeça, suspirou e respondeu:

- Tá, está bem. Mas não machuque ninguém.

Jean sorriu e pôs sua mão perto do coração.

- Você tem minha palavra.

Mais de meia hora depois, Jean e Ana se encontravam a mais de dois quilômetros daquele ponto, no meio de uma praça.

Haviam feito várias coisas, todas para executar o plano de Jean. Primeiro, haviam passado numa loja de roupas, onde Ana, usando a habilidade de japonês ainda marcada em seu Anskronogador e algum pouco dinheiro, comparara, para ela e Jean, dois grandes gorros que podiam cobrir a cara dos dois facilmente. Depois, Jean usara uma espécie de faca futurística tirada do Esrichilander para fazer dois buracos na altura dos olhos em cada um dos gorros.

Isso tudo tinha como objetivo criar duas máscaras, que ele e Ana pudessem vestir para não serem identificados enquanto executavam o plano de Jean. As máscaras, de fato, não permitiam que ninguém visse seus rostos.

Agora, na praça, o plano estava quase começando. A princípio, quando Jean contara-o para Ana, ela achara-o bobo, mas, agora, percebia que, de fato, ele poderia funcionar.

Era simples: com um argumento decente, dito por Ana, ela e Jean conduziriam um pedestre até um lugar mais reservado que a praça, onde Jean intimidaria o pedestre em questão com armas tiradas do Esrichilander, enquanto Ana propunha que ninguém faria mal algum a ele se ele pagasse, para eles, duas passagens para Sydney.

Agora, os dois estavam sentados num banco gelado na praça, olhando à multidão que passava. O alvo deles era alguém que aparentasse ser bem rico, de modo que pudesse pagar as passagens sem problemas.

Finalmente, depois de quase cinco minutos, Jean apontara um homem muitíssimo bem vestido, carregando uma maleta numa mão e um celular dobrável, minúsculo, na outra. Ana assentiu e se dirigiu a ele.

Um minuto depois, ela voltou, levando-o pela mão, determinada, em direção a um beco que ela e Jean haviam achado enquanto procuravam um bom lugar para executarem o plano, e que era a menos de dez metros dali. Ele parecia meio em dúvida, mas Ana não parava. Jean viu quando ela passou e saiu atrás dela.

Ao chegarem no beco, Ana olhou para trás, para ver se ninguém mais além de Jean estava indo naquela direção, e levou o homem até o fim do beco, de modo que algum pedestre passando pela rua não pudesse vê-los de tão na sombra que eles estavam. Em seguida, parou e deixou que Jean chegasse.

Uma vez que ele estava lá, ela começou a falar:

- *Certo, me escute* – ela mal sabia por onde começar. Finalmente, olhou para ele e declarou:

- *Nós temos um problema. Precisamos de duas passagens para irmos até Sydney para hoje. Não somos “maus”, não queremos lbe machucar, e nem a ninguém que você conheça, mas realmente precisamos do dinheiro.*

- *O quê?!* – o homem olhou para ela incrédulo, mas, apesar disso, empalidecendo. – *Eu não posso fazer isso! É... é ilegal, mas não só isso, o dinheiro é...*

- *Muito* – Ana terminou a frase para ele, a voz baixa. Ao expressar, em palavras, a situação presente, ela desejou nunca ter ido para o lado de Jean na discussão com Tony. – *Mas o senhor não entende. Não tem escolha* – Ela falou essa última frase com um pesar surpreendente na voz. Então, falou em português com Jean. – Jean, tire do Esrichilander a arma mais surpreendente que você puder.

Tomado de surpresa, Jean assentiu e tirou, do bolso, o Esrichilander. Uma arma surpreendente era necessária para fazer o homem acreditar que eles eram, de fato, poderosos. Com um sorriso maroto, aparentemente satisfeito com sua idéia, Jean sacou, do Esrichilander, um cilindro metálico de mais ou menos vinte centímetros de comprimento, cheio de linhas de borracha e um pequeno botão vermelho. Com um aperto teatral, ele ligou o cilindro e uma enorme lâmina de luz azulada saiu da extremidade superior dele.

O homem suspirou quase como se tivesse perdido o fôlego, o brilho azul da espada de luz se refletindo em seus olhos espantados. Ele recuou, medindo a arma de baixo até em cima, sem acreditar no que via.

Ana voltou a falar.

- *Como pode ver, o alcance do poder do meu amigo é altíssimo, e se quiséssemos poderíamos feri-lo. Mas nós não queremos. Por favor, nos compre as passagens, e ninguém sairá machucado.*

Ainda com os olhos fixados no sabre de luz, o homem demorou a responder. Finalmente, ele engoliu em seco e respondeu rouco:

- *Es-Está bem, eu-eu pago as passagens... Mas... vocês pro-prometem m-mesmo não me machucar?*

Ana sorriu levemente.

- *Com certeza. Acredite, não temos mesmo a intenção de machucá-lo. Então, você vem conosco até o aeroporto?*

E o homem cedeu.

Meia hora depois, Jean, Ana e o homem, que na verdade se chamava Katsuma, estavam parados à frente do mesmo aeroporto pelo qual os dois primeiros haviam chegado somente algumas horas antes. O céu ainda estava nublado, e a temperatura cada vez baixava mais, mas Jean e Ana nem sentiam.

Seu plano havia funcionado. O homem, por sorte, não havia os desafiado – porque eles não teriam a coragem necessária nem para machucá-lo. E ele também não havia alarmado outras pessoas sobre eles, porque senão eles não teriam que somente machucar o homem, como também uma multidão.

Mas, agora, estavam lá, e faltavam apenas alguns poucos passos para que pudessem estar a caminho da Austrália. Respirando fundo, ainda com as máscaras nos rostos, os dois se entreolharam. As pessoas iam e vinham, notando suas máscaras a princípio temerosas, mas depois olhavam seu tamanho e sorriam. Claro. Eram apenas duas crianças e o pai, brincando de polícia e ladrão.

Assim, eles entraram no aeroporto.

Não parecia ser o mesmo lugar, visto de outro ângulo. Ainda assim, Jean e Ana mal repararam nisso. Somente seguiram Katsuma para onde ele ia.

Depois de várias paradas, indo de um ponto a outro do aeroporto, Ana, Jean e o homem se sentaram num banco para descansarem. Durante todo o caminho Ana havia entreouvido as conversas de Katsuma com os atendentes do aeroporto, no caso de ele, baixinho, informar que estava agindo de acordo com as ordens de dois criminosos. Mas ele não havia falado nada de suspeito que ela pudesse ouvir, e, desse modo, se sentia mais segura.

- *O vôo de vocês é daqui a três horas* – Katsuma disse a Ana.

Ela concordou com a cabeça. Sim, ela sabia disso. Havia ouvido o horário do vôo nas conversas dele. Jean também já estava a par das informações, e se concentrava ao lado de Ana.

Katsuma continuou a falar:

- *Bom, então... eu posso ir agora?* – seu olhar era esperançoso, mas ao mesmo tempo, incompreensivelmente, era também desesperado. Parecia não suportar ficar mais nem um minuto na companhia de Jean e Ana.

- *Não* – Ana respondeu firmemente. Havia combinado com Jean que só deixariam o homem ir após eles terem partido para a Austrália. Caso o contrário, ele poderia facilmente denunciá-los para as autoridades, e eles não podiam correr esse risco. Desapontado, Katsuma se apoiou nos braços e se calou.

Sem desejarem passar três horas sentados naquele banco, Jean e Ana decidiram dar, com Katsuma, uma volta pelo aeroporto. Talvez, Ana pensava, esperançosa, se fossem legais com ele, ele podia não denunciá-los.

Assim, depois de, quase acorrentados a Katsuma, Jean e Ana terem comido um lanche e passeado pelo aeroporto, chegou a hora do vôo.

Eles fizeram questão que Katsuma fosse com eles até onde pudesse, para cuidar de tudo. Não houve problemas, e o homem fez sua parte como um verdadeiro ator.

Uma vez dentro do avião, num banco ao lado de Jean, Ana tirou sua máscara. Instantaneamente pôde sentir o ar mais frio de fora, o que ela adorou, sendo que dentro da máscara o calor era insuportável, além do fato que a estática havia se espalhado por toda a sua cabeça.

- Conseguimos, Jean – ela teve que admitir ao companheiro. – Apesar de tudo, nós conseguimos. Sendo franca, eu não sabia se a sua idéia ia dar certo.

Jean sorriu.

- É mesmo. Agora, se o avião partir logo e se, de fato, o tal... Como é o nome dele?

- Katsuma.

- Isso. Se o Katsuma não contar nada para as autoridades, conseguiremos chegar em Sydney sem problemas.

Eles haviam dito a Katsuma que não contasse nada para a polícia ou pessoas que pudessem impedir a viagem deles, porque eles tinham um pessoal tão armado quanto eles vigiando Katsuma. Ao saber disso, Katsuma jurou que não contaria a ninguém (a visão da espada de luz saindo do Esrichilander ainda o assustava).

Assim, com essa idéia na cabeça, Jean também tirou a máscara e, botando as mãos na nuca, se encostou o mais confortavelmente que pôde no banco do avião e fechou os olhos. Já era o fim da tarde. Eles haviam conseguido entrar num avião a caminho da Austrália em menos tempo do que esperavam. Perfeito.

Seguindo o exemplo de Jean, Ana também se encostou e relaxou. Tinham uma grande viagem pela frente.

# CAPÍTULO VINTE

## Caos em Sydney

*Dia 4 de 7*

Ana acordou no dia seguinte sendo levemente balançada pelo lado direito. Abobada, se virou, os olhos se irritando com a claridade, e ela pôde ver, através de uma camada enevoada, Jean, olhando para ela, as mãos em seu ombro. Ao notar que ela estava acordada, ele cumprimentou:

- Bom dia, Ana. Café.

Ainda muito sonolenta, Ana levou alguns instantes para interpretar a mensagem de Jean. Finalmente, ao sentir um peso no colo, se virou e viu uma bandeja cheia de comida lá.

- Você tem uma gelatina, dois bolinhos e um copo de suco – Jean informou. Mesmo estando sonolenta, Ana percebeu que o humor dele havia aumentado muito. Deduziu que ele estava feliz de o plano do dia anterior ter funcionado tão perfeitamente. Mesmo sendo apto à violência, Jean ainda assim sabia montar bons planos.

Sorrindo o melhor que pôde com a boca travada, Ana levantou os braços e se espreguiçou, e em seguida começou a comer. A comida não era exatamente ruim, apesar de ser um pouco sem gosto. Mas foi o suficiente para ela se sentir mais acordada, e começar a pensar mais rapidamente.

Era o quarto dia de sete, o dia em que eles deveriam encontrar o último Arcon. Um garoto de Sydney, que era uma cidade grande e...

Só então Ana percebeu.

Eles não tinham a menos idéia de onde ele estava!

E, para piorar, as chances de acharem Tony e os outros na imensa cidade de Sydney era mínima!

Ela ficou a suar, furiosa consigo mesma por não ter pensado naquilo antes. Até uma criança de cinco anos teria percebido aquela falha gigantesca no plano.

Ela se virou para Jean, que mastigava um punhado de gelatina vagarosamente, parecendo não se preocupar com nada no mundo. Ana pôs as mãos sobre seus ombros e o chacoalhou.

- Jean!

- Hm... o que é? – Jean perguntou, terminando de engolir a gelatina e olhando curioso para Ana.

Ana se controlava para conseguir falar baixo.

- Jean, nós estamos perdidos. *Perdidos* – foi a palavra que ela achou para descrever a situação eminente. – Vamos chegar a Sydney daqui a pouco, sem sabermos onde está o Arcon, sem saber onde estão Tony e os outros... Jean... estamos ferrados. – Ela não conseguia expressar, em palavras, a gravidade da situação.

Jean olhou para ela, ainda com a colher na mão.

- É... verdade... – ele falou bem baixo. – Estamos... perdidos. – Ele encarou o chão com os olhos arregalados.

Amaldiçoado fosse o momento em que ele resolvera discordar de Tony! Sentindo que devia seguir seus planos e seus ideais, Jean acabara por deixar a ele mesmo e a Ana perdidos num país desconhecido a ambos!

E agora? O que fazer? Para qualquer mínima ajuda, precisariam de Tony e dos outros.

E como chamá-los?

E então Jean pensou num plano.

Um plano que dependeria, definitivamente, da sorte.

E, caso ela não estivesse com eles na hora exata...

...os dois poderiam acabar em seríssimos problemas.

O avião pousou e em poucos minutos Jean e Ana já estavam saindo do grande transporte aéreo. O plano estava combinando. A estratégia era rápida e o plano, incrivelmente arriscado. Mas, se quisessem chegar a Tony e aos outros, precisavam chamar sua atenção.

Na verdade, essas eram as palavras-chaves: *chamar sua atenção*.

O plano era o seguinte: com uma atuação teatral excepcional, os dois começariam uma briga, em voz alta e em público, ambos usando espadas vindas do Esrichilander. Se Tony e os outros estivessem por perto, com certeza, a multidão provocada pela briga chamaria sua atenção e o grupo poderia se unir novamente.

Mas, se Tony e os outros não estivessem lá, aí Jean e Ana estavam encrencados.

Por isso, a coordenação de tempo, a atuação, e a luta de espadas deveria ser o mais perfeita possível. Jean e Ana deveriam tomar cuidado com tudo o que faziam, principalmente durante a luta, para não se machucarem mais ao mesmo tempo deixar a luta realista.

E esse era o maior desafio.

Para complicar ainda mais a situação, eles não podiam perder tempo ensaiando a cena, pois se Tony e os outros haviam chegado em Sydney no mesmo vôo que eles (o que apesar de improvável, era possível), o plano poderia falhar. Por isso, tinham que executá-lo o mais rapidamente possível.

- Idiota!

Foi o que Ana gritou no meio do aeroporto, empunhando uma espada na mão direita.

A luta falsa já começara, e ela já representava seu papel. Em seu rosto, havia uma expressão furiosa, odiosa, precisamente como Jean queria que ela fizesse. Para a cena ser realista, até mesmo os mais mínimos detalhes eram necessários.

Ele, então, simulou uma investida direta, mas com uma velocidade reduzida, de modo que Ana pudesse desviar sem problemas. Ao mesmo tempo, para parecer que o golpe fora, de fato, poderoso, ele soltou um gemido de exaustão e arreganhou os dentes, e pôs um pé de apoio à frente para parecer que a força necessária para o golpe fora, de fato, muita.

As pessoas já se reuniam em volta deles, a pelo menos dois metros de cada um, com medo das espadas, soltando gritos de exasperação cada vez que um deles atacava. Satisfeito,

Jean notou que cada vez mais gente se aproximava, e sorriu. Era exatamente o que ele precisava.

Mas, depois de mais de dez minutos de luta, ele e Ana já estavam cansados e ainda não havia nenhum vestígio de Tony, Davi ou Tina, e muito menos Setsu. A multidão ainda estava lá, mas cada vez com menos entusiasmo, e parecia que os guardas do aeroporto já se aproximavam, mas estavam com medo de serem feridos pelas espadas.

Mas, quando notaram que Jean e Ana estavam cansados, partiram para cima deles antes que eles pudessem fazer alguma coisa para se defenderem. Um agarrou Ana nos braços por trás, de modo que ela não conseguisse se soltar, mas foram necessários dois dele para prender Jean, que, no ímpeto de se soltar, deixou sua espada cair, enquanto berrava:

- Me soltem! *Me soltem!*

Mas, claro, os guardas não soltaram, e arrastaram a Jean e Ana a caminho de um pequeno estabelecimento, que era a base dos guardas naquele aeroporto.

E então aconteceu.

Num movimento brusco de ar, os guardas que seguravam Jean foram arremessados mais de dez metros para frente, fazendo Jean cair no chão, mas longe deles. O mesmo aconteceu com o guarda que segurava a Ana, que ficou lá caída, sem entender nada.

Então, os dois sentiram uma força os ajudando a levantar, mas ao olhar para ver o que era, Jean não viu absolutamente nada.

*Não viu nada.*

Só então ele percebeu.

Aqueles eram Tony e os outros!

Ele se virou e encarou Ana, que chegara à mesma conclusão. Sim, eram Tony e os outros. Invisíveis, com a ajuda do Invilimer, haviam podido se jogar contra os guardas sem estes perceberem nada e, ao mesmo tempo, ajudá-los!

Enquanto pensavam nisso, nem perceberam as pessoas em volta, que os encaravam boquiabertas. Isso porque o que elas viam eram duas pessoas flutuando no ar, penduradas pelos braços.

Ao sentir que podia andar, Jean pôs seus pés no chão e correu na mesma direção que aqueles que o carregavam. Ana seguiu seu exemplo e também começou a correr, seguindo, por sua vez, a ele.

Eles passaram por uma das entradas do aeroporto e correram para fora, e seguiram correndo por pelo menos 300 metros, sem saber quando iriam parar. Jean podia, quando se concentrava, ouvir a respiração ofegante das duas pessoas que o carregavam.

- Eu posso correr sozinho – ele afirmou. – Só me digam quando parar.

E, tomado um susto, o apoio em seus braços sumiu. Ele quase caiu, mas se recompôs do susto rapidamente e voltou a correr. Sabia para que estavam correndo tanto – teriam de continuar até acharem um lugar seguro para pararem e descansarem.

Eles só não perceberam uma coisa.

Uma multidão de guardas estava atrás deles, a pelo menos 15 metros de distância. E isso era um problema – um erro, e eles seriam pegos pelos policiais. Além disso, os guardas eram maiores e mais rápidos que eles, de modo que a cada instante a distância entre eles diminuía.

Com isso, não viram um veículo vermelho correndo bem ao seu lado.

Era uma van, grande e muito moderna, que seguia exatamente à mesma velocidade que eles. Ana notou isso – poderia ser um carro da polícia -, mas se realmente fosse um carro policial ele não seria vermelho, e também não estaria correndo na mesma velocidade que eles; além do que, se fosse policial, haveria policiais saindo lá de dentro.

Ela pensou.

Mas não foi necessário nenhum pensamento adicional para responder às suas perguntas. Porque, menos de um segundo depois de ela começar a raciocinar, a porta da van se abriu, e lá estava Cristina Pensi.



# CAPÍTULO VINTE E UM

## O Retorno de Dona Cristina

Ana encarou a mulher com quem tivera de conviver por mais de doze anos com os olhos arregalados. Por incontáveis segundos as duas se viram, olho no olho, o tempo parando ao seu redor. Milhares de perguntas surgiram na mente de Ana, que mal sentia o ar à sua volta.

Mas dona Cristina foi a primeira a agir.

- Todo mundo, entre no carro! – ela gritou. Isso surpreendeu a Jean, que somente ouvira falar dela quando lhe fora contada a história da viagem de Tony, Ana, Davi e Tina, mas que, apesar disso, não sabia a aparência dela e, portanto, não tinha idéia de quem estava à sua frente. Mas o motivo verdadeiro de sua surpresa foi o fato de ela ter chamado “todo mundo”. Ela não gritaria aquilo se não soubesse que havia mais gente lá além dele e Ana. Portanto, *ela sabia dos Objetos*.

Ana sabia o que fazer. Em seu subconsciente, sabia que o conselho dado por dona Cristina, pouco antes de sua adoção, poderia ter impedido muitos sofrimentos. Além disso, ela os avisara sobre o símbolo dos Objetos. Fosse o que fosse, Ana acreditava em dona Cristina, e, assim, assentiu para a supervisora e pulou para dentro da van.

Jean perdeu o ritmo ao ver Ana entrar, tão despreocupada, na van – isso significava que ela confiava na mulher que estava lá. E ele confiava em Ana. Portanto, seguiu seu exemplo e pulou também, caindo de joelhos ao seu lado.

Assim que ele chegou lá, olhou para trás. Tony e os outros ainda deveriam estar correndo. Ele foi avisar a dona Cristina para não fechar a porta, que ainda havia gente lá na calçada, mas não foi preciso. Num piscar de olhos, todos os Arcons que estavam invisíveis se tornaram visíveis de novo e pularam para dentro.

Entre eles, Setsu. Não só Jean, como Ana também notou isso. E isso era, para o orgulho de Jean, uma ferida – o fato de Setsu estar lá comprovava que Tony estava certo e que, de fato, seu jeito de agir fora errado.

Dona Cristina, assim que contou seis novos passageiros na van, fechou bruscamente a porta deslizante, diminuindo consideravelmente a luz no interior do carro. Ana pôde observar, como é típico nas vans modernas, que os bancos vão para frente e para trás, de acordo com o que é necessário para a viagem. E eles estavam no espaço entre duas fileiras de cadeiras.

Ofegante, dona Cristina se sentou. Todos olharam para ela, sendo Tony o mais espantado.

Nunca a perdoara pelos anos terríveis no Orfanato, e muito menos começara a confiar nela, como fizera Ana. Mas, agora que ela definitivamente os salvara, ele não sabia o que pensar. Não sabia se tentava encontrar algo de suspeito naquilo tudo, ou se simplesmente

punha na cabeça que dona Cristina era uma aliada e que tivera boas razões para tratá-lo mal no Orfanato.

- Para aqueles que não me conhecem – ela anunciou -, meu nome é Cristina Pensi.

- Cristina? – Davi, Tina e Jean perguntaram ao mesmo tempo.

Tina então falou: - Tony e Ana já nos falaram sobre você.

- Tenho certeza de que sim – ela concordou. –, e sei que eles devem ter muitos motivos para me citar. E é por causa desses mesmos motivos que preciso muito falar com eles. Mas existem coisas ainda mais importantes que essa conversa, e eu devo citá-las antes de qualquer coisa. – Ela olhou para todos. Algo que surpreendia a Tony e Ana era o fato de dona Cristina estar com a voz totalmente mudada. Não era o tom rouco e frio que ela usara para falar com eles durante todos os anos no Orfanato; era um tom calmo, expressivo e quase arrependido, que nem o que ela usara da vez que os mostrara o símbolo dos Objetos pela primeira vez, mas ao mesmo tempo ainda mantinha a imponência da antiga voz.

- Eu quero apresentar-lhes meu marido, John – ela indicou um homem que estava dirigindo o carro. Era um homem grande, bronzeado, careca e peludo o bastante para ser confundido com um homem das cavernas. Mas, quando ele sorriu para todos os Arcons, estes souberam que aquele era um homem confiável. –, e meu filho, Henry – ela indicou um garoto sentado ao lado de John.

Henry se virou para todos eles, Era um rapaz alto, que não passava dos treze anos, com cabelos negros como os de dona Cristina, mas com olhos muito diferentes. Eram olhos negros como os da mãe, mas muitíssimo mais profundos, de uma complexidade imensa, que, juntos à pele clara do garoto, o tornavam uma figura admirável de se ver. Mas o que mais chamou a atenção dos Arcons não foram os olhos, ou as semelhanças dele com a mãe, mas o fato que, pendurada em seu pescoço, havia uma chave grande marcada com o símbolo dos Oito Objetos.

Isso chocou a todos os Arcons.

Henry era o sétimo e último Arcon.

- Sei que vocês devem estar lotados de perguntas e eu irei responder a todas elas – dona Cristina afirmou. -, mas primeiro preciso que vocês respondam à algumas perguntas minhas. Primeiro, eu preciso saber se todos aqui entendem português.

Ninguém respondeu àquela pergunta. Setsu era o único entre eles que não sabia falar português, e portanto, não entendia nada da situação. Davi tomou a palavra.

- Setsu não sabe português.

Mas dona Cristina sabia o que fazer.

- Tony, Ana, ajustem os Kronogadores para a tradução *Português – Japonês* – ela disse aos dois irmãos. - Depois, Ana, você deve apontar o Anskronogador para Setsu assim que ele responder ao código imposto por Tony.

Atônitos com a sabedoria de dona Cristina quanto aos Objetos, Tony e Ana realizaram o ritual por ela descrito, que de fato, pareceu funcionar.

- Setsu? – dona Cristina chamou pelo garoto suavemente depois de Ana ter apontado o Anskronogador para ele. – Pode me ouvir?

Setsu olhou para ela com os olhos arregalados.

- Sim, eu posso – ele respondeu em português perfeito e natural.

Todos se viraram para Setsu. Ele podia não só compreender português, como também podia falar! Analisando bem a situação, aquilo quebrava o maior obstáculo no caminho deles até Setéri até o momento – a incapacidade de Setsu se comunicar com eles.

Dona Cristina sorriu.

- Muito bem. Com essa questão resolvida, preciso saber precisamente como está a viagem de vocês até agora, o que vocês precisam saber e o que sabem sobre seus Objetos. Tony – ela se virou para ele, que a encarou. –, acredito que você saiba mais sobre essa missão que todos os seus companheiros, com a possível exceção de Ana. Pode me contar, por favor?

- Bem... – Tony não sabia o que responder. Mas, antes que pudesse falar, foi interrompido pelo marido de dona Cristina.

- *I really don't want to interrupt you, Cris* – ele disse a ela. -, *but we DO have a serious problem here. There are about five cop cars behind us, faster than we can go. I really need some help right here!*

Somente Jean entendera inteiramente o que o homem dissera, por saber um pouco do inglês que se falava na Austrália, diferente do aprendido por Davi e Setsu. E não havia gostado nada. A mensagem ecoava em sua mente: “...mas nós *temos* um problema sério aqui. Há aproximadamente cinco carros de tiras atrás da gente, indo mais rápido do que a gente consegue ir. Eu realmente preciso de ajuda aqui!”.

Para piorar as coisas, haviam conseguido se meter numa perseguição de carro! Jean estava furioso. Não era uma perseguição de filmes, em que os fugitivos dirigiam carros tunados brincando com a polícia... Era uma perseguição real, e se eles fossem pegos, poderiam dar adeus a toda a missão.

Ele encarou dona Cristina, esperando ver uma solução brilhante se formando em sua cabeça, mas ela estava impassível.

- *There is a very simple solution* – ela afirmou para ele. – *We just need Davi to turn this car invisible, and then we are free to go.*

Ao ouvir seu nome ser mencionado, Davi exigiu saber o que estava acontecendo. Jean explicou, com um sorriso ao ouvir a incrível solução de dona Cristina:

- Estamos metidos numa perseguição policial, com tiras atrás de nós. Mas...

- *Tiras?! – Davi o encarou abismado. – Tiras que nem no jogo do Need for Speed?!*

- Bem... é, pode ser. De qualquer modo, a perseguição é perigosa. Mas dona Cristina pensou numa solução brilhante: Davi, você só precisa deixar esse carro invisível!

Um silêncio pairou entre eles, somente não sendo profundo devido aos altos barulhos das sirenes dos carros da polícia.

- Sendo bem franco, me parece uma ótima idéia – Tony admitiu. – É lógica, razoável, e para você, Davi, é mais do que simples.

- Tá... – Davi abaixou a cabeça. – É só que...

- Só que o quê? – Tina exclamou para ele. – Você quer que a gente seja preso pela polícia ou que então... ou que então batamos numa árvore, já que estamos tão rápidos?!

- Não – Davi estava com voz baixa. – É que eu nunca deixei invisível uma coisa tão grande como um carro, sabe, e ainda por cima cheio de gente, e em movimento... Para vocês, ficar invisível é só tocar no Invilimer, mas para mim, é um pouco de energia para cada um que fica invisível. Pode ser que, deixando o carro invisível por muito tempo, eu acabe perdendo a energia e ele volte a ser visível.

- Nossa – Tina disse. Ela não tinha idéia de o quanto era complicado deixar as coisas invisíveis. Ninguém tinha.

- Hm – dona Cristina se virou para eles. – Se ficarmos invisíveis por pelo menos 5 minutos acho que poderemos escapar. Você consegue deixar todos invisíveis por pelo menos esse tempo, Davi?

- Acho que sim – ele respondeu, estalando os dedos e respirando fundo.

- Certo... *agora!*

Num movimento rápido e preciso, Davi botou as mãos no piso da van e se concentrou. Se concentrou reunindo toda a sua energia em direção à suas mãos, e, quando achou que estava pronto, tirou a esquerda do chão e a pressionou sobre o Invilimer.

Deixando todos tontos com a força da transformação, a van, seus passageiros e cada mínimo detalhe deixou de poder ser visto.

- Deu certo! – Tony exclamou. – Você conseguiu, Davi!

Mas, ao olhar mais atentamente para Davi, pôde ver que o amigo nem sequer estava de olhos abertos. Estava na mesma posição que estivera quando deixara tudo invisível, a mão ainda apoiada sobre o Invilimer, a boca contraída e uma nítida gota de suor escorrendo por sua face. Estava no estado máximo da concentração. Tony resolveu se calar e esperar.

Ao notar uma transformação no ambiente, John, o marido de dona Cristina, automaticamente disparou da polícia, saindo da estrada e indo em direção à sua casa.

- Mas, mesmo que a gente escape, eles não vão reconhecer a placa da van? - Jean perguntou, preocupado, a dona Cristina.

Ela sorriu.

- Nós sabíamos no que estávamos nos metendo. A van não tem placa.

Quando, finalmente, chegaram na casa de dona Cristina, John e Henry, com a van já bem trancada na garagem, Tony, Ana, Davi, Tina e Setsu se deixaram relaxar.

- Muito bem – dona Cristina estava com eles na sala de estar, sentada em uma cadeira ao passo que eles estava sentados nos sofás e nas poltronas. – Receio que, por hoje, vocês já tiveram ação o suficiente, e nós temos muito o que conversar e esclarecer. Se bem me lembro, Tony, você ia me contar tudo o que aconteceu desde sua adoção.

Tony foi pego de surpresa. Mal lembrava daquilo.

- Ah, bem... sim, é mesmo... Bom, posso começar?

- Quando você quiser – dona Cristina sorriu.

E Tony começou.

Ele acabou cerca de quinze minutos depois, tendo posto dona Cristina a par de tudo que acontecia, os prazos, o tempo e até mesmo a maestria que cada um tinha sobre seus próprios Objetos.

- Hm – ela refletiu, de olhos fechados. – De fato, agora que você me diz, Tony, vejo que o tempo que vocês têm para chegar em Setéri é muito curto. Bom, vou dizer-lhes, que sabendo disso, tenho boas e más notícias.

Os Arcons se entreolharam. Nenhum deles gostava desse negócio de “boas e más notícias”. Significava uma notícia ruim *compensada* por uma boa.

- Diga primeiro a ruim – Ana pediu.

- Era o que eu ia fazer – dona Cristina disse. -, porque era necessário. Bom, a má notícia é que, para derrotar os Jacob, vocês precisam aprender as segundas habilidades.

- Segundas habilidades? – Tony perguntou.

- Sim. As segundas habilidades são habilidades a mais dos Objetos, que devem ser aprendidas depois das primeiras, que podem ser consideradas “habilidades básicas”.

- *Básicas?!* – Davi a encarou, raivoso. Não achava sua habilidade nem um pouco “básica”.

- Desculpe se o ofendi, Davi. Não são básicas. São simplesmente as primeiras habilidades que todo Arcon consegue aprender.

Tony se virou para ela.

- Certo. Que seja. Mas por que precisamos aprender as segundas habilidades?

Dona Cristina respirou fundo.

- Eu vou lhe responder, Tony, e pode ser que você não entenda algumas coisas. Acalme-se. Vou explicar tudo.

“As primeiras habilidades são conhecidas, pelo povo de Setéri, como as ‘habilidades de sobrevivência’. O nome pode parecer estranho, mas, se você pensar, ele é bem lógico. Veja bem: as habilidades que vocês sabem até hoje lhes garantem, quase com certeza, a sobrevivência até mesmo nos lugares mais extremos: a capacidade de se esconderem, de poder ver inimigos à grande distâncias, de poderem usar diversos tipos de armas, enfim, se eu lhes jogasse num deserto hoje, dependendo somente do que puderem caçar, vocês conseguiriam sobreviver”.

“Já as segundas habilidades são conhecidas como ‘habilidades de batalha’. Para você entender isso, veja o Livro dos Objetos”.

- O Livro? – Ana inquiriu. – Não há nada sobre as segundas habilidades no Livro.

- Esse livro não é um livro qualquer, Ana – dona Cristina respondeu. – Ele funciona como um banco de dados sobre os Objetos, que mostra o necessário sempre que vocês precisarem. Acredite. Existe esse sistema de auto-atualização. Procure no índice, e você verá.

Ansiosa, Ana tirou o livro da mochila de Tony, que a olhou friamente, sem ter esquecido a cena em Tóquio, e procurou pelas segundas habilidades através das páginas. Um gritinho de exasperação indicou que ela achara a parte que procurara.

- Leia para nós – pediu dona Cristina.

Ela concordou e, ainda parecendo pasma pela auto-atualização do Livro, começou a ler:

### *As Segundas Habilidades*

*Todo Arcon, assim que domina seu Objeto, acaba de aprender a primeira habilidade desse. Mas as primeiras habilidades não são, de modo algum, as últimas.*

*Existem, além das primeiras, as segundas, terceiras, e acredita-se também em quartas habilidades. Apesar disso, somente um Arcon em toda a história adquiriu sua terceira habilidade, e o resto não passou das segundas.*

*As segundas habilidades, em contrapartida com as primeiras, conhecidas como “habilidades de sobrevivência”, são chamadas de “habilidades de batalha”. Isso porque estas habilidades são, todas, feitas especialmente para combates.*

*Com isso pode se notar um bom equilíbrio. As primeiras habilidades, as mais fáceis de aprender, são necessárias para a sobrevivência. Já as segundas habilidades, mais difíceis de se aprender, servem para combate.*

*Abaixo, está uma lista dos Objetos e suas segundas habilidades:*

- *Askronogador: grande velocidade, mais de 250 km/h em campo aberto, aceleração de 200 km em 1 segundo.*

- *Anskronogador: barreira esférica de luz, completamente invulnerável.*

- *Invilimer: grande domínio da força bruta.*

- *Ocuslater: habilidade de flutuação desde o solo até mais de 50 metros de altura.*

- *Esrichilander: força adicional para qualquer tipo de arma, principalmente armas já sacadas do Esrichilander por meio da sua primeira habilidade.*

- *Felogor: emite uma alta onda sonora que pode deixar um inimigo aturdido por um certo tempo, ou então diminuir a quantidade de som em uma certa área.*

- *Alorredor: controla objetos pesados sem dificuldade – pode se dizer que extrai o peso das coisas.*

- *Coroa de Kanaiser: incrível poder de emissão de raios, em quantidade e direções infinitas.*

*Mas as segundas habilidades não podem ser aprendidas tão facilmente. Para aprendê-las, os Arcos devem se concentrar intensamente em seus Objetos, treinando seu uso e aprendendo a controlá-los de forma mais adequada.*

Ana acabou de ler e levantou a cabeça para ver a reação dos outros àquelas informações.

Todos estavam quietos, de olhos fixos em pontos quaisquer, parecendo hipnotizados. A notícia das segundas habilidades podia, ao mesmo tempo, atrapalhar sua jornada ou ajudar. Porque elas serviam perfeitamente no salvamento dos pais de Davi e Tina, caso houvesse batalhas; mas, ao mesmo tempo, eles só tinham mais três dias até o fim do prazo dado pelos Jacob, e com certeza não conseguiriam aprendê-las todas neste curto período de tempo.

- Mas Ana já sabe sua segunda habilidade, não é? – Davi perguntou confuso. – Ela consegue falar línguas estrangeiras, e eu nunca vi ela criando... uma barreira ou coisa parecida.

- Ah! – dona Cristina pareceu se lembrar de algo. – Que bom que você falou isso. Não, Ana não sabe duas habilidades. O que ela sabe é uma variação da sua primeira habilidade, que não pode ser considerada um segunda habilidade.

Davi assentiu levemente. Ainda não entendera bem, mas acreditou em dona Cristina.

O silêncio voltou. Enquanto todos ainda pensavam, Ana perguntou para Tony, em tom arrependido:

- Eu só tenho uma pergunta: bem... duas na verdade... Como foi que vocês conseguiram convencer Setsu a vir com vocês e... qual é a habilidade do Objeto dele?

- Ah, sim – Tony pareceu despertar e sorriu. Aparentemente, já esperava aquela pergunta fazia tempo.

- Para convencê-lo, nós usamos exatamente os mesmos truques que você falou que *não* iam adiantar, Ana, como invisibilidade.

- Mas como?

Dessa vez Tina respondeu:

- Davi usou o Invilimer para deixar o próprio Setsu invisível, e em seguida nós lhe dissemos para fazer o que quisesse que sua mãe não iria notar. Pois bem, para testar isso, ele saiu no corredor e começou a dançar na frente da mãe dele. E teve que desviar quando ela passou, lógico, porque ela não o viu.

- Então Tina pegou o Ocuslater e deu-o para Setsu. Ela falou: pense em um lugar qualquer que ele aparecerá aí na tela. E, claro, funcionou.

E Tony terminou:

- E isso foi o bastante, acredite. Nós o fizemos deixar um bilhete para a mãe, explicando que estava tudo bem, e saímos da casa dele invisíveis. No aeroporto, usamos o método de ir no compartimento de carga de novo, e quando estávamos saindo da esteira de bagagens ouvimos gritos lá no meio do aeroporto. Eram vocês.

Ana assentiu.

- E quanto à habilidade do Objeto dele?

Mas antes que Tony, Tina ou Davi pudessem responder, dona Cristina falou:

- O Felogor tem, como sua primeira habilidade, o poder de sempre indicar o caminho certo a se seguir. Foi assim que conseguimos achar o caminho para o aeroporto. Pode ler no Livro, se quiser, Ana.

- Ah, acho que vou mesmo ler – Ana concordou, e voltou algumas páginas atrás da parte sobre as segundas habilidades.

*O Felogor*

*O Felogor é um pingente que, com uma seta energética, aponta para o “caminho certo”, dependendo de onde seu Arcon deseja ir.*

*Claro que a definição de “caminho certo” é muito vaga. Afinal, o certo e o errado são duas verdades irreais, devido ao fato que existem opções.*

*Em muitos anos de estudos sobre o Felogor, cientistas Seterianos concluíram que, em geral, o Felogor mostra, do ponto onde está seu Arcon, o caminho mais curto até a destinação desejada. No entanto, caso a necessidade não seja tempo, o Felogor mostra o melhor caminho para se conseguir o que se deseja.*

Ana terminou o texto e olhou para Setsu, impressionada. Em seu pescoço, havia um belo colar com um enorme pingente, feito de uma grande pedra cor de rubi, marcada com o símbolo dos Objetos.

Foi então que ela percebeu que, além da vez que se falaram em Tóquio, ela nunca teve uma conversa adequada com Setsu. E outra dúvida ainda a atormentava.

- E como foi que vocês conseguiram chegar aqui bem a tempo de salvar a gente?

Tony, Tina e Davi trocaram um olhar.

- Após convenceremos Setsu, fomos ao aeroporto, e lá usamos o nosso truque de ficar invisíveis e de se esconder no compartimento de carga. Assim, passamos a noite lá. Acordamos às 5 da manhã porque tínhamos de ter certeza de que sairíamos à tempo do avião. Esperamos bastante tempo, mas conseguimos sair.

- Tivemos de seguir o mesmo caminho que as malas, o que nos custou tempo – Tina complementou. -, mas pudemos voltar a andar assim que chegamos na esteira onde as malas são entregues.

- Achamos que iríamos sair sem vocês, de fato – Davi admitiu. -, mas foi então que vimos uma grande multidão num canto. A princípio, achamos que fosse um tipo de atração, mas ao ouvirmos gritos de algumas senhoras nos preocupamos. E o resto você já sabe.

Ana assentiu e ficou pensando. Não havia sido bom para nenhum deles o fato de terem se separado. Tudo se tornara mais difícil para ambos os lados, e a reagrupação fora muito boa, ainda acompanhada da presença de dona Cristina. Dentro de sua cabeça, Ana prometeu nunca mais se separar dos outros por motivos tão ridículos quanto daquela vez.

Então, ela se lembrou de Henry, que estivera calado durante todo aquele tempo, sem sequer dar sua opinião. Ela se virou para ele, e falou:

- Oi Henry, tudo bem? Eu sou a Ana.

Mas só depois de falar que ela percebeu que ele devia falar só inglês, sendo que morava na Austrália. Para sua grande surpresa, ele respondeu:

- Muito prazer, Ana.

Em português perfeito. Ela tomou um susto – talvez a habilidade de tradução do Anskronogador tivesse funcionado para Henry também -, mas, quando ia lhe perguntar isso, ele falou:

- Não se espante, sei falar português, japonês, francês e inglês.

Todos os outros Arcons se viraram automaticamente para Henry, abismados.

- Você é poliglota? – perguntou Davi. Henry concordou.

- Nossa – Tina exclamou, pensando como devia ser difícil para Henry falar tantas línguas. Ele continuou:

- E não é só isso. Também domino a primeira e a segunda habilidade de meu Objeto, o Alorredor.

Aquele fato espantou ainda mais aos outros Arcons. Henry estava anos-luz à sua frente em questão de domínio dos Objetos.

- É sério? – Jean quis saber. – Você pode mesmo controlar pesos absurdos sem problemas?

- Posso.

- E, se me permite saber, qual é a sua primeira habilidade?

- Bom – Henry falou baixo. – Minha primeira habilidade é de conseguir abrir qualquer porta, não importa como ela seja.

- Não parece tão poderosa assim – Tony admitiu.

Henry olhou para ele desafiadoramente.

- Talvez não pareça, mas posso lhe admitir que é bem útil. Caso eu queira – ou precise – invadir algum lugar sem parecer que eu já estive ali, o Alorredor é ideal.

- Agora – dona Cristina anunciou, parando de vez aquele início de discussão e retomando assuntos mais importantes. – é minha vez de lhes contar algumas coisas. Tenho informações importantes que vocês precisam saber.

“Acredito, e receio estar correta, que vocês já sabem sobre seus pais e sobre os Arcons antes de vocês, certo?”.

Tony, Ana, Davi, Tina, Jean e Henry concordaram. Os primeiros por terem ouvido aquela informação na França, por parte do pai de Jean, e Henry por sua mãe já ter lhe contado a história. Somente Setsu não respondeu.

- Ah, me desculpe, eu não lhe contei sobre isso – Ana falou para ele. – Espere, deixe eu te contar.

Dona Cristina continuou:

- Eu vou, agora, lhes relatar a viagem de meu marido, Jim, e dos outros Arcons por Setéri, com o objetivo de matar Crozodon. Prestem atenção, porque esta é uma história que vocês podem aproveitar quando estiverem em Setéri.

Ela ainda esperou Ana terminar de contar sobre os pais a Setsu e começou:

- Robert. Sempre o consideramos, mesmo que inconscientemente, um líder, alguém que tomava as boas decisões e que sempre tinha repostas para todos os nossos problemas.

“Mas sua vida como Crozodon começou há trinta anos, quando ele, na época um escritor bem-sucedido, estava de férias com sua namorada Sally nos Estados Unidos. Numa noite em que estava com um pouco de dor de cabeça e saiu para dar uma volta, porém, Sally foi não só roubada, como também assassinada no próprio quarto do hotel”.

Ana soltou um gritinho.

- E como você sabe de tudo isso? – Tony perguntou.

- O próprio Robert nos contou. Fomos todos no enterro da garota, foi tudo muito triste. Lembro que lhe dissemos para se acalmar, para ele se sentar e respirar fundo, sabem como é, mas ele não conseguiu. Robert tinha, como posso dizer, um amargo dentro dele. Seus pais haviam morrido quando ele era bem pequeno, e cresceu a vida toda num orfanato. Sally havia sido a única pessoa que ele amara em toda a vida, e então...

“Ele sumiu. Sem deixar vestígios. Por meses, tentamos usar os Objetos para encontrá-lo, mas eles pareciam não querer dizer onde Robert estava. Até que, depois de um tempo, eles disseram que Robert estava na Cidade das Trevas, já como Crozodon”.

- Você tem alguma idéia por que de os Objetos não quiseram achar Crozodon, dona Cristina? – Davi perguntou.

- Tenho uma teoria – ela respondeu. – Acredito que, como a Coroa estava se enegrecendo, ficando ao mesmo tempo mais poderosa e mais obscura, os outros Objetos não queriam procurar por ela, por medo, talvez.

- Mas vocês estavam procurando por Crozodon, e não pela Coroa.



- Sim, estávamos. Mas, para os Objetos, procurar por ele é procurar o “dono da Coroa”, e desse modo, não obtivemos resposta.

- E por que você acha que eles puderam fazer contato depois de alguns meses?

- Porque a transformação da Coroa já devia estar completa. Desse modo, ela não estava mais em estado de alterações, e os outros Objetos puderam encontrá-la.

“E eles disseram que Robert estava em Setéri, no controle da Cidade das Trevas. Sem esperar mais, nós – ou melhor, Jim e os outros Arcons – partiram para Setéri, com um objetivo inicial de ajudar a Robert”.

“E por causa disso foram até lá sem nenhum exército”.

“Esse foi o maior erro deles. Sem saber o que Robert fazia na Cidade das Trevas, eles chegaram lá totalmente despreparados para uma luta”.

“Mas mesmo assim tiveram de lutar”.

“Imaginem, agora, sete pessoas contra um exército de milhares – não, *milhões* – de guerreiros de Crozodon. É, é absurdo. Enquanto eles lutavam para se defender – reparem bem, *defender* – alguma ajuda chegou. Esquadrões de tramys, lobbers e twigars, além do próprio grande Sacrimerge, e alguns dos mortos da Cidade do Céu – mas devo lhes dizer, isso não adiantou muito”.

- Por que não? – Tina perguntou.

Dona Cristina suspirou.

- Vocês devem se lembrar que tanto a Cidade das Trevas quanto a Cidade do Céu são o lar de mortos, certo?

- Sim – responderam eles.

- Pois bem, saibam que a força física não machuca em nada os – eh, como dizer – espíritos da Cidade das Trevas. Nada mesmo. Portanto, a ajuda dos animais só serviu para acabar com a força física do exército de Crozodon – ou seja, Kerkets e sykhans -, e o exército de mortos que tínhamos era inferior em relação ao de Crozodon. O único que podia ferir os espíritos, além deles, era Sacrimerge, mas nem ele pode derrotar a trilhões de almas. Sacrimerge acabou sendo morto.

Ana levou as mãos à boca.

- Mas, sendo Sacrimerge uma fênix, ela renasceu. Mas por um preço muito alto; ela reviveu trancafiada num enorme bloco de gelo na Cidade do Céu.

“Mas, voltando à batalha, eu sei que seus pais, os Arcons, concluíram que, se tentassem lutar, com certeza perderiam. A melhor estratégia seria entrar escondido, no meio da luta”.

“Assim, em dois dias difíceis atravessando o campo de batalha, eles chegaram ao castelo de Crozodon, no coração da Cidade das Trevas”.

“Vocês já podem ter idéia de quem estava com a vantagem naquela situação. Seus pais, exaustos, em meio a território inimigo; Crozodon, calmo, relaxado e pronto para lutar. Apesar disso, eles ainda eram poderosos. Dominavam perfeitamente suas primeiras e segundas habilidades. Então, como vocês já devem saber, eles lutaram e a luta terminou em empate”.

- Sim, nós sabemos – Ana respondeu se lembrando do texto sobre a história dos Objetos no Livro.

Dona Cristina respirou fundo.

- Pensem uma coisa. Se seus pais tivessem levado um exército maior, com certeza a guerra antes de chegar no castelo de Crozodon teria sido mais fácil, não é?

Eles concordaram.

- Pois bem, esse foi o maior erro deles. Sem desconfiar que Crozodon lutaria com eles, não haviam levado seu próprio exército de espíritos, e muito menos se preparado para uma grande guerra como aquela.

- Mas uma coisa eu não entendo – Davi disse. – Se eles são espíritos, então não podem ferir ninguém, certo?

- É uma questão complicada, Davi – dona Cristina respondeu. – Veja, Setéri é considerado o mundo espírito-material por conter os dois tipos de seres nele. Os fantasmas em geral não ferem, sejam estes da Cidade das Trevas ou da Cidade do Céu, mas só por causa de certos protocolos de magia impostos há muito tempo.

- E daí? – Jean perguntou.

- Mas Crozodon, ao chegar na Cidade das Trevas com o poder da Coroa aumentado, quebrou esses protocolos. E notem: para alguém conseguir quebrar esses protocolos, essa pessoa tem de ter muito poder, pois estas são leis antigas e praticamente indestrutíveis.

“E é por isso que vocês, ao chegarem em Setéri, devem ir até a Cidade do Céu. Lá, podem recrutar trilhões de espíritos, e ter um exército espiritual ainda maior que o de Crozodon, e com certeza maior do que o que batalhou da última vez. Vocês podem prepara seu batalhão de mortos, algo que seus pais não fizeram”.

Isso lembrou a Ana algo que ela lera no Livro. Ele dizia que ela e os outros Arcons tinham, em Setéri, de ir até a Cidade do Céu. Então era por isso que o Livro dissera aquilo.

Dona Cristina fez menção de continuar, mas Tony a interrompeu.

- Só mais uma coisa – disse ele. – Se os mortos são, de fato, mortos, então eles não conseguem se ferir *até morrerem*, não é?

Dona Cristina franziu a testa.

- Realmente, nenhum de nós nunca soube disso. Lembro-me de Rodrigo e Mariana terem tentado descobrir isso com os Kronogadores, mas acho que não funcionou. Eu receio que os mortos derrotados em batalha simplesmente desaparecem.

E, finalmente, ela continuou a história:

- Após a batalha dentro do castelo, seus pais estavam cansados e extremamente feridos. Com a ajuda de alguns animais, conseguiram sair do campo de batalha, e foram cuidados numa aldeia próxima, onde, por algumas semanas, recuperaram a saúde. Mas ainda estavam abalados – porque os Objetos haviam parado de funcionar. Então...

- Então eles ficaram na Terra, até que dezesseis anos atrás eles começaram a morrer – Tony completou. Lembrou-se desse trecho do Livro dos Objetos.

Dona Cristina olhou para ele quase impressionada.

- Eu li isso no Livro – Tony explicou.

Ela concordou. E terminou:

- Agora, devo preparar vocês para viajarem por Setéri, recuperando a ordem e a paz. Eu soube que a batalha havia recomeçado quando vocês foram adotados, apesar de todas as contra-indicações que eu havia feito para vocês não serem adotados. Então, no dia seguinte, eu arrumei minhas malas e vim para cá, junto com Henry, nós dois sabendo que vocês chegariam em breve. Eu precisava arrumar tudo para sua viagem.

“Durante mais de meio ano eu vim até o aeroporto todos os dias, para ver se vocês chegariam. Afinal, eu precisava falar com vocês, precisava contar-lhes tudo. Pois bem, eu consegui. Agora, vou preparar vocês para uma luta decisiva. Uma luta que vai determinar o futuro não só de Setéri, mas da Terra também”.

# CAPÍTULO VINTE E DOIS

## Planos

O rapaz Jacob foi jogado no chão de modo tão absurdo que mais parecia que seus agressores estavam caindo em cima dele.

Os Samie haviam conseguido se livrar. Havia custado umas mãos muito machucadas ao Sr. Samie, e um tornozelo torcido à Sra. Samie. Mas ambos estavam livres.

Eles concluíram que o fato de Paulo Jacob estar lá era uma coincidência que eles precisavam usar. O garoto era jovem, tolo, e possuía algo elementar para a escapada do casal: um abridor de portais.

Com uma força sobrenatural para seu estado, os Sr. Samie golpeara as cordas e elas finalmente cederam. Rápido, num surto de energia, ele soltou aos seus pés e à mulher, e se pôs a esperar ao lado da porta, mas ainda do lado de dentro. Assim que ouviu passos, correu para fora e golpeou com força quem quer que estivesse passando.

E ele acertara. Nocauteara Paulo, cuja cabeça estava caída ao lado do corpo, com um filete de sangue escorrendo ao lado do nariz. Carlos Samie olhou para ele, e em seguida seus olhos se desviaram para a jaqueta de couro que ele vestia, que balançava à brisa suave da noite. A pegou nas mãos e olhou.

Ignorou a qualidade do couro, e se preocupou em achar o abridor de portal. E, enquanto o procurava, ainda achou barras de nutrientes, um pacote de chicletes e uma carteira cheia de dinheiro.

Finalmente, no bolso mais escondido, ele sentiu um volume grande e soube que lá estava o abridor. Sacou de lá um pequeno medalhão escuro com um botão no meio.

Olhou para a esposa. Ela pareceu compartilhar seus pensamentos, e assentiu quando ele decidiu guardar para eles a comida do homem e também a carteira. Eram suprimentos necessários para sua fuga.

- Vamos, Davi e Tina podem estar precisando de ajuda – a Sra. Samie falou com voz fraca.

Carlos concordou. Pegou a jaqueta para si e a vestiu, por ser quente e útil. Nisso, guardou os suprimentos de volta nos bolsos.

E apertou o botão.

Imediatamente um grande buraco esverdeado apareceu à sua frente, rodando com o mesmo barulho que antes. Eles foram iluminados com a luz, que os cegou por instantes, sendo que eles haviam estado trancados desde o início da tarde na escuridão. De algum ponto de Sefuigara, um homem via o ponto de luz verde.

Eles respiraram fundo.

E entraram.

Casa de Henry.

Tal como o lar de Jean, era difícil classificar a casa de Henry como uma simples “casa”. A vista era panorâmica para o mar, enquanto um quintal verde rodeava a habitação. Havia grandes janelas, porém, o que era curioso, é que elas só davam para a sala. Todos os quartos tinham janelas pequenas.

Haviam terminado as explicações a dona Cristina havia menos de quinze minutos. Tony e Ana já haviam se retirado com ela para uma longa conversa, uma conversa em que ela se redimia de tudo que havia feito, tendo lhes tratado mal para que ficassem – nessa hora ela perdeu a voz – “convincentes”, para quem viesse adotar, com a intenção de que essas pessoas concordassem com ela que Tony e Ana eram agressivos e mal-humorados, nem um pouco ideais para serem futuros filhos. Além disso, até, pelo menos, o ponto em que eles foram adotados pelos Jacob, eles eram muito jovens para entender toda a história dos Arcons, toda a responsabilidade que teriam de carregar.

Eles demoraram a entender. Entender não no sentido de compreender, porque isso eles haviam feito rapidamente; o que eles demoraram foi a absorver toda a mensagem. Não só as palavras, mas seu significado na vida deles.

Depois, eles tiveram a permissão de irem à praia se divertirem um pouco; A princípio, haviam ficado desconfiados – afinal, não havia muito tempo antes que o prazo de uma semana dos Jacob acabasse -, mas dona Cristina lhes garantira que havia pensado em tudo e que eles poderiam se divertir um pouco para variar.

E eles aproveitaram. A chance de poderem, mesmo inconscientemente, brincar, lhes foi útil. A vida deles havia sido séria desde que Tony e Ana foram adotados. Até mesmo Setsu, que saíra de casa no dia anterior, estivera ainda assustado e surpreso. A chance de relaxar pôde acalmar a todos, deixando-lhes muito mais preparados para pensar e agir.

Nesse meio tempo, Henry pôde lhes contar a sua história. Tudo começou com uma pergunta de Ana, que lhe perguntara o que ele fizera enquanto os esperava chegar.

Ele respondera a ela, mas com mais uma série de perguntas feitas por ela, ele acabou contando-lhes tudo.

Vivera com eles no Orfanato. Essa primeira mensagem chocou a Tony e Ana seriamente, pois isso era algo que eles jamais imaginariam. Mas, quando tentaram se lembrar de seus anos no Orfanato, lembraram que haviam convivido com um garoto que ficava num dormitório longe de ambos.

Era Henry.

Ele lhes contara que, secretamente, vivia no orfanato com a mãe, dona Cristina, e na verdade não dormia num dormitório afastado – e sim num quarto atrás do escritório dela. Até os 6 anos, acreditou nas histórias da mãe sobre um lar diferente, pois ele freqüentava a escola e se divertia tal como qualquer garoto normal, mas vivia no Orfanato com os outros garotos, achando que suas mãe também vivessem em quartos com seus filhos atrás. Depois, ao descobrir a verdade, dona Cristina lhe explicou que queria lhe fornecer uma vida normal enquanto pudesse.

A partir daquele dia, sua vida mudou.

Passou a treinar com o seu Objeto todos os dias, abrindo quase todas as portas do Orfanato à noite, dominando à perfeição a primeira habilidade do Alorredor, mas só conseguiu dominar a segunda aos doze, após muito treinamento pesado.

Algo que chamou a atenção de Tony foi uma das coisas que ele disse por último: ele combinara com dona Cristina que espiaria a ele e Ana. Isso deixou Tony furioso. Isso

significava sua falta de privacidade desde os 7 anos. Ele perguntou, furioso, a Henry, se fora ele que o denunciara na noite em que ele ficara sem comer. O garoto corou. Se não fosse por Davi, Tony se jogaria sobre ele e o socaria. Era assim que dona Cristina sempre sabia o que ele fazia! Durante todos aqueles anos, Henry o espiara pelas costas, denunciando-o.

Naquele momento, ele deixou de confiar – se é que já tivesse confiado – em Henry.

Às cinco horas da tarde, dona Cristina chamou todos os Arcons para se reunirem a ela na sala de visitas.

- Escutem todos – ela disse a eles, de pé, encarando todos, que estavam sentados no sofá.

- Agora, devemos pensar na nossa primeira prioridade: salvar os pais Samie – ela anunciou. – Por sorte, eu conheci Carlos e Silvia melhor do que quase todos que os conheceram. Portanto, poderemos pensar melhor num plano.

Ela se sentou numa poltrona.

- Considerem, por um instante, minha primeira hipótese: os Samie deram um jeito de escapar.

- Escapar de onde? – Tina perguntou. Haviam entrado num campo quase totalmente intelectual, e ela era de máxima importância naquela hora.

- Boa pergunta Tina – dona Cristina respondeu. – Afinal, não sabemos onde eles estão presos. Numa ilha? Numa caverna? Numa casa, ou até mesmo, com os próprios Jacob? Não sabemos. Conhecendo eles como conheço, acredito que podem se livrar de uma prisão Seteriana. Mas tenho minhas dúvidas quanto a conseguirem fugir de Setéri.

Todos concordaram.

- Tenho pensado. Talvez eles não escapem, mas existe algo que tenha ajudado os Jacob a passarem desse lado para aquele. *Tem* que haver. Porque, mesmo com todo o poder de Crozodon, eles não poderiam passar por um portal montado, dos antigos. Por isso, só podem ter passado usando algo *moderno*. Algo que tenha sido criado, talvez, pelo próprio Crozodon, e que auxilie às pessoas transitarem entre os dois mundos. Algo como...

- ...um abridor de portais – Davi respondeu.

- Isso. Um abridor de portais.

- Mas – Ana perguntou. -, se ele realmente tiver um abridor de portais, ele...

- ...pode enviar suas tropas aqui para a Terra? Sim – dona Cristina estava séria. – Isso tem me incomodado muitíssimo. Se ele pode enviar pessoas entre os dois mundos livremente, somente algumas poucas razões podem impedi-lo de enviar tropas. Algo que eu acredito é que não haja quantidade suficiente de abridores para enviar uma tropa inteira, e ele não é tolo de enviar meia dúzia de Kerkets. Mas, com isso, surgem inúmeras outras possibilidades. Pode ser que não seja ele quem cria os abridores; pode ser que ele tenha encontrado poucos... Entendem? Os abridores são armas tão poderosas quanto os próprios Objetos. E isso me intriga de outra maneira.

“Por que ele mesmo não veio?”.

“Porque, mesmo que ele tenha poucos, ele poderia vir sozinho, e causar destruição o suficiente para fazer a Terra tremer. Deve haver uma razão *muito boa* para ele não vir”.

- Talvez ele tenha poder demais para atravessar – propôs Jean.

- Essa é boa, Jean – dona Cristina concordou. – Talvez a ponte que liga Setéri e a Terra não agüente mais transportar a Coroa. Mas talvez seja somente a ponte criada através dos portais automáticos desses abridores.

- Existe um método muito mais rápido de resolvermos isso – Tony anunciou em voz alta -, do que ficar exibindo nossas suposições. Notaram quantas vezes disseram “talvez”? Os Kronoadores podem nos dar as respostas em questão de segundos.

Todos olharam surpresos para Tony. Mas concordaram. Ele respirou e digitou uma série de perguntas no Askronogador.

*Por que os abridores de portais são limitados? Com quem eles estão? Por que Crozodon não os usa? Onde estão os pais de Davi e Tina?*

Assim que ele terminou, todos olharam para o Anskronogador, esperando uma resposta. E algo estranho aconteceu.

Ele começou a soltar fumaça.

E tocava suas melodias enquanto soltava fumaça.

*Porque Crozodon só achou quatro.* Essa foi a primeira resposta, à primeira pergunta de Tony. *Estão com os Samie.* Essa foi a segunda resposta.

Mas Ana se surpreendeu com a terceira.

**RESPOSTA INACESSÍVEL.**

Era tudo muito estranho. O Objeto havia declarado uma resposta inacessível a Ana, o que já era assustador, mais ainda por cima respondera à última pergunta de modo rápido e preciso.

*Estão no Stonehenge.*

# CAPÍTULO VINTE E QUATRO

## A Quarta Habilidade

Era um hotelzinho bem precário.

Era rústico, pequeno, com janelas encardidas e um letreiro de néon com pelo menos três letras faltando.

Mas ainda assim era um hotel.

Precisamente o lugar que os Samie precisavam.

Haviam conseguido um quarto. Um lugar que refletia a aparência desprezível do hotel, mas que mesmo assim lhes servia: tinha água encanada, luz e uma cama. De presente, até mesmo um abajur.

Carlos foi para o banho. Havia se registrado com um nome falso, que o velhinho que se dizia o dono do lugar havia aceitado sem problemas. Agora, Harry Paulson se banhava debaixo de um chuveiro enferrujado. Parecia que a sujeira de séculos se acumulara sobre ele, e à medida que o vapor da água saía pela pequena janela, ele se sentia um pouco mais revigorado.

Haviam fugido de Setéri, e ninguém aparentemente sabia disso. E, ainda por cima, havia caminhado mais de um quilômetro no meio da Inglaterra, até achar o hotel.

O primeiro lugar seguro que ele visitava em muitos dias.

Terminou o banho e vestiu, desgostoso, as mesmas roupas de antes. Poderia comprar outras no dia seguinte, se quisesse. Até lá, aquelas roupas iriam lhe servir.

Entrou no quarto e se serviu de uma cerveja do frigobar. Perfeito. Ele nunca fora de beber muito, e, de fato, a última vez que bebera fora em sua festa, onde exagerara muito. Mas agora era diferente. Naquele momento, mesmo com todas as contra-indicações e precauções se jogando sobre ele, ele precisava de algo que o deixasse... confortável. Seu primeiro conforto em dias.

Sua mulher foi tomar banho. Ótimo. Estava tudo bem. Depois daquilo, teriam uma ótima noite de sono.

Mas era só naquela noite mesmo.

Porque, no dia seguinte, sua jornada recomeçaria.

- Como assim *inacessível*?!

Ana já contara tudo. Revelara a todos onde estavam os pais de Davi e Tina, disse porque não havia tropas de guerreiros invadindo a Terra, mas, incredivelmente, a informação que mais espantara dona Cristina fora a resposta da pergunta sobre Crozodon.

- Eu já disse, ele simplesmente disse *resposta inacessível*, só isso. Claro que deve ser um erro quanto... quanto à interferência da Coroa nas respostas é isso...

- Mas é claro que é isso! – dona Cristina gritou. Estava histérica. – Vocês entendem o que isso quer dizer? Entendem?

Ninguém respondeu.

- Pois bem, é a mesma coisa que aconteceu quando tentamos contatar a Coroa para acharmos Robert no período em que ele desapareceu! Eu lhes contei! E isso aconteceu, quase que com certeza, porque a Coroa estava mudando! Estava em fase de transformação!

- E o que isso quer dizer de tão importante? – Davi perguntou na cara dura.

- Isso significa que ela está assim de novo! E existem pouquíssimas, repito, *pouquíssimas* razões para a Coroa mudar de novo. E para isso... acho que tenho que esclarecer uma coisa.

Ela respirou fundo.

- Lembrem-se, quando estavam lendo sobre as segundas habilidades, em que dizia que só um Arcon já conseguira sua terceira habilidade?

Eles pensaram por uns instantes. Depois concordaram.

- Bom, pois saibam que esse Arcon não é ninguém mais que o próprio Crozodon.

Aquilo era sério. Tony pensou, frustrado, que deveria ter percebido aquilo antes. Crozodon *era* o Arcon mais poderoso. E somente *ele* poderia ter descoberto sua terceira habilidade.

- Antes de continuar, preciso dizer que a terceira habilidade dele *não é* a verdadeira terceira habilidade da Coroa. É uma habilidade da – não há uma palavra para isso – Coroa Negra. É uma habilidade descoberta através dos poderes que a Coroa adquiriu em Setéri. Mas, ainda assim, é uma habilidade.

“E uma das razões da Coroa estar em transformação de novo é uma que eu temo há anos”.

“Ele conseguiu sua quarta habilidade”.

Quatro habilidades. Era absurdo. Henry, sendo o único do grupo que já havia aprendido mais de uma habilidade, sabia o quão sinistra era aquela afirmação. Era alguém beirar o poder infinito.

Em sua cabeça, Tony tentava se convencer que era tudo imaginação, que devia haver outra razão para a mutação da Coroa. Tinha que haver.

Dona Cristina olhou para todos, com os olhos baixos. Era algo que ela jamais imaginaria que Crozodon conseguisse fazer.

E, naquele momento, teve pena dos jovens que encontravam à sua frente.

Teve receio que eles jamais conseguissem derrotar Crozodon. Tinha receio de ninguém mais conseguir derrotá-lo. Qual seria sua quarta habilidade? Multiplicação de coisas? Controle dos elementos? Ela não tinha idéia que poder o homem poderia ter conseguido.

Mas precisava seguir em frente. Precisava ser forte, ajudar os Arcons em sua viagem, estar com eles em cada momento para apoiá-los, incentivando-os, fazendo adquirir cada vez mais poder.

Então engoliu em seco. Não podia deixar os Arcons caírem no desespero.

- Mas isso não significa que vocês vão perder. Não sabemos que espécie de forças vocês podem adquirir se forem à Cidade do Céu. E lembrem, vocês são um grupo. Podem fazer coisas que Crozodon não pode fazer sozinho, mesmo com todas as suas habilidades.

Eles concordaram. Dona Cristina estava certa. Se deixassem-se abater, iriam perder. Precisavam manter a cabeça erguida, e se concentrar em sua missão.

- Temos também notícias boas. Sabemos que os pais Samie estão na Inglaterra.



Era mesmo! Com o impacto da notícia da nova habilidade de Crozodon, eles haviam momentaneamente esquecido a resposta da pergunta que vinham se questionando havia dias. Haviam encontrado os pais de Davi e Tina.

E algo piscou na mente de dona Cristina.

Se os Samie estivessem em segurança, ela poderia ajudar os Arcons a conseguirem suas segundas habilidades.

Ou seja, o quanto antes fossem para a Inglaterra salvar os dois, mais rápido eles aprenderiam suas habilidades.

Mas não era apenas aquilo. Sabendo onde os Samie estavam, dona Cristina já formulara como fazer os Arcons irem à Setéri.

# CAPÍTULO VINTE E CINCO

## Até a Inglaterra

O Stonehenge é uma grande construção de pedras que pesa toneladas. É uma grande roda de pedras, localizada na cidade de Salisbury, ao sul da Inglaterra.

Há tempos, as pessoas acham que o Stonehenge possui ligações com alienígenas, ou com antigos rituais mágicos, sendo que ninguém sabe sua origem ou sua idade.

Ninguém exceto dona Cristina.

Às seis horas da tarde, todos os Arcons estavam com as mochilas cheias, todos preparados para a viagem que teriam de fazer.

Algo que lhes era presente, e que eles não percebiam, era a ajuda de dona Cristina. Uma ajuda adulta, uma ajuda que não os fizesse ter de encarar tudo sozinhos. Era como se dona Cristina olhasse por todos; nas dificuldades, ela estaria lá.

Assim, com essa idéia reconfortante em mente, os Arcons se sentiram muito bem ao arrumarem suas coisas para irem à Inglaterra.

Para que pudessem ir à Salisbury, o primeiro vôo deveria ser à Londres, e em seguida poderiam dar um jeito de ir até o destino desejado. Haveria um vôo para Londres em menos de uma hora, portanto, eles deveriam se apressar. Dona Cristina, na sala, organizava guias, mapas e anotava, ocasionalmente, idéias num bloco de papéis.

Ela comprara, para cada um dos Arcons, um comunicador, para que eles pudessem se falar mesmo de longas distâncias. Era o mesmo tipo de comunicador usado por guardas de grandes complexos. Ela dissera que, numa jornada como a deles, talvez precisassem se separar alguma hora, e com aqueles comunicadores, que alcançavam três quilômetros cada, seria mais fácil de saberem o que estava acontecendo. Automaticamente, Ana se lembrou da separação que haviam feito em Tóquio. Cada vez mais se arrependia daquilo.

Além disso, dona Cristina também comprara muita comida que durasse para a viagem deles. Afinal, após salvarem os pais Samie, eles ainda teriam de ir à Setéri. Ninguém entendia muito bem. Não sabiam onde era o portal. Mas tinham certeza de que dona Cristina sabia o que estava fazendo.

Com o vôo reservado, bagagens prontas e um plano, todos partiram para o aeroporto. Havia tensão entre todos os Arcons. Nenhum deles sabia como era Setéri, e a única vez que haviam podido vê-la fora na visão de quando aprenderam a usar seus Objetos – e haviam visto uma cena deplorável. “Não é para menos, com Crozodon dominando tudo”, pensou Tony, apoiado na janela do carro de dona Cristina (de fato, não estavam usando a van, e sim um Renault grande, onde cabiam os Sete Arcons, John e dona Cristina). Então, ele riu. Acabara de

se lembrar que estavam voltando para o aeroporto em que haviam chamado a atenção da polícia.

Mas logo parou de rir. Se estavam indo para lá, então não teriam como entrar no avião! Com certeza os guardas, ao verem Jean e Ana, parariam o grupo todo e a viagem estaria arruinada. Por isso, perguntou, tenso, à dona Cristina, como eles fariam para conseguir entrar no avião sem serem presos ou, no mínimo, detidos.

- Ora, não é simples, Tony? – ela o olhou com um olhar divertido. – Só precisamos deixar Ana e Jean invisíveis até estarmos longe de olhares curiosos. – E Tony não achou, de fato, aquilo nada simples.

Conforme o carro viajava pelas ruas de Sydney, o silêncio tomou conta de seus passageiros. Cada um estava dentro de seu próprio mundo, fechado em seus pensamentos, tentando prever cada coisa que aconteceria. Como seria Setéri? Como seriam as pessoas por lá? Será que eles conseguiriam sair vivos? Essas perguntas se repetiram na cabeça de cada um pelo menos duas vezes durante a viagem.

Chegaram ao aeroporto poucos minutos depois. O ar estava frio, e uma folha de jornal girando em todas as direções indicava que um vento forte invadira todo o estacionamento. Ninguém falava muito – a tensão, as expectativas, e até mesmo o medo tomavam conta de seus pensamentos. Durante alguns segundos, os nove ficaram a olhar para o céu, numa preparação psicológica para a longa viagem que os esperava.

Mas ainda faltava mais um preparativo. Todos os Sete Arcons se puseram distantes quando dona Cristina se despediu de seu marido. Ela sabia que poderia nunca mais vê-lo novamente, pois não sabia se sobreviveria à viagem à Setéri. Não foram raras as lágrimas.

Apesar disso, essa triste despedida teve de durar pouco. O vôo sairia logo e eles não podiam perder tempo.

E aquela foi a última vez que viram John em muito tempo.

- Temos de correr!

Foi o que dona Cristina gritou para os Arcons, uma vez que estava dentro do aeroporto. Jean e Ana já estavam invisíveis, Ana segurando na mão de Tina e também na de Jean, todos seguiram até o *check-in*, que já estava quase vazio, e dona Cristina, com sorte, conseguiu fazer todas as transações a tempo de eles partirem.

Assim que ela confirmou o vôo, foi com todos até o portão de embarque, que já estava cheio devido ao fato de que faltavam menos de 10 minutos para o vôo. Ela se sentia nervosa, um pouco sobre ter dito adeus ao marido, um pouco por ter corrido tanto, mas principalmente por estar indo num caminho sem volta ao desconhecido, com crianças que (como no caso de Setsu e Jean, Davi e Tina) conhecia a menos de um dia. Quieta, olhou para eles todos – nenhum falava muito, todos cabisbaixos, pensativos. Sentiu a respiração suave de Ana a seu lado, e com isso notou que a garota estava em situação semelhante aos demais.

Quando um alarme pequeno soou, uma mulher, vestida de azul com um quepe de mesma cor veio avisar a todos na sala de espera que já era possível embarcar.

Percebendo isso, dona Cristina sussurrou para o lado:

- Está na hora. Sejam os últimos a sair que poderemos voltar ao normal.

Ana sussurrou um “sim”, assim como fez Jean a seu lado. Tony e os outros fizeram menção de avançar, mas dona Cristina pôs seus braços à sua frente e os impediu. Afirmou para a aeromoça que já estava indo, só tinha que falar um pouco com seus “filhos”, e esta concordou, cautelosa, indo em direção ao avião.

- Davi, venha cá.

Davi se adiantou e estendeu o braço do Invilimer, refletindo a luz branca das lâmpadas de modo assombroso pela pequena sala. Virando-se para o lado, dona Cristina chamou Ana e Jean, que num piscar de olhos já haviam se tornado visíveis novamente. Para todos, foi de certo modo estranho voltar a vê-los, mesmo depois de tão pouco tempo.

- Agora, vamos.

Eles passaram pelos conhecidos corredores de acesso ao avião, e entregaram os devidos passaportes à aeromoça, cujos olhos afundaram ao ver Ana e Jean.

- *T-They weren't here before!* – ela exclamou, apontando os dois com os passaportes se amassando na mão que apontava.

- *Don't worry, you may haven't seen them* – dona Cristina tentou tranquilizá-la, entregando o resto dos passaportes e se adiantando para dentro do avião. A aeromoça ainda ficou no lugar que estava por alguns segundos, até perceber onde estava e, depressa, entrar no avião.

Era a primeira vez que Tony andava num avião que não fosse particular ou que não estivessem no compartimento de carga. Por essa razão, ficou surpreso ao ouvir o murmúrio das conversas e também a grande quantidade de pessoas lá presentes. Dona Cristina tocou-os levemente nos ombros.

- Venham, nossos assentos são por aqui.

Eles se adiantaram até uma pequena sessão de bancos vazios, no meio da classe econômica, onde se sentaram. Sentiam-se apertados em meio a tantas pessoas, e tiveram uma certa pena de Tina (apesar de terem achado engraçado), que teve de se sentar ao lado de uma senhora, com a pele murcha e algo no rosto que lembrava um bigode.

Após alguns minutos lá sentados, começaram a se sentir melhor, mais relaxados e confiantes. Já haviam conseguido chegar no avião e somente faltava mais um passo, a partir do momento que chegassem em Londres – ir até Salisbury.

Com esse pensamento em mente, ficaram a olhar (apesar de não estarem, de fato, enxergando) ao acaso o interior do avião, e sorriram quando este levantou vôo.

Era um lugar escuro e úmido. O que antes fora um castelo agora se reduzia a ruínas, e resquícios de sua anterior glória estavam jogados desorganizados pelo piso sujo e escuro, e por vezes era possível ver um inseto ou outro vagando por estes. O céu aberto acima do lugar era cinza e massas disformes negras – que alguém talvez tivesse a ousadia de chamar de nuvens – vagavam sem pressa sobre o terreno. A única coisa que não era cinza ou preta neste lugar era um trono, uma enorme estrutura dourada erguida sobre o piso quebrado que outrora pudesse ter guardado um salão de bailes. O brilho do ouro era ainda mais forte no contexto escuro em que se apresentava.

Sobre esse trono, havia uma figura sentada. Era tão negra quanto todo o resto, mas quase invisível sobre o assento brilhante. Somente uma coisa fazia com que pudesse ser vista – uma espécie de coroa, de brilho tão forte ou até maior que o do trono, que reluzia sobre sua cabeça.

O vento uivou entre os restos de paredes do castelo, arremessando indefiníveis materiais por entre os cômodos. Mas a figura sentada não se moveu nem um centímetro. Se alguém lá estivesse naquele momento, poderia até mesmo considerar que estava morta.

Mas estava muito longe disso. A morte, para aquele ser, era algo antigo, ocultado pelas trevas que agora enchiam cada pedaço de sua alma. Cansara-se dos esforços fúteis de seus servos. Era hora de ele mesmo tomar a ação.

A coroa resplandeceu quando Crozodon anunciou para o vazio a seus lados:

- Enviem os Kerkets.

O avião dos Arcons seguia levemente seu vôo, e somente balançou um pouco quando um grupo de aves gigantescas atravessou o portal entre Setéri e a Terra.

# CAPÍTULO VINTE E SEIS

## O Ataque

*Dia 5 de 7*

Era tarde na madrugada. O grande veículo aéreo cruzava o final da península ibérica, numa noite fria e espantosamente escura. Àquela hora da madrugada, ninguém no avião, com a exceção do piloto e do co-piloto, estava acordado. Uma meia dúzia de luzes indicava os banheiros, e hora ou outra vacilava com os solavancos do avião.

E foi num desses que elas pararam de vez.

Ninguém ouviu o grito desesperado do piloto e do co-piloto quando duas garras enormes explodiram o vidro à sua frente e os arremessaram para fora do avião.

Tony estava no banheiro. Acordara cansado, sonolento e com uma vontade imensa de voltar a dormir, mas uma vez acordado, não conseguira resistir ao impulso de ir ao banheiro. Aos resmungos, saíra de seu assento, sem acordar os outros, e fora em direção à uma das luzes fracas das entradas dos banheiros.

Nesse processo, não deixou de dar uma olhada automática pela janela. Não vira nada além de escuridão, com uns poucos pontos brilhantes indicando cidades e por vezes algumas manchas mais claras, que indicavam montanhas. Sorriu, desinteressado, e foi para dentro do banheiro, e saiu de lá alguns minutos depois, já quase totalmente desperto por causa da água fria que jogara na cara para limpar os olhos.

Assim, saiu de lá e, sem ter mais nada de interessante para fazer, olhou desinteressado para a janela novamente. Viu as mesmas cenas de sempre, e quando estava quase indo embora foi que notou uma enorme linha de fogo avermelhar todo o ambiente e depois sumir, tão rápido quanto chegara.

Primeiramente, Tony achou que tivera uma visão decorrente do sono, e sorriu pensando nas peças que sua mente podia pregar nele. Voltou a olhar mais, somente por diversão, mas ele ficou sério quando viu outro traço de fogo cruzar sua vista, seguido por uma enorme forma amarronzada.

Eram águias. Águias que deviam medir mais de quinze metros de comprimento. Sua respiração falhou. Tony voltou a olhar, e confirmou: havia águias com mais de quinze metros a poucos metros do avião.

Dona Cristina.

Sua primeira reação foi a de chamar dona Cristina. Sim. Ela com certeza saberia o que eram aquelas coisas, e o porquê de estarem ali. Exasperado, Tony ficou a balançar para os lados, até conseguir se acalmar o suficiente para ir chamar dona Cristina.

Na ponta dos pés, caminhou até ela, que estava sentada com as pernas esticadas entre Davi e Henry. Passando pelos dois, sacudiu insistiva, porém levemente os ombros dela, até que ela acordasse.

- Um, Tony, o que é? – ela perguntou com voz embolada.

Tony a encarou, os dentes fortemente pressionados uns contra os outros, e disse num único fôlego:

- São aves. Dona Cristina, lá foram têm aves com pelo menos uns 15 metros de comprimento cada, que soltam fogo pela boca e estão voando bem ao lado do avião!

Ele continuou a olhar dona Cristina, estudando seu rosto, e tomou um susto quando os seus olhos se abriram subitamente e ela se levantou bruscamente.

- Kerkets! – exclamou ela.

Como num ataque cardíaco, ela começou a sem mexer rapidamente, acordando os outros Arcons numa ação quase desesperada. Ao vê-la fazer isso, Tony também começou a acordar os outros, começando a compartilhar seu nervosismo com os companheiros, enquanto algumas das aeromoças começavam a se alarmar com aquelas duas pessoas fazendo tanto escândalo no meio da noite.

Enfim, após ter conseguido de fato acordar a todos (Tina, por exemplo, recusava-se definitivamente a se levantar), dona Cristina os chamou ate um corredor vazio, entre as classes executiva e econômica, iluminados por apenas uma pequena lâmpada vacilante.

- Afinal, o que é tão importante? – Davi reclamou com voz embolada, enquanto esfregava seus olhos.

- Prestem atenção! – dona Cristina os repreendeu, numa exclamação que fez todos pularem de susto. – O que vou lhes dizer é de extrema importância. Graças ao Tony aqui – Imediatamente os olhares de todos se viraram para ele, que com dificuldade conseguiu se manter impassível. – nós sabemos que há um esquadrão de Kerkets circundando nosso avião. Kerkets são uma das maiores ameaças para nós, pelo menos nesse momento: aves gigantes, que podem soltar fogo pela boca, mas o mais perigoso de tudo é que elas são *conscientes*. Os Kerkets são *inteligentes*, talvez não tanto quanto humanos, mas infinitamente mais que qualquer outro animal.

Apesar de dona Cristina ter enfatizado muito a inteligência dos Kerkets, o fato que mais atormentou os Arcons (com a exceção de Tony) foi o de os Kerkets poderem soltar fogo pela boca. Na mente deles, somente animais místicos como dragões poderiam fazer isso. As expectativas de terem de enfrentar um grupo inteiro daqueles animais, somente com as habilidades que tinham até o momento, eram aterradoras.

- Não temos como vencê-los! – Ana exclamou, tão alto que fez um homem adormecido se mover em seu assento. – Nós não sabemos nada além de... além de... deixar as pessoas invisíveis e traduzir as coisas! Se alguém pudesse lutar, seria Jean, mas nem ele lutaria à essa altitude!

Dona Cristina olhou para ela, aparentemente calma, mas havia um tremor de aflição por trás de seus olhos.

- Eu sei disso – falou em voz baixa. – e é por isso que estou tão preocupada. O máximo que podemos fazer é nos defender, talvez deixando o avião invisível, mas eu não sei o que é melhor. Precisamos pensar.

E foi nessa hora que a lâmpada acima deles se apagou.

Tomado de susto, Tony tentou enxergar alguma coisa, e quase caiu no chão com um balanço excepcionalmente forte do avião.

- O que é isso? – Tina Gritou para a escuridão.

E, como numa resposta violenta e terrível, a parede que dividia a cabine do piloto do resto do avião foi arrancada de seu lugar por três pares de garras tão afiadas quanto diamante.

Foi como ouvir o barulho de uma dilaceração. Assim que a chapa de metal foi arrancada de seu lugar, uma ventania enorme invadiu toda a estrutura, em direção ao céu infinito que aparecera por onde, uma vez, houvera uma parede. Nos primeiros segundos, um grupo de aeromoças foi lançado para fora do avião, num grito que ficaria pra sempre na mente de Tony – o grito de alguém que sabe que vai morrer.

Através do vento que os puxava em direção àquele abismo, ele conseguiu ouvir a voz de dona Cristina gritar “Vamos voltar!”, ele obedeceu sem pestanejar. Apoiando-se num corrimão, ele a seguiu através do corredor, com Ana e os outros os acompanhando assim que os viram fazer isso. As forças do vento e da gravidade se tornavam cada vez maiores, uma vez que o avião estava caindo deliberadamente em direção ao oceano. Por uma sorte inacreditável, Tony e os outros estavam num corredor um pouco mais afastado, e conseguiram passar correndo até o fim do avião, enquanto uma gritaria percorria os restos do mesmo.

Ao chegarem na parede que dividia o compartimento de carga, Jean instintivamente cortou-a, alguns instantes antes de dona Cristina dizer-lhe para fazê-lo. Com dificuldade, a parede cedeu, e eles todos se adentraram no compartimento. Com a ajuda de Henry e de um maçarico rapidamente tirado do Esrichilander, Jean fechou o buraco de volta, e no momento em que o fez os barulhos pararam e o vento cessou.

- Nos temos pouco tempo – Dona Cristina ofegou, olhando para todos desesperada, apoiando-se numa mala. – Os Kerkets, nesse momento, devem estar destruindo o resto do avião e matando a todos. Estávamos realmente muito arriscados, viajando pelo ar. – Seus olhos começaram a lacrimejar, e sua voz embargou. – Todas aquelas pessoas... vão morrer por nossa causa... Por minha culpa...

Incrivelmente, ninguém respondeu àquele comentário. Já haviam aprendido que o sofrimento e o desespero não levavam a nada.

- Se os Kerkets estão aqui no avião – Jean falou por fim. – então vamos matá-los aqui mesmo. Podemos até mesmo morrer, mas não sem antes acabar com esses desgraçados.

Essa afirmação causou um impacto muito mais alto que o de dona Cristina. E foi nesse momento que eles todos perceberam que não temiam a morte. Haviam se deparado com tal situação extrema que notaram como a morte parecia banal. Se morressem...

- ...morreremos lutando.

E foi nisso que, armados de espadas, escudos e uma coragem que excedia os níveis compreensíveis, que eles saíram do compartimento de cargas e se puseram frente a frente com os Kerkets.



# CAPÍTULO VINTE E SETE

## Um milagre

Carlos Samie não conseguia dormir. Simplesmente não conseguia relaxar, não importava o que fizesse. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira: meia noite. Ele precisava dormir. Se quisesse sobreviver mais um dia, se quisesse sair dali, voltar a sua casa e encontrar seus filhos, precisava daquelas poucas horas.

Muitas coisas o incomodavam. Entre elas, o fato de seu abridor de portal, o que ele havia pegado de Paulo Jacob, ter desaparecido. Isso impedia que ele pudesse ir a Setéri com os Arcons quando precisasse. Apesar disso, ele já havia se conformado com isso. Era outra coisa, algo a mais, que o incomodava. Mas ele não sabia o que era.

Tonto, levantou-se da cama, e nisso, notou que sua mulher também não conseguia dormir.

Sorriu.

- Acordada?

Ela se sentou e olhou para ele.

- Tem algo errado.

Ele assentiu de leve. Também tivera aquela impressão. Desde aquela tarde, se sentia estranho. Como se algo estivesse para acontecer.

Sentou-se na cama e pegou o controle remoto da televisão. Talvez, com um pouco de um filme bem chato, ele pudesse finalmente adormecer.

Por esta razão, levou um susto ao se deparar com a manchete na tela:

**AVIÃO EM ROTA DE COLISÃO COM LONDRES**

Colisão? Uma avião estava caindo? “Pobres pessoas”, pensou, levemente interessado. Isso até o locutor dizer:

- O avião está sendo atacado por aves gigantes.

No mesmo instante, uma onda de choque percorreu seu corpo. Sua pele ressecou, e ele pôde sentir as pupilas se contraindo.

Kerkets.

- Vamos para Londres – foi a última coisa que ele ouviu, vinda de sua mulher, antes de sair do hotel, correr até um motoqueiro que havia visto, nocauteá-lo e sair, com Silvia na garupa, em direção à capital da Inglaterra.

Aquela labareda havia errado por pouco.

Tony estava jogado no chão, os olhos fechados, uma mão segurando uma espada e a outra se segurando debilmente num banco que ainda estava firme. Ele podia sentir que estava caindo. Ele podia sentir que o avião estava quase praticamente vertical. O vento que passava pelo seu rosto não era devido à pressão, mas sim à queda. No seu rosto, um corte profundo

fazia o sangue espirrar – para cima, como ele mesmo notara -, enquanto uma queimadura na coxa o fazia ficar tonto.

Ele ia morrer.

Não havia dúvida quanto a aquilo.

No estado quase hipnótico em que estava, pôde visualizar tudo pelo que havia passado naqueles – cinco dias? Havia se passado menos de uma semana, mas para ele pareciam anos. Fora a melhor época de sua vida. Viajara com seus amigos, descobrira segredos incríveis, vivenciara fatos que ninguém havia vivenciado antes. Ganhara a habilidade de saber tudo, fora a quase todos os continentes do mundo. Lembrou-se dos momentos divertidos, dos momentos difíceis, dos amigos que fizera.

Se morresse, sem dúvida iria morrer feliz.

Mas então ele lembrou das pessoas em Setéri. Se tudo o que sabia era verdade, então aquelas pessoas não iriam morrer felizes. Iriam morrer sofrendo, nas mãos de um homem que nem àquele mundo pertencia.

E isso Tony não podia deixar acontecer.

Com uma réstia de energia que lhe sobrara, ele pôde abrir os olhos e virar a cabeça o suficiente para ver seus amigos. Estavam todos em situação semelhante à dele, caídos, queimados e cortados, segurando-se debilmente para não serem puxados em direção ao solo. Droga. Ele precisava se levantar. Precisava fazer o possível para sobreviver. “Eu vou sair daqui”, ele pensou com amargura, “mesmo que tenha que ser voando nas costas desses Kerkets”.

E se ergueu um pouco.

Nesse segundo quase já se abaixou de volta. No ângulo de quase 30 graus do avião, era difícil manter-se erguido. Cambaleante, Tony se ergueu novamente.

Seus olhos brilharam quando ele viu o Big Ben à sua frente, a aproximadamente um quilômetro, sua silhueta demarcada na noite escura com um conjunto de luzes que o fazia reluzir como uma estrela. Era lindo.

Mas estava muito próximo.

Então, um Kerket se meteu na sua frente, bloqueando sua visão com suas asas negras e sujas. Sorrindo de modo demoníaco, ele ergueu vôo, falando numa voz rouca:

- Vocês vão morrer de qualquer jeito. Não preciso mais ficar aqui.

E no momento em que suas asas criaram a primeira brisa, Tony jogou a espada.

Fora um golpe certo. A lâmina prateada penetrou no peito da ave sem ruídos, sem nenhum movimento a não ser o necessário. O Kerket olhou para Tony, depois para a espada, e ainda mantinha aquele mesmo sorriso quando caiu morto.

Tony suspirou. Escalou os bancos que ainda estavam no chão até chegar no lugar onde a ave caíra, pegou sua espada de volta e, com dificuldade se arrastou até mais próximo dos outros. Tina estava encolhida a um canto, com um Kerket se aproximando dela prestes a dar seu golpe final.

“Eu só tenho uma chance”, Tony pensou, e lançou a espada no Kerket do mesmo modo que fizera com o outro. Ele sabia que seria fácil errar. Tinha, como obstáculos, sua falta de força, a gravidade e a grande distância. Quando a ave virou o corpo para ver o que Tony arremessara, o tempo pareceu congelar. E Tony fechou os olhos quando a espada errou.

No entanto, ele não ouviu a espada caindo. Temeroso, abriu os olhos.

Henry estava ao lado dele, o Alorredor apontado para a espada. A segunda habilidade de Henry. A espada flutuava no espaço, e o Kerket pareceu não entender o que havia acontecido até Henry mover bruscamente o braço e acertar a cabeça do Kerket com a espada.

- Você está bem? – ele perguntou a Tony, que assentiu de leve. Henry salvara a Tina, e coincidentemente, a ele, pois era só uma questão de tempo até o Kerket entender o que havia acontecido e se jogar contra Tony.

E Tony, a partir daquele momento, esqueceu tudo o que ocorrera no passado e passou a acreditar em Henry.

Com esforço, ambos escalaram até Tina, que estava paralisada. Ela estava pálida, com olhos fixos no nada, sem ter superado o choque de quase ter perdido a vida.

- Não há nada que possamos fazer, Tony – ela sussurrou em voz tão rouca que mal parecia sua. – Podemos até mesmo matar Kerkets, mas de que adianta? O avião vai cair a qualquer momen...

Ela nunca chegou a terminar aquela frase.

Porque num brusco e repentino, movimento, o avião parou no ar.

E Tina começou a gritar.

O Ocuslater, pendurado por uma corrente em seu bolso, estava brilhando. Um brilho tão poderoso, tão incrível, que com certeza as pessoas lá na cidade podiam vê-lo. Surpreso, Tony cobriu os olhos, enquanto o Ocuslater começou a flutuar, erguendo-se acima deles e indo até mais alto.

- O que é isso?

E, como em resposta, o avião inteiro recebeu um choque. Uma espécie de formigamento estático, que encobriu a todos que estavam acima dele. A onda estática era vermelha brilhante, e era possível distinguir seu contorno através de cada um nele. Dona Cristina, Jean, Ana, Henry, Setsu, Davi, Tina e Tony logo foram encobertos. O Kerket que sobrara (pois somente três haviam sido enviados) não havia sido envolvido pela estática, mas, ao tentar tocar em qualquer coisa que estivesse envolvia, a parte que tocara pegava fogo. Desesperado, ele sumiu no manto negro do céu.

E, num tranco tão ou mais forte que o último, o avião se ergueu. Por alguns instantes, ele somente balançou no ar, esquecido pela gravidade, mas em seguida ele disparou para frente a uma velocidade surpreendente.

O queixo de todos os londrinos caiu quando a grande forma avermelhada cruzou seu céu como uma ave de fogo.

Não havia palavras para descrever a sensação dos Arcons e de dona Cristina. Era um milagre que acontecia, uma magia que, inacreditavelmente, os havia salvado da morte. Cambaleantes, Tony, Henry e Tina se dirigiram para perto dos outros, ainda envoltos pela camada estática, as planícies ao seu redor passando como borrões. O Ocuslater continuava a brilhar, flutuando acima deles ainda no mesmo ponto de quando começara a flutuar, como se estivesse de certo modo grudado àquele ponto.

- Nós... Estamos vivos! – Ana gritou exasperada, olhando para os outros como se quisesse uma confirmação de que ela não estava sonhando. – Estamos realmente vivos!

Jean, Davi e Setsu meramente assentiram. Estavam espantados demais para dizer alguma coisa.

Somente dona Cristina parecia estar um pouco mais atenta.

-Mas... como? – ela perguntou, mais para si mesma do que para os outros. – Há pouquíssimas coisas que podem fazer algo caindo a centenas de quilômetros por hora parar no meio do ar e começar a voar de novo. Foi você, Henry? – Ela se virou para o filho. – Você por acaso usou a segunda habilidade do Alorredor?

Henry negou, balançando a cabeça.

- Eu até tentei, mas não consegui. Parecia que, sempre que eu tentava erguer o avião, eu era empurrado para baixo com ele. Portanto, não, não fui eu.

- Não foi? – dona Cristina perguntou com voz fraca. – Mas, então, só pode ter sido...

- Dona Cristina! – chamou Tina. – Eu acho que sei o que pode ter acontecido. O Ocuslater...

- O Ocuslater! – dona Cristina interrompeu. – É claro! Ele está com você, Tina?

- Não – ela respondeu, surpresa com a reação de dona Cristina. – Ele está lá atrás, flutuando – Ela sorriu como se houvesse achado a própria afirmação engraçada.

- É claro! – Dona Cristina exclamou. – Uma barreira estática, flutuação, vôo, e acima de tudo, o Ocuslater... Eu sei porque estamos voando!

- A senhora sabe? – Davi perguntou com voz rouca. – De verdade?

- Sim! – ela sorriu e se sentou num banco que havia permanecido no lugar. – E em breve receio que vocês também saberão.

Atônitos com o ânimo de dona Cristina, os Arcons se reuniram. Com a ajuda de Jean, reabriram o compartimento de carga, e pegaram, tanto de suas malas quanto de outras, curativos para seus machucados. Então, sentaram-se novamente e começaram a aplicá-los nos cortes, arranhões e queimaduras.

Quase no momento em que eles acabaram, o avião mudou sua rota. Ele desviou em direção a uma floresta, e a escuridão ao redor era aterradora. Há muito as luzes de Londres haviam desaparecido. Jean criou uma pequena tocha com o Esrichilander, e esperou para ver o que aconteceria. Dona Cristina era invisível na escuridão.

O avião começou a descer. O silêncio era brutal, somente sendo cortado pelo ronco de uma motocicleta ao longe. O que restara do grande veículo voador pousou numa clareira razoavelmente perto da estrada, enquanto seus oito passageiros – entre eles, os Sete Arcons – olhavam ao redor, presos pelo suspense, tentando adivinhar quem seria o responsável por salvar suas vidas.

E, no momento em que o avião de fato tocou a terra, a camada estática sumiu, e o Ocuslater caiu, com um estrépito, no chão.

Era possível ouvir a respiração ofegante de cada um deles. A noite estava fria. Dentro de cada um deles, o coração batia forte, enquanto o ronco da motocicleta se aproximava.

Aproximava.

Assim que perceberam isso, os Sete se posicionaram. Se alguém estivesse vindo em sua direção, haveria problemas. Mas, naquela escuridão, não era possível ver nada, e aparentemente as motos estavam com seus faróis desligados.

O ronco parou.

- Está tudo bem – disse uma voz muitíssimo familiar a Tony, Ana, Davi e Tina. – Somos nós.

E, quando Jean direcionou a tocha na direção que viera a voz, eles viram claramente uma moto, que como passageiros tinha Carlos e Silvia Samie.

# CAPÍTULO VINTE E OITO

## O Encontro

Parecia que o tempo havia parado. Arcons e Samie se olharam, fixamente, durante segundos intermináveis. Junto com o tempo, tudo sumiu. Ninguém sentia o frio da noite, ou o grasnado de pássaros distantes, nada. Tony ainda conseguiu olhar para Davi e Tina. Ambos estavam parados, como se não acreditassem em seus olhos, as expressões congeladas.

– Pai! Mãe!

Quando Davi e Tina saíram correndo do avião, no entanto, foi como se Tony houvesse levado um empurrão de volta à realidade. Ele encarou os dois amigos, que partiam de braços abertos em direção aos pais.

Eles haviam conseguido. Talvez não do jeito que antes haviam planejado, mas haviam cumprido o prazo de sete dias para resgatar Silvia e Carlos.

Mas somente depois da olhada inicial é que eles perceberam o estado dos Samie. Os dois estavam, se é que assim podia-se dizer, bem. As roupas pareciam novas, os dois estavam limpos e até mesmo penteados. Naquele momento, Tony olhou para si mesmo – sujo, machucado, com as roupas rasgadas – e sentiu um pouco de vergonha, por causa da ironia – se os Samie que deviam ser resgatados, porque eles estavam em melhor forma do que os que deveriam resgatá-los?

Não se falou muito naquela hora. Durante os minutos seguintes, poucas palavras foram ditas, enquanto os sussurros dos Samie – pais e filhos – entre eles mesmos os colocava numa zona separada do resto. Tony, Ana e os outros ficaram somente assistindo discretamente a cena, às vezes esfregando um braço ou outro por causa do frio.

Depois de minutos, Davi e Tina chamaram os outros para se juntarem a eles. Gratos, os outros cinco Arcons e dona Cristina se aproximaram do pequeno grupo, sabendo que haveria muito para se conversar.

Mas ninguém viu o ataque.

Foi mais rápido que uma piscada. Numa rajada negra, um grito de furar os tímpanos passou por eles.

Um Kerket.

Levou cerca de dois segundos para que o mais perspicaz deles – Carlos Samie – percebesse o que havia acontecido. Seus olhos se arregalaram e ele gritou:

- Corram para cá agora!

Sendo que eram Arcons, até mesmo Setsu conseguiu ouvir a ordem e reagir quase imediatamente. Como se fossem um, os cinco correram em direção aos Samie.

Mas não dona Cristina.

Não demorou para perceberem que a forma que passara por eles levava, com ela, dona Cristina.

O Kerket voava alto.

Era o último sobrevivente do ataque ao avião, aquele que tentara trespassar a barreira criada pelo Ocuslater e, com isso, queimado sua asa. Todos os seus outros companheiros haviam morrido. Ele estava desesperado, aflito, e voava desgovernado quando viu o avião dos Arcons, lá pousado. E prometeu a si mesmo que não morreria enquanto não matasse pelo menos um dos Arcons.

E, por isso, naquele momento dona Cristina jazia em seu bico.

Ela se debatia, chutava, gritava, mas o Kerket, ainda que ferido e triste, era mais forte que ela. Além disso, ele voava cada vez mais alto e seu bico começava a se aquecer, sinal que ele podia estar prestes a lançar chamas. Dona Cristina, desesperada, calou-se e parou de se debater, enquanto via seus amigos ficarem cada vez mais distantes.

- Dona Cristina! – Ana gritou, pulando, como se assim pudesse sair voando atrás dela.

- Na adianta, Ana – Tony segurou o braço dela e olhou firmemente em seus olhos.

- Alguma coisa tem que adiantar! – Ana desvencilhou-se, saltando para longe de Tony.

– Deve ter algo que possamos fazer!

- Talvez, se acontecesse o que aconteceu no avião, quando ele estava caindo – Jean argumentou. –, nós pudéssemos salvá-la.

- Receio que isso não vá acontecer – Carlos Samie disse tristemente.

- Mas por quê? – Tina perguntou a seu pai, com voz rouca.

Ele olhou para ela.

- Porque o avião somente não caiu por habilidade de sua mãe, Tina. Quando Silvia era a Arcon do Ocuslater, ela aprendeu sua segunda habilidade, a –

- Flutuação! – Ana exclamou, lembrando-se do que lera sobre as segundas habilidades.

- Precisamente. Vocês não têm idéia de como foi difícil para ela fazer o Ocuslater ativar sua segunda habilidade, à distância, ainda mais depois de passar anos sem usá-lo. Talvez vocês saibam que ele havia parado de responder à ela. Enquanto vínhamos a Londres, ela se concentrou durante o caminho inteiro, e finalmente, na última hora, ela fez contato. Ela ativou a habilidade da flutuação, não só em vocês, mas no avião também. Na verdade, receio que se o avião estivesse inteiro ela não teria conseguido, por causa do peso.

Eles olharam para Silvia Samie. Ela estava deitada nas costas do marido, com os olhos semicerrados, parecendo fraca, muito fraca.

E naquele momento eles entenderam a vastidão do poder que os Objetos tinham. Um Arcon totalmente realizado podia controlar seu Objeto à grande distâncias, não importava o peso do que seria controlado ou o tempo que o Arcon deixara de usar seu Objeto. E naquele momento cada um deles imaginou como teria sido quando os Sete Arcons estavam unidos, há tanto tempo atrás, e como eles puderam perder de Crozodon mesmo tendo tamanha vastidão de poder.

Também entenderam porque, no avião, o uso do Alorredor fora inútil. Henry estava no avião com eles, de modo que, apesar de ele ter tentado controlar o avião, eles haviam continuado caindo. Se Henry não estivesse lá, e sim no solo, vendo o avião cair de longe, seria fácil para ele fazer o avião flutuar.

- Isso significa... que não podemos fazer nada..? – ele perguntou, os olhos pequenos e aflitos, e os Arcons se lembraram que era a sua mãe que estava sendo levada. – Nada?

- Há algo que podemos fazer – o Sr. Samie admitiu. – Porém, não sei se dará certo. A única coisa que pode salvar Cristina agora é Tina aprender sua segunda habilidade. Porque, mesmo eu sabendo a minha e Henry sabendo a dele, tanto a força bruta quanto o carregamento de pesos é inútil sem alguém que possa voar. E eu receio que se Silvia está exausta, somente Tina pode fazer isso.

- Mas eu não treinei em nada a minha segunda habilidade! – Tina exclamou. – E não há *tempo* para eu aprendê-la agora!

- Então teremos que apelar para a nossa última chance. Jean, eu te jogarei para o alto, e você deverá acertar o Kerket com um arco e flecha.

- Isso é absurdo! – Henry argumentou. – Jean não tem *nenhum* conhecimento de arco e flecha! Se ele errar, ele pode acabar acertando a minha mãe!

- Parem logo! – Tony gritou. – Caso não tenham percebido, dona Cristina está mais longe a cada segundo! Deixem-me pensar.

Ele se virou para Henry, em seguida Jean e o Sr. Samie.

- Sr. Samie, o senhor vai jogar Jean para o alto, o mais perto do Kerket que puder. Henry, você deve deixar Jean erguido o máximo que puder. Jean, use a arma que preferir, mas acerte o Kerket, *e não dona Cristina*.

- Tony, isso é arriscado demais – Setsu argumentou. O Anskronogador de Ana emitiu um zumbido para começar a tradução.

Mas Tony ouviu o Anskronogador de Ana apitando e teve uma idéia.

- Os Kronogadores! Como não pensei nisso antes. Saberemos o que fazer se os usarmos.

E ele digitou a pergunta: *O que podemos fazer para salvar dona Cristina?*

E o Anskronogador emitiu a resposta. Ana a ouviu, e imediatamente empalideceu.

- O que é? – Henry inquiriu, quase gritando. – Qual é a resposta?

E Ana respondeu devagar.

- Nada – ela olhou para eles, os olhos cheios de lágrimas. – Não podemos fazer nada.

# CAPÍTULO VINTE E NOVE

## O Último Desejo

- *Nada?! – Henry a encarou e gritou. – Não podemos fazer nada?*

Ana olhou para ele com pena.

- O que o Anskronogador realmente disse foi: *Se querem salvar dona Cristina, sigam o plano que quiserem. Mas se querem salvar Setéri, então não façam nada. Se tentarem salvar dona Cristina, Setéri estará condenada.*

- O quê?! – Tina a encarou estupefata.

Ana suspirou.

- É verdade. Não sei porque, nem como, mas os Kronogadores não mentem.

- Você quer dizer – Henry disse devagar, medindo as palavras. – que é ou minha mãe ou Setéri que salvamos? É isso que você está dizendo?

Todos olharam tristes para Henry. Ele já havia deixado a lucidez para entrar em desespero. – Sim, Henry – Tina respondeu em voz baixa. – É isso.

E Henry se pôs a chorar. Ele caiu no chão, socando a terra até criar um buraco nela, e ninguém teve coragem de olhar para ele naquele momento de angústia suprema. Era a frustração, o fato de ele saber que não tinha escolha, porque mesmo podendo salvar sua mãe, se o fizesse a população de um mundo inteiro estaria condenada.

Finalmente, depois de um minuto chorando, Henry se levantou. Ele era um Arcon acima de tudo, e não se deixaria abalar como uma pessoa normal. Apesar disso, as lágrimas haviam deixado uma camada endurecida ao redor do seu rosto, e seus olhos estavam vermelhos.

E o Anskronogador começou a tocar.

Instintivamente, apesar da sua surpresa, Ana ouviu tudo que ele dizia. Foi a primeira vez que o Anskronogador deu uma resposta e depois a continuou.

- Ele disse... – Ana falou devagar, os olhos se mexendo como se ela estivesse lendo muito depressa. -...ele disse que, no entanto, temos que pedir desculpas a dona Cristina. Não podemos salvá-la, mas temos que nos desculpar.

Isso não era menos lógico que o resto. Eles se olharam, cada um lendo a própria expressão no rosto do outro, e assentiram.

- Vamos atrás dela.

- Não creio que dê para irmos todos –disse Tony. – Afinal, o Kerket é muito mais rápido que nós, e, além disso, só temos uma moto.

- Pergunte ao Askronogador então, Tony –aconselhou Jean.

Tony assentiu, e digitou a pergunta simples no Askronogador. Imediatamente, o Anskronogador emitiu a resposta.

- Ele disse... – Ana falou em voz baixa. -...que devem ir Setsu, Henry e Jean.



- Em *uma* só moto? – perguntou Jean. – Não há tanto espaço!

- Mas não são os três na moto – respondeu Ana. – Jean, você deve dirigir, pois aqui está dizendo que você *fez* um pouco de moto-escola lá na França. Henry deve ir atrás de você, na garupa, com Setsu sustentado pelo Alorredor, e ele, por sua vez, vai dizer-lhes o caminho em que o Kerket foi, usando o Felogor.

- Não é arriscado, para nós, deixar Setsu voando, à vista de todos? – perguntou Davi. – Digo, isso deve deixar as pessoas assustadas.

Tony sentiu que aquela pergunta era praticamente uma indireta para ele perguntar ao Anskronogador. Assim, ele fez pergunta, e Ana respondeu firmemente:

- Não depois do que as pessoas viram. Ninguém está passando nessa área, temendo o avião que “ganhou vida própria” – ela sorriu. – É isso que estão dizendo por aí.

O Sr. Samie assentiu. Parecia estar um pouco nervoso.

- Andem logo, então. Não podemos perder mais tempo, pois Cristina pode já estar longe à essa altura. Jean, não sei se você tem conhecimento suficiente de motos, mas acho que os Kronogadores não fariam isso caso você não soubesse.

Jean concordou.

- Vamos! – ele gritou para Henry e Setsu, e se sentou na moto. Henry sentou-se logo atrás dele, uma mão apoiada em seu ombro, a outra ativamente o Alorredor e erguendo Setsu.

E eles deram partida.

Como dissera o Anskronogador, a estrada estava vazia. Jean, mesmo que não soubesse nada sobre motos, poderia ter dirigido naquela estrada, já que não havia ninguém em que bater.

- Vire naquela bifurcação – gritou Setsu lá de cima. Aparentemente, a habilidade de tradução do Anskronogador funcionava até mesmo a grandes distâncias. Jean assentiu e virou na direção apontada por Setsu.

Henry se mantinha impassível atrás, parecendo perdido em seus pensamentos. A mão que segurava o Alorredor ainda mantinha-se firme no lugar, mas a mão que segurava em Jean estava frouxa, e se a estrada não estivesse vazia, seria bem provável que ele saísse voando da moto.

- Onde agora, Setsu? – Jean perguntou.

Setsu consultou o Felogor.

- Acho que você deve entrar na floresta. O Felogor está apontando para baixo e para a floresta, de modo que ou eles estão voando baixo ou pousaram.

- Certo – disse Jean.

Ele não se sentia confortável em entrar na floresta. Não era um terreno fácil para uma pessoa, e muito menos para uma moto.

- Você pode me dizer se eles estão parados ou em movimento? – Jean perguntou a Setsu.

A testa dele franziu-se.

- Parece que estão parados – respondeu. – O Felogor cada vez aponta mais para baixo, e acho que se eles estivessem em movimento ele apontaria mais para frente do que para baixo.

Jean pensou.

- Então acho que podemos fazer essa última parte do percurso à pé. Vou continuar pela estrada até chegar no ponto mais próximo deles, então preciso que você me avise quando eu puder parar.

- OK – respondeu Setsu.

Já amanhecia. Uma pequeno brilho de sol aparecia no horizonte, e pela primeira vez Jean sentiu sono. Pensar que havia passado a noite inteira acordado teve um certo impacto sobre ele, e a moto cambaleou no segundo em que ele perdeu um pouco o controle.

- Ei, cuidado aí – disse Henry, segurando-se firme, e parecendo despertar.

Mas então Setsu gritou lá de cima.

- Agora, Jean!

E Jean freou bruscamente a moto. Haviam parado ao lado dum conjunto de árvores igual a todos pelos quais haviam passado, e Jean pensou que se não fosse pelo garoto que uma vez ele pensara em deixar para trás, eles nunca teriam achado dona Cristina.

Ele encostou a moto na grade de ferro que dividia a estrada da floresta.

- Desça o Setsu, Henry. Vamos entrar.

Os três se embrenharam pela floresta. Eles planejavam fazer o mínimo de barulho possível, para que o Kerket não se espantasse e saísse voando. Assim, ainda seguindo a direção apontada pelo Felogor, os três caminharam em direção ao coração da floresta, evitando gravetos ou folhas secas no chão, andando sempre que possível em terra nua.

Finalmente, depois de cinco minutos andando, Setsu sussurrou “É aqui!”, e os três caminharam na ponta dos pés até avistarem uma clareira pequena, onde duas formas eram distinguíveis no meio das árvores.

Dona Cristina e o Kerket.

Mas algo estava errado. Tremendamente errado. Havia manchas vermelhas espalhadas ao redor e sobre as duas formas.

E Henry, Jean e Setsu perderam o fôlego quando perceberam que era sangue.

Esquecendo o silêncio, os três correram para dentro, esperando, quase rezando que dona Cristina estivesse bem. Mas seus olhos bateram primeiro no Kerket.

Ele estava morto.

Suas asas estavam tortas em ângulos estranhos, e o bico estava quebrado. Os olhos estavam fechados, com uma crosta vermelha ao redor das pálpebras.

Mas dona Cristina não estava muito melhor.

Seus braços estavam claramente quebrados, e as pernas também. Havia uma camada de sangue por todo seu redor, e um corte profundo em seu rosto.

- M-Mãe...

Henry se abaixou e encostou delicadamente as mãos sobre o rosto da mãe, cujos olhos estavam fechados. As lágrimas voltaram a cair de sua face, e Setsu e Jean viraram os olhos, tanto para si próprios quanto para Henry, aceitando aquele fato como podiam.

E então ouviu-se uma voz.

- Henry...

Era uma voz tão fraca, tão triste, que demorou segundos para que percebessem que era dona Cristina falando. A boca dela estava quase fechada, os lábios brancos, e os olhos estavam abertos somente pela metade.

- Henry, filho... – ela tentou dizer, mas calou-se ao sentir uma dor fortíssima.

- Mãe, não fale – Henry sussurrou. – Está tudo bem, nós vamos...

Mas ele não chegou a terminar a frase. O resto desta seria “te levar ao médico”, mas ele lembrou que se tentasse salvá-la, Setéri estaria condenada. Ele simplesmente não podia nem *tentar* salvar sua mãe.

- M-Me desculpe... – ele disse, chorando. – Nós não podemos... eu não posso... me perdoe...

E ele percebeu, junto com Jean e Setsu, que eles não haviam vindo desculpar-se com dona Cristina por não poderem salvá-la; e sim por terem deixado ela morrer.

- Henry, eu já sei – ela afirmou, num sussurro quase inaudível – Eu sei, filho. E percebo que você não está se desculpendo por uma ordem dos Kronogadores, e sim porque você assim quer. Filho – ela sorriu. -, não deixe de lutar. Nunca desista, esteja onde estiver.

“Henry, eu não irei à Cidade do Céu quando morrer. Porque você se desculpou. Porque você teve a coragem de me deixar ir por uma causa maior, e mesmo assim sentiu muito. E quando isso acontece, filho, existe uma coisa que eu posso fazer”.

E dona Cristina começou a brilhar. De olhos fechados, ela se ergueu no ar, ainda deitada, com todo o sangue que estava acima dela tendo desaparecido. Jean e Setsu olharam para o vulto que se erguia do chão, seus olhos cheios de lágrimas, e viram o corpo sólido de dona Cristina desaparecer, sendo substituído por contornos dourados.

Então, ouviu-se passos vindo de fora da clareira, e o rosto de Davi apareceu, ofegante, se apoiando numa árvore.

- Nós viemos correndo... Ana e Tony deram um jeito de usar os Kronogadores para chegarmos aqui e... Dona Cristina!

O vulto de dona Cristina já se erguia acima das árvores, o brilho iluminando toda a floresta escura. Todos que lá estavam, fossem Henry, Jean e Setsu ou os outros, tinham seus olhos virados para ela, as lágrimas surgindo no rosto de todos.

E dona Cristina falou.

- Por causa do pedido de desculpas, que meu filho disse em nome de todos vocês, eu rejeito minha presença na Cidade do Céu para realizar um último desejo.

Sua voz não era mais a mesma, e nem parecia mais pertencer a esse mundo. O sol se erguia mais no horizonte, contrastando com o brilho de dona Cristina, criando uma cena que ninguém lá presente esqueceria até o próprio fim.

- Eu dou, a cada um de vocês, Sete Arcons, as suas segundas habilidades, e dou a Henry a capacidade de começar a aprender um pouco de sua terceira habilidade. Nós nunca tivemos tempo de treiná-las, mas eu sei que, dando elas a vocês, estou fazendo algo importante para todos. – Ela sorriu para cada um deles, e foi como se uma gota de coragem e esperança fosse depositada em seus corações. – Usem-nas bem, por favor.

- Dona Cristina! – Ana gritou, exasperada, olhando para ela erguendo os braços, desejando acima de tudo que ela não fosse embora. – Fique, por favor!

Mas a resposta dada por Cristina Pensi àquela pergunta foi a dissolução de sua forma transparente em milhões de pequenas partículas brilhantes. Então, essas partículas se reuniram em sete grupos, sete formas que dispararam em direção a cada um dos Objetos, que começaram a brilhar do mesmo modo que dona Cristina estivera.

- Adeus – disse a voz de dona Cristina, e o brilho nos Objetos cessou.

Ninguém falou nos minutos seguintes. Cada um deles tentava compreender o tamanho daquilo que lhes fora dado, e aceitar o fato de que sua guia, sua, de fato, amiga, se fora. Finalmente, quando o sol já se erguia num dia azul como todo o seu esplendor, Ana perguntou:

- Ela fez certo, não é? Ela foi boa, não foi?

E Henry olhou para Ana, um pequeno sorriso surgindo em seu rosto.

- Foi – respondeu ele, ficando de pé e olhando para o céu. – Ela foi um anjo.

# CAPÍTULO TRINTA

## Setéri

Era uma noite muito escura. As árvores daquele lugar pareciam ter parado de crescer, e os animais haviam sumido. Até mesmo o vento se ausentara. As únicas formas vivas eram aqueles dois humanos, um homem e uma mulher. Se alguém da aldeia olhasse pela janela, não veria nada, mas se por acaso visse, enxergaria o casal ajoelhado no chão, os braços estendidos numa reverência. Mas não havia nada à frente deles. Aparentemente. Porque, para os dois, havia um terceiro vulto. Uma homem numa armadura marcada pelos séculos se erguia à sua frente, somente visível pelo brilho vermelho dos olhos e um reflexo fosco, quase dourado, de algo em sua cabeça.

O homem ajoelhado, então, falou. Seu tom de voz era tremido, expressando claramente seu medo do homem à sua frente.

- Mestre... Mestre, nos perdoe, por favor...

- Perdão? – o homem dos olhos vermelhos respondeu, num tom irônico, numa voz grossa e firme. – Há muito você pede perdão, Marcos. E eu sempre perdôo. Talvez nós devamos mudar um pouco as coisas.

Uma gota de suor caiu do rosto do homem ajoelhado.

- Mestre, por favor, tenha piedade de nós – disse a mulher ao seu lado. – Nós tentamos, realmente tentamos, mas...

- Mas eles escaparam – o vulto disse, perdendo completamente a ironia na voz. – Talvez vocês não saibam, mas uma alma de Kerket voltou há poucas horas atrás. Sim, um daqueles três que eu enviei usando os seus abridores de portal, e o meu próprio. E ele disse claramente que os Sete só sobreviveram porque tiveram ajuda daqueles dois. Dos dois que *vocês* deixaram escapar.

- Nós... n-não sabíamos, senhor...

- Não. É claro que não sabiam. Mas agora sabem, e aposto que até mesmo vocês dois conseguem perceber o estrago que fizeram. Se vocês tivessem feito sua parte, os Arcons estariam mortos e vocês teriam saído ilesos, com a recompensa. Mas – ele suspirou, como se estivesse com pena dos dois que o reverenciavam, mas com um sorriso sem alegria no rosto encoberto pela armadura. – vocês não fizeram. E me deixaram muito desapontado.

O homem e a mulher engoliram em seco.

- Mestre, *por favor*...

Mas o homem não disse nada. Um brilho passou pela forma dourada em sua cabeça.

Ouve um lampejo de luz vermelha e o ruído de um impacto.

Contemplando os duas formas sem vida à sua frente, o homem desapareceu na escuridão da noite.

- Cá estamos.

Carlos Samie se virou para os Arcons, apontando a construção de pedras à sua frente. Era o Stonehenge. Finalmente haviam chegado lá.

A viagem dos subúrbios de Londres até lá fora mais fácil do que eles haviam pensado. Pela primeira vez usaram suas segundas habilidades, e descobriram que se locomover usando elas todas combinadas era fácil.

Primeiro, Tina usara a habilidade de flutuação do Ocuslater para fazer com que todos ficassem erguidos no ar. Em seguida, Davi ativara a invisibilidade, e Tony ativara sua habilidade de velocidade. Por último, Setsu criara uma barreira sonora ao redor deles (para que todo o ruído que fizessem não fosse ouvido) e Ana criou, por cima da barreira de Setsu, uma grande esfera de defesa.

Com a possível exceção de Henry, estavam todos muitíssimo animados com suas segundas habilidades. Sem treino algum, já haviam-nas dominado perfeitamente poucos minutos depois de receberem-nas. Apesar disso, ninguém sorria muito. Não haviam se esquecido do sacrifício de dona Cristina.

Agora, à frente do Stonehenge, eles sentiam o vento passar frio por eles, enquanto o céu escurecia com nuvens de chuva. A grama era empurrada pelo vento, apontando para o sol que já começava a se abaixar no horizonte.

- Pai – disse Davi ao Sr. Samie. -, você sabe como abrir o portal? Porque dona Cristina era a única que sabia, e, bem...

- Eu acho que me lembro – respondeu ele. – e sua mãe também. Mas, na pior das hipóteses, vocês ainda tem os Kronogadores, certo?

Davi assentiu.

Então, o Sr. Samie chamou a atenção de todos, reunindo-os a seu redor. – Prestem atenção, porque o processo para abrir o portal é complicado. Você pode me ajudar, Silvia?

A Sra. Samie já estava muito melhor. Durante toda a viagem ela descansara, fosse dormindo ou comendo durante as paradas que eles haviam feito pelo caminho. Agora estava totalmente desperta.

- Existia um poema, se bem me lembro – ela pensou. – Era simples, acho, mas agora está muito difícil de lembrar.

- Um poema? – Ana perguntou.

- Sim – a Sra. Samie respondeu. – Ele dizia a posição que cada Arcon e cada Objeto devia ficar para que o portal se abrisse.

- Mas como vamos descobrir qual é o poema? – Tina indagou, levemente aflita. – Duvido que os Kronogadores consigam dizer exatamente o poema.

- Pode até ser – argumentou Jean, após pensar um pouco. -, mas aposto que eles sabem onde podemos ler o poema.

Todos se viraram para ele.

- Sim – continuou. -, afinal o poema deve estar escrito em algum lugar! Sr. Samie, o senhor se lembra onde leram-no pela primeira vez?

- Bom... –e ele fechou os olhos, tentando lembrar. – Eu acho... eu acho que foi no Livro dos Objetos.

Ao ouvirem isso, cada um dos Arcons ficou quieto. A resposta estava ao lado deles.

- Nós estamos com o Livro! – Ana exclamou, tirando-o de sua mochila, e procurando freneticamente pela página certa. Com um grito de surpresa, exclamou: - Achei!

E leu:

*No nordeste, as perguntas serão respondidas  
Perguntadas acima e respondidas abaixo  
Em seu oposto, será dito o caminho certo  
E duas vezes à direita, a fonte de todo o ataque  
A leste, o casal que sempre viveu  
Escondendo ao norte o que viu ao sul  
A noroeste, a chave que abre o portal  
E por último, completando o ciclo  
No centro de tudo  
Fica o rei*

Durante algum tempo ninguém falou. Todos ouviram com cuidado o poema, tentando compreender as coisas, mas era realmente complicado para eles.

- Eu entendi – o Sr. Samie falou, dando um passo à frente. – E me lembro de como fazer a formação. Primeiro, Setsu, preciso que me indique o norte.

Setsu assentiu e tomou o Felogor nas mãos.

- Aqui – ele andou até chegar numa pedra caída, como tantas outras.

O Sr. Samie assentiu.

- Para entender a colocação de lugares, temos que avaliar verso por verso – e ele recitou os dois primeiros versos.

*No nordeste, as perguntas serão respondidas  
Perguntadas acima e respondidas abaixo*

- Creio que esses primeiros versos tratam dos Kronogadores – ele afirmou.

- É claro! – Setsu concordou. “As perguntas serão respondidas” só pode ter a ver com os Kronogadores. Mas como saber em que parte do nordeste cada um deles vai?

A Sra. Samie respondeu.

- De onde Setsu está, ou seja, o norte, ali é o nordeste – ela apontou para um grupo de quatro pedras que ainda estavam de pé, com duas pedras deitadas acima delas. – E veja o segundo verso: “perguntadas acima e respondidas abaixo”. Creio que “perguntadas” se refere ao Askronogador, e “respondidas” ao Anskronogador. Portanto, nas duas pedras que estão mais ao norte, deve ficar Tony, enquanto a seu lado, nas duas pedras que estão um pouco mais para leste, deve ficar Ana.

O raciocínio da Sra. Samie fazia bastante sentido, e Tony e Ana se entreolharam, depois assentiram. Quase temerosos, os dois se posicionaram nas posições indicadas, e algo espantoso aconteceu.

Assim que os dois pararam em seus lugares, seus Objetos emitiram um pequeno brilho cada, e um som como um leve tocar de sinos.

- Está funcionando – afirmou o Sr. Samie. – Agora, vamos ver o próximo verso.

*Em seu oposto, será dito o caminho certo*

Dessa vez Jean tentou ver se acertava.

- “O caminho certo” tem tudo a ver como o Felogor, pois ele sempre aponta o caminho certo a se seguir. Mas não entendi a parte do “oposto”.

- Na verdade, é bem simples, Jean – disse o Sr. Samie. – Tente visualizar uma rosa-dos-ventos. Consegue ver o nordeste? Agora, siga para seu oposto, ou seja, o lado contrário a ele.

- É o sudoeste – disse Jean, seguindo o que o Sr. Samie dissera. – Portanto, Setsu deve ficar a sudoeste?

- Precisamente – a Sra. Samie concordou, e indicou o lugar que correspondia a sudoeste – uma única pedra erguida, bem à frente de outra de mesmo tamanho, erguida um pouco mais ao centro.

Setsu foi até lá, cauteloso, e percebeu que aconteceu o mesmo que com Tony e Ana, mas o brilho e o som foram mais altos.

- Parece que quanto mais Objetos estiverem posicionados, mais altos ficarão os sons e brilhos – concluiu Davi. – Deixe-me ler o próximo verso.

*E duas vezes à direita, a fonte de todo o ataque*

- Acho que eu sei qual é – Tina falou. – A “fonte de todo ataque” só pode ser o Esrichilander, pois o que mais pode ser uma fonte de ataque do que algo que cria armas? Além disso, “duas vezes à direita” significa duas direções à direita do último mencionado, ou seja, o sudoeste. Primeiro vem o sul, e depois...

- O sudeste – Jean completou, se adiantando à direção falada. No caso, o sudeste correspondia a duas pedras de pé, com uma pedra deitada à direita e uma à esquerda. Jean ficou no meio das duas pedras de pé, e de fato o Esrichilander brilhou e fez um barulho, ainda mais alto que o último.

- Estamos quase lá – disse o Sr. Samie. – Já foram quatro Objetos. – E ele leu os próximos versos:

*A leste, o casal que sempre viveu  
Escondendo ao norte o que viu ao sul*

- Essa parece mais difícil que o resto – disse Tina. – “O casal que sempre viveu”... O que pode ser?

- Vejamos – disse Davi. – Quem é que falta aqui?

- Bom, eu, você e o Henry – Tina contou.

- Eu sei a resposta – o Sr. Samie respondeu. Tina, Davi e Henry olharam para ele. – Por alguma razão, o Invilimer e o Ocuslater estiveram juntos, desde muito tempo. Até mesmo eu e sua mãe éramos Arcons do Invilimer e do Ocuslater. Portanto, esses versos querem dizer que, a leste, você e Tina devem ficar Davi. E...

-... e Davi deve ficar mais a norte e eu mais ao sul – Tina completou. – É isso que significa “Escondendo ao norte o que viu ao sul”.

A parte mais ao leste do Stonehenge era composta de dois grupos de pedras, um igual ao outro, sendo que eram compostos, cada, de duas pedras de pé com uma deitada por cima. Davi e Tina se adiantaram, deixando Henry onde estava, e como sempre seus Objetos brilharam e emitiram um barulho, dessa vez chegando a incomodar por causa da intensidade de ambos.

- Só sobrou você, Henry – disse a Sra. Samie.

*A noroeste, a chave que abre o portal*

- Essa chave com certeza é o Alorredor. A parte noroeste é aquela lá – indicou a Sra. Samie, apontando para um bloco de pedras semelhante ao que Davi ou Tina estavam.

E Henry parou lá.

Ouviu-se o barulho, e até mesmo o brilho, mas o portal não se abriu. Espantados, os Arcons e os dois Samie pensaram por que o portal não havia aberto, e se lembraram dos últimos versos do poema:

*E por último, completando o ciclo  
Fica o rei  
No centro de tudo*

- Mas o que é? O que pode ser esse rei? – Davi perguntou, aflito.

E o Sr. Samie respondeu:

- É a Coroa de Kanaiser.

- A-A Coroa?! – Tony repetiu, ofegante. – Não pode ser. Nós não temos a Coroa!

Estavam todos olhando para Carlos e Silvia Samie. Ninguém parecia ter pensado, até aquele momento, que eles precisavam dos Oito Objetos para abrir o portal, enquanto só tinham sete.

Mas o Sr. Samie não se abalou.

- Não se preocupem – ele afirmou. -, pois dessa vez usaremos o mesmo método que usamos da última vez. Daquela vez, também não tínhamos a Coroa, e usamos outra coisa.

- O quê? – perguntaram os Sete Arcons, em uníssono.

- O Livro dos Objetos – respondeu Carlos Samie.

Um silêncio como o de um túmulo surgiu entre eles.

- O Livro? – Ana repetiu. – Mas... como o Livro pode substituir a Coroa de Kanaiser?

- Vocês já sabem que esse livro não é comum. Ele foi equipado com um poder muito acima do comum, e esse poder...

... pode substituir o da Coroa – completou Tina. – Isso é possível mesmo?

- Se já foi uma vez – a Sra. Samie anunciou. -, então pode ser de novo.

E ela colocou o Livro bem no meio do Stonehenge.

Na mesma hora ouviu-se o barulho de uma explosão. Cada um dos Objetos, e o Livro, começou a brilhar, enquanto o barulho da explosão ia sumindo. Estava funcionando.

- Silvia, saia já daí! – gritou o Sr. Samie. – Se você ficar aí, o portal vai abrir sobre você e tudo dará errado!

Ela assentiu e saiu correndo depressa dali. Todos os Arcons ficaram olhando, cheios de expectativa, o que ia acontecer.

- É agora – disse o Sr. Samie. – Depois do todo esse tempo, finalmente vocês conseguiram. O Portal está aberto.

E, como se respondendo á suas palavras, um vórtice gigantesco surgiu na área central do Stonehenge.

Era uma círculo grande, com cores que mudavam freqüentemente, enquanto dentro do vórtice essas dançavam de um lado a outro. Era hipnótico olhar para aquele buraco que passava por dimensões, e podia se sentir a grandeza dele só de olhá-lo. Os Arcons não conseguiam tirar seus olhos dele, enquanto, sem eles perceberem, seus Objetos paravam de brilhar e o Livro desaparecia para sempre – havia cumprido sua função.

- Então esse... é o Portal... – Tony falou, rouco.



Então o Sr. Samie deu um passo á frente.

- Então, é isso. Chegou a hora de vocês deixarem esse mundo para entrarem no planeta de Setéri. Arcons – ele chamou, mas num tom carinhoso que poderia ter sido usado para “filho” ou “filha”. -, chegou a hora de nos despedirmos.

Davi olhou incrédulo para seu pai.

- Despedirmos? Por que iríamos nos despedir?

- Porque nenhum outro além dos Arcons pode passar por esse portal, Davi – sua mãe contou. – Antigamente, há tantas centenas de anos, o portal era livre; mas com todos os problemas que ocorreram, Sacrimerge selou um feitiço sobre o portal, que somente os Arcons que tivessem o Livro dos Objetos poderiam atravessá-lo. Além disso, nosso abridor de portais desapareceu. Receio que Crozodon deu um jeito de obtê-lo de volta.

- Portanto – seu pai disse por fim. -, vocês estão sozinhos agora.

Ele foi em direção ao filho e à filha, enquanto o portal, silencioso, permanecia igual.

- Sentiremos saudades de vocês. De cada um de vocês.

Eles se viraram para poder ver cada um dos Arcons. Cada um daqueles sete jovens, que carregavam milhões de destinos sobre os ombros.

- Boa sorte.

E, com uma olhada final para cada um deles, os Samie se foram. Saíram do perímetro da grande construção de pedra, partindo em direção ao horizonte.

Ana falou:

- Estaremos sozinhos agora.

Tony completou:

- Não haverá Livro, ou dona Cristina, para nos ajudar. Estamos por nossa própria conta.

- Estamos fazendo a coisa certa, Tony – Henry concordou com a cabeça.

Jean assentiu, olhando para Tina e Davi.

- Nós vamos conseguir.

Davi e Tina concordaram. Entreolharam-se, sorrindo.

Por fim, Setsu falou:

- Vamos.

E, juntos, os Sete Arcons deram um passo à frente e partiram em direção a um novo mundo.